OBRAS COMPLETAS

DE

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

com alguns ineditos

E UM ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

POR

JOSÉ DE TORRES

ILLUSTRADAS POR NOGUEIRA DA SILVA.

1861

EDITORES — CASTRO, IRMÃO & C.a

Rua da Boa-Vista, palacio do conde de Sampaio.

LISBOA.

SONETOS

A NOSSA SENHORA

Se a febre atraiçoada em fim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
Por-quem me quiz livrar a mão divina:

Sem Vós debalde a experta medicina
Traça, e apparelha a desejada cura;
Sem Vós o indio adusto em vão procura
A amarga casca da saudavel quina.

Quando em lucta co'a morte me contemplo,
Sem haver já no mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Vencestes; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes d'este templo,
Rasgando, um novo Lazaro, a mortalha.

A SUA ALTEZA

N'esta cançada triste poesia
Vedes, senhor, um novo pretendente,
Que aborrece o que estima toda a gente,
Que é ter no mundo cargos e valia.

Sobre alto throno ha annos que regia
De docil povo turba obediente:
Mas quer antes sentar-se humildemente
N'um banco da real secretaria;

Qual modesto capucho reverendo,
Que em fim de guardiania triennal
Passa a porteiro as chaves recebendo.

Em mim conheço vocação igual:
E co'a mesma humildade hoje pretendo
Passar de mestre a ser official.

A SUA ALTEZA

De bolorentos livros rodeado
Móro, senhor, n'esta fatal cadeira;
De quinze invernos a voraz carreira
Me tem no mesmo posto sempre achado:

Longo tempo em pedir tenho gastado,
E gastarei talvez a vida inteira;
O ponto está em que, quem póde, queira,
Que tudo o mais é trabalhar errado.

Principe augusto, seja vossa a gloria:
Fazei que este infeliz ache ventura;
Ajuntae mais um facto á vossa historia.

Mas, se inda aqui me segue a desventura,
Cedo ao meu fado, e vou co'a palmatoria
Cavar n'um canto da aula a sepultura.

A SUA ALTEZA

Por espalhar crueis melancolias
Fui seguindo do Tejo a clara veia;
Cheguei ao sitio, em que sonoro ondeia
Nas frescas praias da real Caxias:

Não vi n'aquelle, como nos mais dias,
De seges e de tropa a margem cheia;
Não ouvi resoar na vasta areia
Do rouco patrão-mór as gritarias:

As Tagides gentis não levantavam
Ao lume d'agua as cristallinas tranças;
Seus hospedes reaes não esperavam:

Dormia o vento sobre as ondas mansas;
Só na deserta praia revoavam,
Alto senhor, as minhas esperanças.

A SUA ALTEZA

Qual naufrago, senhor, que foi alçado
Por mão piedosa d'entre as ondas frias,
Tal eu de antigas duras agonias
Por vossas reaes mãos fui resgatado.

Pois vencestes as teimas do meu fado,
E já vejo raiar dourados dias,
Deixae que possa em minhas poesias
O vosso augusto nome ser cantado.

Não é digna de vós minha escriptura,
Nem harmonia, nem estilo a adoça;
Mas valha-lhe, senhor, vontade pura.

Principe excelso, consenti que eu possa
Fazer inda maior minha ventura,
Contando ao mundo que foi obra vossa.

A SUA ALTEZA

Tornae, tornae, senhor, ao Tejo undoso,
Vinde honrar-lhe outra vez a clara enchente,
E deixae que ajoelhe entre a mais gente
Um protegido humilde e respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso
De importuno cançado pretendente;
Vem beijar-vos a mão humildemente,
A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por vós benignamente ouvido,
Não váe fazer em pretenções estudo,
Váe só mostrar-vos que é agradecido.

Ante vós ajoelha humilde e mudo:
Mostrae-lhe que inda é vosso protegido;
Que, se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo.

AOS ANNOS DO PRINCIPE

Em quanto em aureos tectos estucados
Entre imagens de pompa e de alegria
Vêdes, senhor, n'este plausivel dia
Tantos joelhos ante vós dobrados,

Debaixo de outros tectos sustentados
Por vossa real mão augusta e pia
Ao céu minha familia hymnos envia
Com lagrimas de gosto acompanhados:

Alli lhe pede com vontade pura,
Que junto da doirada vida vossa
Quebre o tempo voraz a fouce dura:

Tão justo rogo ser ouvido possa,
E queira prolongar a alta ventura
Do augusto coração que faz a nossa.

AOS ANNOS DO PRINCIPE

Foi este, alto senhor, o santo dia,
O céu o concedeu, o céu que é justo;
Afflicto o povo, posto em dôr, e em susto
Com lagrimas ardentes lh'o pedia.

O fertil Ganges nas entranhas cria
Offertas para vós, principe augusto,
E ajoelhado na praia o povo adusto
Rico thesouro a vossos pés envia.

Ao reino tecereis dias dourados,
Sem precisar que os fastos lusitanos
Vos contem as acções dos reis passados.

Ponde os olhos nos vivos soberanos,
Estudai-lhe as doutrinas e os cuidados,
E a patria acclamará os vossos annos.

Á PRINCEZA REAL ENTRANDO NO BANHO

Nynfas do Téjo já por mim cantadas,
Nossa augusta princeza está presente;
Pedi-lhe, que honre a placida corrente,
E as aguas ficarão mais prateadas.

Diante de seus pés ajoelhadas
Em justo acatamento reverente,
Serenem vossas mãos a clara enchente,
E as frias aguas corram temperadas.

Sobre as ondas as frentes levantando,
Ao tempo que as douradas tranças bellas
Brandamente lhe fordes enxugando,

Dizei-lhe, que sustento irmãs donzellas,
Outras viuvas; e ide-lhe lembrando,
Que o bem que me fizer é feito a ellas.

AO SECRETARIO D'ESTADO, VISCONDE DE VILLA NOVA DA CERVEIRA,
DEPOIS MARQUEZ DE PONTE DE LIMA

A longa cabelleira branquejando,
Encostado no braço de um tenente,
Cercado de infeliz chorosa gente
Ia passando o velho venerando. (1)

Geraes respostas para o lado dando:
« Sim, senhor; bem me lembra; brevemente; »
Na praguejada mão omnipotente
Nunca lidos papeis ia acceitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,
Melhor tempo aguardei, e na algibeira
Metti a petição e as esperanças.

Chegou, senhor visconde, a *viradeira:*
Soltae-me a mim tambem d'estas crianças,
Onde tenho o meu forte da Junqueira.

AOS ANNOS DO MARQUEZ DE PONTE DE LIMA

Se as insignias da eschola pendurando,
Honrosas, porém rigidas algemas,
Fosse em humildes, simplices poemas,
O teu nome ás estrellas levantando:

Se eternas ferias aos rapazes dando,
Me instruisse em politicos systemas;
E esta mão, que atéqui riscava themas,
Reaes decretos fosse registando:

Se do alto da Ajuda, onde os destinos
Me salvassem dos dois Quintilianos,
Désse o ultimo adeus aos meus meninos;

Que favores, senhor, tão soberanos!
São quasi incriveis; mas por isso dinos
Do faustissimo dia dos teus annos.

1) O marquez do Pombal.

AO MARQUEZ DE ANGEJA

Treze invernos, senhor, tenho contado
Depois que o fado meu, triste e mesquinho,
Sobre alto assento de lavrado pinho,
Me faz ser de crianças escutado:

Metti á força este rebelde gado
Dos amenos estudos no caminho;
E alçando um velho, crespo pergaminho,
Por elle sans doutrinas lhe hei dictado:

Entre mim, e esta brava gente moça,
É já tempo, senhor, de assentar pazes;
Porém, sem vós, receio que não possa:

Interponde palavras efficazes;
E fazei com que eu dê, por mercê vossa,
Sueto para sempre aos meus rapazes.

AO MESMO MARQUEZ

Se me vêdes, senhor, ao vosso lado,
Não me julgueis teimoso requerente;
Sou um calado, manso pretendente,
E só venho fazer-me a vós lembrado:

Quando ao déstro cocheiro for mandado,
Que os fogosos cavallos apresente,
Permitti-me que eu vá, entre a mais gente,
E vos dê n'uma venia o meu recado:

Se o trouxerdes, senhor, bem na memoria,
E puzerdes em mim olhos beninos,
Fareis acção illustre e meritoria;

E eu, por desfeita aos barbaros destinos,
Quebrarei n'este pateo a palmatoria,
Triste insignia dos mestres de meninos.

AOS ANNOS DO MESMO MARQUEZ

Mil virtudes, senhor, pondo de lado,
E mil louvores, filhos da verdade,
Por malicia só louvo a humanidade,
Que com jarretas tendes praticado:

Um Rodrigues por vós agasalhado
Em longa, trabalhosa enfermidade;
O que é do sêllo, e em quem o poz a edade, (1)
Co' seu barrete a par de vós sentado:

Dar franco abrigo aos miseros humanos,
Principalmente aos que já foram moços,
Fará amor em corações hircanos;

Por isso enfeito estes cançados ossos,
Por isso venho n'este dia de annos
Co' sentido nos meus, louvar os vossos.

AOS ANNOS DO MESMO MARQUEZ, QUE TINHA MUITA LIÇÃO DE CAMÕES

N'este dia aos louvores consagrado,
Por materia, senhor, tenho a verdade;
O prestimo, a prudencia, a humanidade,
E as mais virtudes, de que sois ornado:

Faltava só estilo levantado,
E de roubar Camões tive vontade;
Mas de cór o sabeis de tenra edade,
E co' furto nas mãos logo era achado:

Dos vossos annos, para nós vivídos,
São na patria sinceros pregoeiros
De baixa inveja os corações despidos;

Juram-vos isto os versos meus rasteiros;
Os do vosso Camões são mais polidos,
Porém estes, senhor, mais verdadeiros.

1) Um criado que tinha officio na casa do sêllo.

AO MESMO MARQUEZ

Não ponho em vossas mãos a prosa fria
De longa petição impertinente;
Novo genero sou de pretendente,
Que trato de negocios em poesia:

Não peço n'esta o que nas mais pedia;
Não fallo nos rapazes certamente;
Fallo, senhor, por uma afflicta gente,
Que em vós sómente espera, em vós confia:

Um desgraçado, que em fatal tormenta
Ora soçobra, ora resurge acima,
Seu naufragio por mim vos representa;

Quer que eu vos peça, e que vos peça em rima;
Lembrou-lhe bem; porque o Camões assenta
Que só quem sabe a arte, é quem a estima.

AOS ANNOS DO CONDE DE VILLA VERDE, DEPOIS MARQUEZ DE ANGEJA

Em seus braços robustos vos tomaram
Os destinos, que á terra hoje desciam;
E dos dias dourados que teciam,
A fatidica historia começaram:

Mil brilhantes acções de vós cantaram,
Que através do futuro ao longe viam;
E entre as cousas famosas que diziam,
Este caso, senhor, prognosticaram:

Por vós será a mais fortuna alçado
Quem viva treze annos, por castigo,
Á narrações e exordios condemnado;

Elles, senhor, vos chamam meu abrigo;
E se no mais verdade tem fallado,
Não fiquem mentirosos só commigo.

NO DIA EM QUE O MESMO CONDE CHEGOU DO ALEMTÉJO

Largas do Tejo a esquerda ribanceira,
Illustre conde, e aos ventos te abalanças;
E eu, deixando em decurias as crianças,
Saí dois passos fóra da trapeira:

Os olhos alongando pela esteira,
Que ia abrindo o escaler nas ondas mansas,
Sentia renascer as esperanças
De deixar os rapazes e a cadeira.

Chega a lacaio o sordido garoto,
Cuidadoso anspeçada a galões finos,
E chega o gorumete a ser piloto:

Ou tarde ou cedo mudam os destinos;
Só eu, senhor, supponho que fiz voto
De não passar de mestre de meninos.

ESCREVENDO DAS CALDAS O AUCTOR AO MESMO CONDE

As ferradas muletas encostando,
No banho entrava um velho macilento,
A quem eu em sisudo comprimento
Seus males lastimei, quasi chorando:

A trémula cabeça um pouco alçando,
Me pergunta o convulso rabugento:
— Quem és tu, que assim vás o meu tormento
Com tristes reflexões acrescentando?

— Eu sou, lhe digo, um ramo desgraçado
Da antiga geração dos Tolentinos;
A dar eschola vivo condemnado.

— Maldize, ó moço louco, os teus destinos;
Que não deve chorar alheio fado,
Quem tem o de ser mestre de meninos.

AOS ANNOS DO MESMO CONDE

Vir beijar-vos a mão, senhor, não posso
Tão loução, como o dia me aconselha;
É de pedra enganosa a cruz vermelha,
E este pobre vestido é velho, e é grosso:

Se não trago mais pompa, o crime é vosso;
Já podéra, senhor, em sege velha
Governando a cordões meia parelha,
Ornar com fita preta o meu pescoço:

Vestido em ar de côrte, festejára
Da preciosa vida a luz primeira,
D'aquelle que os meus ferros me quebrára:

Na vespera accendêra uma fogueira;
E em honra vossa a minha mão queimára
Quatro bancos de pinho, e uma cadeira.

PARTINDO PARA SALVATERRA D. DIOGO DE NORONHA, DEPOIS CONDE DE VILLA-VERDE

Em quanto sobre o Tejo prateado
Te enfuna fresco vento os soltos pannos,
E vás ser dos amaveis soberanos,
Com grato acolhimento agasalhado:

Em quanto corres, de espingarda armado,
Da fria Salvaterra os campos planos,
Eu cá fico entre os dois Quintilianos,
Livrinhos a que vivo condemnado.

Se no meio de imagens de alegria
Lembrar d'um triste mestre a historia crua,
Que já co'as taes crianças se agonia;

Faze, illustre senhor, por vida tua,
Que elle possa, com muita cortezia,
Pela ultima vez pol-os na rua.

AO MESMO

Em quanto, ó bom Noronha, as brancas velas
Vás felizmente aos ventos desfraldando,
Sobre as aguas te vão acompanhando
Filhas do Tejo as candidas donzellas:

Largando de oiro fino as ricas telas,
Vão diante da proa o mar cortando;
No lume d'agua aos ares ondeando
Sobre os hombros de neve as tranças bellas:

C'os tristes olhos cá de longe as sigo:
Sem mim, senhor, aos ventos te abalanças?
Não foi assim em tempo mais antigo;

Mas em vão foges n'essas ondas mansas,
Que através d'ellas hão de ir comtigo
O meu desejo, e as minhas esperanças.

AO MESMO, CHEGANDO DE FÓRA DO REINO

Inda me lembra o venturoso dia,
Em que pisei comvosco estas estradas;
Hoje as deixei dos olhos meus regadas
Com pranto de saudade e de alegria:

Não só obrigação, mas sympathia
Aqui vos trazem estas cans geladas,
Que a vossa illustre casa fez honradas,
E d'onde hão de ir á sepultura fria:

Um ginja achaes, do Pindo desterrado;
Um banqueiro infeliz, que em jogo grosso
No mesmo instante fica desbancado:

Não sou quem era no bom tempo nosso;
Só não achaes meu coração mudado;
É sempre o mesmo, é sempre aberto e vosso.

AO MESMO

Em puro voto aqui vos dou pintada
De meus successos a feliz historia;
Deixae, illustre conde, que em memoria
Fique n'estas paredes pendurada:

Vereis uma cadeira destroncada,
Despojo honroso de immortal victoria;
Vereis uma vencida palmatoria
Entre as armas de Angeja debuxada:

Se os naufragos, senhor, que a praia beijam,
E escaparam da morte ás mãos mesquinhas,
Devotas taboas pendurar desejam;

Acceitae vós tambem offertas minhas;
Não zombeis do painel; talvez que estejam
Com menos causa alguns nas Barraquinhas. [1]

AOS ANNOS DO MESMO

Em quanto me inflammar fogo sagrado
A sôlta, voadora phantasia,
Illustre conde, este brilhante dia
Sobre aureas cordas ha de ser cantado;

Mas já o velho Tempo atraiçoado
Com os gelos na mão me segue e espia;
E em breve o esp'rito, que no ar se erguia,
Das louras musas se verá mofado.

Então já frio ginja, mas de gala,
Rebocados os candidos monetes,
Farei em prosa uma rançosa falla;

E á noite, governando os minuetes,
Encherei as funcções de mestre-sala
Com oculos, bordão, e joanetes.

1) Casa de romagem.

SAINDO CONSELHEIRO DA FAZENDA D. DIOGO DE NORONHA

Nem sempre em verdes annos a imprudencia
Produz irregular procedimento:
Nem sempre encontra o humano entendimento
Só perto do sepulchro a sã prudencia.

Em vós não esperou a Providencia
Que longas cans vos dêm merecimento:
Em vós mostrou que estudos e talento
Valem mais do que a larga experiencia.

Os eruditos velhos conselheiros,
Depois que o vosso voto alli for dotado,
Serão de vós eternos pregoeiros:

E dirão que deveis ser escutado
Onde os ministros vossos companheiros
Não sejam da fazenda, mas do estado.

AO FILHO DO MARQUEZ DE ANGEJA, EM DESCULPA DE NÃO ENTRAR NO SEU QUARTO QUANDO TEVE BEXIGAS

Bem conheço, senhor, sem que m'o digas,
Que passa a ser um crime este receio,
Em quem por ti se deve ir pôr no meio
Das lanças, e de espadas inimigas:

Não me lembrar de obrigações antigas,
Nem por onde a fortuna em fim me veiu,
É coisa feia; mas inda é mais feio
O semblante de um velho com bexigas:

Das roxas marcas, que no rosto trazes,
Tua grande bondade me dispense;
Ajunta este favor aos mais que fazes:

E qual fez maior bem, o mundo pense;
Se teu pae em livrar-me de rapazes,
Se tu, do cruel mal que lhes pertence.

NO DIA EM QUE NASCEU D. JOSÉ DE NORONHA

Formoso infante, ao mundo ha pouco dado,
Gloria e amor dos inclitos parentes;
Que á sombra illustre de tropheos pendentes,
No regaço da paz sereis criado;

O caminho da gloria achaes trilhado
Por mil famosos, claros ascendentes;
Ou na côrte, com maximas prudentes,
Ou na guerra, com sangue derramado:

Vossa vida prolonguem os destinos;
Lereis dos bons Noronhas algum dia
Honrosos feitos, de seu sangue dinos:

Lereis que o braço seu tanto podia,
Que trocava cadeiras de meninos
Por bancos da real secretaria.

NO DIA EM QUE O MESMO FOI BAPTISADO POR SEU TIO O PRINCIPAL ALMEIDA

Da alta Sião as torres levantadas,
Já, senhor, ante vós vêdes patentes;
Já manam sobre vós santas enchentes
Do tio illustre pelas mãos sagradas:

Se achaes no mundo maximas erradas,
Co'as do puro Evangelho incoherentes,
Ponde os olhos nos inclitos parentes,
E vereis mil virtudes praticadas:

Segui, senhor, de seus honrados peitos
Nos politicos dogmas, ou divinos,
As sans doutrinas e os illustres feitos;

E quando manejardes Calepinos,
Dae-me a honra de ouvir os meus preceitos,
Se eu for ainda mestre de meninos.

AOS ANNOS DA MARQUEZA DE ANGEJA

Senhora, ha muito tempo pretendia
Ser do vosso favor patrocinado:
Mil vezes vos quiz dar este recado;
Porém sempre o respeito me impedia.

Chegou em fim o venturoso dia
A fazer beneficios destinado:
Vou n'este privilegio confiado;
Que, a não ser isso, não me atreveria:

Vou pedir que, descendo da cadeira,
Onde explico os crueis Quintilianos,
Me ensineis a tomar melhor carreira.

Que em mim ponhaes os olhos soberanos,
E que me chegue em fim a *viradeira* [1]
No faustissimo dia d'estes annos.

FAZENDO ANNOS, FORA DA CÔRTE, A MARQUEZA DE LAVRADIO

Se de alheios lacaios emplumados
Tropel brilhante não abafa a estrada,
Nem vêdes essa mão sacrificada
A falsos beijos, por costume dados:

Vêdes em cambio corações honrados,
E sobre o nosso rosto a alma pintada;
Vêdes, senhora, a illustre mão beijada
Do esposo, e filhos, e fieis criados.

Este ouro, que aqui brilha, não tem fezes;
Péga innocencia aos corações humanos
O campo aberto, os ares montanhezes;

Aqui não doura a vil lisonja enganos:
Vinde, senhora, aqui passar cem vezes
O faustissimo dia d'estes annos.

1) Tem allusão ao primeiro soneto da pagina 8.

À CONDESSA DO VIMIEIRO

Aos pés da illustre Vimieiro um dia
Lagrimosas quintilhas recitava,
E o digno coração, que as escutava,
Da causa por que as fiz se condoía:

Na sisuda attenção com que as ouvia
Já por bem pago o triste auctor se dava;
Mas a tanto favor se adiantava,
Que até a protecção lhe promettia.

Nobreza, discrição, semblante, agrado,
São contra a má fortuna tantas lanças,
Que me supponho quasi despachado;

Mas se até falham estas esperanças,
Vou ser já na eschola, desesperado,
Em vez de mestre, Herodes das crianças.

PEDINDO O AUCTOR AO CONDE DE REZENDE UM BENEFICIO PARA UM SOBRINHO

Se em meio de altas coisas, em que trazes
Por serviço do throno o teu cuidado;
Se de importantes prosas rodeado,
De humildes versos algum caso fazes;

Ouve, illustre senhor, singelas phrases
De um antigo poeta aposentado,
Cujo assumpto, por teima de seu fado,
Sempre é pedir que o livrem de rapazes:

Foi mão real, e nunca assás louvada,
Como em meus versos muitas vezes lêste,
Quem me livrou da mais rapaziada:

É digna a tua de livrar-me d'este;
Peior que todos; carga mais pesada;
Davam-me os outros pão, e eu dou-o a este.

EM AGRADECIMENTO AO MESMO CONDE

Os oculos, senhor, ao ar alçados,
Os filhos e a consorte compungindo,
Váe piedoso jarreta construindo
Em santo alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados,
Rotos baixeis aos mares resistindo,
E pallidos doentes resurgindo
D'entre medicos maus, até pintados:

São más as tintas; mas é bom o intento;
E pois que o grato coração se esmera
Em pôr ao beneficio um monumento;

Não te rias do voto que te espera;
Em teus altos portaes ao mundo e ao vento
Vou pendurar um clerigo de cera.

AOS ANNOS DO CONDE DE AVINTES

A varonil edade florecente
Vos tece, illustre heroe, annos dourados
Para serem á patria consagrados;
Pois sois de Almeidas claro descendente.

Sobre as terras e mares do Oriente
Inda vejo os tropheos alevantados:
Vejo beber mil corpos aboiados
Do turvo Ganges a férvida corrente.

No difficil caminho d'honra e gloria
Por ferro e fogo a seus bons reis servindo,
Vos deixam por doutrina a sua historia.

Foram diante o duro passo abrindo:
Entrae, senhor, no templo da Memoria,
Os bons avós e o illustre pae seguindo.

AO PRINCIPAL CASTRO, PEDINDO-LHE A SOLTURA DE UM ESTUDANTE PRESO POR TURBULENTO, E EM ALLUSÃO AOS ANTECEDENTES

Aquelle de quem tu o sangue trazes,
Já me livrou de um intimo cuidado;
Deu ouvido piedoso ao meu recado,
O mesmo fez, que tu agora fazes.

Em mal polidas, mas humildes phrases,
Um soneto lhe foi apresentado;
O papel vinha em lagrimas banhado,
O assumpto, já se sabe, eram rapazes.

Mostrou ao rogo meu ledo semblante;
E o seu illustre coração clemente
Honrou e despachou o supplicante.

Tu es seu filho; e não será decente,
Que sendo o caso em tudo similhante,
Só o successo seja differente.

EM AGRADECIMENTO AO MESMO

As pistolas, senhor, deitando fóra,
E d'esta vez sem verdeaes ao lado,
O manso Ferrabraz ajoelhado
A mão vos beija austera e bemfeitora:

Contrafazendo cara de quem chora,
As culpas attribue á inveja e ao fado;
E por doutas algemas ensinado,
De ser um santo faz tenção por ora.

Não fico pelo novo penitente:
Só sei que a mão, que os ferros lhe rompêra,
A mim preso me deixa eternamente;

E á vossa porta o vulto seu quizera,
Qual do sobrinho meu, deixar pendente;
Mas homem tal, quem o fará de cera?

AO MARQUEZ DE PENALVA, CHEGANDO O AUCTOR À QUINTA DAS LAPAS

Um triste fatigado caminhante
Chega a vós, illustrissimo Penalva:
Co'a mão na espada a augusta casa salva,
Segundo as leis de cavalleiro andante.

Sobre ronceiro fraco rocinante,
Que pesca a dente encontradiça malva,
Por duras rochas, por areia calva
Cem vezes prompta morte viu diante.

Cuidando achar aqui melhores fados,
Aos pés de outro rocim, por novo caso,
Quasi que viu seus dias acabados.

Quiz correr junto a vós sobre o Pegaso:
Caíu, e por signal colheis regados
Do sangue seu os louros do Parnaso.

NA DESPEDIDA DA QUINTA DAS LAPAS

N'esta quinta, onde mora a sã verdade,
A doce paz, a solida alegria,
E aonde da suavissima poesia
Vi correr outra vez doirada edade;

Um triste, que partiu para a cidade,
Chorando sobre as letras que escrevia,
No verde tronco de um cypreste abria
Este padrão da sua saudade:

« Em quanto, ó bom marquez, as musas bellas
Vão porfiando a qual primeiro tome
De mirto e loiro para vós capellas;

« Este tronco, que o tempo não consome,
Irá erguendo ás lucidas estrellas
A minha gratidão, e o vosso nome. »

O ILLUSTRE, O BENEFICO TAROUCA

De mil credores horridas lembranças
Em tôrno da cabeça revoando,
Irmãs rotos sapatos amostrando,
E já sem pós as empeçadas tranças;

Cruel fortuna, inda te não canças,
Tantos desejos meus em flor cortando!
E com sceptro de ferro estás mandando
Que eu seja mestre eterno de crianças!

Ora talvez que brevemente vejas
Um triumpho escapar-te, ó deusa louca,
Porque já não sou eu com quem pelejas:

Conheci nos meus braços força pouca,
Chamei o grande Almeida, os bons Angejas,
O Illustre, o Benefico Tarouca.

A LUIZ PINTO DE SOUSA, QUE PROMOVEU O DESPACHO DE UM IRMÃO DO AUCTOR

Senhor, d'este volcão convencionista,
Eu, mais que o triste irmão, no p'rigo entrava:
Que tem que ver fusil, que não matava, [1]
Co'a setta hervada de uma letra á vista?

Do Rosselhão na rapida conquista,
Da Magdalena na subida brava,
Eu d'aqui mesmo ao lado seu marchava,
Nomeado por elle em assentista;

Hoje, porém, em que ambos nós curâmos,
Elle o golpe do peito, eu os da caixa,
E com a espada a bolsa pendurâmos,

Qualquer de nós o alegre rosto abaixa;
E essa mão bemfeitora vos beijâmos,
Elle por despachado, eu por dar baixa.

1) Tinha sido tocado de uma bala.

A JOSÉ DE SEABRA DA SILVA, QUE PROMOVEU O DESPACHO DE UMA TENÇA PARA AS IRMÃS DO AUCTOR

Com pardo carmelita vestuario,
Irmãs que contam já muito janeiro,
Abrindo-vos tambem um mealheiro,
Tambem vos estão dando o pão diario:

De registos ao vasto sanctuario,
Com tres lumes acceso o candieiro,
A tença que lhe déstes de dinheiro
Recompensam com outra de um rosario;

Co'as vozes suas váe a minha unida;
Mas riscavam-me logo de confrade,
Se a tenção co'as palavras fosse ouvida:

Peço, senhor, á Eterna Potestade,
Que ao bemfeitor conceda mais de vida
Os annos que as devotas tem de edade.

AO CONSELHEIRO FRANCISCO FELICIANO VELHO DA COSTA, PROCURADOR FISCAL DAS MERCÊS

Senhor, um triste alferes reformado,
Pobre e casado, além de pretendente,
Seus papeis me apresenta humildemente,
E quer que vão á Cruz do Taboado:

Apenas lhe cobria o peito honrado
Farpada casaquinha transparente:
Os pobres fazem dó, principalmente
A quem do mesmo mal anda apalpado;

Peguei nas certidões, fui combinal-as;
E depois de arranjal-as e cosel-as,
Em nome meu lhe prometti mandal-as;

E pois que são mercês o objecto d'ellas,
É digno officio em vós fiscalisal-as,
E em mim costume antigo recebel-as.

EM LOUVOR DE CAPORALINI, CANTOR DO THEATRO DE S. CARLOS

No grão theatro vejo sempre enchentes:
As cans annosas, os cabellos louros,
Illustradas nações, barbaros mouros,
Todos da tua voz ficam pendentes.

Que importa que não deixem descendentes
Teus ex-viris deshabitados couros;
Que importa que tu roubes aos vindouros,
Se enriqueces, se encantas os presentes?

Não é traição ao sexo feminino;
É só razão quem te elogia e preza,
Comico mestre, musico divino.

Oh nação de harmonia e de crueza!
O teu ferro nem sempre é assassino:
Não insultou, honrou a natureza.

A ISABEL XAVIER CLESSE, MATANDO O MARIDO COM UMA AJUDA

Que novo invento é este de impiedade,
Que extirpar gente, vem pela trazeira,
E para aproveitar-se da cegueira
Fez pelo olho do.. a atrocidade!

Se a mulher por seu gosto fosse frade
De S. João de Deus, parca enfermeira,
Com esta vocação de cristeleira,
Mataria os irmãos por caridade:

Mulher, que concebeste tal na bola,
E para abbreviar do homem os dias
Metteste o bem fazer em carambola,

Se tens desejo d'estas obras pias,
Váe fazer aos herejes esta esmola,
Serás a extirpação das heresias.

A UM PADRE GUARDIÃO

Meu padre guardião, que exemplarmente
Regeis essa capucha sociedade,
Que munida do véu da santidade
Passa como não passa a mais da gente:

Vós que á força de braço omnipotente
Fazeis tremer do inferno a potestade,
E aos exorcismos só de um vosso frade
Se explica o demo em portuguez corrente:

Logo que d'essa estola o forte escudo
Buscar esbelta nynfa, que atacada
Seja d'algum demonio surdo ou mudo,

Mandae dos Márques conte a trapalhada: [1]
Pois só elle, que foi o que urdiu tudo,
Sabe quem commetteu a velhacada.

A UM LEIGO ARRABIDO VESGO DESPEDIDO DA MESA DE S. C. P. SILVA, POR TOMAR A MELHOR PERA DA MESA

O vesgo monstro que co'a gente ralha
E de manhã a todos atravessa,
A cuja hirsuta sordida cabeça
Nunca chegou juizo, nem navalha;

Que os gazeos olhos pela mesa espalha
Por ver se ha mais comer que tire, ou peça,
Entrando n'elle com tal fome e pressa
Qual faminto frisão em branda palha;

Por crimes de alta gula e pouco siso,
De mesa bem servida, mas severa,
Foi n'um dia lançado de improviso.

Hoje chorando o seu perdão espera:
Perderam dois glotões o paraiso,
O antigo por maçã, este por pera.

1) Os Márques compraram em Lisboa umas casas a certo homem da mesma por preço exorbitante: feita a escriptura, e pasado o dinheiro em cartuxos, voltou brevemente o vendedor dizendo que indo em casa a contar os cartuxos, achára cobre e não oiro. Quem compra por preço tal, parece que não faz tençao de pagar: Quem vende por preço tal, parece ter demasiada cubiça. Todos estavam em boa reputação.

Por crimes de alta gula e pouco siso,
De mesa bem servida, mas severa,
Foi n'um dia lançado de improviso.

A UM CABELLEIREIRO QUE, POR LEVES CIUMES DA FUTURA NOIVA, QUEIMOU O ENXERGÃO, E AJUSTOU OUTRO CASAMENTO

Nupcial enxergão em chammas arda
Em pena do trahido amor primeiro;
Que este honrado, infeliz cabelleireiro,
Pelas manhas da besta pune a albarda;

Poz logo aos pés de mais formosa Anarda
Seu vago coração aventureiro;
Comprou novo enxergão por mais dinheiro,
Que amor conserve em sua santa guarda:

Ouviram-se ternissimas promessas,
A que elle respondeu: « Por vida tua,
Dos protestos que fazes, não te esqueças. »

Mas praza ao ceo, que em quanto elle na rua
Enfeita á moda martyres cabeças,
Não lhe façam em casa o mesmo á sua.

A UM SUJEITO QUE PELA PRIMEIRA VEZ SE TOSQUEOU PARA PÔR CABELLEIRA

Desaffronta esses cascos cabelludos,
E o sol os veja pela vez primeira;
Sáiba tambem essa vestal caveira,
Que ha nortes frios, e aquilões agudos:

Chovam-te aos pés os crespos gadelhudos,
Que te abafam a pallida viseira;
E rolem sobre as praias da Junqueira
Ao som do vento os sordidos canudos:

Tesouras, com o gume de cutellos,
Afiadas em asperos rebolos,
Deixem-te os cascos limpos de novellos;

Porém de todo poderás compol-os,
Se assim como lhe pões outros cabellos,
Podéras encaixar-lhe outros miolos.

Á MULHER QUE AÇOITOU O MARIDO

Mulher do capellista, acaba a empreza,
Que o mundo sem razão chamou tyranna;
Váe açoitando esse infeliz banana,
Nodoa do sexo, horror da natureza:

A vil rapaziada portugueza
Com falsa cantilena o povo engana;[1]
Nem coifas inventaste á castelhana,
Nem as vastas fivelas á malteza;

De mais alta invenção é bem te prezes;
Legislando melhor que Tito, ou Numa,
Emendaste uma lei dos portuguezes:

Não padece isto duvida nenhuma;
A lei açoita a quem casar duas vezes;
Tu mostras que comtigo basta uma.

A UMA VELHA PRESUMIDA

Debalde sobre a face encarquilhada
Pendendo louros bugres emprestados,
Dás inda ao louco amor teus vãos cuidados,
Em carmins enganosos confiada.

Postiça formosura em vão comprada,
Não torna atraz os annos apressados:
Nem alvos dentes de marfim talhados,
Tornam em nova a tremula queixada.

De ti no mesmo tempo que do Gama
Cantou mil bens a deusa trombeteira,
A que os baixos poetas chamam Fama:

Porém sempre ficaste em boa esteira;
Porque, se já não prestas para dama,
Inda serves mui bem como terceira.

1) Foi objecto de cantigas dos rapazes.

Á INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE EL-REI D. JOSÉ I

Em quanto o reino cheio de ternura
Ao grande bemfeitor te ha consagrado,
E respeita aos teus pés ajoelhado
O rei augusto de quem és figura:

Em quanto os que me vencem em ventura
Abrindo o antigo cofre chapeado,
Mandam de prata e d'oiro recamado
Entretecer a rica vestidura:

Eu que não tenho d'esta louçania,
De outra sem pejo sairei composto,
Que não cede á mais fina pedraria.

São ternissimas lagrimas de gosto:
Nem infama o triumpho d'este dia
Quem põe por gala o coração no rosto.

AO MEZ DE JANEIRO

Tyranno mez, não te bastavam frios,
Nem vis catarros, de que vens armado?
Queres tambem que marchem a teu lado
C'os mandados nas mãos os senhorios?

Em podre throno de caixões vasios,
Na praça do deposito assentado,
Gostas de ouvir porteiro esganiçado,
Mettendo a trote os alugueis tardios?

Embora seja assim; malsins ingratos
Comboyem pela suja Cotovia
Os penhorados domingueiros fatos;

Mas não juntes o escarneo á tyrannia;
Não mandes que entre tantos desacatos
Te chamemos o mez da cortezia.

Á IMPERTINENCIA DOS SINOS DE VILLA VIÇOSA

Que importa, ó torre, que dós ceos beninos
Chegue o dia a partirmos destinado,
Se um milhão de cabeças tem quebrado
O ingrato som de teus teimosos sinos?

Entre os males que os barbaros destinos
Para os nossos ouvidos tem creado,
Peior que ir-vos ouvir, só tenho achado
Ir ouvir as lições dos meus meninos:

Não posso fazer mal senão co'a penna;
Se podesse, apontára um tiro rudo,
E fizera o que fez o Caracena: [1]

Sinos crueis, vós fazeis raiva em tudo,
Dobrando, repicando; e em fim é pena
Que não toqueis tambem a entrar no estudo.

PINTANDO UMA BULHA DE DOIS BEBEDOS

De descalços miqletes rodeado,
Por escuro armazem da Boa-vista,
Vinha saindo um trémulo chupista,
Em rota capa ás canhas embuçado;

Outro que tal o traz desafiado,
Cachimbo no chapeo, calção de lista;
E fôra o caso, porque o tal copista
Pagou primeiro, sendo convidado;

Ambos errando uma infeliz punhada,
Comsigo em terra os vís athletas deram
Ao som de vergonhosa surriada;

Famosos sócos entre os dois se esperam;
Mas a gente ao redor ficou logrado,
Porque em vez de brigar adormeceram.

1) General castelhano, que com uma bala quebrou um sino em Villa Viçosa.

Ambos errando uma infeliz punhada,
Comsigo em terra os vís athletas deram
Ao som de vergonhosa surriada.

AOS ANNOS DE UM JUIZ DO CRIME, EM DIA QUE TINHA ACOMPANHADO UM PADECENTE

Ergueu aos ceos alegre gritaria
Do escuro tronco o aladroado bando;
E nas rotas abobadas voando
Teu claro nome resoar se ouvia:

Altanado marujo em pé se erguia,
E a suja bolsa com chibança alçando
« Haja vinho e comer, vamos chupando,
Acceite Baccho este sagrado dia;

« Aos bellos annos, diz, do illustre Ramos
Cem vezes dêmos empinada taça,
Porque por fim com elle nos achâmos:

« Os antigos grilhões nos despedaça;
D'aqui nos vem tirar; com elle vamos
Dar gosto ao povo no Cardal da Graça. »

A UNS ANNOS

Um taful, que passou ao vosso lado
No fervido Estoril um quente dia,
De cuja bolsa já cotão saía;
Que assim o quiz o *séve* endiabrado;

Hoje a lyra na mão, o rosto alçado,
Largando o copo, para os ceos dizia:
«Cem vezes raies, ó ditoso dia,
Que déste ao mundo este taful honrado:

«Não lhe peço que imite os seus maiores;
Bem lh'o encommenda o sangue, inda que mudo,
Dos antigos, reaes progenitores:

«Só lhe peço que faça ao *séve* estudo,
E deixe sem real estes senhores
Com o copo na mão topando tudo.»

AOS ANNOS DE UMA FORMOSA DAMA

Deixae, pastores, na montanha os gados,
Vinde ao sitio melhor d'esta campina
Beijar a mão á bella, e peregrina
Deidade tutelar dos nossos prados:

Vinde offertar-lhe aos annos celebrados
O cravo, a rosa, a angelica, a bonina;
E ao mais suave som da flauta fina
Decantar seus illustres predicados.

Mas já a cercam pastores e pastoras;
Uma lhe beija a mão, outra o vestido;
Elles a coroam de vistosas flores,

E em doces vozes todo o rancho unido
Canta que ella é a deusa dos amores;
Pois tem no rosto as settas de Cupido.

A UNS ANNOS

Foi este o dia em que a teus pés baixaram
Venus, e as lindas graças innocentes,
E em torno do aureo berço reverentes
Ao som de alegres hymnos te embalaram.

Aos teus olhos gentís communicaram
Cruel poder de conquistar as gentes:
Mil suspiros, mil lagrimas ardentes
A muitos corações prognosticaram.

Deram-te uma alma heroica, um nobre peito:
Deram-te discrição e formusura,
Dons a que o mundo está mui pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!
Para na terra nada haver perfeito,
Deram-te um coração de pedra dura.

DESCRIPÇÃO DE BADAJOZ

Passei o rio, que tornou atraz,
Se acaso é certo o que Camões nos diz,
Em cuja ponte um bando de aguazis
Registram tudo quanto a gente traz.

Segue-se um largo, em frente d'elle jaz
Longa fileira de baiucas vis:
Cigarro acceso, fumo no nariz,
É como a companhia alli se faz.

A cidade por dentro é fraca rez,
As moças põem mantilhas, e andam sós,
Tem boa cara; mas não tem bons pés.

Isto, coifas de prata, e de retroz,
E a cada canto um sórdido marquez,
Foi tudo quanto vi em Badajoz.

NO DIA EM QUE CHEGOU A NAU DOS QUINTOS

Se a larga popa trazes alastrada
C'os prenhes cofres de metal luzente,
Que importa, ó alta nau, se juntamente
Vens de pranto, e penhoras carregada?

Para ver tanta cara envergonhada,
E pôr no Limoeiro tanta gente,
Para isto sulcaste a gran corrente
Dos ventos, e das ondas respeitada?

Se alegras uma parte da cidade,
Ergues na outra um sordido porteiro,
Vendendo trastes velhos por metade:

Traz bens e males teu fatal dinheiro:
Uma alta paz aos homens de verdade,
Um estupor a cada caloteiro.

UMA FESTA DE ARRAIAL

Ao nume excelso, nume sacrosanto,
Attenta devoção louvar queria;
De Orfeos mimosos doce companhia
Principio dá ao sacrificio santo.

Fendendo os ares com geral espanto
Rijo foguete as bombas espargia;
Caterva jovial então nutria
Longe dos males que lhe dão quebranto.

Bronco saloio já no largo dança;
Toca-se a gaita, fervem os tambores;
Vaga no arraial chança e mais chança.

Esta foi toda a festa, meus senhores;
Louvada seja a bolsa que não cança,
Louvada seja a Mãe dos peccadores.

DESCRIPÇÃO DE UM PERALTA AMALTEZADO (1)

Um vulto cuja fórma desconsola
Pelo muito que mostra o pouco siso,
E que pela pobreza do juizo
Mil trastes exquisitos desenrola:

Chapeu que bem carrega um mariola,
E que ainda aos sisudos causa riso,
Casaquinha cortada de improviso,
Fivela que lhe vem de sola a sola:

Espantalho que em praça nunca falta
Sem ter occupação, nem má, nem boa,
Que apenas moça vê logo lhe salta:

Eis-aqui, sem medir qualquer pessoa,
Breve quadro de um misero peralta,
Que affecta de maltez cá em Lisboa.

1) Duvidoso.

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes por mar, e mar com moiros.
É triste habitação dos máus agoiros,
É um resto infeliz do terremoto.

A UMA SEGE DE ALUGUER

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes por mar, e mar com moiros;
É triste habitação dos máus agoiros,
É um resto infeliz do terremoto:

De astuta palmatoria e bico ignoto,
Em vão fura do macho os surdos coiros;
Em vão fulmina rigidos estoiros
Do bebedo arreeiro o braço roto;

A parda caixa é documento antigo;
É prova de que os annos gastadores
De cada ponto fazem um postigo;

É sege tal, que em nada poupa dores;
Por mais que a feche, lá vão ter commigo
As injurias do tempo, e as dos credores.

AOS MACHOS RUSSOS

Dos russos machos na caída orelha
De tres lustros a marca anda estampada;
Entre as eãimbras, um palmo pendurada
Babando rega a terra a lingua velha;

Troquei por andaluz serril parelha,
De alegre cara e corpulenta ossada;
Os pés sem ferro, a cauda tosqueada,
E o vasto bojo cheio de guedelha;

São machos taes, que natural fereza
Do *Lagoia* á fatal cavallariça
Os levará co'a sege a arrastos presa;

Mas já que em dar-lhe a torna houve preguiça,
Se forem ter-lhe a casa por braveza,
Poupo a vergonha de irem por justiça.

AOS LEQUES MUI PEQUENOS CHAMADOS MAROTINHOS (1

Fofo colchão, as plumas bem erguidas,
E sobre os hombros nas jucundas frentes
De enrolado cabello anneis pendentes,
Longos chorões, bellezas estendidas,

Era esta das matronas presumidas
A moda, que traziam bem contentes;
Riam-se d'ellas as modestas gentes
Vendo pequenas poupas esquecidas.

N'isto a gentil madama aperaltada,
Grande auctora de trastes exquisitos,
Nova moda lhe inventa abandalhada.

Reprova-lhe aureos leques com mil ditos.
Eis senão quando (oh moda endiabrada!)
Abanam-se com azas de mosquitos.

DEFINIÇÃO DE CHANFANA

Comprada em asqueroso matadoiro
Sanguinosa forçura, quente, e inteira,
E cortada por gorda taverneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'oiro;

Cabeças de alho com vinagre e loiro,
E alguns carvões, que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frigideira,
C'os indigestos figados de touro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá um sabor, que nem o démo o atura;

Isto é chanfana, e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

1) Duvidoso.

ÁS CONTRADANÇAS EM DIAS DE PROCISSÕES DE QUARESMA

Ainda os vagos ares atroava
De velhas regateiras sujo bando,
Que a cruz setima vez acompanhando,
Á incerta salvação assegurava

O devoto taful se alevantava,
Escolhida parceira convidando;
Eu vi um, que inda os olhos alimpando,
Á caixa da rabeca a mão lançava;

Retine a contradança nos ouvidos;
Destramente se trocam pés e braços,
De que todos ficámos compungidos:

Que este era o fim da procissão dos passos,
Cuidavamos; mas fomos advertidos,
Que inda faltava o jogo dos abraços.

METTENDO A RIDICULO UMAS CONTRADANÇAS

N'uma trémula sala mal armada
Com placas velhas e papel pintado,
Clamava já o povo alvoroçado
Que fosse a Favorita começada.

Guincha em venal rabeca desgrudada
De velho musico o arco estuporado:
Cadeia, grita um muito suado,
Olhem que váe a contradança errada.

Nervoso chispo, saborosas frutas
É fazenda que alli nunca governa:
Aquellas bôcas andam sempre enxutas.

Nunca mais alli torno a fazer perna:
Quanto mais val o ir com quatro trutas
Fazer uma função n'uma taberna.

Á MODA DOS CHAPEUS MAIORES DE MARCA

Amigo e senhor meu, de França ou Malta
Um chapéu mande vir a toda a pressa;
A cópa que me ajuste na cabeça;
Mas as abas na fórma a mais peralta.

A de traz que me fique muito alta,
A presilha e botão pequena peça:
Estimarei que d'isto não se esqueça;
Que a demora me faz bastante falta.

Gostei muito do invento, é bem traçado,
Porque vi no Loreto um certo dia
Muito povo a correr para o Chiado,

Para ver um senhor, quem tal diria!
C'um chapéu de tal fórma desmarcado
Que nem a gente a pé passar podia.

AOS TOUCADOS ALTOS (1

Foi ao Manique um homem accusado
Por contrabandos ter; elle sciente
Chama a quadrilha, corre diligente,
Entra, busca, e não acha o malsinado.

Acha a mulher, que tinha por toucado
A torre de Belem: ella que o sente,
Banhada em pranto, desmaiada a frente,
Prostra por terra o corpo delicado.

C'o boléo se esbandalha a mata espessa.
Sáem d'ella esguiões, cassas lavradas,
E de belbute trinta e uma peça,

Fivelas, espadins, rendas bordadas:
Até tinha escondido na cabeça
O marido, e tres arcas encoiradas.

1) Duvidoso.

Arremette-lhe á cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sáe-lhe o colchão de dentro do toucado.

O COLCHÃO DENTRO DO TOUCADO

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colchão, fofo, e de penna,
Á filha o ponha alli, ou a criada:

A filha, moça esbelta, e aparaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada:»

«Tu respondes assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sáe-lhe o colchão de dentro do toucado.

NA OCCASIÃO DA LOTERIA INGLEZA

Louro rapaz em alto levantado,
Com o ar da nação, franco e singelo,
Ao duro golpe de fatal martello,
Alçava o braço meio arregaçado:

Na movel urna, onde habitava o fado,
Mettendo a mão até ao cotovelo,
Mostrava ao povo tímido e amarello,
Em negro fio um papellinho atado.

Alguns grosso thesouro em si continham;
Mas as sortes que d'antes se faziam,
Para os pobres tafues de molde vinham:

Salvas, chouriços, sempre ao ar pendiam;
Real cada papel; de mau só tinham
Que os premios, que eram grandes, não saíam.

AO JOGO DO ISQUE

Qualquer taful, que nas partidas roda,
Logo na mesa do isque se intromette;
Ao jogo da tristeza se submette,
Escravo vil da variavel moda:

Quando em guerras ardesse a Europa toda,
E suasse aos ministros o topete,
Nenhum no aferrolhado gabinete
Andára tanto co'a cabeça á roda.

Deve o jogo causar divertimento;
Mas o tal isquezinho endiabrado
Mette as sérias cabeças a tormento:

Eu nunca o jógo; só me traz tentado
Bisca coberta, truque fraudulento,
Que são os jogos com que fui criado.

AO JOGO DO TRINTA-E-UM

Por ti, senhora illustre, ouvido e honrado,
Do trinta-e-um á mesa me assentava,
E nos campos do jogo a medo entrava
D'outra batalha ainda ensanguentado;

Mostrou respeito o meu teimoso fado
A quem commigo ás vezes conversava;
E sobre outros tafues descarregava
Os golpes que me tinha preparado:

Já diante de mim o erario via;
Mas era noite de tão bom agoiro,
Que este era o menor bem que eu recebia.

Sim me dava a fortuna prata, e oiro;
Mas nos ditos discretos que te ouvia,
Me deram as tres graças um thesoiro.

AO JOGO DA BANCA

De infaustos parolins nunca vencidos,
Mil vezes levantei jogo brilhante;
Perdia-os todos, e no mesmo instante
Iam ao chão, sem ninguem ver, mordidos.

Alvejando entre os lugubres vestidos
A nynfa tutelar se poz diante;
Na doce voz, no angelico semblante,
Vi logo os circunstantes embebidos:

Indo lavrando o rígido banqueiro
De marcas numerosa quantidade,
Ouvi, que me dizia um companheiro:

«Não choremos a nossa adversidade;
Porque aonde perdemos o dinheiro,
Perderá muita gente a liberdade.»

AOS QUE APONTAM Á BANCA

O coração com ferro temperado
Tinha o duro inventor da banca injusta;
Jogo fatal, que tantas penas custa,
E que tem fartas bolsas despejado:

Quantas vezes eu tive ao ar alçado
Vistoso parolim, que a banca assusta!
Quantas vezes o vi, á minha custa,
Co'as doces esperanças derribado!

Já lá ha de ter dado conta estreita
Quem inventou a triste corriola,
Que a cega mocidade a perder deita;

Porque ainda que ás vezes nos consola,
Em malhando meia hora na direita,
Deixa o maior taful pedindo esmola.

A DOIS VELHOS JOGANDO O GAMÃO

Em escura botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que caía,
Passavam de janeiro um triste dia
Dois ginjas no gamão encarniçados:

Corra, visinho, corra-me esses dados,
Gritava um d'elles, que nem boia via:
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins n'aquelle jogo usados:

Dez vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario:

O mal seguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao boticario,
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

A UM TAFUL QUE PROTESTOU NÃO APONTAR Á BANCA

Que tornas a apontar, prometto e attesto;
Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o mesmo voto,
Jógo o que trago, e jogarei de resto:

Seguimos os tafues o mesmo aresto,
Que segue nas tormentas o piloto;
Um parolim desfeito, um mastro roto
Tem produzido muito vão protesto:

Ainda dos ardidos jogadores
Vão as pragas subindo sobre o vento,
Já tornam para o jogo os taes senhores:

É caso em que não liga o juramento;
Qual parida, que grita com as dores,
E sáe prenhe no fim do regimento.

SOBRE PROTESTOS DE NÃO APONTAR Á BANCA

Babando sobre sordida tigela
Subtil mercurio em pilulas tomado,
Jura o dorído, pallido soldado,
Nunca mais ver a cara á tal donzella;

Mas como fados zombam de cautela,
Com bom capote, á choupa conquistado,
Sobre duas muletas encostado,
Se poz a assobiar á porta d'ella;

Tal, ajoelhado ao vencedor banqueiro,
Com mil votos formaes, mas sem virtude,
Jurou a paz este infeliz parceiro;

Chegam as horas, resistir não pude;
E da porta a que fui, vim de dinheiro,
Como o soldado veiu de saude.

ENTREGANDO O PONTO Á DEUSA DA FORTUNA

Impia deusa, um taful desesperado,
Profanando estes horridos logares,
O ponto queima sobre os teus altares,
Dom funesto, que tu lhe tinhas dado:

Recebe em vil triumpho este az rasgado,
Que aqui penduro ao rouco som dos ares;
E vem, por ser mais digno de o aceitares,
Em lagrimas de sangue inda banhado:

Já puz nas tuas mãos grossos tostões;
Mas se em paga me dás cançados dias,
Mais não quero provar-te as sem-razões;

Que aos que apontam, por fim, tu sempre envias,
Ou com faca na mão para os Pégões,
Ou com tigela para as portarias.

A ARTE DE RHETORICA

Arte infeliz, rhetorica chamada,
Ensino as tuas leis, mas não as creiu
Ou nunca ergueste fogo em peito alheio,
Ou tu já hoje estás degenerada:

Da conjuncão dos tempos ajudada,
Teu vão poder só dos acasos veiu;
Na demanda fatal que em ti pleiteio,
Cicero mesmo não vencêra nada.

Quero suppor que a minha causa toma;
Veria então que a força dos destinos
Com força de palavras não se doma;

E a lingua, que abrandou peitos ferinos,
Que os povos attrahiu, que salvou Roma,
Me deixaria mestre de meninos.

POUCO PROGRESSO DOS DISCIPULOS

Em rotos pergaminhos encostado,
Sobre nua cadeira ao alto erguida,
Vou consumindo a miseravel vida,
De bizonhos rapazes escutado:

Da antiga Roma o seculo doirado
Anda sempre entre nós em crua lida;
De Cicero a facundia conhecida,
Do puro Horacio o gosto delicado:

Mas d'estes homens mil passagens bellas,
Que na cabeça á viva voz lhe encaixo,
Vão-lhe lá hoje perguntar por ellas?

Só para consolar-me, n'elles acho
Os mais bonitos moldes de fivelas,
E de sapatos com entrada abaixo.

NO ULTIMO DIA DE FERIAS

Prégou o eloquentissimo Macedo
Em casta linguagem portugueza;
Veiu a fortuna ao lado da riqueza
Doirar-me a banca, que eu armei a medo;

Com modo affavel, com semblante ledo
Dava alma a tudo a senhoril marqueza;
Assemblea por fim de tal grandeza,
Que acabando alta noite, acabou cedo:

Sentiu ferver meu cavernoso peito
Escumante licor, manjares finos,
Funcção a que não anda muito affeito:

No meio d'isto os meus crueis destinos
Me lembram (por não ter gosto perfeito)
Que era o outro dia dia de meninos.

LEVANTANDO-SE O AUCTOR DA MESA DE UM GRANDE, POR SEREM HORAS DE IR PARA A AULA

Não tomando em desprezo o escuro estado
Em que me poz fortuna e natureza,
Olhastes sem horror minha baixeza,
E fizestes sentar-me ao vosso lado.

Então de ingrata obrigação chamado
Deixei á força a companhia e a mesa,
E indo cheio de idéas de grandeza
Vim dar por thema um verbo conjugado.

Não sei com dois oppostos conformar-me;
Soffrem-me os grandes, sou taful e moço,
Não sei a *senhor mestre* costumar-me.

Taes extremos, senhor, unir não posso:
De dois genios não sou: mandae fechar-me
Ou a minha aula, ou o palacio vosso.

ÁS FIVELAS CHAMADAS A LA CHARTRE

Oh quantos mexicanos patacões,
Mareados talheres já sem par,
Á tonta avó o neto váe furtar
De mofendos décrepitos caixões:

Fundidos em quadrados fivelões
Para á Chartres o neto passear,
Traz nos pés a baixella singular
Que podia servir em correões.

Capitão Vento-sul, rico hollandez,
Que de prata subtil pequenos ós
Servem só de fivelas nos teus pés,

Vem admirar-te, vendo que entre nós
Traz o pobre peralta portuguez
Por fivelas molduras de tremós.

ÁS FIVELAS GRANDES

Em curto josézinho rebuçado
Louro peralta a rua passeava;
Seus votos pela adufa lhe aceitava
Com brando riso um rosto delicado:

O pae da moça, que era ginja honrado,
E o caso havia dias espreitava,
De membrudo caixeiro se escoltava
Com bengala na mão, chambre traçado:

Fugíra o moço, qual ligeira péla,
Se as fivelas de marca agigantada
Deixassem navegar a náo á vela;

Mas viu uma entre esquinas encalhada;
E se ninguem comprou maior fivela,
Tambem ninguem levou maior massada.

O pae da moça, que era ginja honrado.
E o caso havia dias espreitava,
De membrudo caixeiro se escoltava,
Com bengala na mão, chambre traçado.

A UMAS SEZÕES TEIMOSAS

Não posso mais, crueis sezões malinas,
Tratar-vos bem como vos hei tratado;
Já misero cotão sáe despegado
Das rotas algibeiras cristallinas;

Buscae agora a quem chegar das minas,
Ou quem entronque em linha de morgado;
Que algum vintem que eu tinha, está fumado
Em aguas de Inglaterra, purgas, quinas;

Mudae sitio, que eu mudo de costume;
Já não revoam n'este promontorio
Rolas de peso, frangas de chorume;

Torna a surgir no simples refeitorio
O fiel bacalhau, o vil legume,
Que é o que d'antes dava o reportorio.

CONVALESCENDO O AUCTOR DE UMAS SEZÕES, NÃO TENDO AINDA O ORDENADO POR INTEIRO

A côr perdida, o gesto demudado,
Sobre um pobre sobrinho posto o braço,
Vou ensaiando o mal seguro passo
Pelas nuas paredes encostado.

De cem papeis de quina rodeado,
A amarga dóse em fresco rim amasso;
Ao cheiro horrivel feias caras faço,
Tendo na mão o fatal copo alçado:

Seguindo do bom Cunha os documentos,
Vim fazer n'estes campos exercicio,
Lavados sempre de sadios ventos;

Aqui mil votos faço ao ceo propicio,
Que me mude algum dia os crescimentos,
E me passem dos pulsos para o officio.

ESTANDO NAS CALDAS

Por mais que vos alongue olhos cançados,
Olhos ha tanto tempo descontentes,
Não vedes mais que pallidos doentes
Por mãos estranhas n'agua sustentados.

Quantas vezes ficastes magoados
Por ver ir entre as férvidas correntes
Envolvidas mil lagrimas ardentes
Do que em vão quer alçar braços mirrados!

Vistas são estas de bem pouco gosto:
Porém bem pagos ficareis um dia
Quando virdes de Arminda o lindo rosto.

E o pranto que atégora vos caía
De lastima, d'ausencia, e de desgosto,
Ella o fará correr; mas de alegria.

O SONHO

Depois que á luz de trémula candeia
Entre os pobres lençoes me revolvia,
E ao cerebro dormente já subia
O grosso fumo da indigesta ceia;

Brilhante sonho na enganada idéa,
Por maior mal, venturas me fingia;
Fez-me entrar na real secretaria,
Fez-me logo deitar sege á boléa;

Poz-me na sala um espaldar comprido,
Um valído lacaio em camisola,
E um correio com chapa no vestido:

Eis que soa na porta a dura argola;
Foge-me o sonho, acordo espavorido,
Era um rapaz que vinha para a eschola.

POR OCCASIÃO DE ESTRANHAREM AO AUCTOR UM SONHO QUE A NINGUEM OFFENDIA

Atiça, ó moço, a moribunda chamma
D'essa faminta, sordida candêa,
E encostado á parede cabecêa,
Posto de guarda ao pé da minha cama.

Se o somno que em meus olhos se derrama,
E os languidos sentidos me encadêa,
Tentar com sonhos esta pobre idea,
Em altos gritos por meu nome chama:

Assenta-me na cara essas mãos frias:
Pois vês o fructo que sonhando tiro,
Corta em raiz traidoras fantasias.

Contra os sonhos desde hoje me conspiro:
Se ao primeiro me dizem heresias,
Em sonhando outra vez pregam-me um tiro!

A UMA CAMPONEZA

Não moram em palacios estucados
Almas singelas, almas extremosas:
Nutrem da corte as damas enganosas
Em tenros peitos corações dobrados.

Venham por longos mares conquistados
As indianas sedas preciosas:
Cubram-lhe as carnes alvas e mimosas
Ricos vestidos em París bordados.

São isto effeitos da arte e da ventura:
Estimo mais que toda a vã grandeza
Um limpo coração, uma alma pura.

Não na côrte; das serras na aspereza
Fui achar innocencia e formosura,
Sagrados dons da simples natureza.

AO DISFARCE DAS MULHERES

Vens debalde,- oh bellissima perjura,
C'o lindo rosto em lagrimas banhado:
Já fui por ti mil vezes enganado;
E sempre me affectaste essa ternura.

Esse alvo peito, que é de neve pura,
Mas de aço e fino bronze temperado,
Encobre um coração refalseado,
Um coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me queres,
Vejo correr com animo sereno
Esse pranto em que fundas teus poderes:

Mal inventado ardil! ardil pequeno!
Tu mesma me ensinaste, que as mulheres
Misturam com as lagrimas veneno.

A UMA DAMA INTERESSEIRA

Podiam ser felizes meus amores
Quando por oiro o amor se não vendia:
Já de palavras Nize desconfia,
Só crê ou em dinheiro, ou em penhores.

Viu-me assaltado d'ancias e temores
Quando na porta irada mão batia:
Por costume infeliz ella sabia
Que era algum dos cançados acredores.

Foram-se os dias bemaventurados,
Em que só almas grandes, peitos nobres,
Eram do deus de amor agazalhados:

Negro destino hoje preside aos pobres:
Poz termo a bella Nize aos seus agrados,
Vendo esta bolça condemnada a cobres.

Váe, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente.

O CRUEL DISFARCE

Sem murmurar padecerei calado
Cumprindo o teu preceito violento:
Faltava a envenenar o meu tormento
Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer o semblante socegado
Farei o inculpavel fingimento:
Nos olhos mostrarei contentamento,
Tendo um punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,
Que não sabe a vil arte de affectar-se,
Onde a verdade e a intacta fé existe,

Martyr do amor e do infiel disfarce,
Nas tuas adoraveis mãos desiste
Té dos tristes direitos de queixar-se!

DEITANDO UM CAVALLO Á MARGEM

Váe, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento:

Esta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dor vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:

Morre em paz; que em havendo algum dinheiro,
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

«Aqui, piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fôra eterno a não morrer de fome.»

ACHANDO-SE O AUCTOR PRESO DOS BELLOS OLHOS DE MARCIA

Eu vi a Marcia bella, vi Cupido
Com arco, settas e cruel aljava,
Com impeto sair de d'onde estava,
E voar para mim enfurecido.

Fugi; bradei: porém não fui ouvido;
E o tyranno rapaz que me buscava,
Com uma e outra setta me atirava,
Até de todo me deixar rendido.

Atou-me as mãos com asperas cadeias,
Sem o mover o sangue que corria
Do roto coração, das rotas veias.

Antes, com frio riso me dizia;
«E não sabias tu, que amor receias,
«Que nos olhos de Marcia amor vivia?»

AMOR CAPTIVA TODOS OS CUIDADOS

Um ginja, que ás trindades recolhido
Calça as chinellas, no roupão s'embuça,
Pede á filha mais velha a carapuça,
E em fôfo canapé fica estendido;

Um ginja, que de amor todo esquecido,
Mostra seus vivos de melena russa,
O saráo, cotilhão, e escaramuça
Sempre reprova quasi embravecido;

Que ás modas todas chama bagatella,
Um ginja, em quem jámais se viu mudado
O molde d'um vestido, ou da fivela,

Do mundo não está tão retirado,
Quanto eu estou, depois que á minha bella
Dei o meu coração e o meu cuidado.

CEGUEIRA DE AMOR

Fiei-me nas promessas que affectavas,
Nas lagrimas fingidas que vertias,
Nas ternas expressões que me fazias,
N'essas mãos com que as minhas apertavas.

Talvez, cruel, que quando as animavas,
Que eram d'outrem na idéa fingirias,
E que os olhos banhados mostrarias
De pranto, que por outrem derramavas.

Mas eu sou tal, ingrata, que inda vendo
Os meus tristes amores mal seguros,
De amar-te nunca nunca me arrependo.

Ainda adoro os olhos teus perjuros,
Ainda amo a quem me mata, ainda accendo
Em aras falsas holocaustos puros.

SOBRE A INGRATIDÃO DE UMA DAMA

Coração, de que gemes, de que choras?
Que parece tens odio á propria vida!
Se perdeste teu bem, foi mão perdida,
Com te pôr a morrer nada melhoras.

Eu bem sei que a belleza a quem adoras,
Foi-te ingrata e cruel, foi fementida;
Mas que esperavas tu, se é lei sabida
O mudar-se a mulher todas as horas.

Socega, coração, deixa a tristeza;
Quem te mandou querer com fé tão pura,
Quem te mandou mostrar tanta firmeza!

Erraste, tem paciencia, em fim procura
Não fazer por mulher jámais fineza,
Acharás mais amor, maior ventura.

AOS ANNOS DO PRINCIPE

N'este dia em que a corte se alvoroça,
Tambem se enfeita o misero poeta,
E pondo sobre si nova roupeta
Rasga a suja nojosa saragoça:

Ninguem hoje haverá, que assentar possa
Que anda esta bolsa em rigida dieta,
Só me falta, senhor, a fita preta,
Mas vós tendes a culpa, ou cousa vossa:

Fiou-me a gala um mercador de pannos,
E manejei, porque rebelde o via,
Quanto aprendi nos Quintilianos:

Por vós me envergonhei, e assim pedia,
Que pois o fiz para vos dar bons annos,
Vós me pagasseis dando-me um bom dia.

QUARTETOS

Memorial a sua alteza

Se os principes nos são dados
Para geral beneficio,
E se o seu mais digno officio
É ouvir os desgraçados:

Ouvi minha desventura,
E consenti que esta vez
Se lastime a vossos pés
Um queixoso da ventura.

Saírem humildes ais
De um peito singelo e aberto,
É o direito mais certo,
Quando os juizes são taes.

Fundadas sobre a verdade
As minhas supplicas vão:
Não peço por ambição,
Peço por necessidade.

Em mim o cuidado cáe
De irmãs postas em pobreza:
A piedade e a natureza
Me fazem irmão, e pae.

Olhos em pranto banhados,
Que eu sem dor não posso ver,
Vos fazem agora ler
Estes versos mal limados.

São tristes orfãs donzellas,
E merecem suas dores
Que vós, augustos senhores,
Hajaes piedade d'ellas.

Por mais esforços que eu faça
Como hei de dar-lhes favor,
Se o seu triste bemfeitor
Vive na mesma desgraça?

Da miseria as tirareis,
Se eu da miseria saír:
Sobre muitos váe cair
O favor que me fazeis.

Vós, ó augusta princeza,
Em quem o céo quiz juntar
O melhor que podem dar
A fortuna, e natureza,

Tende dó de seu lamento;
E dae a mão favoravel
A um sexo respeitavel,
De que vós sois ornamento.

A petição que vos faço
Não é de facil indulto;
Para pouco, fôra insulto
Valer-me do vosso braço.

Não é facil, mas é justa:
E será bem despachada,
Se uma vez apresentada
For por vós á irmã augusta.

Principes, tende piedade:
Ponde a meus queixumes pausa:
Protegei na minha causa
A causa da humanidade.

O que de Tito se diz,
Um rei vosso avô dizia;
Chamava perdido o dia,
Se não fez alguem feliz.

Motivo de tristes ais
Quaesquer mãos o podem dar;
Más venturas emendar
Só pertence a mãos reaes.

Dos homens, inda que ingratos,
Ouve Deus os rogos justos:
Vós, ó principes augustos,
Sois na terra os seus retratos.

Mas já o tempo opportuno
Apressa as azas escassas,
E não devo ás mais desgraças
Ajuntar a de importuno.

Acabe a triste escriptura,
Digna por tal de piedade:
Eu dei-lhe pranto e verdade,
Vós podeis dar-lhe ventura.

Ao conde de Villa-Verde, D. José de Noronha, depois marquez de Angeja

Senhor, eu não sou culpado;
Traçar outros versos quiz;
Mas tenho perdido o trilho
Com as trovas do Luiz:

A musa, que ha pouco as fez,
Outra rima não me inspira;
Por mais que mordo nas unhas,
E que em vão tempéro a lyra.

Acceitae meus bons desejos;
E como homem de razão
Não desprezeis baixos versos,
Quando os dicta o coração:

Minhas fieis expressões,
Filhas de amor e saudade,
O que não tem em poesia,
Lhe váe supprido em verdade.

Em quanto co'as soltas velas,
Forçadas do vento rijo,
Demandava a galeota
Os areaes do Montijo;

Em quanto ao principe augusto
O patrio Tejo se humilha,
E sobre os rasgados hombros
Lhe leva a soberba quilha;

Meus olhos, meus tristes olhos,
Nas aguas seguindo a esteira,
De lagrimas se arrasavam
Sobre as praias da Junqueira:

Dentro do cançado peito
Se ateou crua peleja;
Senti uma guerra viva
De saudades, e de inveja:

Não era de baixa inveja
Affecto grosseiro e injusto;
Era invejar ao criado
Ir junto a seu amo augusto.

Senhor, não sou atrevido;
Ha logares derradeiros;
O meu desejo me punha
Entre a chusma dos remeiros;

Com as faces açoutadas
Dos agudos ventos frios,
Entre os borrifos das ondas,
E as pragas dos algarvios;

A Apollo pedindo a lyra,
Que só para isto invejo,
Chamára das frias grutas
As louras filhas do Téjo;

Que escutando o som divino
Entre as humidas moradas,
E levantando nas ondas
Suas cabeças douradas;

De tal hospede soberbas
O lenho rodeariam;
E as aguas c'o branco peito
Á porfia lhe abririam:

O fatidico Protêo,
Cheio de saber divino,
Revelára ao novo heroe
Os segredos do destino;

Famosas acções cantára,
Levantando a sabia voz,
Moldadas sobre as historias
Dos augustos paes, e avós.

Mas, senhor, a minha musa
Sem tino ao ar se remonta;
E váe-se mettendo em obra,
De que não póde dar conta:

Esta levantada empreza
Até a *Boileau* deu sustos;
Dizia que só Virgilios
Podiam louvar Augustos:

É queimar-lhe baixo incenso,
Cançal-o com versos frios;
Amor respeitoso, e votos
Serão os meus elogios.

Vós, illustre Villa-Verde,
Com quem sempre me hei achado,
Fazei que seja o meu nome
A seus ouvidos levado:

Se lhe der acolhimento,
Sigamos de Horacio as traças,
Façamos que a par das musas
Marchem as risonhas graças:

Dizei-lhe, que na folhinha,
Com letras douradas puz
Aquelles formosos dias
Das escadas de Quéluz;

Aquelles dias ditosos,
Quando a seus pés ajoelhado,
Era ao abrigo das musas
Benignamente escutado;

Quando, tendo já traçado
Melhorar-me os meus destinos,
Se dignava perguntar-me
Como estavam os meninos;

Quando me mandou, que em verso
Contasse como escapára
N'aquelle funesto encontro
Dos taes carreiros da Enxára: [1]

E se ainda o favor mereço
De tão alta protecção;
Dizei, que mudei de officio,
Porém de ventura, não;

Que não me enganam zumbaias
Dos humildes supplicantes;
Porque a bolsa mais sincera
Trata-me inda como d'antes;

Que inda os cães atrás do russo
Esperam n'elle a merenda,
Quando eu vou para Lisboa
Fazendo versos e renda;

Que dando aos ôcos ilhaes,
Váe marchando triste e só;
Que as mais seges fazem sécia,
Porém que a minha faz dó;

1) Allude ás decimas.

Que até o boçal gallego,
Que eu tinha por innocente,
Já me conhece a fraqueza,
E já me revira o dente;

Depois que as vélas de cebo
Já cerceia no topete,
E váe conquistar o bairro
De polainas e colete;

Depois que em chapeu de Braga,
Que só põe em dia claro,
Coseu em devota rosca
Candeia de Santo Amaro;

Depois que em destros meneios
O suado corpo bole,
E abre guerra ás cozinheiras
Ao som da gaita de folle;

Já responde focinhudo,
E eu me calo as mais das vezes;
Porque, pelos meus peccados,
Sou réu de uns poucos de mezes.

Mas, senhor, este episodio
Váe sendo dos arrastados,
O gallego veiu n'elle,
Como me váe aos recados:

Se o julgardes enfadonho,
Ao principe o não conteis;
Nos factos da minha vida
Á vontade escolhereis:

Pintae-lhe a triste familia,
Gritando-me por dinheiro;
Hoje o rol de um alfaiate,
Ámanhã o de um tendeiro:

Pintae-lhe um procurador,
Que aqui vem todos os dias
Saber da minha saude
Da parte das senhorias: [1]

Enfeitae de côr alegre
A funesta narração;
Marcham ás vezes os risos
Ao lado da compaixão:

E pois que os vossos esforços
Nunca me tem sido vãos,
Acabai, benigno conde,
Esta obra das vossas mãos:

De um malfadado poeta
Trocae em prazer as penas;
Já diante d'outro Augusto
Fez o mesmo outro Mecenas.

1) Das casas.

Aos annos do conde de Villa-Verde, na occasião do seu despacho para secretario d'estado dos negocios do reino

Senhor, soffrei os louvores;
Hoje não me são vedados:
São estes solemnes dias
A elogios consagrados.

Aos homens, que ao bem dos outros
Seus illustres dias deram,
A patria assim sanctifica
Os dias em que nasceram.

E em honra d'um sentimento,
Que honra o humano coração,
A mais austera modestia
Cede a geral gratidão.

O dia pois me auctorisa,
E manda, senhor, que ouçaes
Que o throno vos dá favor
Por saber que vós o daes.

Quer que todos os negocios
Ante vós sejam levados,
Pondes na frente de todos
A causa dos desgraçados.

Juntaes ao dom de conselho
Ternos dons de sentimentos;
Em vós vae sempre a bondade
Guiando os vastos talentos.

Enxugaes alheio pranto,
Sois com todos terno e justo;
Por isso deu a Mecenas
Sua confiança Augusto.

Sei que vindes de dois reis,
Não chamo agora nenhum,
É melhor que vir de dois,
O servir assim a um.

Santo dia, eu te abençôo;
Na frente dos portuguezes
Sobre nossos horisontes
Possas tu raiar cem vezes.

Tu nos deste um peito illustre,
Feito para bemfeitor,
Em que os céos foram creando
O valido e o valedor.

Mas, senhor, meu estro fraco
Profana a gloria do dia
Com os inuteis esforços
D'esta cançada poesia.

Já os sellados thesouros
D'Apollo me não são francos;
Em vão na doce Hypocrené
Mergulho os cabellos brancos.

Tem a culpa fogo extincto,
Tem a culpa o frio peito,
A diff'rença em nossos annos
É a causa d'este effeito.

Quanto elles são differentes,
Eu vou facilmente expol-o:
Os vossos honram a patria,
Os meus infamam Apollo.

Ao conde de Villa-Verde, agradecendo a soltura de Ezequiel, alcaide do bairro de Belem

Senhor, o meu Ferrabraz,
Que co'as mãos faz obra grossa,
Promette abaixar a sua,
E vem beijar-vos a vossa.

Tinha força, e tinha amor,
Poz em linda face a mão,
E a fineza, por ser sua,
Teve ares de bofetão.

Queixou-se a nympha soberba,
Falsa dor com arte exprime,
Fez apparecer o amor
Com os vestidos do crime.

Themis tambem é mulher,
Deu-lhe ouvidos e carinho,
Quiz favorecer o seu sexo,
Deu á balança um geitinho.

Succumbe o amante valente,
E no seu coração disse:
«Se eu tal paga adivinhára,
Fizera maior meiguice.»

Mas ferro abranda leões,
Com pranto os ferros banhava,
Promettia mil emendas
Do delicto que negava.

Dar ao vento afflictas queixas
Eu o vi por muitos dias:
Já não era Ezequiel,
Converteu-se em Jeremias.

Por elle então vos roguei,
Gratidão m'o pede assim;
Não guarda só a cadeia,
Guarda-me tambem a mim.

Tenho a barbara mania,
Por fugir de minhas dores,
De ir dentro no Limoeiro
Ouvir as dos malfeitores.

E a meu lado co' o bambú
Tal segurança me faz,
Que na habitação do crime
Estou no seio da paz.

Armam a vossa justiça
Os réus na prosperidade,
Mas carregados de ferros
Fazem-vos os réus piedade.

Levastes seus ais ao throno,
Vencestes a causa sua;
Por mim a vossa bondade
O poz no meio da rua.

Chamou-me o seu bemfeitor,
Abraçou estas cans frias,
Jurou não dar bofetões
Estes oito ou quinze dias.

Prometti-lhe que se os désse,
E eu o livrasse assim,
Desde já tinha licença
Para os dar tambem em mim.

Senhor, beijâmos as mãos,
Eu, o réu, e o carcereiro,
Com todos os mais tafues
Da sucia do Limoeiro.

Ao conde de Villa-Verde, ministro do reino, agradecendo em nome dos seus collegas officiaes da secretaria, o ter approvado uma tabella que augmentava os emolumentos das graças e mercês

Senhor, por mil beneficios
Tenho as vossas mãos beijado;
Das mais vezes vinha só,
Hoje venho acompanhado.

Eu venho em nome de muitos,
E em nome da gratidão,
Pôr nossas humildes bôccas
Sobre a vossa illustre mão;

Ella as tira de ociosas,
Ella lhes dá que fazer
Na obrigação de beijar,
No exercicio de comer;

Ah, senhor, que obra tão justa!
É obra da vossa mão:
É fazer que pague o luxo
Tributos á precisão;

Quem haverá tão iniquo,
E d'uma ambição tão crua,
Que infame a nossa fortuna,
Que fez o caminho á sua!

Quem por muito for dar pouco,
Mas com forçada vontade,
É sectario do egoismo,
É traidor da sociedade.

Fazem por vós puros votos
Os peitos imparciaes,
Que assim as communs fortunas
Sabiamente equilibraes.

De altas graças despenseiro
Intentaes com mãos prudentes
Repartil-as de tal arte,
Que fiquem todos contentes.

Pelo quinhão que nos cabe
Vossa recta mão beijâmos;
E sem sermos atrevidos,
Tambem nós vos despachâmos.

Bençãos, amor merecido,
Gratos, ternos sentimentos,
Para uma alma como a vossa,
Não são maus emolumentos.

Ao marquez de Angeja, D. José de Noronha, no dia dos seus annos, estando o auctor doente

Senhor, se vos são acceitos
Pobres versos, mal limados,
Entre vidros e receitas,
Em triste leito traçados;

Se de um sombrio doente
A funebre poesia
Os prazeres não perturba
D'este faustissimo dia;

Consenti, que a branda lyra,
Por vós outr'ora escutada,
E que teimosa molestia
Tem ha muito pendurada;

Sobre este cançado peito,
Ferida com debil mão,
Mande ao ceo singelos hymnos,
Nascidos do coração:

Consenti, que eu louve o dia,
Para mim assignalado,
Que raia em nosso horisonte,
De nova luz coroado;

Dia, que vos viu nascer;
E que quiz trazer comsigo
Quem une ao nome de grande,
O santo nome de amigo;

Quem não quer só a nobreza
De illustres antepassados;
E mais ama uma virtude,
Que cem titulos herdados;

Quem sabe, que o vir honrar
Dos pequenos a baixeza,
E entre os que nascem grandes
A verdadeira grandeza;

Quem a favor de infelizes
Traz sempre occupada a idéa;
E estima a fortuna propria,
Só para fazer a alhêa:

Cem vezes, formoso dia,
Vem o horisonte dourar;
Nunca possam negros ventos
Tuas luzes perturbar;

Tu nos déste em peito illustre,
Que se doe de alheios ais,
Um coração adornado
De mil virtudes moraes.

Senhor, eu não douro enganos,
Que venal lisonja approva;
Sabidas verdades digo,
E sou d'ellas uma prova;

Sou um dos muitos exemplos
Do vosso bom coração;
A minha felicidade
Foi obra da vossa mão;

Razoando em meu favor
Contra teimosos destinos,
Felizmente pleiteastes
A causa dos meus meninos;

Ao bom principe pedistes,
Que com mão compadecida,
Lhes concedesse umas ferias,
Que durassem toda a vida;

Pedistes depois, senhor,
Que a sua real grandeza
Se dignasse de arrancar-me
D'entre os braços da pobreza;

Sei que n'elle é natural
Ter dó das alheias penas:
Mas ouve-as melhor Augusto,
Quando lh'as conta Mecenas;

Por este modo alegrastes
A triste familia minha;
E em casa nos levantastes
O interdicto da cozinha:

Já um segundo frizão,
Pendurada a lingua velha,
Dá reboque, como póde,
Á antiga meia parelha;

Já o sórdido gallego,
Meu antigo companheiro,
De gravata e carrapito
Arvorado em boleeiro;

Açoutando surdas ancas
De dois sendeiros roazes,
No mesmo bairro apregôa,
Ora barrís, ora pazes:

Mas, senhor, deixando graças,
Pois não as pede a materia,
E pedindo á minha musa,
Que seja comvosco séria;

Já o sórdido gallego,
Meu antigo companheiro,
De gravata e carrapito
Arvorado em boleeiro.

7ª

Rogo ao ceo vos dê mil annos,
Já que são tão bem gastados;
Annos que achareis depois
Em livro de ouro apontados;

E se em dia de mercês
Ides de semana entrar,
Seja a mercê d'estes annos
O meu nome apresentar:

Ao principe, ajoelhando,
Em favoravel momento,
Por mim, senhor, lhe jurae
Eterno agradecimento;

E eu, em largando este leito,
Já sei a hora opportuna
De poder ajoelhar-lhe,
Quando elle chega á tribuna;

E pondo-me ao pé do Ginja,
Que na *não Ajuda* falla;
E faz a todos os *Glorias*
Continencias co'a bengalla;

Surdo á historia do naufragio,
Com que elle ás vezes me aferra,
Rezarei ao Deus do ceo,
E assistirei aos da terra.

Ao marquez de Angeja, fazendo annos a filha do marquez de Abrantes, com quem estava para casar.

Senhor, aos florentes annos
Hoje em pompa festejados
Eu devêra tambem ir,
Pois vão comvosco criados.

Gôsto e obrigação m'o pedem;
Mas vós, herculeo cadete,
Sabeis a fallada historia
Do meu antigo collete.

É elle o réo que hoje impede
Devidos respeitos meus;
Não váe a annos alheios,
Pelo delicto dos seus.

Foi collete das funcções,
Cumpriu seu emprego á risca,
Hoje domesticas leis
O tem condemnado á isca.

Sei que devia haver outro;
Mas, senhor, não me culpeis,
Culpae surdos mercadores,
E preguiçosos quarteis.

Ide vós, amor vos manda;
Na illustre, adorada mão
Ponha a bocca respeitosa
Tributos do coração.

Se acaso a austera etiqueta
Impede obsequio tão puro,
Ao cortezão respeitado
Console o esposo futuro.

Fazei em terna linguagem
Mil discretos cumprimentos,
Aquelles que vos inspiram
O dia, e vossos talentos.

Mil brilhantes convidados
Ao cortejo assistirão,
Os amores vão comvosco,
As graças já lá estão.

Eu, ancião ex-poeta,
Erguida a testa engelhada,
Ferindo com tortos dedos
A minha lyra cançada,

Pedirei ao duro tempo
Com lagrimas d'alegria
Nos deixe raiar cem vezes
Este faustissimo dia.

E a vós, depois d'outro dia,
Nos lusos fastos marcado,
Da alegria, dos prazeres,
Das virtudes desejado,

Peço continuas funcções,
À porta as seges postadas,
E que eu vá, porque tambem
Posso já ir co' as criadas.

Ao marquez de Ponte de Lima, ministro de estado, pedindo-lhe o auctor licença para ir a banhos, na occasião em que se tinha encarregado de lhe promover a mercê de se imprimirem as suas obras na Officina Regia

Senhor, entreguei meu livro;
Foi esse filho mesquinho
Co'a esteril benção do pae
Lançar-se aos pés do padrinho:

Dei-lhe em dote inuteis rimas,
Dei-lhe vasio thesouro;
Mas vossas mãos milagrosas
Convertem nadas ém ouro:

Do mal fadado Parnaso
Quebrareis o injusto encanto;
Nem sempre seus verdes louros
Serão regados com pranto:

Impertinentes crédores
Largar-me-hão em fim a rua,
O meu cego abrindo a bocca
Lhes ha de fechar a sua:

Até apertados genios
Sem vontade comprarão;
Farão focinho á poesia,
E obsequios á protecção:

Mas, senhor, de livro basta;
É insulto ás mãos em que anda
Passar de ser o meu livro
A ser a minha demanda:

Foi esse meu rogo ouvido;
Deixae que para outro mude;
Tem objecto inda mais alto,
É mais do que ouro, é saude:

Contra o mal que me tem feito
Raivosos caniculares
Me off'rece a fresca Ericeira
Seus claros, sadios mares:

Sei que n'estas ondas bravas
O banho um risco teria;
Posso começal-o alli,
E ir acabal-o á Bahia:

Bramindo na vasta praia
Enrolada vaga forte,
Dentro do perfido seio
Me traz a saude, e a morte;

Mas com protector penedo,
E cauto marujo amigo,
O impune, tonico susto,
Torna em remedio o perigo:

Falta só licença vossa,
E juro, senhor, que vem;
Como podeis vós negal-a,
Se sabeis que ella é um bem?

É o Pindo o meu thesouro,
O Oceano é meu Jordão;
D'ambos recebo mil bens,
Mas todos por vossa mão:

Eu a beijo; ella receba
Gratidão devida e pura
Em tributo que lhe paga
O criado e a criatura. [1]

1) Tinha nomeado o auctor official da secretaria.

A D. Lourenço de Lima, tendo promettido ao auctor que quando chegasse das Caldas havia de lembrar a mercê de se lhe imprimirem as obras

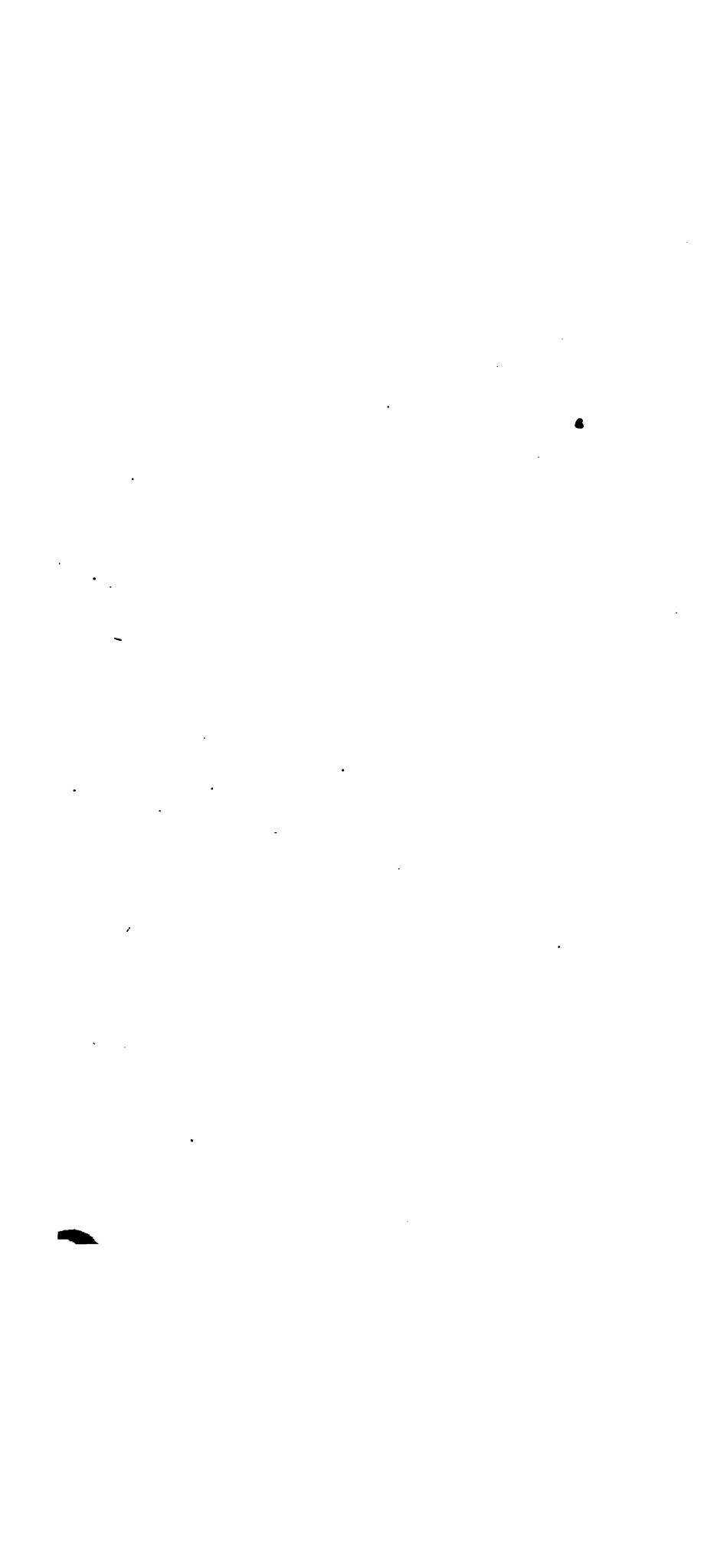
Ora do cume dos montes,
Ora em suas verdes fraldas,
Ia estender os meus olhos
Na longa estrada das Caldas;

Sobre escumosos cavallos
Trotando empoada sege,
Disse quem fez os meus versos
«Ahi vem quem os protege;»

Alçando-me, hia a dizer-vos
«Senhor, chegou o meu praso;
Honrastes hoje outros montes,
Honrae agora o Parnaso;

«Promettestes fazer ferteis
Seus estereis myrto e loiro;
Promettestes que a Hypocrene
Levaria areias de oiro;

«Sua clara, inutil veia
Rega chão que não se lavra;
Vinde fazel-o fecundo,
Vinde cumprir-me a palavra.»

Alçando-me, ia a dizer-vos
« Senhor, chegou o meu praso.

Mas, senhor, não ereis vós;
Era um casquilho, e do povo;
Tornei a pegar nas contas,
Tornei a esperar de novo:

Mil votos ao ceo mandava
Este humilde orador fraco,
Que vos não vissem carreiros, [1]
Nem os ladrões do tabaco; [2]

Então carrancuda noite
Me enxotou co'as negras azas;
E em honra dos taes amigos
Vim como gato por brazas:

Sei, em fim, que já chegastes;
Chamou por vós minha dôr;
Venha o illustre conselheiro
Honrar-se em procurador:

Fazer bem, é mór grandeza;
Deu-vos, tambem esta, o pae;
Vós ambos d'entre os meus louros
Cruas silvas arrancae;

Com piedosa geographia
As paternas mãos benignas,
Emendando ingratos mappas,
Ponham o Pindo nas Minas:

O impressor gosta de versos;
Quer que os meus publicos andem;
Mas é um tanto acanhado,
Não imprime sem que o mandem;

Elle perdoa o contagio;
Pegae-lhe a minha doença;
Só deixarei de gemer
Em gemendo a sua imprensa;

1) Allude ás decimas da Enxara.
2) Furto celebre feito n'aquella estrada.

Assigne pois meu aviso,
Pia obedecida mão;
Mas não cuideis que com isso
Daes férias á protecção:

O mais ávido leitor,
Das quintilhas pregoeiro,
Ha de achal-as insoffriveis
Em lhe custando dinheiro;

E só em nojosa tenda
De braguez chatim mesquinho
Terão saída os meus versos,
Embrulhando o seu toucinho;

Só rapazes acharão
Minha musa doce e meiga;
Não porque tenha poesia,
Mas porque teve manteiga;

Mettei pois, senhor, em brios
Ricos peitos avarentos;
Dizei que comprem partidas,
Que é honra honrar os talentos;

Que serão commigo eternos
Se me evitarem o mal
De ir ao templo da memoria
Pela porta do hospital;

E então da escondida burra
Ouvirá a surda aldraba
Não as vozes da poesia,
Mas a voz de quem lh'a gaba;

Indo abrindo, jurarão
Á duas artes odio e medo;
Á da guerra, em alta voz;
Á da poesia, em segredo.

Entretanto ao digno pae
Pedí que me faça auctor;
Sejam publicos no mundo
Meus versos e o seu favor:

De Limas na honrosa historia
Não serão titulos falsos
Fazer que as augustas artes
Não marchem c'os pés descalços.

E vós, firme protector,
Fazei que por taes favores
Vamos beijar-vos a mão,
Eu, e os meus dois mil credores.

Ao conde dos Arcos sobre o mesmo assumpto de se imprimirem as obras do auctor

Bateu aos vossos portaes
Um morador do outro pólo; (1
Veiu ao templo de Minerva
Dar um recado de Apollo:

Vós sois dos seus obrigados,
Bebeis seu licor divino;
Manda que lembreis na Rosa (2
O esquecido Tolentino:

Sei que alli meu pobre livro
Altos protectores tem;
Mas agora só se falla
N'esta magica *Dutein:* (3

Apollo não troca as artes;
Mas vendo a artifice, enfia;
Receia que com taes braços
A dança afaste a poesia:

Tambem sois réo; mas bem póde
A mágia dos passos seus
Encantar os vossos olhos,
Sem fazer chorar os meus.

1) Morava muito distante.
2) Sitio onde morava o ministro d'estado
3) Dançarina celebre.

A D. Fernando de Lima sobre o mesmo assumpto da impressão das obras do auctor

Forte co'a vossa promessa
Dura voz se váe alçar;
Não vem como das mais vezes,
Não vem pedir, vem ralhar:

Não é de esteril rabugem
Raiva inutil que em mim lavra;
Venho brigar e vencer-vos,
Minha arma é vossa palavra.

São leis os priscos rifões;
Na mão a lei me mettestes;
Sei que a ricos não deveis,
Mas a pobre promettestes:

Promettestes que uma imprensa
Faria um faminto farto;
Meu livro e as vossas promessas
Inda estão no vosso quarto.

Sei que a vossa illustre casa
É das que honram Portugal;
Mas eu quero outra melhor,
Quero a casa Manescal: [1]

[1] Administrador da imprensa regia.

Reis de Hespanha a vossa honraram,
E eu espero o mesmo d'elle;
Fizeram-vos *ricos homens*,
O mesmo me fará elle.

Vós sois protector das artes,
E d'ahi meu mal viria;
Talvez que pela da dança
Vos esqueça a da *poesia:*

Por *Dutein* esquece tudo;
Estes grupos tão gabados,
Não digo que são os vossos,
Porém são os meus peccados:

As tres Graças a fadaram,
Mas seus dons funestos são;
Tira ás deusas a maçã, [1]
E a um triste poeta o pão.

Se a vosso pae vou queixar-me,
Juro que acceita a querella;
Juro, que vos quer os olhos
Antes em mim, do que n'ella.

Mas, senhor, deixando graças
De poetica licença,
Este brinco quer dizer
Que apresseis a tal imprensa;

Até por curiosidade
Forjae-me este mealheiro;
Só para vermos que effeito
Faz em mim o ter dinheiro:

Talvez que altiva luneta
Nos piscos olhos traidores
Não conheça uns tantos homens,
Principalmente os credores:

1) Fazia a figura de Venus na pantomima em que se representou a fabula de Páris, julgando-lhe o pomo de oiro destinado á mais formosa.

Talvez que o novel gallego,
Que sôltas bragas trazia,
Entaipado em pantalonas
Dê ao amo senhoria:

Talvez que inventando heranças
Bisneto do grão senhor,
A falso espectro agradeça
O que devo ao protector.

Senhor, se o oiro tal póde,
Levantae da empreza a mão;
Antes réo do meu tendeiro,
Do que réo de ingratidão.

Mas inda agora é que eu vejo
Quanto me fui desmentindo;
Disse que vinha ralhar,
Por fim acho-me pedindo:

Não pude acabar a farça;
Costume custa a vencer;
Comvosco a minha linguagem
É pedir e agradecer.

A D. Catharina Michaela de Souza, esposa de Luiz Pinto de Souza, tendo este expedido aviso para se imprimirem as obras do auctor

Senhora, Apollo bem sabe
Que sois digna companhia
De quem em doirados annos
Lhe honrava a doce poesia:

Inda de viçoso loiro
Lhe guarda a verde coroa;
Fez-lhe falta em sua corte,
Mas a bem de outra o perdoa:

Manda, pois lhe estaes ao lado,
Canteis polidos louvores
A quem em honra ao Parnaso
Fez versos e faz favores:

Viu o prazer generoso
Com que acabou a tenção,
Que crua parca arrancára
De outra bemfeitora mão: [1]

Viu que apressou seus negocios
Perante quem todos rege;
E que amigo do seu monte,
Ora o sobe, ora o protege:

Grato ao grande beneficio
Vos envia o estilo e a lyra:
Manda-vos cantar-lhe os hymnos,
Que lhe traça e vos inspira:

Diz que esta empreza vos toca,
E que não admitte escusas;
Que favor feito ao Parnaso
Hão de agradecel-o as Musas.

1) O marquez de Ponte de Lima, ministro de estado, tinha obtido mercê de se imprimirem as obras do auctor, em seu beneficio, mas não chegou a assignar o aviso por seu repentino fallecimento.

Sonho que, escalada a porta,
Medonhas caras sem dó
Vem furtar a Tolentino
O que elle furta a *Boileau*.

Pulsae a lyra, enfreae
Bravos ventos rugidores;
Cantae agradecimentos
A quem cantastes, amores:

Em má honra a longas cans
D'esta empreza escuso fico;
Fechou-me Apollo a sua arte
E quer que aprenda a de rico.

Dura, enganosa sciencia!
Incómmoda, tumultuaria!
Muito mais a quem andou
Sempre na eschola contraria:

Já em socegado somno
Não vejo doces ficções;
Inda a obra está na imprensa
E já sonho com ladrões:

Sonho que, escalada a porta,
Medonhas caras sem dó
Vem furtar a Tolentino
O que elle furta a *Boileau:*

Co' esse metal turbulento
Já d'antemão me malquisto;
Que me não fará a posse,
Se a esperança já faz isto?

Sei quem poz a ultima força
Ao punhal de que me dôo;
Mas, em fim, nada de raivas,
Dizei-lhe que eu lhe perdôo:

E que é tal n'esta virtude
Meu conforme coração,
Que não só perdôo o mal,
Mas beijo por elle a mão.

Á marqueza de Alegrete quando lhe nasceu uma filha

Senhora, é cousa sabida,
Que aos deuses não são vedados
Os escondidos segredos
Do escuro livro dos fados;

E pois que em tempos antigos
Já tive alguma valia
Co' aquelle, a quem coube em sorte
O governo da poesia;

Não esperando do tempo
O vagaroso progresso,
E desejando augurar-vos
O vosso feliz successo;

Na raiz do alto Parnaso,
Curvando o humilde joelho,
Exclamei: «Se aqui se escutam
Votos de um poeta velho,

«Não te peço, esquivo Apollo,
Teus verdes, sagrados louros;
Não aspiram a coroas
D'esta testa os velhos couros;

«Abre, sim, a densa nevoa
Do vindouro tempo escuro;
E ante meus avidos olhos
Rasga as sombras do futuro; [1]

«Saiba meu justo desejo [2]
Quanto o destino promette
Aos nossos ardentes votos,
E aos da assustada Alegrete.» [3]

1) Na primeira lição que d'esta poesia traz o volume das ineditas do auctor, publicado em Coimbra em 1858, paginas 94 a 102, este quarteto estava posposto, e era o terceiro da suppressão que se lê na nota 3 *infra*.

2) *Primeira lição:*

Peço-te sim me reveles

3) *Primeira lição:* Após este quarteto havia est'outros:

«Do muito que a Angejas devo
És a melhor testimunha:
Tu me emprestaste a lyra
Em que as pagas lhe compunha.

«E quando esta illustre filha
Digno altar a amor ergueu,
Apollo me deu o incenso,
Que eu consagrei a hymeneu:

«Abre sim a densa nevoa
Do vindouro tempo escuro;
E ante meus ávidos olhos
Rasga as sombras do futuro.»

O deus que quiz premiar
Poeta, que o não profana
Pelas logeas de bebidas,
Por oiteiros de Sant'Anna,

Onde os seus verdes loireiros
Perdem o viçoso brio;
E o mais bem feito soneto
Tem por paga um assobio:

O deus, que nunca em mim viu[1]
De odes mouras a mania,
Que sem o assumpto honrarem,
Lhe deshonram a poesia;

Que em outeiros de oratorio
Não lhe puz a lyra ao frio,
Arriscando-a a ter por paga
Ou pedrada, ou assobio;[2]

E muito mais porque viu.
Que da minha petição
Eram sagrados motivos
A amizade, e a gratidão;

Fez fuzilar em meus olhos
Nova luz, vedada, e pura;
E de tudo o que então vi,
Vos vou fazer a pintura:

Vi, senhora, as louras graças
Com doce, e risonho aspeito,
Tecendo engenhosas danças
Em torno de um aureo leito;

E abrindo as ricas cortinas
Trazerem nos castos braços
O digno e precioso fructo
De illustres, sagrados laços.

1) *Primeira liçao:*

Que de altas magicas odes
Nunca me viu a mania,
As quaes sem o assumpto honrarem
Deshonram a poesia.

2) *Primeira liçao:*

Que nunca em libello infame
Fui trilhar as vis pisadas
Dos que dão aos dons das musas
O prestimo das facadas.

E abrindo as ricas cortinas
Trazerem nos castos braços
O digno e precioso fructo
De illustres, sagrados laços.

Sobre o mimoso semblante,
Em que os seus dons inspiravam,
Dos mais altos pretendentes,
Mil suspiros auguravam; (1

Os prazeres sobre as azas
O berço lhe rodeavam;
Fortuna lhe abria os cofres,
As virtudes a embalavam;

Vi Penalvas, vi Angejas,
Que aos ceos mil hymnos mandavam;
Aos ceos, que as duas familias
Novamente abençoavam: (2

Vi a roda das criadas,
Que á menina dando vae,
Umas, os olhos da mãe,
Outras, a bocca do pae; (3

1) *Primeira liçao:* Entre este e o seguinte quarteto, havia est'outro:

Vi que Atropos respeitosa,
Suas tesouras fechando,
Juntava mais outro fio,
Que a irmã ia fiando.

2) *Primeira liçao:* Entre este e o seguinte quarteto, havia est'outro:

Vi a carinhosa Angeja
Pensando a neta ella só,
Cujo rosto bello e moço
Briga com a palavra avó.

3) *Primeira liçao:* Entre este e o seguinte quarteto, havia est'outros:

Tambem vi a esbelta Annica,
Que em rasgados olhos brilha,
Estar requerendo á mãe
Que quer ser aia da filha.

Nem tu, ó defuncto Abreu, *
Hoje a meus versos escapas,
Devedor de uma de doze,
Que em vão te ganhei nas Lapas.

Que do Lethes somnolento
Já aos Elysios passaste,
E que de lá vês a filha
Do amavel pae, que criaste.

Não te peço as tres partidas,
Peço sim que aos deuses peças
Acôlham benignamente
As nossas santas promessas.

* Era um criado do marquez de Penalva.

Mas Apollo aqui fechando
As altas cousas futuras,
E deixando o pobre velho
Alegre, mas ás escuras; (1

Me disse: «Conta o que viste;
O mais, em tempo vindouro,
Fiel, apurada historia,
O dirá em letras de ouro.» (2

Corri: mas trémulas pernas
Tem sempre estrada comprida;
E pois acho a prophecia,
Graças aos ceos, já cumprida, (3

Pois habitas já seus campos,
Campos bemaventurados,
Apresenta os novos votos
D'estes dois fieis criados.

Que possa a tenra menina,
Cheia d'altos dons moraes,
Doirar comprida velhice
Dos moços, avós, e paes.

Que ella dê em larga edade
Dignos filhos educados
Sobre os honrosos modelos,
Dos seus illustres passados.

Que com a espada da lei,
E com o sangue por abono
Sejam a guarda invencivel
Das virtudes e do throno.

E se houver alguem, que em moço
A prazeres não resista,
Que nunca jogue o bilhar,
Sem dinheiro ter á vista...

Mas quando, illustre senhor,
Esta falla aqui exposta
Ia nas azas dos ventos,
E eu esperava a resposta,

1) *Primeira Liçao:*

O deus outra vez fechando
As altas coisas futuras,
E deixando como d'antes
O pobre velho ás escuras,

2) *Primeira Liçao:* Entre este e o seguinte quarteto, havia est'outro:

Eu desejava voar,
E o Pegaso em vão chamando,
Que á minha mão importuna
Já váe as clinas negando,

3) *Primeira Liçao:*

Chego tarde pelos crimes
D'esta musa entorpecida;

Vou sentar-me entre os loureiros,
Que réga Castalia fria;
Onde revoam em bandos
Os genios da poesia.

Beijo respeitosamente
Estas faixas, que envolveram
Aquella, a quem dão a vida
Os que a minha protegeram;

«Recebe, oh recem-nascida,
Terno amor, alto respeito;
Teus avós, teus claros paes
Te derão este direito.» [1]

E tu, formosa Alegrete,
Que depois de erguida a mesa,
Ficavas co'as velhas ayas
De magicos filtros presa;

Quando eu a teus pés contava,
Mentiroso historiador,
Ora a do caixão de vidro,
Ora a das cidras do amor;

Quando os mesmos tenros annos
A tua filha contar,
Todos os dias virei
Meu officio exercitar;

E em tanto, apesar do tempo,
Que a fronte me váe gelando,
Com a rouca lyra ás costas
Pelo Parnaso trepando,

Vou sentar-me entre os loureiros,
Que réga Castalia fria;
Onde revoam em bandos
Os genios da poesia;

1) *Primeira Lição:* Entre este e o seguinte quarteto, havia est'outro:

Ao mais puro e humilde incenso
Minha bocca assopra as brasas;
Abrangem justo tributo
Ambas as illustres casas.

E co'a testa descoberta
À viração bemfeitora,
Traçarei mais dignos versos
Do que estes, que ouvis agora;

Com tempo os irei fazendo;
O Deus tambem me fez ver,
Que sobre este mesmo assumpto
Tenho muito que escrever.

Quiz que eu viesse contal-as
Ao som d'esta rouca lyra,
De longos annos afeita
A acompanhar quem suspira.

Á condessa de Tarouca por occasião do seu casamento

Senhora, o forte da Estrella,
Chorando o bem que perdeu,
Das suas justas saudades
Por portador me escolheu;

Quiz que eu viesse contal-as
Ao som d'esta rouca lyra,
De longos annos afeita
A acompanhar quem suspira:

Não fallo nos ternos paes;
N'elles a alta jerarquia
Tempéra saudoso pranto
Com o pranto da alegria;

Ao nome dos seus passados
Planos caminhos acharam,
Unindo ao sangue de heroes
O sangue de heroes que herdaram:

Não fallo no amavel conde;
Esse não faz compaixão;
Tem seges, tem bons cavallos,
Tem o remedio na mão;

Sobre rapidos ginetes,
Quebrando a dura calçada,
Com o Francisco a reboque,
Andará sempre na estrada:

Tambem das caras irmãs
Não venho as magoas pintar;
Co'a terna mãe muitas vezes
As virão desafogar;

Fallo da triste familia,
Que em amorosa mania
Accusa o ceo, que vos deu
Formosura, e fidalguia;

Dons, de seu mal causadores;
E que deixam coroado,
Na mais illustre conquista,
O mais ditoso soldado;

Ralham d'elle a toda a hora;
Foi causa do seu tormento;
Elogiam, e praguejam
Seu alto merecimento:

«Se é soldado, siga a guerra,
E as funestas glorias d'ella;
Ataque milhões de fortes,
Mas deixe em paz o da Estrella;

«Tem figura, tem talentos;
Tem alta estirpe preclara;
Oxalá que assim não fosse,
Ella então o desprezára:»

Mas, senhores, perdoae-lhes;
Ás vezes na grande dor
Fallam palavras de raiva
A linguagem do amor:

O Silva, o automato honrado, [1]
Anda mais abstracto, e mudo;
Põe o doce antes da sopa;
Queima o café, quebra tudo:

O hirsuto, austero Rodrigues,
Semblante de poucas pazes,
Desafoga a sua dor,
Dando murros nos rapazes:

Vossa aya, de tres edades,
Em canto escuro assentada,
Vos manda calado pranto,
N'um cobertor abafada:

Outras vezes esquecida
De quanto seu fado é crú,
No queixo ajustando o lenço,
E sobrepondo o bajú,

Ergue ao ar cançados ossos;
E sem temer ventos frios,
Tirando-lhe amor o peso
Dos gelados pés tardios,

1) Copeiro.

Do bom costume enganada,
E com a usada cautela,
Para dar, e ter, bons dias,
Vos vae abrir a janella:

A janella a desengana;
Renova-lhe a dor no peito;
Chama em vão o vosso nome,
Abraçando um ermo leito.

Do peito das mais criadas
A saudade se não risca,
Desde as ayas ralhadoras,
Té á ladina Francisca.

E pois que o sangue de reis,
Pois que a augusta ceremonia,
Bem apesar das criadas,
Vos trouxe a Santa Apollonia;

Ide, senhora, mil vezes
Curar-lhes a fresca chaga;
Seu pranto é filho de amor,
E amor com amor se paga.

Na rica, airosa berlinda,
Dando ao digno esposo parte,
Aos patrios lares vos leve
Amor nos braços de Marte.

O Tejo, abaixando as ondas,
Vossos pés virá beijar;
Váe das nymphas que criou,
Ver a nympha tutelar.

Os prazeres com os risos
Sejam a vossa equipagem;
Revôem em torno as graças,
De quem sois a inveja, e a imagem:

Os prazeres com os risos
Sejam a vossa equipagem;
Revôem em torno as graças,
De quem sois a inveja, e a imagem.

Entrae nos tectos dourados,
Hoje logar de saudade;
Ide, dos braços do amor,
Lançar-vos nos da amizade:

Levae-nos as doces noites,
Em que a voz que se escutava,
Sobre as azas da harmonia,
Nos nossos peitos entrava;

Quando o comico travêsso,
Entre geitos, e corcovos,
Habilmente arremedava
Todos os musicos novos:

O triste, calado cravo,
Já não sente a destra mão;
Apenas é perseguido
Pelo senhor dom João. [1]

1) Menino.

Ide, senhora, levar-nos
No vosso rosto a alegria;
Fazei á triste Junqueira,
O que faz o sol ao dia:

Mas, senhora, a minha musa
Tem talvez errado os cultos;
Cuidando ter feito obsequios,
Talvez tenha feito insultos:

Dirão, que, trocando as cordas,
Forão meus sons deseguaes;
Que errei em fallar aos filhos,
Sem fallar primeiro aos paes;

Que podia esta embaixada,
Se désse em mais habil mão,
Cumprir as leis da saudade,
Sem violar as da razão:

Mas, Penalvas, dito, dito;
Defendo o meu sacrilegio;
Sois tudo; mas não sois noivos,
E é este o seu privilegio.

Em vão bemfeitor miolo
Lhe esfrega o quarto offendido ;
A minha chorosa mana
Dá o caso por perdido.

No dia dos annos de D. Maria de Noronha, depois condessa de Valladares.

Senhora, os pobres vestidos
Do vosso humilde compadre,
Não o deixam ir aos annos
Da sua illustre comadre;

O conhecido collete
De bordadas guarnições,
Encartado ha longo tempo
Em collete das funcções;

Sobre os seus cançados annos,
De humido inverno assaltado,
Cheio de invenciveis manchas
Me foi hoje apresentado:

Em vão bemfeitor miolo
Lhe esfrega o quarto offendido;
A minha chorosa mana
Dá o caso por perdido;

E se assim me apresentasse
A tão alta companhia,
As suas nodoas seriam
Manchas da seda, e do dia:

Do tempo a fouce raivosa
Não me dá só um revez;
Além de me fazer velho,
Faz-me tambem descortez;

Mas elle honrou hoje o mundo;
Sois do mundo ornato, e inveja;
Deu hoje mais uma paga
Á illustre casa de Angeja.

Sua mão, que aperfeiçoa
Altos dons da natureza,
A uns lindos, modestos olhos
Váe augmentando a belleza;

Altêa a airosa figura
Sobre a das Graças moldada;
A uma alma a mais digna e nobre
Dá a mais digna morada:

Justo tempo, eu abençôo
O teu poder desegual;
E em honra de tantos bens,
Eu te perdoo o meu mal;

Cem vezes nas tuas azas
Nos mande este dia o ceo;
As virtudes o consagrem
Nos altares de hymeneo.

E vós, illustre senhora,
Perdoae coletes rotos;
Valem mais, que inuteis sedas,
Puro incenso, puros votos:

Quiz mandal-os em bons versos;
Soou em vão meu topete;
Fui achar a minha musa,
Como achei o meu colete.

Ao desembargador Sebastião Antonio Sobral.

Bom Sobral, o que eu te disse
É, a meu pesar, verdade;
Sonoros, amenos versos,
São obra da mocidade:

Mandaste que em Crescentini,
Louvando a doce harmonia,
O que o mundo diz em prosa,
Eu lho enfeitasse em poesia:

Que invocando as brandas musas,
Encostada ao peito a lyra,
Cante os ternos sentimentos,
Que elle nas almas inspira;

Moço Sobral, tu ignoras
Da inerte velhice os damnos;
N'esta fria testa brigam,
C'o teu preceito, os meus annos:

Que importa, que a uma orelha
A tua voz respeitada
Me mande afinar a lyra
Ha dez annos pendurada.

Se á outra me diz Apollo,
Que eu sou já dos reformados;
Que em seu tribunal não tornam
A servir aposentados?

Longa edade, é longo mal,
Velho, só é bom o amigo;
O teu mesmo Crescentini
Ha de provar o que eu digo:

Este homem, que a seu arbitrio
Move as humanas paixões;
Que traz na sua voz o sceptro
Dos sensiveis corações;

Que nos deixa duvidosos
Quaes forças maiores são,
Se os encantos da harmonia,
Ou se a viveza da acção;

Que em mim, que sou homem duro,
E rebelde ás leis primeiras;
Que não chóro nos mais homens
As desgraças verdadeiras;

Que, insensivel, vi no circo
Burlesco Neto arrastado
Deixar co'a rôta cabeça
O terreno ensanguentado;

Que vejo com olhos seccos,
Com firme semblante inteiro,
Fugir-me n'um parolim
O meu ultimo dinheiro;

Que em mim, digo, arranca pranto;
Que amolga um peito de seixo;
Que muita vez c'o chapeo
Encubro o trémulo queixo;

Que quando dos tenros filhos
Chorava o triste destino,
Tinha este peito de bronze
O coração de Sabino;

Este homem, que solto o panno,
Vivas vem á força ouvir;
Se cantar de hoje a dez lustros,
Em vez de chorar, faz rir:

Sobre os levantados ares
A envergonhada harmonia,
Batendo apressadas azas,
Do seu filho fugiria;

E o Jeronimo [1] estendido
Co'as pernas nos tamboretes,
Cabeceára entre as rimas
Dos ociosos bilhetes:

1) O vendedor dos bilhetes.

E cuidavas tu, que a fouce
Que a taes dons ha de pôr fim,
Que ha de ferir Crescentini,
Me tinha poupado a mim?

Se eu hoje fosse aos outeiros,
Onde já tive elogios,
Dir-me-hiam crueis verdades
Mil sinceros assobios:

Este genio dos poetas
É fugitivo, e mesquinho;
A primeira can nos deixa
Na ametade do caminho:

Não é irmão do teu genio:
Esse estende mão segura;
Acompanha os seus validos
Á borda da sepultura;

Fará que sempre as desgraças
Em tristes peitos emendes;
Que sigas sempre os exemplos,
Que dentro de casa aprendes:

Lastima, pois, minhas rugas,
Que até me causam o mal
De faltar ao teu preceito,
E a louvar um homem tal;

Mas vasto, cheio theatro,
Que elle encalma em tempo frio,
Falla melhor, que dez odes,
É mais util elogio;

E n'elle estas velhas mãos
Co'as forças que nascem d'alma,
Darão, em logar de versos,
Muito pinto, [1] e muita palma.

1) Cruzado novo.

Ao deputado Domingos Pires Hoaleiro Bandeira.

A ti, amavel Bandeira,
Partidista da verdade,
E de quem tenho mil provas,
Que o és tambem da amizade;

Que são philosopho vives,
E o mesmo morrer protestas,
Á excepção de me dares
Bilhete de boas festas;

Tolentino firme amigo
Inda quando o mundo cáia,
E a quem obrigas a sel-o
Desde a rua da Atalaia, [1]

Deseja pura alegria,
Saude, e muito vintem;
Deseja-te tudo aquillo,
Que elle quasi nunca tem.

Pois que chuva e negros ventos
Me fecham a porta e o dia,
E em casa apontam cuidados,
Redobrada bateria;

Pois que a horrivel solidão
Aviva a idéa cruel
Da gaveta, vão sepulchro
Do agonisante quartel;

E a engenhosa hypocondria
Me mette no antigo empenho
De jurar, que estou morrendo
Das molestias que não tenho;

1) Onde tinham morado havia muitos annos.

Vou ver se posso esquivar-me
A tanto mortal immigo,
Acolhendo-me ás lembranças
Do nosso bom tempo antigo!

Tem a solta fantasia
Farto, milagroso armario;
Cura-me penas reaes
Com prazer imaginario;

O nosso bom tempo antigo,
Quando alçando a tôrva fronte
Jantava Quintiliano
A mesa de Anacreonte,

Quando nos brilhantes copos
Do casto, herdado Gorisos, [1]
Iam mergulhar as azas
Os prazeres com os risos;

Quando em renhidas disputas
Mettias traidora mão,
Sendo o motivo da guerra
Solapada mangação;

E sem haver lindos olhos,
Sem haver ondadas tranças,
Doudos com doudos teciam
Turbulentas contradanças:

Quando o assustado ministro,
Que as margens do Douro trilha,
Póde salvar da procella
A sua estimavel bilha;

Clama em vão por tão bom tempo
Minha discreta saudade;
Doce, fugitivo tempo,
Da nossa dourada edade!

1) Nome de uma quinta do amigo, a quem o auctor escrevia, a qual produzia bom vinho.

Ante meus olhos saudosos
Cruas azas despregou;
E em cambio de tantos bens,
Cans e rugas me deixou.

Só tu podes, caro amigo,
Virar-lhe o vôo apressado;
E fazer que elle me traga
Outra vez o meu reinado:

Não peço bruxos prestigios,
Basta ouvires meu alvitre,
Põe a rua da Atalaia
Na calçada do Salitre: [1]

Prepara farta vingança
A meus compridos jejuns;
Lança em nome da amizade,
Mais nozes aos teus peruns;

Lance fumo a faca tinta
Nas victimas degolladas;
Revôem pelo quintal
As pennas ensanguentadas;

Tornem a dar os teus lares
Guarida á minha desgraça;
Tornem a ter teus amigos
Polido Isidro [2] de graça;

Váe na franca, lauta mesa,
Versos ouvindo, e tecendo;
Entre as musas, entre as graças
Váe, a rir, empobrecendo;

Correntes do Douro, e Rheno
Escaldem meu estro fraco;
Abram-me o templo de Apollo
Atrevidas mãos de Baccho;

1) O auctor jantava muitas vezes na rua da Atalaia em casa do amigo, a quem escreve, o qual se mudou para o Salitre.
2) Casa de pasto.

Solte o rosado taful
A falsa eloquencia sua;
E marche pelas sciencias
Como marcha pela rua: [1]

É alma das companhias;
Alegres mesas governa;
Depois de estar assentado,
Não conheço melhor perna:

Tomando amolada faca
Teu sisudo capitão,
Nos demonstre, sobre um lombo,
A guerra do Rossilhão.

1) Coxeava.

Aliza assim, caro amigo,
Meu velho, engelhado couro;
Manda ás Parcas, que o meu fio,
Já que é curto, seja de ouro.

Dá brando ouvido a meus rogos;
Teu bom peito em bem os tome;
Não te falla vil lisonja,
Falla-te a amizade e a fome.

E tu, dia tormentoso,
Que abalas velhas trapeiras,
Que o telhado me arripias,
Que me ensopas as esteiras;

Que em meus rheumaticos ossos
Assentas pesado açoite;
E sobre medonhas nuvens,
Me mandas de tarde a noite;

Serás o dia mais alvo,
Que em meus largos annos levo,
Se for aceeita esta carta,
Que á tua má luz escrevo;

Chamarei zephyros brandos
A teus roucos ventos frios,
Se hoje resolve o Bandeira
Dar de comer a vadios.

A D. Catharina Michaela de Souza, depois da guerra de 1801

Quando de meus largos annos
Revolvo a chronica antiga,
Vejo mil outras desordens,
Porém não vejo uma briga.

Zunindo ao saír da eschola
A usada mutua pedrada,
Era meu paiz neutral
A primeira aberta escada.

Se em honra de lindos olhos
Na esquina o lenço puxava,
Em vendo brigão cadete
Logo o campo lhe largava.

Jurando um odio eterno
A turbulentas pancadas,
As que levei e as que dei
Foram só palmatoadas.

D'aqui, senhora, vereis
Qual eu tinha o coração,
Vendo o flagello da guerra
Dentro da minha nação.

Guerra, detestavel arte,
Escarneo da humanidade,
Que a rios de sangue humano
Põe nome de heroicidade!

Eu não vi em campo armado
Fuzilar cruenta espada,
Não vi contra inerme peito
Accesa bocca apontada.

Mesmo entre os caros penates
Acerbos males soffria,
Uns effeitos da verdade,
Outros da melancolia.

Já me suppunha marchando
Com ferrugenta espingarda
Um dos burlescos soldados
Da herege paizana guarda.

Arrostando ventos frios,
Me pintava a fantasia
Constipada sentinella
Á porta da cordoaria.

Outras vezes junto á minha
Suppunha immiga fileira,
Pedindo com arma á cara
Castiçaes e cafeteira.

Vi a desgrenhada irmã
Entre fiscaes atrevidos,
Ir tirando das roupinhas
Os talheres escondidos.

Vi feroz barbaro esbirro
Alçando fataes despachos,
Para levar-me depressa
Os meus vagarosos machos.

Vi com peito enternecido
Meu alvar, mas bom rapaz,
O qual veiu despedir-se
Com seu tio capataz,

Grossos sapatos ás costas,
Russo chapeo desabado,
O louro nascente buço
De grato pranto banhado,

Chorar sobre a mão amiga,
Que lhe leva para a terra
Niza tal, que parecia
Já um effeito da guerra.

Contra mim ía em Galliza
Dar ao matador fuzil
Pobres hombros que cresceram
Debaixo do meu barril.

Entretanto illustre mão
Ditosamente alcançava
Fazer-me cessar os males,
Que eu via, e que imaginava.

A paz, a fugida paz
Ás suas vozes cedia,
E para os campos de Marte
As brancas azas abria.

Em quanto formosos dias
Os mansos ares fendendo,
A acabar-lhe a digna obra
De outros ceos nos vem descendo,

Abraçae, senhora, o esposo,
Cujas razões ponderosas
Mortaes sustos dissiparam
A tantas mães lacrimosas.

Cinjam demorados braços
O feliz consorte amado,
Que entre nos illustres tectos
De oliveira coroado.

Saudosa gentil esposa
Isto ao vosso filho faz,
Deu-lh'o uma vez o hymeneo,
Outra vez lh'o dê a paz.

Em quanto as mercês d'Augusto
Lhe honram o util talento,
E pelas mãos da justiça
Lhe coroam o merecimento;

Em quanto em sonora lyra
Lhe daes gratos tributos,
Cantando da paz dourada
Serios vantajosos fructos;

Eu, a quem já voltam costas
As fugitivas Camenas,
E que só imito a Horacio
Nas libações a Mecenas;

Levantando em limpo copo
Sumo de maduros cachos,
Brindo a mão que torna a dar-me
O meu gallego e os meus machos.

E n'elles, no unico passo,
De que sei que são capazes,
Sairei apregoando
Os elogios e as pazes.

Resposta a uma carta, que em boa poesia citava o auctor por uns versos que tinha promettido

A tua polida carta,
Que honrou um poeta raso,
Escripta em pura linguagem,
E assignada no Parnaso;

Da mais injusta ambição
Traz testimunhos fieis;
Possues grossos thesouros,
E citas-me por dez réis?

Quem do doce Anacreonte
Bebeu o estilo divino,
Quer prostituir seus olhos
Co'as trovas do Tolentino?

Pago, em fim, divida louca;
Mas quem quer pontualidade,
Cuide tambem em pagar
As dividas da amizade;

Sabes que intento imprimir;
E porque o povo não fuja,
Sabio amigo, emenda, risca,
Põe sabão na roupa suja:

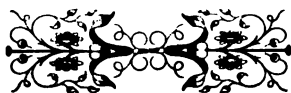
Não te vendo falso incenso;
És juiz da confraria;
Oxalá que altos negocios
Se tratassem em poesia;

A paz, a fugida paz,
Voltára seu alvo collo;
E dera brandos ouvidos
A branda lyra de Apollo:

Resiste humana cabeça
Á mais discreta razão;
Mas ao poder da harmonia
Não resiste o coração:

Faze, pois, o que eu te peço;
Que inda que ha votos diversos,
Se lhe pões a tua lima,
Quem morderá nos meus versos?

Dá-lhe, depois, teus louvores;
Comprará toda Lisboa,
Se uma vez te ouvir dizer:
«Que comprem, que a obra é boa.»

Farta-me a bolsa; e se queres
Ver tambem minha alma farta,
Manda riquezas de Athenas
Embrulhadas n'outra carta.

Tendo mandado uma dama ao auctor vinho da Madeira, com uma carta em boa poesia

Um humilde admirador
Da vossa bondade, e estilo,
Beija a carta preciosa,
Que veiu honral-o, e instruil-o:

Desde hoje, do mestre Horacio
Minha alma a lição escusa;
Quiz a minha bemfeitora
Ser tambem a minha musa:

De fino licor mandastes
A minha cava prover;
A vossa mão generosa
Sabe dar, como escrever:

Á parca mesa assentado,
Em vinho, e carta pegava;
Ia bebendo, ia lendo,
E tudo me embebedava:

Deixo o velho Anacreonte,
Hoje mettido a um cantinho;
Sua mesa nunca teve
Tão bons versos, tão bom vinho:

Se os teve, vós os roubastes
Por minha felicidade;
Já cá tem o vinho, e os versos
Quem d'elle só tinha a edade:

Das escumas do Madeira
Vejo nascer a alegria;
Com as azas afugenta
A minha melancolia:

Já se perturba a cabeça;
Já tenho emprestadas côres;
Já começam a esquecer-me
As molestias, e os credores:

O tal Horacio enganou-se;
Não conheceu a parreira;
Não se chamava Falerno;
Se era bom, era Madeira:

É bom, mas tira o juizo;
Mandae-mo, em vez de o beber;
Não se arrisque n'este jogo
Quem tem tanto que perder.

Pedindo-se ao auctor uma glosa

Menino, dizer finezas,
Só o proprio pretendente;
Amor não póde imitar-se,
Só o pinta quem o sente:

Se adora alguma Nerina,
Se é para ella a tal glosa,
Que vão fazer os meus versos,
Onde está a sua prosa?

Além d'isso, essa figura,
Faces tenras, e córadas,
Fallam mais discretamente,
Que mil cantigas glosadas;

Lenço nas pontas bordado,
Cipó, tisicas fivelas,
Sobre um corpo assim talhado,
Se eu gósto, que farão ellas?

Versos são mui fracas armas
Para vencer corações,
É clara a letra redonda,
Leia a vida de Camões:

Sua divina poesia
Teve mui curtos poderes;
Trataram-no mal os homens,
E inda peior as mulheres:

Pois entra de amor na estrada,
Siga n'ella outro farol;
Embuce-se a uma esquina,
Soffra chuva, soffra sol:

Erga alli o altar do amor;
Queime alli humilde incenso;
Suba ao alto do capote
Branco, alcoviteiro lenço:

Que importa que os sapateiros
Dêm assobio insultante,
Se os negocios vão marchando
Com passadas de gigante?

Cem vezes na mesma tarde
Pize esbelto a feliz rua;
Alheias cadeias de aço,
Relogio de hollanda crua:

Vá por aqui, que por versos
Dá em vão loucas passadas;
São divertimento inutil,
São as historias das fadas:

Inda que para cantal-os
Lhe désse Garção a lyra,
Como hão de crer-lhe verdades
Na linguagem da mentira?

Seja acerrimo chorão;
Pranto entendem raparigas;
Faça em lagrimas seu fundo,
E não o faça em cantigas:

Palêe co'estes remedios,
Pois não tem o verdadeiro;
É elle (aqui em segredo)
O milagroso dinheiro:

Mas se teima em pedir versos,
E conselhos não supporta,
Então perdoe, meu menino,
Póde bater a outra porta.

De tão alto voto espero,
Que geral favor me traga
A uns versos, que antes de lidos
Tiveram tamanha paga.

Ao favor de m'os pedirdes,
Honra, que eu não merecia,
Ajuntastes o thesouro
De m'os pedir em poesia:

Que faceis, que amenos versos!
Trazem das musas o bafo;
A moral os faz ser vossos,
Que quanto ao mais são de Sapho:

Só na pintura dos annos
Errou essa mestra mão,
Porque inda que era em poesia,
Foi puxar muito a ficção;

A doce, egual harmonia,
A imaginação fogosa,
Depozeram contra vós,
E vos chamam mentirosa.

Se occulto, physico acaso
Branqueou uns fios de ouro,
Vosso vingador Apollo
Os cobre de myrto, e louro:

Quem marcha ao lado das Graças,
Não sabe o que é fria edade;
Deixae-me dizer a mim
Essa funesta verdade;

É em mim que o voraz tempo
Já empolgou a mão forte;
Se inda me mexo em poesia,
É já co'a ancia da morte;

Cedo raivosos credores,
A quem não curei as chagas,
Darão a meus frios ossos,
Em logar de pranto, pragas;

E outros, a que a carapuça
Mesmo, sem mira, não erra,
Dirão com gosto ao coveiro
«Enche-lhe a bocca de terra.»

Mas tudo perdoarão
Minhas sepultadas cans,
Se de cypreste as cobrirdes
Vós, e as vossas oito irmãs.

Ao juiz do crime de Andaluz dando-lhe este parte que estava para casar e mostrando-lhe versos que fizera á noiva

Manoel, muda o cuidado,
Abafa essa chamma ardente:
Não falla um são a um doente;
Falla-te outro exp'rimentado.

Já servi ao deus do engano,
Forte com forças alheias,
Passei nas suas cadeias
Apoz um anno outro anno.

Prometteu-me alto favor;
Mas sabe, pois que começas,
Que o que tive das promessas
Foram lagrimas e dor.

Não te deixes enganar
Do rosto brando, e sereno:
Tempéra em riso o veneno;
Afaga para matar.

Com mil modos attractivos
Chama a cega, e incauta gente:
Lança-lhe dura corrente,
E escarnece dos cativos.

Como trata os infelizes,
Que andou outr'ora amimando,
Meu peito to está mostrando
N'estas frescas cicatrizes.

Até em cousas de peta
Quer mostrar o seu rigor:
Faz entrar n'um prosador
A mania de poeta.

Mas esses laços que trazes,
Dom d'esse deus inimigo,
Talvez que sejam castigo
D'outras prisões, que tu fazes.

Fere a muitos tua mão,
Inda que tanto a reprimes,
E vens a pagar teus crimes
Com pena de Talião.

Aconselhando a um cabelleireiro que debuxava e tocava bandolim, que não continuasse a fazer versos

Pois que o talento inquieto
Até em poesia provas,
E queres ás mais desgraças
Ajuntar desgraças novas;

Pois que em galantes cantigas
Teu rival puzeste raso,
E coroado de trovas
Vás entrando no Parnaso;

Quero em trovas avisar-te,
Que ha baixíos n'esta barra;
Vou ser prégador trovista,
Vou ser um novo Bandarra;

A occupação do poeta
É nobre por natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os d'este são a pobreza:

Os dentes do bom Camões
Sejam fieis testemunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não acharam senão unhas:

Depois que seus frios olhos
Se fecharam no hospital,
Logo as filhas da memoria
Lhe ergueram busto immortal:

De que serve honra tardia?
Bem sei, que o rifão vem torto;
Mas faz lembrar a cevada,
Que se deu ao asno morto:

Só as musas o choraram;
E o enterro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O do João Xavier.

Homero, o divino Homero,
Honra de antigas edades,
Por cujos inuteis ossos
Brigaram sete cidades;

Doces versos recitando,
Pela Grecia discorria;
Tinha os thesouros de Apollo,
E esmola aos homens pedia.

Mas se de auctores antigos
Tens tido pouco exercicio,
Eu te aponto um bem moderno,
E até do teu mesmo officio:

Foi este o famoso Quita,
A quem triste fado ordena,
Que a fome lhe traga o pentem,
E da mão lhe tire a penna:

Em quanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu espirito sublime
Sobre o Parnaso se erguia:

Cozendo sobre o joelho
Em dura, falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes, e Ferreira:

Mil vezes travêssas musas
Da baixa obra o desviam;
E mostrando-lhe o tinteiro,
Pós, e banha lhe escondiam:

Mas de que servem talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais, que cem sonetos,
A peior penteadura.

Amigo, vamos errados;
Escolhemos muito mal;
É o fado dos poetas
Não professarem real:

Péga no pardo baralho,
E sobre a cama assentado,
Fisga as biscas conhecidas
Ao parceiro descuidado:

Póde uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero.

Matando boçaes tafues,
Váe mexendo os papelinhos,
Nem poupes no cadafalso
As gargantas dos sobrinhos.

Em lhe vendo uma de seis,
Arma-lhe os laços viscosos;
Antes que lhe cáia a xina
Na ceira dos laparosos: [1]

Imita ondados cabellos
C'o rubro lapis na mão;
Estas pinturas dão xina,
As da poesia, não:

Se em roda de louras ninfas
Giram em torno teus ais,
Em quanto lhes deres versos,
Acharás sempre vestais:

Fallo como experimentado;
Fallo com peito sincero;
Póde uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero.

No sonoro bandolim
Fortuna as armas te deu;
Não ha dama que resista
À moda do Melibêu:

Toca-lhe mil contradanças;
Mas se não tiverem dom,
Entre ellas não sevandijes
O Fidalgo Cotilhom. [2]

N'estas cousas é que eu creio;
Poesia é mal fadada;
Assenta, amigo Luiz,
Que nunca serviu de nada:

1) Figos passados.
2) Contradança assim chamada

Poucas damas a conhecem;
Se a pedem, e se a festejam,
Gostam do que não entendem,
Pedem o que não desejam:

Inda que por moda querem,
Que lhes repitam versinhos,
Tem por modas de mais gosto
Convulsões, [1] e josésinhos:

Uma Venus me pediu,
Por quem inda eu hoje peno,
Que lhe fizesse um soneto,
Inda que fosse pequeno:

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da força,
És o tyranno do mundo.

Amigo, escolhe um paralta,
Corpo esbelto, perna tesa,
O chapéo tocando as nuvens,
As fivelas á malteza;

Ornem-lhe louros canudos,
Pendentes com egualdade,
Tenras faces, onde moram
A saude, e a mocidade;

Chegue á bocca rubicunda
Cheiroso lenço anilado;
Dê bilhetinho discreto,
De uma novela furtado;

Põe da outra parte um ginja,
Fivela de ouro no pé,
Bom vestido de lemiste,
Boa meia grudifé;

1) Certo vestuario.

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo.

Com òculos no nariz,
Mas com a penna na mão,
Assignando vinte letras
Para Londres, e Amsterdão;

E dize-me, qual assentas,
Que será o mais querido?
Aposto que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido?

Amigo, tenho acabado
O meu comprido sermão;
Préguei-te as altas verdades,
Que trago no coração:

Abre mão das poesias,
Que nenhum prestimo tem;
E cuida em solidos meios
De ganhar algum vintem:

Se dizes, que contra os versos,
Em verso uma carta ordeno,
E que aqui me contradigo,
Praticando o que condemno;

A teu forçoso argumento
Respondo com frei Thomaz;
Faze o que o prégador diz,
Não faças o que elle faz.

Sendo o auctor convidado para ouvir cantar uma senhora

Nunca vi essa senhora;
Mas para saber que encanta,
Ou seja bonita ou feia,
Basta-me saber que canta.

Tambem não sei do seu genio;
Mas ainda a ser feroz,
Não importam más palavras,
Se ella tiver boa voz.

Inda no caso de feia,
Por cantar agradaria,
Muitas vezes vôa amor
Sobre as azas da harmonia.

Mas da tal nympha encoberta
Que alma ficará segura,
Se além do dom da harmonia
Tiver o da formosura?

Falle n'isso quem o sabe,
Que em mim só falla o desejo;
Por minha grande desgraça
Nem a ouço nem a vejo.

Só sei que, se tem amores,
Não lhe ha de fazer traição:
Quem é Candida no nome
Deve-o ser no coração.

Desculpando-se o auctor de não ir a uns annos

Senhora, em honra do dia,
Esforçando a mão pesada,
Tomo a lyra, ha longo tempo
Ao silencio consagrada;

E em quanto lhe alimpo as cordas,
Que bolor aos dedos dão,
E atarantadas aranhas
Despejando o bêco vão;

C'os olhos ao ar alçados
A minha musa pedia
Me désse sonoros versos,
Dignos de Apollo, e do dia;

Que me ensinasse a louvar
O ditoso nascimento,
Que ao vosso brilhante sexo
Trouxe mais um ornamento;

Que pintasse a loura Venus
Vosso rosto bafejando;
Que me mostrasse as tres Graças
O rico berço embalando;

Que me ensinasse a cantar,
Cingida a testa de loiro,
Uns claros, triumphantes olhos,
Uns finos cabellos de oiro;

Que me fizesse augurar,
Rasgando ao futuro o véo,
Amor consagrando as settas
Nos altares de Hymeneo:

Mas as musas, como as nymphas,
Tem para mim os pés mancos;
Fogem de trémulas vozes,
Tremem de cabellos brancos:

Fiquei, pois, desamparado;
E merecendo desculpa,
De não vos mandar bons versos,
Peço perdão, sem ter culpa;

Sei que devia ir pedil-o
Respeitoso e diligente;
Mas impede-me essa honra
Um defluxo impertinente;

E quem em casa traz botas,
E vinte xaropes bebe;
E, quando sáe, sáe mettido
N'uma loja d'algibebe;

Que pintasse a loura Venus
Vosso rosto bafejando;
Que me mostrasse as tres Graças
O rico berço embalando.

Se fosse em tempo invernoso
Entrar na illustre assemblea
Com leve, ingleza casaca,
Fina, transparente meia;

Sem acabar comprimentos,
Logo o corpo arripiado,
Gelada a voz sobre os beiços,
Caíria constipado;

E o Marcos, largando os bules,
Pondo o velho em quentes pannos,
Entre os applausos dos vossos
Praguejaria os meus annos:

Vossa bondade não quer
Pôr o cortezão em risco,
De ir com habito de Christo,
E vir no de São Francisco:

Acceitae d'ahi meus votos;
D'aqui a mão vos beijei;
E dos doces que não como,
Domingo me vingarei;

Darei escumantes copos
Ao perum e aos môlhos seus;
Brindarei os vossos annos,
Tratando mui bem dos meus.

Offerecendo um perum em casa onde todos os domingos davam ao auctor este prato

Senhora, tambem um dia
Entrarei co'a frente erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida;

Nem sempre abatido pejo
Dirá n'esta cara feia
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia:

Airoso, gordo perum,
É meu soberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;

No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;

A russa, magra Josefa, [1]
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defuncto marido:

O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha vistas sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda cana
O seu pupillo guiava;
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava;

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos mezes,
Me disse, que o trouxesse eu.

Eu o trago; a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida uma usura,
Maior, que a da meia sena. [2]

Com um sorriso acceitae
O atraiçoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.

1) Criada.
2) Partido de jogo.

Curae todos os domingos
A minha doença interna;
Sobre a mesa milagrosa
Seja esta ave, uma ave eterna:

De outra que finge a poesia,
Trocae em verdade a peta;
E seja um negro perum
A phenix d'este poeta:

Na ondada, pia toalha,
Co'a benção da vossa mão
Seus frios, despidos ossos,
De carne se cobrirão:

Consenti, que este ôco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em si colloque
A mór parte do milagre;

Quanto ao padre prégador, [1]
Meu voto é não convidal-o;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que prégal-o.

1) Capellão da casa.

Agradecendo alguns pratos, que despertaram a vontade de comer

Senhor, a dada perdiz,
Accrejada e fresquinha,
Veiu emendar os estragos
Da enjoativa gallinha:

Esta ave é sempre odiosa
A melancolicos dentes;
Faz lembrar ultimos caldos
De já perdidos doentes:

É, além d'isto, um cruzado
Fugido do mealheiro;
Este meu mortal fastio
Custou rios de dinheiro:

Mas da vossa lauta mesa
Bocados medicinaes
Foram tão bem applicados,
Que me curaram de mais:

Venceu vosso cozinheiro
O tal fastio cruel;
Meu estomago já pede
Meças com frei Manuel:

Mas, senhor, vossa piedade
Váe ser-vos um dom fatal;
Quizestes fazer um bem,
Que redunda em vosso mal;

Fizestes nascer a fome,
E a fome pede mantença;
Se a deixaes entregue a mim,
Póde morrer á nascença:

A vossa filha amparae;
Não é de peitos honrados
Pôr as suas creaturas
Na roda dos engeitados.

Em soando as duas horas,
Sabei que esta cara minha
Tem longos, ávidos olhos,
Fitos na vossa cozinha:

Eu não vou, porque inda fraco,
Indo arrostar ar delgado,
Antes de matar a fome,
Morreria constipado.

Outro agradecimento aos pratos que abriram o appetite

Senhor, assim que eu largar
A baetal fatiota minha,
Vou beijar as pias lágeas
Da vossa farta cozinha:

Não foi attento hespanhol, (1
Receitando amarga quina,
Quem venceu meu mal co'as armas
Da fallivel medicina;

Vós sabeis traçar receitas
Mais gratas, e mais felizes:
Curaram-me oppostos males
Bem applicadas perdizes;

Umas o appetite abriram,
Outras socego lhe dão;
Sararam as duas chagas
C'o pello do mesmo cão.

Dizem linguas inimigas,
Que esta doença é ficticia;
E os praticos do meu pulso
A capitulam malicia,

1) Medico.

Que em meu capote abafadas
Estas guelas felizes,
Em vez de cozerem lymphas,
Estão armando ás perdizes.

Senhor, não devo atalhar
Este conjurado assedio;
Porque era provar doença,
Ingratidão ao remedio;

Só digo, que não ganhaes,
Dando ouvido ás vozes suas;
Aqui daes-me uma perdiz,
E se lá vou, tiro duas.

Estando o auctor doente e mandando pedir algum prato á mesa aonde jantava um leigo arrabido vesgo, que nunca teve fastio

Um estomago cançado,
De cuja antiga ruina
Tem sido causas eguaes
A molestia e a medicina;

Que tendo em si dos tres reinos
As perigosas heranças,
Só não bebeu das boticas
Os São Migueis, e as balanças;

Um estomago sem forças,
E ás leis geraes infiel,
Que não trabalha em diamante,
Como o de frei Manuel;

Que não tem, como este padre,
Tanta fome obediente;
E olha já para a gallinha
Como elle olha para a gente;

Para emendar semrazões,
Que faz arte e natureza,
Váe, fugido das boticas,
Acoutar-se á vossa mesa:

Mil vezes por outra causa
Teve a honra de buscal-a;
Indo então por matar fome,
Váe hoje por despertal-a:

Perdiz, ou branda vitella,
São d'este remedio o nome;
Da vossa esplendida mesa
Seja elogio uma fome;

E porque o padre o não saiba,
Será a melhor cautela,
Mandar tirar a iguaria
Quando elle olhar para ella.

A uma preta que pretendia que a obsequiassem.

Domingas, debalde queres,
N'esse canto da cozinha,
Vencer a invencivel teima
Da rebelde carapinha:

Em vão te arripia a frente,
De que zomba o deus de amor,
Alvo côto de pomada,
Furtado do toucador:

Debalde tufado laço
De atadeira fita ingleza
Te assombra a lêveda pôpa,
Riçada por natureza.

Debalde altêas as ancas,
Esguias, e enganadoras;
Co'as velhas algibeirinhas,
Que vão deixando as senhoras:

Amor, fingindo dotar-te,
Te poz, com traidora mão,
Junto dos dentes de neve,
Faces tintas de carvão.

Inda que ancião pesado,
Desprézo teus vãos intentos;
Debaixo de murchas cans
Nutro altivos pensamentos:

Vejo a quebrada madeixa
Já tornada em gelo frio;
Tudo o tempo me levou,
Mas não me levou o brio.

Debaixo da zona ardente
Jurar-te-hia amor e fé;
Mas não tem culto na Europa
As deidades de Guiné:

Se ás vezes te ponho os olhos,
Não é de amor signal certo;
São desejos de levar-te
Á casa de João Alberto. (1

A engommada casaquinha
Te descobre novas faltas;
Para outro corpo foi feita,
Dizem-no as feições mais altas.

Já n'outros pés teus sapatos
Soffreram do tempo o açoite;
Cançada, fendida seda,
Mostra dedos côr da noite.

1) Comprador e contratador de pretas.

E pois que a amor queres dar-te,
Eu te aponto um chafariz,
Onde aches dignos amantes
Assentados em barris:

Acharás o pae Francisco,
Homem a bulhas contrario,
Já duas vezes juiz
Na irmandade do Rosario:

Acharás o forro Antonio,
Que o tabaco e vinho enjoa;
E tem nos calmosos junhos
Caiado meia Lisboa:

Verás esbelto crioilo,
Dado ao vento o peito nú,
Levantando airosos saltos
No manejo do bambú;

Que ávidos cães enxotando,
Tem, com braço arregaçado,
Nas ermas praias do Tejo
Cem cavallos esfolado.

N'estes, vaidosa Domingas,
Assenta bem teu amor;
Chovam settas de teus olhos
Em peitos da tua côr:

Vãe da janella da escada
Acolher, com doce agrado,
Os suspiros que te enviam,
Ao som do londum chorado;

E deixa de atormentar-me
Com tuas loucas idéas;
Tambem sinto dores proprias,
E escuto pouco as alheias.

Sim, Domingas, nós marchâmos
Na mesma infeliz estrada;
E do amor, que eu te não pago,
Assaz estás bem vingada:

Tu puzeste em mim teus olhos,
E eu fui pôr em Marcia os meus;
Que me paga mil extremos,
Assim como eu pago os teus:

Marcia, que em alçando os olhos,
Mil settas n'esta alma crava;
E em cuja casa tu tens
A dita de ser escrava:

Tens-me a mim por companheiro;
Temos o mesmo senhor;
Tu, por casos da fortuna,
Eu, por castigo de amor:

E pois que eu não posso amar-te,
Seguirás melhor esteira,
Se de meus ternos suspiros
Quizeres ser mensageira:

Em vendo que ella está só,
Váe-lhe expor a paixão minha;
Eu peço a amor, que entretanto
Tome conta na cozinha:

Amor lavará teus pratos,
E escumará a panella,
Em quanto tu a seus pés
Dizes, que eu morro por ella:

Teus grossos, trombudos beiços,
Lhe vão expor meus cuidados;
Hão de ser melhor ouvidos,
Que sendo por mim contados:

Pinta-lhe as lagrimas tristes
Em que meu rosto se lava;
Por um infeliz captivo
Peça uma ditosa escrava:

Dize-lhe, que não se assuste
De meu cabello nevado;
Jura-lhe que não são annos,
Mas penas, que me tem dado;

Que a causa das minhas rugas
É o seu desabrimento;
E váe da minha velhice
Fazer-me um merecimento.

Ah Domingas, se em seu peito
Me fazes achar piedade,
Tambem eu juro fazer
A tua felicidade;

E pois que o teu coração
Sómente é baixo, e grosseiro,
Em preferir liberdade
A tão feliz captiveiro;

Por amor serei mesquinho;
Meus gastos verás cortar;
Para ajuntar-te quantia
Com que te possas forrar:

Cheia de teus beneficios
Minha mão agradecida
Te irá pôr em larga praça
Rendoso modo de vida;

E assentada em novo estrado,
De fasquiada madeira,
Ondeando ao som do vento
Tremulo tecto de esteira,

Teus negros, airosos braços,
Chocalhando um assador,
Encherão famintos peitos
De castanhas, e de amor:

Terás bojudas tigelas
Sobre incendidos tições,
Onde fervam em cardumes
Saborosos mexilhões:

Teus doces, sonoros echos,
Sem mentir, apregoarão
O azeite de Santarem,
O cravo do Maranhão.

Domingas, segue este rumo;
Que teu amor reloucado,
Sem te fazer venturosa,
Me deixa a mim desgraçado;

E se sem dó dos meus ais,
Teimas nos projectos teus,
Fallando nos teus amores,
Em vez de fallar nos meus;

Trocando boa amizade
Por entranhado rancor,
Vou descobrir teus intentos
A teu austero senhor;

Que em zelo honroso inflammado,
Sem ser preciso atiçal-o,
Váe a casa do Lagoia [1]
Trocar-te por um cavallo.

1) Comprador.

Na occasião em que o auctor ia ver o Varatojo

Meu amigo, duro amigo,
Fatal, rigido banqueiro,
Motivo dos meus pezares,
Herdeiro do meu dinheiro;

Em taes termos me deixaste,
Que sou d'este rancho o nojo,
E co'as lagrimas nos olhos
Parto para o Varatojo;

Por ti filho da pobreza,
Irei ser n'aquelle mato,
Qual foi São Sebastião,
Não na vida, mas no fato;

Váe tu seguindo a fortuna,
E leva a bandeira alçada,
De tarde na laranginha,
A noite na arrenegada;

Até que voltando a roda,
Mande teu fado inimigo,
Que deixes crescer as barbas,
E venhas viver commigo:

Vem, e traze o teu baralho,
Ministro dos meus destroços;
Farei do vicio virtude,
Apontando a Padres-nossos;

Vem viver entre altas brenhas;
Vem curtir as minhas dores;
Traze o pranto dos parentes,
Traze as pragas dos crédores.

Não, falla vão agoureiro,
De cujas palavras rias;
Meus trabalhos me fizeram
Mestre n'estas prophecias.

Não te fies em ventura;
Quem joga, tem o meu fim;
Outrem te dará os gostos,
Que tu me tens dado a mim.

A uns olhos

Os teus vencedores olhos,
Que honra á natureza dão,
São a obra mais perfeita,
Que saíu da sua mão.

Cáem chuveiros de settas
Sobre mil adoradores,
Quando alçam as pestanas
Teus olhos encantadores.

Seu olhar modesto e brando,
Sua grave formosura,
Ainda em peitos de bronze
Inspiraria ternura.

Mas da ingrata natureza
Deseguaes as obras são;
Que importa dar-te bons olhos
Se te deu máo coração?

Zombando de ternos ais,
A teus pés vês derramar
Puras lagrimas ardentes,
Que não queres enxugar.

Marcia ingrata, ouve os meus votos,
Cede uma vez á razão;
O mal que fazem teus olhos
Pague-m'o o teu coração.

Mas fallo a surdos ouvidos;
A natureza severa,
A quem deu olhos d'um anjo,
Deu o peito d'uma fera.

Á esquivança de Laura

Coração triste, em que cuidas?
Que é d'ella a tua alegria?
Por que causa assim te entregas
Á negra melancolia?

A revezes costumado
Triumphavas da tristeza,
Hoje te vejo abatido,
Ver do dia a luz te pêsa.

Quanto amor é triste! Aquela!,
A quem com tanto alvoroço
Julgavas ser mór ventura,
Foi o teu maior destroço.

Antes Laura nunca víras!
Nem eu infeliz seria,
Nem seu peito delicado
Nota de cruel teria.

D'ambos a sorte contraria
Quiz dar causa a meus cuidados,
Ella soffre a minha teima,
Eu sinto os seus desagrados.

O peior é que eu não posso
Deixar jámais de adoral-a;
D'ella, quem sabe se amor
Inda poderá mudal-a.

Ah! que assim é que ella engana
Peitos desapercebidos!
Váe sustentando esperanças
Inda apesar dos sentidos.

Que monstro sou eu tão fero!
Duvido, maior nascesse;
Pois entre todos os homens
Só a mim Laura aborrece.

Mas não é esse o motivo,
É só minha dura estrella;
Logo quando nasceu Laura,
Por meu mal nasceu tão bella.

Em mim amor quiz vingar-se
Da falta d'idolatria,
Pois a adoral-o em seu templo
Eu não tinha entrado um dia.

Notou elle este desprezo,
E cheio d'enfado e d'ira
Aos olhos vôa de Laura,
E de lá feroz me atira.

Foi debalde a resistencia;
Depois das forças unidas,
Passou do peito á offensa,
Encheu-m'o de mil feridas.

Vingado logo se ausenta,
Sem que mais o odio deixasse;
Ah! que importava a victoria,
Se amor em Laura ficasse!

Desde então as crueis dores
Sinto no rasgado peito;
E se Laura me não vale,
Toda a cura é sem effeito.

Mas d'ella que esperar posso,
Se gosta do meu tormento?
O meu mal é sem remedio,
Em vão procural-o intento

Aos olhos vôa de Laura,
E de lá feroz me atira.

Eu bem sei que os seus desprezos
Servem de amor á vingança;
Mas talvez que inda elle mesmo
Castigue a sua esquivança.

Vale-se amor da belleza
Para castigar a offensa;
Mas não quer que o instrumento
Do seu poder não se vença.

Em fim, coração, já agora
Destinei a minha sorte;
Ou eu hei de vencer Laura,
Ou me dará Laura a morte.

Nas Caldas da Rainha

Nas Caldas, nas tristes Caldas
Alegria vim buscar;
Quiz de noite ver o sol,
Quiz achar fogo no mar.

Olhos meus, cansados olhos,
O vosso officio é chorar.

Que importa mudar de terra,
E baldados passos dar,
Se a toda a parte a que os volto
Váe comigo o meu pesar?

Vejo pallidos doentes
Pela copa passear,
Ouço de antigas molestias
Tristes effeitos contar.

Vejo nas férvidas aguas
Mirrados corpos banhar,
E debalde aos surdos ceos
Convulsos braços alçar.

Vejo de perdido pranto
Tristes ais acompanhar,
Com as lagrimas alheias
Vou as minhas misturar.

Que importa ver nymphas bellas,
Se acrescentam meu pezar?
Gostam de attrahir os olhos,
E as almas tyrannisar.

Ao som de feridas cordas
Dão doces vozes ao ar,
Quaes enganosas serêas,
Que cantam para matar.

Se o meu pobre coração
Se deixa uma vez tocar,
Com escarneos, com risadas,
Meu pranto vejo pagar.

Fartae-vos, pois, olhos meus,
De lagrimas derramar;
Vós nascestes para tristes,
E escolhestes o logar.

Olhos meus, cansados olhos,
O vosso officio é chorar.

Nas mesmas Caldas

Não ha nas Caldas
Melancolia,
Dão alegria
Os ares seus.

Negras tristezas,
Adeus, adeus.

Sára-me a terra,
E não as aguas:
Não curam magoas
Os banhos seus.

Uns lindos olhos,
Que o dia aclaram,
Afugentaram
Os males meus.

Brandos sorrisos
A furto dados
Fazem dourados
Os dias meus.

Se entra nos banhos
Marilia bella,
Entra com ella
O cego deus.

Alli tempéra
Nas aguas puras
As pontas duras
Dos ferros seus.

Enxuga as tranças
Da nympha loura,
E n'ellas doura
Os farpões seus.

Caldas ditosas,
Teu nome cresça,
Alça a cabeça
Até os ceos.

O pobre Anfriso,
Que estas calçadas
Deixou regadas
Dos olhos seus,

Hoje em triumpho
De seus pesares
Levanta altares
De Gnido ao deus.

Negras tristezas,
Adeus, adeus.

Lilia perjura

Voae, suspiros,
Nos vagos ares,
Unico allivio
Dos meus pesares.

Fostes de Lilia
Agasalhados
Quando o quizeram
Benignos fados,

Quando em seus olhos,
Throno das Graças,
Tinham abrigo
Minhas desgraças.

Hoje ensurdece
A meus clamores,
Toma por crime
Ternos amores.

Olhos piedosos
Lhe vi alçar,
Fieis amores
Lhe ouvi jurar.

Foram nas azas
Dos mansos ventos,
Os mentirosos,
Seus juramentos.

Rival ditoso,
Tens mal seguros
De Lilia os votos,
Votos perjuros.

Fragosas penhas,
Ermos rochedos,
Q'outr'ora ouvistes
Nossos segredos,

Guardae o nome
De Lilia bella,
E os vãos suspiros
Que eu dou por ella.

A uma ingrata

No sacro templo,
Que amor habita,
Minha alma afflicta
Fui immolar.

Na ruiva flamma,
Que silva ardendo,
A mão detendo
Jurei-te amar.

Fumoso sangue,
Mal findo o voto,
Do peito roto
Vi gotejar.

D'alma opprimida
A insana pena
Causou-lhe Helena
Que soube amar.

Nos fidos peitos
O morto lume
Negro ciume
Ia ateiar.

Vulcano fero
Ante Mavorte
O rival forte
Não póde olhar.

Dos desprezados,
Que soffrem tanto,
O rouco pranto
Feria o ar.

Aqui jaz Delio
Terno, e vencido,
Sem de Cupido
Premio alcançar:

De Daphne esquiva,
Com triste agouro,
Em verde louro
Viu transformar.

Pan segue a nympha,
Que tanto adora;
Seu fado chora
Vendo-a mudar.

De tenras cannas
Amor lhe manda,
Que a frauta branda
Vá fabricar.

Cercada Dido
De angustias fèas,
Ah falso Eneas!
Se ouve bradar.

Seus lindos olhos
Frouxos erravam;
Em vão buscavam
O vago mar.

Subtis enredos
De acerbo dano,
Bifronte engano
Eu vi tramar.

Por Thisbe bella,
Que busca errante,
Pyramo amante
Vae acabar.

Conhece a amada
O infeliz erro,
Ousa impio ferro
Em si cravar.

Serve-lhe a terra
De duro leito,
Vê-se-lhe o peito
Inda arquejar:

As pardas sombras
Que amor mistura,
Na Estyge escura
Vão aportar:

Desenrugando
A crespa fronte,
Ledo Acheronte
As foi buscar.

E eu combatido
De mil pezares
Vou pelos ares
A suspirar.

Sei ser-te amante,
Sem premios vivo,
Este o motivo
Do meu penar.

Vês mil exemplos,
E jámais pensas
Que póde offensas
Amor vingar.

Ah! sê piedosa:
As cruas penas
Torne serenas
Teu brando olhar.

QUINTILHAS

Memorial a sua alteza

Senhor, se não é injusto,
Que um triste afinando a lyra,
Entre esperanças e susto
As cançadas cordas fira
Ante vós, principe augusto;

Nos sons que ella der ao ar
Irão meus ais de mistura;
E dignae-vos de escutar
Desconcertos da ventura,
Que vós podeis emendar.

Em nada á verdade falto,
A dor me aviva a memoria;
E por não entrar de salto,
Deixae, senhor, que esta historia
Tome o fio de mais alto.

Entre faxas de pobreza
Meus tristes paes me envolveram;
Desde então, em crua empreza,
Contra mim as mãos se deram
A fortuna e a natureza.

Da terna mãe abraçado,
Fui em silencio profundo
Com triste pranto banhado;
Já antevia que o mundo
Tinha mais um desgraçado.

Meu bom pae debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz:
« Vem, ó victima innocente,
De um amor casto e infeliz:

« Toma os tristes cabedaes,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto e inuteis ais,
Entra na funesta herança
De teus desgraçados paes. »

Mas, senhor, é pouco aviso
Reaes ouvidos magoar,
Mudar de estilo é preciso;
E se a dor me der logar,
Unirei pranto com riso.

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando váe,
Pobre alfaiate visinho
De um capote de meu pae
Me engendrou um capotinho:

Talhando a obra, maldiz
A empreza que lhe incumbiram,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe caíram
Os oculos do nariz:

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas letras de almagre;
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre:

Colchete no cabeção,
Saí novo Adonis bello,
Figa no cós do calção,
Carrapito no cabello,
E um biscoitinho na mão:

Sobre sisudo gallego,
Que vasa barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego;
E em triste pranto lavado,
Á porta de um mestre chego:

Debalde o bom mariola
Dourava razões pequenas;
Minha dor não se consola,
Presagio talvez das penas
De outro tempo e de outra eschola.

Entre medos e violencia
Entrar no latim já posso,
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco e de sciencia:

D'entre o sordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos segredos
Do adverbio e conjuncção.

Era em grammatica abysmo,
Honrava o seculo nosso;
Porém de tal rigorismo,
Que poz na rua o seu moço,
Por lhe ouvir um solecismo.

Entre o Jota e o I romano,
Que differença se achasse,
Trabalhava havia um anno;
Obra que, se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!

Em quanto a minha alma emprégo
N'estas cançadas doutrinas,
Á dourada edade chego
De ir ver as vastas campinas,
Que banha o claro Mondego.

Co'as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos e medos,
Mãe e irmãs á adufa postas;
Choviam cruzes e credos
Sobre as minhas bentas costas.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras;
Já a catana emprestada
Cortava o vento e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quasi com carta de guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte.

Povo revoltoso e ingrato
Dentro em seus muros encerra;
Em vão de adoçal-o trato,
É um titulo de guerra
A chegada de um novato.

Pão amassado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que peior não a teria,
Se fosse estudar a Argel.

Soffri contínua tortura,
Soffri injurias e acintes;
Lancei tudo em escriptura,
E nos novatos seguintes
Fiquei pago, e com usura.

Da bolsa os bofes lhe arranco
No fresco pateo de Cellas,
Pedindo com genio franco
Doces, gratuitas tigelas
Do famoso manjar branco.

Sete annos de verde edade
Fui mettendo a déstra mão
Em multas d'esta entidade;
Chamou-se boa feição,
Mas era necessidade.

Achava-me sempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A sagaz economia,
Revoando nos telhados,
Ao conselho presidia.

Gemer em segredo pude;
Que o bom pae, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos correios
Novas da sua saude.

Quiz de taes ondas sair,
E algum bom porto aferrar;
Quiz ao publico servir,
E mandaram-me ensinar
As regras de persuadir.

Triste, enganosa sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falsos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalsos
A perseguida innocencia:

Que chega do peito ao fim,
Que arranca forçado pranto;
Mas, senhor, não é assim;
Esta arte, que louvam tanto,
Só me faz chorar a mim:

Pende da hora opportuna;
Sem ella verá rasgadas
As sôltas velas que enfuna;
Arrasta vestes douradas,
E é escrava da fortuna:

Não a vejo em mim frustrada,
Só porque pouca me coube,
De si mesma é mal fadada;
A lingua que mais a soube
Foi em Roma retalhada.

Dezeseis annos gastados
Já no ingrato officio vão;
Tristes versos, mal limados,
Puz na vossa augusta mão,
Em dor, e em pranto forjados:

N'elles, senhor, vos contei
As minhas longas fadigas;
Hoje o mesmo não direi,
Nem co'as lagrimas antigas
Os vossos pés banharei.

Para nova e justa dor
Peço hoje a vossa piedade;
Prestae-lhe ouvidos, senhor,
Funda-se na humanidade,
Merece o vosso favor.

Rotos os laços do mundo,
Entre palavras truncadas,
Que bem mostram d'alma o fundo,
Orfãs em pranto banhadas
Me entrega o pae moribundo:

«Filhas, já o espirito cáe;
Já o sangue gela, e cança;
Meus frios olhos cerrae,
Ahi tendes a vossa herança,
Ahi tendes o irmão, e o pae:»

Eu, entretanto, suspiro;
Sobre o pranteado leito
D'entre os braços o não tiro;
Quebrou junto do meu peito
O seu ultimo suspiro.

Senhor, de meios sou falto;
Mas do pae, que aos ceos subia,
Em nada aos preceitos falto;
Debaixo da campa fria
As cinzas me fallam alto:

Váe com mão egual cortado,
Entre os irmãos infelizes,
Pão com lagrimas ganhado,
Que, sem os fazer felizes,
Me deixa a mim desgraçado.

Se nos officios se approva
Haver augmento e progresso,
Não haja tarifa nova;
Não seja o meu duro accesso
Da cadeira para a cova:

Antes que me adorne a fronte
Barrete felpudo e denso,
E ao sol no alpendre do Monte,
Esfregando o crespo lenço,
Casos do meu tempo conte:

Antes que as forças se vão,
E que eu viva agasalhado,
Boldrié sobre o roupão,
N'uma botica sentado,
Vendo jogar o gamão:

Antes que entre vis sequazes,
Sendo victima irrisoria
De mil galopins vorazes,
Em logar da palmatoria,
Dê c'o bordão nos rapazes:

Tende dó do meu lamento,
Pois que benigno o escutaes;
A piedade, e o acolhimento
São dos corações reaes
O mais honroso ornamento:

Pobres, chorosos irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Não ergam desejos vãos;
Vejam na minha fortuna
A obra das vossas mãos:

Proteger a causa honesta,
Ter dos tristes dó profundo,
Trocar-lhe a sorte funesta,
Senhor, a gloria do mundo,
Ou a não ha, ou é esta.

Mas já longa narração
Váe levando longe a méta;
Já parece, e com razão,
Mais que papel de poeta,
Ou testamento ou sermão.

Minha dor me fez fallar;
Fiz queixas assaz compridas;
Dignae-vos de desculpar,
Que mostre o enfermo as feridas
A quem lhas póde sarar.

Memorial offerecido ao visconde de Villa-nova da Cerveira, depois marquez de Ponte-de-Lima

Se não desprezaes, senhor,
As valias que hoje levo,
Que são lagrimas e dor,
A supplicar-vos me atrevo
Queiraes ser meu protector.

Minhas supplicas não tem
Das leis o direito austero;
Apresentar-se hoje vem,
Não ao ministro severo,
Sómente ao homem de bem:

Vão sobre o dó e a verdade
Meus singelos rogos feitos;
É meu juiz a piedade,
Vem fundados meus direitos
Sobre as leis da humanidade.

Sá de Miranda, em quem vi
Que de Jove as louras filhas
Abrigára junto a si,
E em quem das doces quintilhas
Sómente a rima aprendi;

Quiz que um dia o seu bom rei
Perca com elle meia hora:
Menos tempo pedirei;
E alguns instantes agora
Commigo, senhor, perdei.

De mil trabalhos cortado,
E de longos annos cheio,
Pae tão velho, como honrado,
Pôr sobre os meus hombros veiu
Da pobre casa o cuidado.

«Acceita, ó filho, me diz,
Este peso triste e honroso;
Já ao ceo mil votos fiz,
Que possas ser tão ditoso,
Quanto eu fui sempre infeliz:

«Passei meus cançados dias
Sobre os mais filhos chorando;
Entretanto tu crescias;
Já de longe esperanças dando,
Que de pae lhes servirias:

«Na longa desgraça minha
Ternamente os abraçava;
Em doce paz os mantinha;
E muitas vezes lhes dava
Consolações, que eu não tinha:

«Filhos nascidos em dor,
Nascidos para infelizes,
Sou vosso pae só no amor;
Eu quiz deixar-vos felizes,
Ninguem acertou peior:

«Mas d'esta dor importuna
Sómente os fados culpae;
Quiz ser a vossa columna;
Intental-o é de bom pae,
Sel-o, ou não, é da fortuna:

«Triste velhice e pobreza
Tiram-me a obra da mão;
Toma tu, ó filho, a empreza,
Toma a honrosa obrigação,
Que eu te ponho, e a natureza:

«Queira o ceo que certas faças
As antigas esperanças
Do triste velho que abraças;
Que não deixa mais heranças
Que honra inutil e desgraças.»

A triste falla acabou,
Que nós em silencio ouvimos;
A todos nos abraçou,
Doces lagrimas lhe vimos,
Com que a natureza honrou.

Senhor, se a fiel pintura,
Com que a minha fraca mão
Esta scena vos figura,
Move em vosso coração
Sentimentos de ternura;

Animae o justo ardor,
Em que se accende o meu peito;
Fazei que eu possa, senhor,
Ser do paternal preceito
Um fiel executor.

Se eu dar cumprimento quiz
A quanto o bom pae dispunha;
Se em fim, quanto pude, fiz,
Sêde vós a testimunha,
Como fostes o juiz.

Moças irmãs desvalidas,
A quem dou pobre sustento,
Foram por vós deferidas;
Vivem em santo convento
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado
Lhe váe da singela mesa
Com sãos desejos mandado.

Quem tem riqueza infinita,
E farta aos seus os desejos,
Só de máo o nome evita;
Ninguem deve ter sobejos,
Em quanto ha quem necessita;

Mas eu pobre e desgraçado,
Sou dos irmãos a columna;
Sou infeliz, mas honrado;
Dom acima da fortuna,
Por isso o não tem levado.

Austera philosophia
Dentro de meu peito mora;
Sendo eu só, a seguiria;
Mas triste familia chora
Pelo pão de cada dia.

De inuteis lagrimas cruas
Ver os sobrinhos banhar
As mimosas carnes nuas,
E ir sómente misturar
Minhas lagrimas co'as suas:

Era dar-redea á impiedade,
Com que a desgraça os opprime;
Pelas leis da humanidade
Não está longe do crime
Uma ociosa piedade.

Dáe-me vós, senhor, a mão,
E n'esta obra ajuntemos,
Vós poder, eu coração;
Uma familia tiremos
De miseria e de afflicção.

Nosso bemfeitor sereis;
E matando crua fome,
De bom pae nos servireis;
De pae o sagrado nome
Na bocca nos ouvireis;

Não usar palavras dobres,
Não ajudar com mão parca
Os desvalidos, e os pobres,
É, senhor, a honrosa marca
D'almas, como a vossa, nobres.

Mas onde as vélas enfuno?
Talvez já tenho abusado
Do escasso tempo opportuno;
Fez-me a sorte desgraçado,
Mas não me faça importuno.

São magoas, vim repetil-as,
Possa a piedade escutal-as;
Gastareis, depois de ouvil-as,
Menos tempo em consolal-as,
Do que eu puz em referil-as.

Memorial offerecido a D. Diogo de Noronha, depois conde de Villa-verde

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — As proveitosas lições dos nossos dois portuguezes, Bernardim Ribeiro, e Francisco de Sá de Miranda, com que v. ex.ª fazia uteis ao seu espirito aquellas horas que a natureza, e muito mais a molestia, lhe tinham destinado ao descanço do corpo, crearam insensivelmente no meu coração amor a esta especie de poesia, na qual os seus auctores souberam tratar a alteza dos pensamentos, e de solida philosophia de que vão cheios os seus livros, em um estilo facil e desaffectado, e em uma linguagem verdadeiramente portugueza, que parece fugiu de nós com os bons auctores, que então a fallaram.

V. ex.ª me fazia a honra de mandar que eu lhe lêsse estes dois preciosos livros; e a musa, que preside ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou em quintilhas, e carregou de moralidades, talvez intempestivas, o memorial, que ponho nas mãos de v. ex.ª com muito respeito, e com muitas esperanças.

Os meus versos, que nunca foram bons, soarão agora muito peior nos ouvidos de v. ex.ª, bem costumados áquellas doces poesias, as melhores que no seu genero ennobreceram o nosso bom seculo de quinhentos; mas como n'este papel faço a figura de poeta e de pretendente, contento-me de que v. ex.ª já que não póde achar doçura nos meus versos, ache justiça no meu requerimento; e espero do seu benigno coração, que o homem infeliz ache hoje aos pés de v. ex.ª aquelle acolhimento, que não deve esperar o mau poeta. Isto deseja, senhor, e isto espera de v. ex.ª o criado mais humilde e mais venerador.

Luctando em crua peleja
Com meu fado esquivo e duro,
Que derribar-me deseja,
Busco um asilo seguro
Na illustre casa de Angeja:

A tão bom porto acolhido
Me vêdes, senhor, diante,
Qual c'o molhado vestido
Surge triste naufragante,
Quasi das ondas comido:

A vossos pés ajoelho,
Moço illustre, amparo nosso,
Que dentro em real conselho,
Mostraes com annos de moço,
Maduro saber de velho:

Ministro prudente e inteiro,
Que no tribunal entrando,
Por dar o passo primeiro,
Vos ides já costumando
A ser de reis conselheiro:

Amparar os desditosos,
Dar aos caídos a mão,
Pôr n'elles olhos piedosos,
É antiga obrigação
Dos grandes e poderosos:

Em douto livro aprendi,
Que o grande ao pequeno erguia;
Não nasce homem para si;
Tão santa philosophia
No Sá de Miranda a li:

Pois que corre em vosso peito
Sangue que de reis correu,
Para fazer bem sois feito;
Vossa grandeza me deu
Sobre vós este direito:

Fazer com que um triste possa
Por vós mais feliz viver;
Ter dó da desgraça nossa,
É o sublime prazer
D'almas grandes, como a vossa:

Em vós mesmo aprender vim
Principios d'esta doutrina;
Para a levardes ao fim,
Achareis materia dina,
Illustre senhor, em mim:

Não achaes um malfeitor,
Que fuja ao justo castigo;
Não infame matador,
Que em peito do bom amigo
Cravasse punhal traidor:

Achaes sim um desgraçado,
Que seus males vos descobre;
E em quem ajuntou seu fado
Aos incommodos de pobre
As obrigações de honrado:

Irmãs com tenras crianças,
Chorando pranto innocente,
Que enxugam co'as soltas tranças,
Pôem em mim inutilmente
Os olhos e as esperanças:

Orfãs de mãe, e donzellas,
Choram-me outras de redor;
Em vão me condôo d'ellas;
O seu triste bemfeitor
É outro infeliz como ellas:

Meus injustos, negros fados,
Dias funestos me urdiam,
Tão tristes, tão desgraçados,
Que das Parcas que os teciam,
Oxalá fossem cortados!

Mas o destino avarento
Não poderá derribar-me,
Nem cumprir seu duro intento,
Se em vós não puder tirar-me
A piedade e o acolhimento:

E se não for importuna
A petição que escutaes,
Servi-lhe vós de columna;
O partido não sigaes,
Que tem seguido a fortuna:

Prometteu-me prompto abrigo,
Levantou-me o pensamento,
Foram promessas de imigo;
Eram fundadas no vento,
O vento as levou comsigo:

Tenho a vosso pae contado
Quanto vivo contrafeito;
Não tenho sido escutado;
Mas ser-lhe-ha meu rogo acceito,
Se lhe for por vós levado:

Dizeì-lhe, senhor, quaes são
Minhas forças, se as achaes;
Mas comece a informação
Por lhe dizer, que me honraes
Com a vossa protecção:

Eu nada certo lhe peço,
São vagas minhas esp'ranças;
Quanto elle póde, conheço,
E livre-me de crianças,
Se compaixão lhe mereço:

Se ante os reis, seu voto dando,
São suas razões acceitas,
Meu nome lhe ide lembrando,
Ou para cousas já feitas,
Ou para as que for creando:

Pedi-lhe pois que tolere
Meu rogo triste, e teimoso;
Que estou n'um logar, pondere,
Mesquinho, ainda que honroso,
E onde nada ha que espere:

Embebido em esperanças,
Fraco piloto põe peito
Ás ondas bravas, ou mansas;
E em campo sem parapeito
Espera o soldado as lanças:

Se fosse clerigo velho,
Que enxuga, á porta sentado,
O lenço sobre o joelho.

Não desejar, é baixeza;
Sempre o humano coração
Quer subir a mór alteza;
Esta universal paixão
É filha da natureza:

Se eu visse no fiel espelho
Já meu cabello nevado;
Se fosse clerigo velho,
Que enxuga, á porta sentado,
O lenço sobre o joelho:

Teimoso grammaticão,
Que em longo chambre embrulhado,
Co'a douta penna na mão,
Dá á luz grosso tratado
Sobre as leis da *conjunção*:

Que arranca o cabello hirsuto,
Lastimando a decadencia
Do novo mundo corrupto,
Que quer negar a existencia
Ao *ablativo absoluto*:

Se eu carregasse a memoria
D'estas e outras ninharias,
De que estes taes fazem gloria,
Vivêra em paz os meus dias
Preso a uma palmatoria:

Outros meus esp'ritos são;
E se de forças sou falto,
Não o sou de coração;
Erguerei vôo mais alto
Se vós me derdes a mão:

Senhor, eu tenho acabado;
Já da mão a penna cáe;
Feliz se o meu verso ousado
For de vosso illustre pae
Benignamente escutado:

Vós ambos não me estranheis
De meu verso a rima fria;
Por baixa não a engeiteis,
Que n'esta mesma poesia
Se tem escrevido a reis:

Não tenho sido o primeiro,
Que a grandes taes versos manda;
N'elles com juizo inteiro
Escreveu Sá de Miranda
Ao bom rei Dom João Terceiro:

Não o imito na belleza,
De que elle os soube adornar;
Falta-me arte e natureza;
Mas pude d'elle imitar
A verdade e a singeleza.

No dia de annos do conde de Villa-verde

Não venho dourar enganos;
A vida não é louvor;
Pois tambem vivem tyrannos:
Eu venho, illustre senhor,
Louvar obras, e não annos.

De homem commum não se exime
Quem não tem virtudes claras:
É pouco fugir do crime:
Consagram-se as almas raras
A trabalho mais sublime;

A trabalho heroico: e creio
Pelo provado aforismo,
Que em sãos philosophos leio,
Que o verdadeiro heroismo
É fazer o bem alheio.

Taes trabalhos honra dão
À digna mão que os procura:
Não amo heroes da ambição:
Buscam a sua ventura;
Vós buscaes a da nação.

Serem por vós levantados
Os talentos esquecidos;
Do triste os ais desprezados
Serem aos reaes ouvidos
Pelas vossas mãos levados;

De quem a vós se acolheu,
Remediar o queixume;
Ter como proprio o mal seu;
É este o vosso costume,
E o genio que o ceo vos deu.

E o throno aos povos propicio,
Que vigia em seu favor,
Fez-lhe o geral beneficio
De mandar, que em vós, senhor,
O que é genio fosse officio.

Partiu officios pesados
Com quem os servisse bem:
São projectos acertados:
Quem do throno o sangue tem,
Tenha tambem os cuidados.

Dae aos gratos lusitanos
Longo tempo mão segura
Contra injustiças e enganos;
E seja a sua ventura
O louvor dos vossos annos.

Mas, senhor, moços poetas
Vinguem meus esforços vãos:
Musas zombam de jarretas:
Pedem-me as tremulas mãos,
Mais do que lyra, moletas.

Fogosos vates emprehendam
Altos vôos n'este dia:
Musas com musas contendam:
Sáiam odes á porfia;
E queira Deus que se entendam.

Ao conde de São Lourenço

Ante vós, claro senhor,
Que pondes os sãos cuidados
De bons estudos no amor,
E que d'homens applicados
Sois o exemplo e o protector;

Levanto sem pejo a voz;
Que essa alma nunca despreza
O pouco que encontra em nós:
Não produz a natureza
Muitos homens como vós;

Pois vi outr'ora amparado
O discreto e doce Brito,
Triste moço, em flor cortado,
Que ia alevantando o esp'rito,
De vossas luzes guiado:

Pois na vida lhe adoçastes
De seu fado a má ventura;
E não vos envergonhastes,
Quando a fria sepultura
Com as lagrimas lhe honrastes;

Se os seus versos sonorosos
Inda repetís com magoa;
E pensamentos saudosos
Vos trazem aos olhos agua,
Que os deixa, senhor, formosos;

Hoje, outro triste vos faça
Nascer eguaes sentimentos:
Com os vossos pés se abraça;
Não tem os mesmos talentos;
Mas tem a mesma desgraça:

Nascido em baixa pobreza,
Quiz buscar uma colu'na;
Foi sempre baldada a empreza,
Achou ingrata a fortuna,
Inda mais, que a natureza.

Em vão paternal ternura
Com vivo zêlo me assiste;
Foi trabalho sem ventura;
Crescia no filho triste,
Com a edade, a desventura:

Das boas artes no estudo
Bom pae empenhar-me quiz;
Traçava o velho sisudo
Que fosse um filho feliz
Dos outros filhos o escudo:

Foram seus intentos vãos;
Zombou desgraça importuna
D'estes pensamentos sãos;
Para vencer a fortuna
Não ha lagrimas, nem mãos:

Cortado então de agonias,
Só esperei ter ventura,
Quando envolto em cinzas frias
Escondesse a sepultura
Meu nome, e meus tristes dias:

E em quanto o vento forceja,
E no mar, que em flor rebenta,
Meu fraco lenho veleja,
Demando, em tanta tormenta,
Por porto a casa de Angeja:

Nascido em baixa pobreza,
Quiz buscar uma c'lumna;
Foi sempre baldada a empreza,
Achou ingrata a fortuna,
Inda mais, que a natureza.

Surgi em logar seguro,
Onde achei mil acolhidos;
Clareou o dia escuro;
E meus molhados vestidos
Pelas paredes penduro:

De meu fado a força dura
Foi um pouco enfraquecendo;
E ainda que em sombra escura,
Vem-me ao longe apparecendo
O bom rosto da ventura:

Vossos sobrinhos me dão
(Porque de meus males sabem)
Principios de protecção;
Mandae-lhes que em mim acabem
Esta obra da sua mão:

Mandae que apressem o passo,
Que inda longe a méta vejo,
Pois nas supplicas que faço,
Não se vence com desejo,
Vence-se á força de braço:

Mandae, pois tendes direito,
Que o turvo mar arrostando,
Á corrente ponham peito;
Fallae, senhor, que em fallando,
O vosso mandado é feito.

Não vêdes venal incenso
Por astuta mão queimado;
Fallo, senhor, como penso;
Eu sei quanto é respeitado
O erudito São Lourenço:

Eu sei bem o alto conceito,
E as geraes estimações,
Que todos de vós tem feito;
Ouço ternas expressões,
Filhas de amor e respeito:

Do bom irmão e sobrinhos
Ouço tod'ora louvar-vos;
Ouço-lhes doces carinhos;
De poderem agradar-vos
Desejam achar caminhos:

Vosso irmão e pregoeiro
Ordena, como sisudo,
Ao illustre neto e herdeiro,
Que das sciencias no estudo
Vae dar o passo primeiro,

Se encoste a vós, sem desvio,
Qual ao choupo hera silvestre;
Que em artes, virtude, e brio,
Mais, do que as regras do mestre,
Siga os dictames do tio:

Com que gosto ouço e contemplo,
Dizer-lhe: « Se ao bem te inclinas,
Segue-o no estudo e no templo;
Elle te dê as doutrinas;
Elle te sirva de exemplo. »

Mas sigo inutil empreza,
Pois sabeis quaes são seus peitos;
Mistura-se esta fineza
Com os sagrados direitos
Do sangue e da natureza:

Todo o mundo, em vosso abono,
Põe na bocca os corações,
E d'elles vos chama dono;
Ouço mil acclamações
Desde a plebe até ao throno:

A geral estimação
Nos arma de auctoridade;
Vinde pôr n'esta obra a mão,
E dae-me felicidade,
Como me daes instrucção:

Sabeis a fundo, e de cór,
Tudo quanto ha bom, escripto;
Juntae extremos, senhor;
Ao homem mais erudito,
Juntae o mais bemfeitor.

Pois sabeis da antiguidade
Prosas sãs, e sã poesia,
Deveis sentir mais piedade;
Quem tem mais philosophia,
Vê melhor a humanidade:

Que eu n'esta fresca espessura,
Entre estes louros sagrados,
Sentado sobre a verdura,
Cantarei versos limados
A quem me fez ter ventura:

Deixarei em mil letreiros
O vosso nome entalhado
Nos troncos d'estes loureiros;
Possa elle ser respeitado
Do negro vento, e chuveiros:

Ramos sobre elle estendendo,
Daphne no seu peito o tome;
E eu, doces hymnos tecendo,
Verei ir o tronco e o nome
Té ás estrellas crescendo.

Ao marquez de Lavradio

Se os versos, que outra hora fiz
Escutastes prompto e attento;
E se aos pés, que abraçar quiz,
Achou grato acolhimento
A minha musa infeliz;

Dae-me benignos ouvidos
A outros, em dor traçados,
D'arte, e de enfeite despidos;
Pela verdade dictados,
E a vós, senhor, dirigidos:

Em louvores não os fundo,
Pois sei que sempre os pizastes;
E co'as mais acções confundo
As do tempo, em que tomastes
As redeas do Novo-Mundo;

Mas se eu disser parte d'ellas,
Não me julgueis lisonjeiro:
Que vos poupo em não dizel-as,
Se vêdes, que o mundo inteiro
As váe erguendo ás estrellas?

Diz que viu a capital
Cheia de pompa e grandeza;
E que a ergueis a lustre tal
D'entre os braços da molleza,
Que é no clima natural;

Que nas mãos, onde se encerra
Alto poder respeitoso,
Mostrastes na nova terra
Ao visinho revoltoso,
N'uma a paz, em outra a guerra;

Que offereceis a vida então
Para a palavra salvar-se,
Que os bons reis não dão em vão;
Acção digna de contar-se
Entre as de Mario, ou Catão:

Que a mão que as quinas voltêa,
Justiça ao povo reparte;
E que egualmente menêa,
Ora as bandeiras de Marte,
Ora as balanças de Astrêa.

Mas já vossa austeridade
Minha narração reprime;
Ouvis-me contra vontade;
Perdoae, senhor, um crime,
De que foi causa a verdade:

Pois que vos não dão desvelos
Louvores, que présa a gente,
Eu vou, senhor, suspendel-os;
E vou dar-vos novamente
Motivos de merecel-os.

A minha longa fadiga
Já sabeis qual é, senhor;
Levae-me a bem, que a não diga;
Deixae-me poupar a dor
De abrir uma chaga antiga.

Pintar irmãs desgrenhadas
Co'as crianças innocentes
Nos debeis braços alçadas,
E de lagrimas ardentes,
Quasi sem fructo, banhadas:

Mostrar-lhe os olhos magoados,
Onde inutil pranto assiste,
Immoveis no chão pregados,
Nutrindo um silencio triste,
Falsa paz dos desgraçados:

Contar-vos, que entre os irmãos,
Diz o bom pae, com ternura,
Que ao ceo levantem as mãos;
Que assim se emenda a ventura,
E não com queixumes vãos:

Que é do espirito fraqueza
Perder suspiros no vento;
Que vençam a natureza;
Que façam c'o soffrimento
Honrosa a dura pobreza:

Não lhe ver de dor signaes;
Ter no rosto olhos serenos,
E no peito agudos ais;
Que porque se escutam menos,
Por isso me cortam mais:

Dar-vos uma inteira idéa
Da desgraça minha, e d'elles,
Pintura de pranto cheia;
Se é precisa, é para aquelles,
A quem não dóe dor alheia.

As almas tão bem nascidas,
Como a vossa vejo ser,
Para serem condoidas,
Não tem precisão de ver
Correr sangue das feridas:

Sabeis, que soffro a impiedade
De vã fortuna traidora;
Mudae pois de heroicidade;
Vinde pleitear agora
A causa da humanidade:

Por vós tirar não podeis
Penas, que a alma me abafaram;
Mas ante o throno valeis;
E se o sceptro vos fiaram,
Que vos negarão os reis?

Reger-lhe os vastos estados,
Ir dar-lhe um novo esplendor,
São feitos famigerados;
Mas inda o será maior
Ir pedir por desgraçados.

Disse a Cesar o orador,
Que os soldados tinham parte
No perigo, e no louvor;
Que fosse em outro estandarte
Elle só o vencedor;

Que era, de doce brandura
O deixar-se então vencer,
Mór victoria, e màis segura;
Onde não tinham poder
Nem ferro, nem má ventura.

Vencei vós sem ter soldados;
Fazei de dias de dor
Dias bemaventurados;
E possa essa mão, senhor,
Mais do que podem meus fados.

Claros avós imitastes,
Que o mundo apenas abrange;
No berço palmas achastes;
Dos heroes que viu o Gange,
O sangue e as acções herdastes:

Remotos povos venceram,
E mares bravos abrindo,
As quinas desenvolveram;
Ante elles o Gange e o Indo
Tintos de sangue correram.

Vós, que em obras similhantes
Fostes ser a copia honrosa
Do que elles fizeram d'antes,
Na serie maravilhosa
Das vossas acções brilhantes;

Consenti, que a larga historia,
Que Almeidas levanta aos ceos,
Lhes deixe no altar da gloria
Pendente, entre os mais tropheos,
Uma negra palmatoria.

Em louvor de uma senhora

Lyra minha, rouca lyra,
Hoje afinada consente,
Que a trémula mão te fira:
Cante uma só vez contente
Quem por costume suspira.

Louvemos Anarda bella;
Eu veja aos astros subir
Meus versos em honra d'ella,
E possa quem os ouvir
Adoral-a antes de vêl-a.

Já ledo as vozes desato:
Ouve, ó nympha, os teus louvores:
Não pretendo ser-te grato
Traçando com vivas côres
Teu angelico retrato.

Permitte, Anarda piedosa,
Que se farte o meu desejo
N'outra empreza mais gloriosa;
Que o menor dom que em ti vejo,
É o dom de ser formosa.

Rubra bocca, os olhos bellos,
Que brandamente movidos,
São de amor agudos zelos;
Sobre alvo collo espargidos
Louros, ondados cabellos;

Braço airoso, a mão de neve;
Proporcionada cintura;
Eis a tua copia breve:
Porém vôa a formosura
Nas azas do tempo leve.

Outros bens mais duradouros
Não são á tua alma esquivos,
Bens que nos annos vindouros
Valem mais que uns olhos vivos,
Que uns soltos cabellos louros.

A destruir a belleza
A curva velhice corre:
Nada conserva firmeza;
Só a virtude não morre:
Vence as leis da natureza.

Tu, que prézas a verdade;
Que tratas falsos sujeitos
Só com a côr de amizade,
E para os sinceros peitos
Mostras ter sinceridade;

Tu, que os enganos deslisas;
Que sabes vencer desgostos;
Que a lisonja ufana pisas;
Que não vês sómente os rostos;
Que até corações divisas;

Tu, que da séria prudencia
Segues os dictames puros;
Que tens amado a innocencia,
E nos conselhos maduros
Mostras de edade experiencia;

Teu nome eterno ha de ser
Estampado entre as estrellas;
Has de as mais nymphas vencer,
Que sómente em serem bellas
Fundam todo o seu poder.

Amam a fofa vaidade;
Dos homens a seu sabor
Prendem a solta vontade:
Trazem nos olhos amor,
No coração falsidade.

Muitas fingem desprezar
Finezas de amante rude;
Fingem os sabios amar:
Não o fazem por virtude,
Querem talentos mostrar.

De que serve uma alma pura,
Se os pesados membros cobre
Rota, humilde vestidura?
Nada vale um peito nobre
N'uma grosseira figura.

Corpo esbelto, onde ajustado
Brilha, cheio de ouro immenso,
Curto fraque afrancezado;
Cheiroso, candido lenço;
O cabello apolvilhado;

Jocosas palavras ôcas;
Estes os dons relevantes,
Que deixam de vencer poucas
Das que fingem ser amantes,
E não passam de ser loucas.

Tu tens outro entendimento:
És sempre egual: não te vales
Das côres do fingimento:
Quer séria, quer rindo falles,
Não fundas torres no vento.

Ris da baixa adulação,
Mal que os teus ouvidos toca
A contrafeita expressão:
Conheces na falsa bocca
O enganoso coração.

Ver sobre molle tapete,
Curvando as pernas e os braços,
Peralta de alto topete,
Com destros miudos passos,
Dançar francez minuete;

Vêl-o nutrindo esperanças
Entre agradaveis parceiras,
Fazer rapidas mudanças,
Torcendo as mãos nas ligeiras
Buliçosas contradanças;

Fervente rebeca ouvir,
Que infunde vivos prazeres,
Jámais te faz distrahir;
Pois antes dos sabios queres
Sabios conceitos ouvir.

Só te vejo attenta em quanto
Ouves palavras discretas;
As musas estimas tanto,
Que até dos tristes poetas
Te commove o triste pranto.

Conheces seu duro mal;
Que sempre tributam fé
A coração desleal:
Que por isso em todos é
A tristeza natural.

Que ás nymphas endurecidas
Lhes não causam terno effeito;
Que triumpham das fingidas,
Guardando dentro no peito
Inda frescas as feridas.

Porém já que ousei fallar
De amor nas sanguineas reixas,
Vou a lyra pendurar:
Não quero com minhas queixas
Teus louvores misturar.

Tu dirás que não tens parte
No meu mal cruento e fero;
Que vou tristezas lembrar-te;
Dirás que affligir-te quero,
Quando desejo louvar-te.

Não te deves admirar:
Sei que em vão me estou queixando:
Mas quem sente o seu pesar,
Se principia cantando,
Sempre acaba a suspirar.

A um amigo, louvando-lhe o estado de casado

Foi este o ditoso dia,
Que te deu a esposa bella;
Doce, solida alegria,
Para ti, junto com ella,
No mesmo berço nascia:

Por tua maior ventura,
Natureza lhe quiz pôr,
Entre os dons da formosura,
Outro dote inda maior,
Que é, alma innocente e pura:

Eu sei teu costume antigo,
A mulher, que é só formosa,
Não vale tudo comtigo;
Soubeste escolher esposa,
Em quem tens esposa e amigo:

Quer sempre ter um senhor
Nosso humano coração;
E na ventura maior
Inda sente em si um vão,
Que só enche o casto amor:

De quantos males te eximes,
Dando ao teu tão bom senhor!
Damnosas paixões reprimes;
Recebes das mãos do amor
Os prazeres, sem os crimes:

Cega mocidade errada,
Á conjugal união
Quiz chamar vida cançada;
Diz que é triste escravidão,
De mil pensões carregada:

Recebes das mãos do amor
Os prazeres sem os crimes.

Crava em vossos ternos peitos
Santo amor os seus farpões.

Chama á paz um dissabor;
Diz, que de susto e desdens
Se alimenta o deus de amor;
E que a certeza dos bens
Lhes diminue o valor:

Fecham olhos á verdade,
Caminhando após seus erros;
E em falsa tranquillidade,
Ao som de pesados ferros,
Vão cantando liberdade:

Mil remorsos na alma estão,
Que inda que o rosto os suffoca,
Roendo as entranhas vão;
Que importa riso na bocca,
Se ha punhaes no coração?

Amor é fogo sublime,
Que nas almas se accendeu;
As outras paixões reprime;
Elle é dadiva do ceo,
O abuso é que o faz ser crime:

Beija, amigo, os teus grilhões;
Um para o outro eram feitos
Os vossos bons corações;
Crava em vossos ternos peitos
Santo amor os seus farpões.

Onde achas pessoa estranha,
Que não contrafaça o rosto,
Porque vê, que assim te ganha?
Quem é que na pena, ou gosto,
Com verdade te acompanha?

Contas teus casos sem medo
A quem por amigo passa;
Fiáste-te em rosto ledo;
Foste no meio da praça
Assoalhar teu segredo:

Mal os homens conheceu
Pura amizade enganada,
O santo rosto escondeu,
E tornou-se envergonhada
Para o ceo, d'onde desceu;

O amigo que te rodeia,
Véste das tuas paixões;
Com ellas te lisonjeia;
São raros os corações,
Em que dôa dor alheia:

Quando acertares de ler,
Que houve entre homens união,
O escriptor a quiz fazer;
Não os pintou como são,
Mas como deviam ser:

São cousas imaginadas
Dos *Nizos* o amor profundo;
São fabulas bem contadas;
Ou os não houve no mundo,
Ou não deixaram pégadas:

Puro amor, limpa verdade,
Só entre esposos estão;
Desce a elles a amizade;
Traz-lhes co'a santa união
Uma só alma e vontade:

Communica á esposa amada
Teus mais internos cuidados;
E vive em paz descançada
A vida dos bem casados,
Vida bemaventurada:

Sem receio de perigo
Dorme somno saboroso;
Que não tens junto comtigo
Lisonjeiro suspeitoso,
Traidor, com rosto de amigo:

Tens por doce companhia
Aquella que o justo ceo
Com mil virtudes te envia;
Tu es o cuidado seu,
E como seu, te vigia:

Goza em socego profundo
Tão pura felicidade;
Tens um thesouro fecundo;
Tens amor, tens amizade,
Tens todos os bens do mundo.

E se ha entre homens desvelo
(Cousa que aqui contradigo)
Conta com um, que é singelo;
E foi sempre teu amigo,
Quanto os homens podem sêl-o.

A GUERRA

Satyra offerecida ao visconde de Villa-nova da Cerveira, depois marquez de Ponte-de-Lima, no anno de 1778

Ill.^mo e ex.^mo sr. — A satyra da guerra, que ponho nas respeitaveis mãos de v. ex.ª, tem por objecto os costumes, sem que a sua critica aponte, nem remotamente, individuo algum em particular; este é o seu unico merecimento, o qual me esforça a levantal-a á grande honra de ser offerecida a v. ex.ª

Não me acovarda o nome de satyra, só odioso ao vulgo ignorante: v. ex.ª sabe que, quando ella fere nos costumes, sem assignalar os homens, é a especie de poesia em que mais vezes se dão as mãos os seus dois fins, a utilidade e o recreio.

A estimação de Horacio, e o desterro de Juvenal, de mistura com o meu genio, me ensinaram a fallar com moderação; e ainda que talvez seja esta a unica instrucção que eu tire das suas obras, com ella me atrevo a esperar bom acolhimento a uma satyra, que se em v. ex.ª não agradar ao homem de bom saber, ao menos não escandalisará o homem de bons costumes.

V. ex.ª, que sabe colher dos livros mais fructo que o do prazer, não se envergonhou de ler os philosophos que escreveram em verso: a alta philosophia de costumes, de que vão cheios os livros da antiguidade, nada perde nos olhos de v. ex.ª, quando váe ornada com as bellezas da poesia.

As diversas especies d'esta arte são inteiramente conhecidas por v. ex.ª: eu tive algumas vezes a honra de ouvir fallar a v. ex.ª nas poesias dos gregos, dos romanos e dos francezes, fazendo entre ellas tão justos parallelos, e fallando tanto de dentro, que me parecia impossivel que v. ex.ª achasse tempo para os outros estudos mais importantes, com que escla-

receu o seu espirito, se eu não tivesse lido que Cicero no meio do tumulto e das tempestades de Roma, encarregado dos mais importantes negocios da republica, achava tempo para ler, e disputar sobre os poetas e philosophos da Grecia e da sua patria.

Não me valho da experiencia que tenho do quanto v. ex.ª é dado ao estudo das boas artes, para lhe tecer com isto um elogio: tenho a honra de conhecer a v. ex.ª, e sei que os seus louvores seriam o unico modo de se lhe fazer odiosa a verdade.

Valho-me d'esta experiencia, senhor, para desculpa de ir cançar a v. ex.ª com a leitura dos meus versos. O nome de poeta é desprezado da maior parte dos homens; fazem consistir a poesia em numero de syllabas, e na união dos consoantes, e provam com isto a futilidade da arte: é quasi um vicio o ser poeta; confundem-n'o com o homem sem caracter, e imputam á poesia os erros da humanidade; e por isso achei natural, que uma arte, desprezada pela ignorancia, fosse vingar os seus direitos aos pés de v. ex.ª

Os meus versos terão o successo de desagradarem a v. ex.ª, por serem maus; mas, por serem versos, é impossivel que sejam leitura odiosa a quem decorou e analysa os poetas de Augusto e de Luiz XIV.

Para protector dos versos que offereço, não procurei só em v. ex.ª o homem de letras, procurei tambem o ministro de estado. Vejo a Europa em armas; ouço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha patria; e pareceu-me que não desapprovaria a satyra da guerra aquelle ministro habil, que debaixo das direcções dos seus soberanos, intenta e consegue manter uma paz profunda no meio dos fogos das nações armadas.

E eu abençoarei este trabalho de meu curto engenho, se v. ex.ª se dignar de pôr benignamente os olhos sobre elle e sobre o seu auctor, o qual é de v. ex.ª o criado mais humilde.

Musa, pois cuidas que é sal
O fel de auctores perversos,
E o mundo levas a mal,
Porque lêste quatro versos
De Horacio e de Juvenal:

Agora os verás queimar,
Já que em vão os fecho, e os sumo;
E leve o voluvel ar,
De envolta c'o turvo fumo,
O teu furor de rimar:

Se tu de ferir não cessas,
Que serve ser bom o intento?
Mais carapuças não teças;
Que importa dal-as ao vento,
Se podem achar cabeças?

Tendo as satyras por boas,
Do Parnaso nos dois cumes,
Em hora negra revoas;
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidam que é nas pessoas:

Deixa esquipar Inglaterra
Cem naus de alterosa popa;
Deixa regar sangue a terra;
Que te importa que na Europa
Haja paz, ou haja guerra?

Deixa que os bons e a gentalha
Brigar ao *Casaca* [1] vão;
E que em quanto a turba ralha,
Vá recebendo o balcão
Os despojos da batalha:

1) Loja de bebidas.

Que tens tu, que ornada historia
Diga que peitos ferinos,
Em sanguinosa victoria,
Inhumanos, assassinos,
São do mundo a honra e a gloria?

As guerras precisas são;
N'ellas a paz se assegura;
Não mettas em tudo a mão,
Musa louca; por ventura
Encommendam-te o sermão?

Deixa que o roto taful,
A quem na patria foi mal,
Vá cruzar de norte a sul;
Cubram-lhe o corpo venal
Tres palmos de panno azul:

Deixa que em tarimba estreita
O desperte a aurora ingrata;
Qu' o duro cabo, que o espreita,
O faça, ao som da chibata,
Virar á esquerda e á direita:

Deixa-lhe em sangue envolver
Duro pão, que lhe dá Marte;
E para poder viver,
Deixa-lhe aprender esta arte
De matar e de morrer:

Vá junto á queimada zona
Arvorar, em rotos muros,
O estandarte de Bellona;
Callejem-lhe os hombros duros
As correias da patrona:

Vôe-lhe aos ares um pé;
Sobre o outro, com valor,
A Plutão cem mortos dê;
Arda de raiva e furor,
Sem nunca saber porque:

Sem causa entre dentes trazes
A grande arte das batalhas;
Murmuras dos seus sequazes;
E quando da guerra ralhas,
Outra com a lingua fazes:

Dizes que uma guerra accesa
É theatro de impiedade;
Chamas-lhe crua fereza,
Flagello da humanidade,
Triste horror da natureza:

Pintas um bravo guerreiro,
E a meus olhos vens mostral-o,
Para ferir mais ligeiro,
Mettendo o ardente cavallo
Sobre o exangue companheiro:

A um lado e a outro lado
A morte mandando váe
C'o sanguinoso terçado,
Até que elle mesmo cáe,
De um pelouro atravessado:

Co'as cabeças abatidas
Vão de ferro vil marcados,
Maldizendo as tristes vidas,
Mil captivos maniatados,
Vertendo sangue as feridas;

Entre horrorosos tropheos
O general deshumano
Manda falso incenso aos ceos;
E de espalhar sangue humano
Váe dando louvor a Deus:

Dizes que se compra quina,
Porque altas febres desterra;
E que em collegios se ensina,
Em uma aula, a arte da guerra,
Em outra, a da medicina:

Que no frio, vasto norte,
Cem *Boerhaves* eloquentes
Enchem de ouro o cofre forte,
Porque perdidos doentes
Arrancam das mãos da morte:

Que alli mesmo grosso fructo
Colhe *Saxe* entre os soldados,
Porque em minado reducto
Fez voar despedaçados
Dez mil homens n'um minuto:

Tirando então consequencias,
Zombar dos homens procuras,
E das suas vans sciencias;
Sempre cheios de loucuras,
E cheios de incoherencias:

Se a paz, em dias felizes,
Á chara patria os conduz,
Dizes que estes infelizes
Mostram, rindo, os peitos nús,
Cortados de cicatrizes:

Que este reconta aos parentes
Como em perigoso passo,
Zunindo balas ardentes,
Uma lhe quebrou um braço,
Outra lhe levou os dentes:

Que outro, da perna cortada
Abençoa a horrivel chaga,
Porque ao peito pendurada
Trará algum dia, em paga,
Inutil fita encarnada:

Dizes que entre os animaes
Prohibe guerras o instincto;
E que surdo a tristes ais,
Vês com horror o homem tinto
No sangue dos seus eguaes:

Musa, não discorres bem;
Pois se uns com os outros cabem,
E juntos a um pasto vem,
É só porque inda não sabem
A virtude que o ouro tem:

Por preciosos metaes
Não põem peito a bravos mares;
Traze exemplos mais eguaes;
Sabios homens não compares
Com os brutos animaes;

Trazem focinho no chão,
E nós sempre ao alto olhâmos;
Temos em dote a razão;
E por isso levantâmos
Uns contra os outros a mão:

Se os homens se não matassem,
E impunemente crescessem,
Póde ser que não achassem
Nem fontes de que bebessem,
Nem campos que semeassem:

Em vão febres inimigas
Os mirrados corpos gastam;
Tornam as forças antigas;
E está visto que não bastam
Nem malignas, nem bexigas:

Travem-se cruas batalhas,
Arrazem batidos muros
Os soldados de quem ralhas;
Adornem-lhes os membros duros
Grossas, tresdobradas malhas:

Sabe que mil males faz
A molle tranquillidade
E que em seu seio nos traz
Brando luxo e ociosidade,
Damnosos filhos da paz:

Que nos causa occultos damnos,
Fingindo rosto innocente;
Que a guerra de largos annos
Conservou antigamente
A innocencia dos romanos:

Que em quanto ao duro exercicio
Eram seus corpos affeitos,
E da paz não houve indicio,
Não lavrava nos seus peitos
Mortal peçonha do vicio:

Não havia mãos profanas;
Eram suas almas sãs;
E nas simplices cabanas
Fiavam grosseiras lãs
As castas moças romanas:

Fez Jano os povos amigos,
Inerte ocio os peitos toma;
C'os combates, c'os perigos
Foram-se, ó austera Roma,
Os teus costumes antigos:

Entre as nações socegadas
Sabe que o ocio arraigado,
E as paixões em paz creadas,
Fazem mais sangue no estado,
Do que os gumes das espadas:

Deixa pois haver queixumes;
Mettam-se armadas no fundo,
Accenda a guerra os seus lumes;
Que assim tornará ao mundo
A innocencia dos costumes:

A intacta fé, a verdade
Venham com as baterias;
Desça do ceo a amizade;
E torne a dourar os dias
De Saturno a antiga edade:

Musa vã, que em ti não cabes,
Os guerreiros arraiaes
Nem vituperes, nem gabes;
E não te mettas jámais
A fallar no que não sabes:

Haja bloqueio, haja assédio,
O sangue humano espalhado
Nem sempre te cause tédio;
Que em boa dóse tomado,
Té o veneno é remedio:

Deixa ir o mundo seu passo;
E contra si mesmo armado
Córte c'um braço o outro braço;
Põe na bocca um cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço:

Emprega melhor teu canto;
E pois querés que te louvem,
Mão das satyras levanto;
Poesias que os homens ouvem,
Um com riso, e cem com pranto:

De bons annos na funcção
Leva a Filis fria glosa;
Beija-lhe a nevada mão;
Chama-lhe Venus formosa,
Inda que seja um dragão:

Eclogas tambem dão fama;
Falla em surrão, e em curral;
E do vulgo os olhos chama
Nas paredes do arsenal,
Cheia de applauso e de lama:

De gallegos rodeada
Aos aristarcos escapa;
Té que das tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga e marmelada.

OS AMANTES

Satyra offerecida ao marquez de Angeja D. José de Noronha

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Os dias tristes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influiram insensivelmente o amor da poesia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me com ellas ao peso dos meus cuidados: a imaginação cançada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commercio das musas; e os versos que alguma vez fizeram rir os ouvintes, tinham a origem nas lagrimas do seu auctor.

Hoje, ill.^{mo} e ex.^{mo} sr., motivo mais alto, qual é o desejo de agradar a v. ex.^{a}, me fez emprehender a presente satyra. Os meus versos acharam o seu Mecenas: v. ex.^{a} se digna de os louvar, e de os proteger; e um voto de tanto peso, alvoroçando a minha musa, a faz correr, talvez sem tino, atrás de uma protecção, que tanto a honra.

Repeti os versos antigos; e a primeira vez que me apresentasse a v. ex.^{a}, tinha de apparecer com às mãos vazias: intentei poesia nova; lembrou-me que um fidalgo moço, a quem a philosophia temperára sempre os fogos da mocidade, e que afastando do amor os crimes, faz d'elle mais uma virtude, gozaria melhor do seu triumpho pondo-lhe aos olhos uma pintura fiel do amor mal entendido.

Como o meu intento era divertir a v. ex.^{a}, ajuntei o prazer á philosophia da obra, e tracei uma satyra: este nome assusta o vulgo ignorante; confunde as satyras com os libellos infamatorios; as que ha d'esta natureza são um crime do poeta, que quer emen-

dar erros, fazendo mais um; das melhores cousas se póde usar mal: a espada nas mãos do assassino é o escandalo da humanidade; nas mãos do soldado fiel, é a guarda do throno e das leis: v. ex.ª sabe que a severa Athenas prohibindo a satyra da comedia antiga e média, levantou theatros para a nova, porque expunha á irrisão do povo os vicios, sem apontar os homens. O riso não implica com a doutrina: Platão e Horacio caminharam por estradas diversas; mas ambos foram philosophos, ambos instruiram os homens; imitando-os na tenção, me animei a ordenar, e a offerecer a v. ex.ª uma satyra, que se excitar riso em uns, não o tira das lagrimas de outros; e v. ex.ª consinta que a minha musa humilde ponha este tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do protector que a honra: isto pede, senhor, de v. ex.ª o criado....

Amor, é falso o que dizes;
Teu bom rosto é contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu ainda trago no peito
Mui frescas as cicatrizes:

O teu mel é mel azedo;
Não creio em teu gasalhado,
Mostras-me em vão rosto ledo;
Já estou muito escaldado,
Já d'aguas frias hei medo:

Teus premios são pranto e dor;
Chóro os mal gastados annos,
Em que servi tal senhor;
Mas tirei dos teus enganos
O sair bom prégador:

Fartei-te assás a vontade;
Em vãos suspiros, e em queixas
Me levaste a mocidade;
E nem ao menos me deixas
Os restos da curta edade?

És como os cães esfaimados,
Que, comendo os troncos quentes,
Por destro negro esfolados,
Levam nos ávidos dentes
Os ossos ensanguentados?

Bem vejo aljava dourada
Os hombros nús adornar-te;
Amigo, muda de estrada;
Põe a mira em outra parte,
Que d'aqui não tiras nada:

Busca algum fofo morgado,
Que sôlto já dos tutores,
Ao domingo penteado,
Váe dizendo á toa amores
Pelas pias encostado:

Que em sisuda casa honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com a mão refalseada
Escriptos de casamento,
Ora á filha, ora á criada:

Genealogico comprado
Lhe concede, a peso d'ouro,
Em castello imaginado,
Cabeça de fusco mouro,
Sobre escudo golpeado:

Arvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
É um ramo desgraçado
De antigos reis de Aragão:

Dando ao mochila o lazão,
De Filis a escada embóca,
Sempre em ar de protecção;
Álvo palito na bocca,
Branda varinha na mão:

Zomba dos falsos brazões,
Que não são no berço achados;
E diz á moça as razões
De ter no teliz bordados
Dois cães, e quinze leões;

As historias lhe declara
D'aquellas guerras felizes;
E mostra, com mão avara,
Os ossos de dez narizes,
Que seu quinto avô cortára:

Aturde a moça boçal
Com cem quintas, cem commendas;
E armando um mappa geral
Das suas immensas rendas,
Váe-se sem lhe dar real:

Mas se a teus farpões dourados
Não achas digno consumo,
E os julgas mal empregados
N'estas cabeças de fumo,
N'estes peitos altanados,

Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não saía,
Mas já mette o bairro a saque,
Depois que engenhosa tia
Lhe armou de uma sáia um fraque:

Que gravesinho namora
Com brando e risonho aspeito,
Ponta de lenço de fóra,
Mólho de flores no peito,
Prenda de certa senhora:

Que um trapo a seu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas;
E antes de entrar na novena,
Com cuspo, pelas escadas,
Váe dando aos sapatos crena:

De gelo as pedras cobertas,
Como ás vezes me fizeste,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rigido nordeste
Deixou as ruas desertas;

Ouça duros assobios,
Precursores de alto insulto;
Retalhem-n'o ventos frios;
Ladrem ao postado vulto
Cem nocturnos cães vadios:

De paisanos salteado,
Ronda sem fé e sem lei,
De espadas velhas cercado,
E ao som da parte de el-rei,
Por força desembuçado,

Membrudo cabo vermelho
O apalpe ante os mais senhores;
Acha uma escova e um espelho,
Dezoito escriptos de amores,
E um sujo lencinho velho:

Firam teus accesos raios
Tambem na gentalha vil,
De crestados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão por augmento a lacaios:

Busca algum que da cocheira,
Quando o patrão não sáe fóra,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a sege, namora
Desgrenhada cozinheira:

Que de noite á sua porta,
Com famosos tangedores,
Que o *Talaveiras* [1] conforta,
Lhe mandà ternos amores
Sobre as azas da *Comporta*: [2]

A quem a suja donzella,
Por almoço do costume,
Manda em sordida tigella
O primitivo chorume
Da desflorada panella:

E se te não satisfazes
Com tanta conquista brava,
Que n'esta canalha fazes,
E ainda a funesta aljava
Pejada de settas trazes;

Não tens velhas presumidas,
Que em fim de mez fingem dores,
Só ás moças concedidas,
E tem de compradas côres
As rôxas faces tingidas?

1) Casa de povo.
2) Moda que cantava a gente da plebe.

Cuja bocca pestilente,
Ante um espelho ensaiada,
Torcendo-se destramente,
Aprende a abrir a risada
Por onde ainda resta um dente?

Que ha sessenta annos donzellas,
(Caso raras vezes visto)
Tem titulos de capellas,
Com um habito de Christo
Para quem casar com ellas?

Busca alguma de bom caco,
Que pela fenda da sáia,
Marinhando o braço fraco,
Fisga o lenço de cambraia,
Afastando o de tabaco:

Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E váe fartar-se na alcova
De simonte e de cidade:

Amor, faze estas em postas;
Váe-lhe das lagrimas rindo,
Já que de lagrimas gostas;
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas:

Porém se da plebe escura
Em pouco o triumpho prézas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os freiraticos procura:

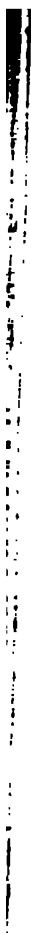
Gentes de mais alta esteira;
Ternos, finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua freira:

Em chegando a conductora,
Que os sacrilegios atêa,
Um d'estes de gosto chora,
Lambe com respeito a obrêa,
Por ter cuspo da senhora:

Posto na insipida grade,
Em almiscar perfumado,
Todo amor, todo saudade,
Comendo em doce babado,
Os sobejos de algum frade:

Ao sublime estilo guinda
Sua discrição notoria;
A que logo a freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dous livros de Florinda,

Responde: «Os conceitos sigam
Os holocaustos do altar;
Pois são, e as chammas o digam,
Pedir, quem póde mandar,
Preceitos que mais obrigam.»

Lambe com respeito a obrêa,
Por ter cuspo da senhora.

Váe metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho.

Entretanto um chantre velho,
A quem a rodeira engoda,
E que em fechando o Evangelho,
Váe metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho;

Freiratico por fadario,
Tão goloso, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E sobre a deserta estante
Manjar branco, e o breviario;

Que em pôdre philosophia
Sectario da antiga lei,
Os *Universaes* sabía,
E armado do *a partè rei*,
Tudo a eito distinguia;

Arranca oleoso escarro;
Diz á rodeira um conceito
D'aquelles, que já tem sarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor, e catarrho.

Pois já que estes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor carrega-lhe a mão;
Aprendam a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição:

Mette n'um carcere a dama;
Do bom chantre os calcanhares
Vão curtir gotta na cama;
E o secular cruze os mares,
Que foi descobrir o Gama;

E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva lua raiar,
Váe sobre a Ribeira Nova
As azas equilibrar:

Brancos vestidos tomados,
Descobrindo as sáias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos paraltas
Os braços entrelaçados:

Verás ser acceito logo
Teu riso enganoso e brando;
Não esperam por teu rogo;
E em tu do alto assoprando,
Verás chammejar o fogo:

Que alvos dedos delicados
A furto se vão beijando,
Em quanto os paes descuidados
A loja nova admirando
Pararam embasbacados!

Verás sisudo estrangeiro
Contando grossos tostões
Ao refinado brejeiro
Correio de corações,
Que se compram por dinheiro:

Salta da cama ligeiro,
Corre portas e janellas,
Registando o quarto inteiro
Em ceroulas e chinellas,
Com pistola e candieiro.

Verás moça rebucada,
Na cabeça lenço sujo,
Rota capa sobraçada,
Recebendo do marujo
Um copo de limonada:

E em quanto escuto os gemidos,
Que arrancas de tantos seios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus vestidos:

Se até nos teus estimados
Hervadas settas se embebem;
Se do teu riso enganados
Com boccas sedentas bebem
Veneno em vasos dourados:

Vão pé, ante-pé guiados
Por peitada cozinheira;
Mas vendo os paes levantados,
Dentro de enrolada esteira
Ficam n'um canto emboscados:

Quando alta noite susurra
Rijo sibilante vento,
Que as groſsas portas empurra,
E acorda o velho avarento
Com os cuidados na burra;

Salta da cama ligeiro,
Corre portas e janellas,
Registando o quarto inteiro,
Em ceroulas e chinellas,
Com pistola e candieiro:

Que tremor de coração,
Que semblantes enfiados
Os amantes não terão?
Que c'os collos levantados
Ouvindo o rumor estão!

Da janella debruçada
Desenvolve degráos falsos
Pallida dama assustada;
Os mimosos pés descalços,
A madeixa ao vento dada.

Pois se estes teus escolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nizes favorecidos,
Maldizem sua ventura,
E descem arrependidos;

Como hei de eu crêr-te, que apenas
Vi de longe tranças de ouro?
Debalde outro engano ordenas
A quem de teu vão thesouro
Nunca teve mais que penas:

De teu rol meu nome risca;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoes arrisca;
Mas com peixe já sangrado
Não gastes a tua isca:

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao som de meus ais forjadas;
Arranco das rotas veias
Cruas settas despontadas:

Sangue innocente esparziram;
Mais á idéa me não tragas
Uns olhos, que enxutos viram
Estas desgraçadas chagas,
Que em teu serviço se abriram:

Dei-te os cuidados e os dias;
De tudo já foste dono,
Restam só melancolias;
Que gloria te dá um throno
Posto sobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que esperam?
Dá fôlego aos escravos mancos,
Que em teu carro entorpeceram;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros nasceram.

SATYRA

Offerecida a D. Martinho de Almeida, no anno de 1779

A vós, que favor me daes,
Illustre e sabio Martinho,
Que meu fraco engenho alçaes;
E das letras o caminho
Dentro d'ellas me mostraes:

Homem são e sem reserva,
Que pondes sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:

Vosso servo hoje se atreve
A mandar em má poesia
Bons desejos que ter deve;
Que tenhaes paz e alegria,
Mais que o triste, que isto escreve:

Que n'essas vastas campinas,
Que assombram ermos outeiros,
Vivaes horas mais benignas,
Livre de duros banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas:

Em boa tarde mandae
Farpear bravo novilho,
Com o conde passeae;
Ide adoçando c'o filho
Justas saudades do pae:

Ensinae-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrae-lhe n'essas herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugiram das cidades:

Que ame a pura singeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza,
Que uma é obra da ventura,
E a outra, da natureza:

Mas voltando a nós a mão,
Vós, philosopho profundo,
Que conversaes com Platão,
Vêde se lhe achaes um mundo,
Que nos encha o coração:

Que este em que estamos, senhor,
Sempre surdo a sãos conselhos,
Volve a roda a seu sabor;
E dizem pilotos velhos,
Que váe de mal a peior;

Quantas vezes nós fallâmos
Sobre a sua natureza?
Quantas mazellas lhe achâmos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condemnamos:

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós tambem, senhor,
Fazer o que elle fazia:

Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos;
E com alquimia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura:

Quando vierdes, então
Correremos a cidade;
Uns que vem, e outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:

Veremos o vão paralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta:

Aos cafés iremos vêl-o
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovelo
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapéo de pêllo:

Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França;

Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socego quiz
Cidades, reinos inteiros;
Jura que como em Paris
Nunca achou cabelleireiros:

Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes:

Chamará á patria ingrata;
Murmurará do governo,
Que do bom gosto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivelas de prata:

Em dois minutos emenda
O mundo que váe perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda:

Veremos o vão paralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta.

Carregando a sobrancelha,
A fallar na historia salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre paralta
Cousas que pescou de orelha:

Faz ao bom *Sulli* justiça,
Que os fios da espada embota
Ao rei, que em furor se atiça;
E não lhe esquece a anecdota,
«Que um reino vale uma missa»:

Falla em São Bartholomeu
E quasi que as gottas conta
Do sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leu:

Riremos do seu estudo;
Porque só o tem mostrado
Em ter chapéo gadelhudo
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo.

Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Junto a Santa Catharina,
Argumentando em gazetas:

Um quer a cabeça dar,
Se o conde de *Estaing* não fez
Trinta náus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cêrco de Gibraltar:

Um, riscando a terra, ensina
Co'a bengala a geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente e ao meiodia
A Georgia e a Carolina:

Outro aos inglezes deseja
Na armada o fogo ateado;
E pinta em crua peleja
Dez lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:

Outro conta os graves damnos
Que esta gazeta declara
Tiveram os castelhanos;
E o triumpho inglez compara
C'os triumphos dos romanos:

Ao seu partido se aferra;
Diz que inda c'os mastos rotos
Ao mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca a Inglaterra:

Dão ao leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concilio profundo,
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo:

Dado em fim o inglez á sola,
Qualquer dos ditos confrades
Na rota capa se enrola;
E tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola:

D'alli, senhor, voltaremos
Pelas praças principaes;
Que bellas cousas veremos!
Que famosos editaes
Pelas esquinas leremos!

«Chegou monsieur de tal,
Chimico em Paris formado;
Traz segredo especial;
Um elixir approvado,
Um remedio úniversal:

«Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo»:

Iremos ler no outro lado,
Onde acaso os olhos puz:
«Em quarto grande, e estampado
Saíu novamente á luz
Carlos Magno commentado»:

«Na mesma loja hão de achar:
As *Obras de Caldeirão*,
Que em bom preço se hão de dar;
E o *Cavalheiro Christão,*
E as *Regras de Partejar*».

D'estas ridicularias,
E de outras taes murmurando
Co'as nossas philosophias,
A tarde iremos gastando
Té que dêm Ave-Marias:

Então já quando em cardume
Sáe gente da Fundição,
Como sabeis que é costume,
E já as visinhas vão
Pedir ás visinhas lume:

Quando a dama requestada
Um vulto na esquina vê,
E diz á fiel criada,
Que desça pé ante-pé,
E tome o escripto na escada:

Quando todo o ginja rico
Para casa a prôa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joanico*;

Então, meu senhor, teremos
Funcção de mais alto preço;
A certa assembléa iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos:

Feita a geral cortezia,
Pé atrás, segundo a moda,
Daremos á mãe e á tia,
E depois a toda a roda,
Alto e malo senhoria:

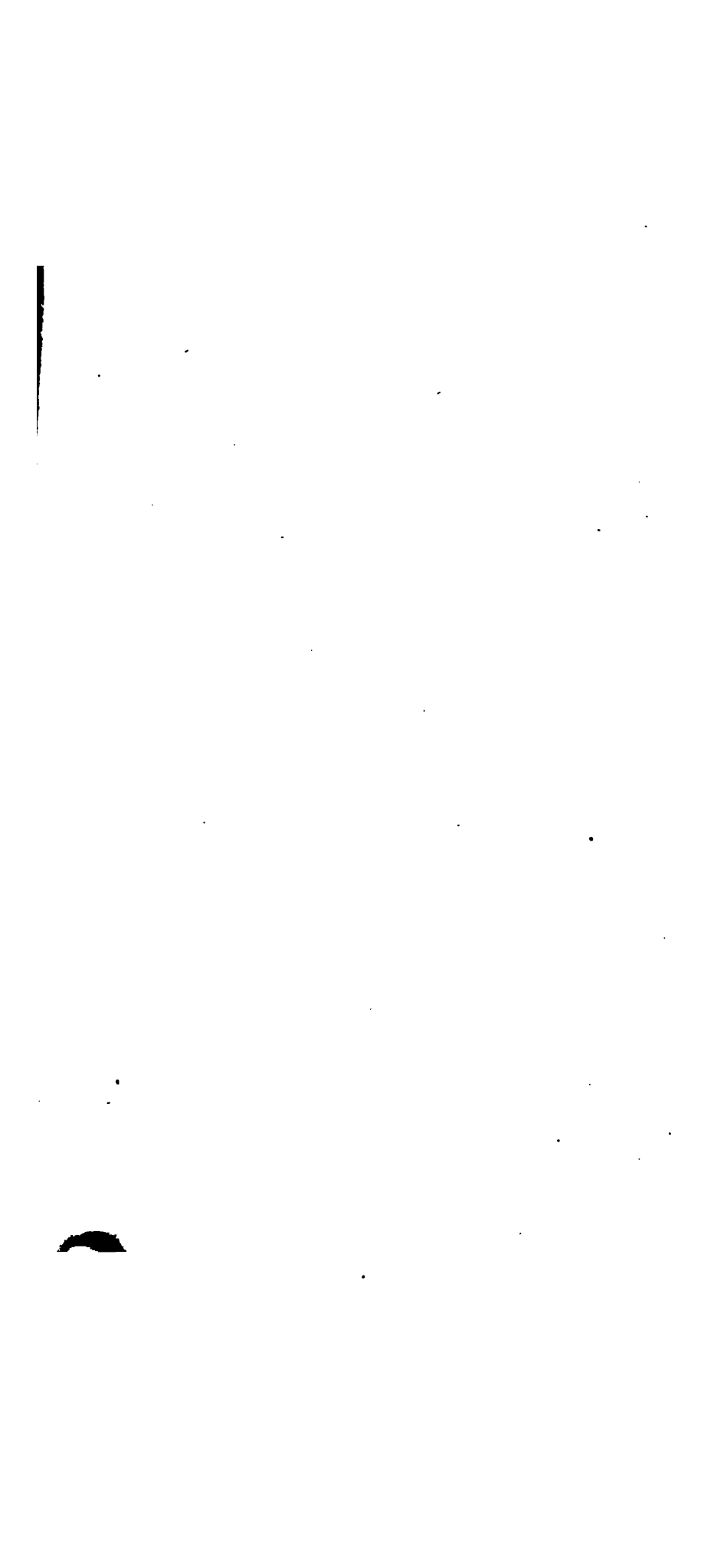
A mãe, já dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que, por seu grande mal,
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal;

Posta de roda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Sapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro:

A tia, séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer;
E d'estas que dão a Deus
O que o mundo já não quer;

Sente um desgosto infinito,
Que o mundo a deixe tão cedo;
Affecta mystico esp'rito;
Porém suspira em segredo
Pelas cebolas do Egypto:

L'Abbé, que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas mêas,
E presidindo em matinas,
Váe depois ás assembléas
Cantar modas co'as meninas;

L'Abbé, que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas mêas,
E presidindo em matinas,
Váe depois ás assembléas
Cantar modas co'as meninas.

É quem lhe rouba attenções,
E lhe accende um fogo interno,
Trata-o com mil expressões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos seus livros de orações:

Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E sabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião:

Pouco ás filhas fallarei;
São feias, e mal criadas;
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
«De saudades morrerei»:

Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sáe a moça da cozinha,
E diante da senhora
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada mesa, logo
Bandeja e bule apparece;
Que mordaes os beiços rogo,
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo:

Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança, ou tres
De cançado cha, que ferve,
Com esta, a setima vez:

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro,
Cançado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro:

Saíremos de improviso,
Despedidos á franceza:
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida mesa
Largar rédea á fome e ao riso:

De tudo nos lembraremos;
A famosa digressão
Ao bom marquez contaremos,
E do vermelho Monção
Mil saúdes lhe faremos:

Mas, senhor, agora vejo
Quanto o pensamento vôa;
Estar comvosco desejo;
Não podendo co'a pessoa,
Fui ao menos c'o desejo:

Correu com largueza a mão;
Escrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração;
Quando vos fallo, ou escrevo,
As horas instantes são:

Quem me seja pouco affeito,
Vendo estas regras singelas,
Dirá com damnado peito,
Que escrever-vos bagatellas,
É faltar-vos ao respeito;

Mas vós sois sabio, e sois justo;
Sabeis a quem me encostei;
Boileau que escreveu sem susto,
Fez o mesmo ao grande rei,
Fez o mesmo Horacio a Augusto.

A FUNCÇÃO

Satyra

Musa, basta de rimar;
Já fazes esforços vãos,
Váe a lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa;
Já co'a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueada;

Teu estro, falto de meios,
Já furta mais do que imita;
Vás dando airosos passeios,
E todo o povo te grita,
«Larga os vestidos alheios»:

Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos louros furtados
Do sepulchro de Boileau:

Lêste por teu mal um dia
Este livro endiabrado;
Tal te poz a phantasia,
Que o corpo velho e cançado
Inda te pede folia:

Depois que vistosa quinta
Te deu brilhante funcção,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel e tinta:

Bem me lembra o sitio ameno;
Quanto vi tenho presente;
Mas a ti é que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vás sempre deitar veneno:

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Por aprazíveis caminhos
Formoso esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a tropa; amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que não fossem filhas
Da innocencia e da alegria?

Dizes que pobres donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das adellas;

E que em quanto em taes desmanchos
A irmã, com titulos falsos,
Faz a gloria d'estes ranchos,
Corre o irmão, c'os pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos:

Dizes que um, o qual eu calo,
Assentando que as senhoras
Querem todas namoral-o,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo:

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração:

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes:

No largo pateo apeados,
Que alva cal em tôrno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na quinta,
Uns dos outros separados:

Faiscando os olhos lumes,
Perdido o siso e o conselho,
Gritas em vivos queixumes:
«Onde estão, Portugal velho,
Onde estão os teus costumes?

«Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga?
Quando era grande funcção
Ir a amiga ver a amiga,
E merendarem no chão!

«Quando a filha sem labéo
Ia cantar com trabalho,
E co'a innocencia do ceo:
— Senhor Francisco Bandalho,
Fita verde no chapéo! —

«Oh malditos os primeiros,
Que a edade d'ouro inventaram!
Que baniram pegureiros,
E nos campos misturaram
Os lobos com os cordeiros!»

Qual, apertando alvos dedos,
Váe dizendo: «Ingrata, aprende
D'estes passarinhos ledos;
Amor sua voz entende,
São de amor os seus segredos.»

Qual co'a navalha afiada
Desegual cortiça aplana
D'antiga arvore copada,
E entalha, em letra romana,
O nome de sua amada;

Beija então as letras bellas:
E de versos curioso,
Pondo brandos olhos n'ellas,
Pede ao tronco venturoso,
Que as vá erguendo ás estrellas:

Dizes que por mais que eu pregue,
São baldados meus officios;
Que ninguem jámais consegue
Marchar sobre precipicios,
Sem que algum pé lhe escorregue:

Sentam-se entretanto os paes;
Vem gazeta, e rei da Prussia,
Vem os Estados Geraes;
Marcham com as tropas da Russia
As tropas imperiaes:

Um conta da Porta o estado;
Diz que das pazes o artigo
Váe mui pouco acautelado;
E tendo a filha em perigo,
Ri do turco descuidado:

Co'a pintada sobrancelha
Váe sósinha passeando
Boa mãe, sincera velha;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pelliça, ora a telha;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está São Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está São Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração.

Em tanto as Venus melhores,
Do que esta, que a arte fez;
Escutam ternos amores,
Que estão jurando a seus pés
Felizes adoradores:

Basta, musa, pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste commigo,
Mas eu nada d'isso vi;

Foi por meu braço levada
Uma das ditas donzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sobre doutas novellas
De tenros annos criada,

Levantou sábias questões,
Que ella mesma resolveu;
Fez profundas reflexões;
E por fim me prometteu
Ler-me as suas traducções;

Jurou que aprendeu grammatica,
E que hoje os livros não fecha
Da infallivel mathematica;
E quer ver se o pae a deixa
Ir na maquina aerostatica:

Só de nós podes fallar;
Dos mais, como has de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?

Dizes que é falso este nome;
Que foi jantar de matula,
Onde só quem furta, come;
Juras que no altar da gula
Foste victima da fome;

Mas da tua semrazão
Eu vi prova verdadeira;
De habil velha a crespa mão
Fói atacando a algibeira
C'os sobejos da funcção:

Se Nizé, que faz estudo
De affectar moral virtude,
Com ar austero e sisudo
Faz criminosa saude
Com os olhos no seu *Tudo*;

Se o chichisbeo seu visinho
Lhe váe afagando os dedos
Do tenro, surdo pésinho,
E por saber-lhe os segredos
Lhe bebe o resto do vinho;

Se mau trinchante novato,
Mostrando annel de brilhantes,
Mas errando a força e o tacto,
Com riso dos circunstantes
Trinchou o perú e o prato;

Se gordo beirão morgado,
A quem seus canhões affrontam,
E em par de meias bordado,
Traidores vincos nos contam
As vezes que as tem calçado;

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo que a adora;
Que de fartos paes é filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho:

Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa um beiço espetado;

Tudo isto são meros nadas;
E toda a indulgencia pedem
Mesas em barulho armadas;
Peiores cousas succedem
Nas que julgas delicadas:

Eu já vi boçal criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar um moço na escada,
Que vem buscar a toalha,
Se já está desoccupada:

Deixa pois tenção ruim;
Foi um soffrivel jantar;
E depois que elle deu fim,
Foi mau ver contradançar
Toda a tarde no jardim?

Destros pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Deram promptos e acertados,
Um prazer, que só conhecem
Os corações delicados:

Venus mesma não fizera
Jogos mais encantadores,
Quando dizem que descêra
Entre as graças e os amores
Sobre os jardins de Cithera:

E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Ver parceiro cortezão
Ir levar á dama as tranças,
Que lhe caíram no chão?

Das tres velhas que dançaram,
Se uma gritou de repente,
Foi porque os pés a entregaram,
Quando desgraçadamente
Os dois callos se encontraram:

E se acaso em ti não ha
Gosto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas que vem c'o tempo,
O tempo as acabará:

Não são os gostos eternos;
Teve o Passapié amigos,
Ainda não ha quinze invernos;
Foi a gloria dos antigos,
Hoje é mofa dos modernos:

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Hystericos, josésinhos,
Feitiços, e contradanças:

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Louro paralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *londum chorado*:

Se Marcia se bamboleia
N'este innocente exercicio;
Se os quadris saracoteia;
Quem sabe se traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não sentencêes de estalo;
Tem as danças fim decente;
Ama o pae; mas, por deixal-o,
Dança a donzella innocente
Diante de São Gonçalo:

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o povo é tributario,
Velho preto prazenteiro
Para gloria do rosario,
Remexe o corpo e o pandeiro:

Em solemne procissão
Une a frieleira casta
O fandango e a devoção;
Mas em fim de exemplos basta,
E tornemos á questão:

Já d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos assentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brazileiras:

E qué mal te fez na porta,
Pae que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer que peçam á filha
Um bocado de *Comporta?*

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Por destros galgos achadas
Nó jogo das escondidas?

Musa, abre os olhos escassos,
Não te enganes co'a apparencia;
Se não torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jogo dos abraços:

Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva
Tão destramente as baralha,
Que sempre saíu viuva
Santa velha, que não ralha:

Tira a este brinco o véo,
Util fim verás mil vezes;
D'alli sáe o chichisbeo;
D'alli se levam as rezes
Aos altares de Hymeneo:

E se co'a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tão bem passada,
Com menos causa gritaste
Á noite na retirada:

Se a pé, dando o josésinho
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe caísse o burrinho:

Todas contentes chegaram;
Nenhuma chegou moída;
E depois que se apearam,
Alli mesmo, á despedida,
Outra funcção ajustaram:

Vês, musa, como atropellas
A innocencia das funcções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal d'ellas:

Segue outra philosophia;
Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia;
Na discreta variedade
Está do mundo a harmonia:

Bravo inglez sanguinolento,
Depois de deixar votado,
Que se affronte o mar e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas salas do parlamento?

Se pela patria se cança,
Tambem prazeres deseja;
De manhã assusta a França;
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança:

Trata pois dè te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o povo está a zombar
Em quanto te incham as veias
Com a força de prégar:

Thomaz dos Pós [1] fez missões;
Ajuntou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos escripta
A paga dos seus sermões:

Toma em fim a lição minha;
Mas se estás na mesma frágoa
D'aquella mulher mesquinha,
Que alçando a mão fóra d'agua,
Fez c'os dedos tesourinha;

Teme o raivoso furor
Do exercito dos paraltas,
Que em armas se váe já pôr;
Tambem o das poupas altas,
Que é inimigo peior:

Guardam no peito odio velho
Por motivos similhantes;
E se crês no meu conselho,
Mata-lhe antes os amantes,
Quebra-lhe o melhor espelho,

Prohibe-lhe as convulções;
Abre-lhe ao cãosinho as veias,
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe entendas co'as funcções.

1) Donato, que por prégar foi para as galés.

O VELHO

Satyra

Em vão te quero fugir;
Fatal velhice, as tuas settas
De perto me vem ferir;
Bem ouço o som das moletas,
E bem te sinto tossir:

Assim natureza o quiz;
Já em teu rol me alistaste;
Já em triumpho infeliz
Uns oculos arvoraste
N'este vencido nariz:

Vens agora em teu vassallo
Imprimir novos ferretes;
Aos justos me humilho e calo;
Brotem nodosos joanetes,
Nasça em cada dedo um callo:

Mas não dês com mão maldita
Castigo sobre castigo;
Eu não fujo á lei prescripta;
E teimar tanto commigo,
Não é lei, é revindicta:

Queres que nojoso pranto
Já me creste rubros olhos?
E não farta inda com tanto,
Alças barrete de folhos,
E já me apontas um canto?

Já me mandas, que abafado,
Martyr de algozes receios,
Pardo lenço sobraçado,
Tente convulsos passeios
No meu gallego encostado?

Venha o mal, mas não se apresse;
Sobre o consultado espelho
Meu rosto não esmorece;
Queres saber quem é velho?
É velho quem o parece:

Sei que a calva me condemna;
Que importuna côr desdoura
A grenha, pouca, e pequena;
Mas esta marrafa loura
Lança um véo sobre a gangrena:

Não me venha já fechar
Apressada mão ferina;
Tenho uma alma, e posso andar;
Quero da fiel Nerina
Pela rua passear:

Sisudo amor nos prendeu;
Nerina não quer ver rotos
Os laços que me teceu;
Quer consagrar nossos votos
Ante a faixa de Hymeneo:

Velhos da ultima edade,
Ao longo calção estreito
Mandam apertar metade,
Porque inda traz o defeito
De andarem n'elle á vontade;

Pois se ha tantos refundidos
Com quem fazes grossa a vista,
Seja eu dos favorecidos;
Augmenta commigo a lista
Dos teus escravos fugidos:

Deixa, em fim, deixa abrandar-te;
Quando não, rebelde presa,
Hei de as forças disputar-te;
Tens por ti a natureza,
Eu tenho o costume e a arte:

Troca a arte annosos freixos
Em dourado bergantim;
Troca em nymphas toscos seixos;
E torna em alvo marfim
Podres, solitarios queixos:

Que importa que a côr grisalha
Me infame o rosto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador barbeiro
Os meus annos na navalha?

Se em cortezã sociedade
Lésbia contrafaz denguice;
E fiada no alvaiade,
Quer tributos na velhice,
Sem os ter na mocidade:

De tigelas rodeada,
Se á vontade os annos troca;
E por ficar bem pintada,
Com colhér dentro da bocca
Alteia a face engilhada:

Se a surda orelha applicando,
Por mostrar que ouvíra tudo,
Váe co'a cabeça approvando
Maganão, que em ar sisudo,
Serpente lhe está chamando:

Na poltrona agasalhado,
Váe sendo de quando em quando
Pelas filhas assoado.

Se assim mesmo quer amantes;
Se Alcino ajustando á lyra
Mentirosos consoantes,
A seus joelhos suspira
Pelos brincos de diamantes:

Moço de mesquinha sorte,
Que tendo á indigencia horror,
Vende amoroso transporte,
E entoa os hymnos de amor
Ao simulacro da morte:

Pois se a Lésbia é permittido
Rebellar-se á natureza,
E a seu duro açoute erguido;
Porque estupida baixeza
Hei de eu dar-me por vencido?

Cedam tremulos jarretas,
Que já quatro edades contam;
De Cupido as mãos discretas
Sobre cinzas não apontam
As suas douradas settas:

Ceda Anfronio, que assentado,
O queixo em vão mastigando,
Na poltrona agasalhado,
Váe sendo de quando em quando
Pelas filhas assoado:

Que dando risadas tontas
Da contradança aos enredos,
E rezando ao som de affrontas,
As netas apertam dedos,
Em quanto elle passa contas:

Sobre Anfronio assenta bem
Teu açoute levantado;
Contra mim sem tempo vem;
Que em estando escanhoado,
Não me troco por ninguem:

Debalde de alcatruzar-me
Agora em vingança gostas:
Vejo Nerina a esperar-me,
Gritarei com dor de costas,
Porém hei de endireitar-me:

Gemam, subindo a calçada,
Meus torcidos ossos velhos;
Que com a porta cerrada,
Pondo a cara nos joelhos,
Tomarei folgo na escada:

Entrarei fazendo agrados,
Comprados dentes mostrando
Os meus beiços ensinados;
E nos aventaes lançando
Mãos cheias de rebuçados:

Direi mil amores ternos,
Ante Nerina ajoelhado;
Mascarando os meus invernos
Com cabeção encarnado,
E botõesinhos modernos:

« Meu tudo, vem um primor;
Vale mais que mil paraltas;
É o retrato do Amor;
Bem lhe estão as feições altas;
Vem hoje mesmo uma flor: »

« Senhora, são os enganos
Da belleza companheiros;
Em mim só ha desenganos;
Tendes n'estes cavalheiros
Mais prendas, e menos annos:

« Outra edade me convinha
Para vos ser bem acceito;
A accender a paixão minha
Venus contra o vosso peito
Seus cysnes não encaminha: »

Beijo-lhe a nevada mão,
E vou por ella mandado,
Pondo um chapéo de galão,
Repetir, com pé virado,
Castelhana relação:

Mas tu, velhice raivosa,
Só commigo impertinente,
Desegual, escandalosa,
Com tantos tão indulgente,
Commigo tão rigorosa!

Forjando na testa injusta
Vis idéas insultantes,
Gritas, que Nerina é justa;
Que me lança aos circunstantes,
E os diverte á minha custa:

Que é a travêssa Nerina,
Que me fez ao sol expor
Dez manhãs a uma esquina;
Sendo as pagas d'este amor
Risadas, e uma maligna:

Que dos sete amantes seus
Que suspirâmos feridos
Co'as settas do cego deus,
Escuta os ternos gemidos;
Mas por mófa, só os meus:

Que os olhos, que eu chamo soes,
Mestres de attractivas tretas,
Tem só ouro por faroes;
Que alli forja Amor mil settas,
Que levam na ponta anzoes:

Mas que barbara insolencia!
Que injusto, infernal conceito!
E es tu irmã da prudencia?
Infamar um casto peito,
Throno de amor e innocencia?

Unir-se a noite co'a aurora,
Ver rebentar d'agua fria
Viva chamma abrasadora,
Mais facil isto sería,
Que ser Nerina traidora:

Seus fiscaes meus olhos são,
Inda d'antes que os seus passos
Tocassem paterno chão;
Vi-a crescer nos meus braços,
Leio no seu coração:

Sem mim nunca póde estar;
C'o meu moço á noite vou
A sua porta rondar,
Quer saber que alli estou,
Gosta de ouvir-me escarrar:

Contando historias de fadas,
Em horas que o pae não vem,
E co'as pernas encruzadas,
Sentado ao pé do meu bem,
Lhe dóbo as alvas meadas:

Contando historias de fadas,
Em horas que o pae não vem,
E co'as pernas encruzadas,
Sentado ao pé do meu bem,
Lhe dóbo as alvas meadas.

Seus escriptos, que me affirmam
Singelo amor, fé segura,
Com o seu sangue se firmam,
Pelos meus olhos o jura,
E as criadas o confirmam:

A cassa, a fina sedinha,
De que as gavetas são fartas,
Com inveja da visinha,
O pae mesmo lê as cartas,
Em que lh'as manda a madrinha:

Quando alguem mais cedo chega
Nos dias de companhia,
Aos p'rigos nunca se entrega;
Leva sempre a austera tia,
Inda apesar de ser cega:

E tú, velhice cruel,
Manchas tão justa paixão!
Com a lingua molhada em fel
Manchas puro coração,
A si e a mim tão fiel!

Mas ainda a ser evidente
Quanto queres inventar,
Apostolo impertinente,
Para que has de tu suar,
Se não sua o padecente?

Doces expressões sinceras,
Meigo carinhoso dó,
Suppõe que não são devéras;
Por ventura sou eu só,
Que me nutro de quimeras?

Se poz natureza crua
Em cada um, um furor,
Só em mim a espada nua?
Se a minha teima é o amor,
Todos os mais tem a sua:

Fabio, antigo cavalheiro,
Mas que herdou só pergaminhos,
Quebrando hoje o mialheiro,
Deixou rotos os filhinhos,
E comprou um reposteiro:

Pede esmola em baixa voz;
E alegre sua alma nobre,
Zomba da pobreza atroz,
Beijando no dado cobre
As armas de seus avós;

Ticio de versos fallidos
Fabricante impertinente,
Uns curtos, outros compridos,
Quer que gemam egualmente
As imprensas, e os ouvidos:

Enfastiados freguezes
Juram que este auctor é louco;
O cégo grita seis mezes;
E á noite, raivoso e rouco,
Conta os mesmos entremezes:

Mas freira, que tem dinheiros,
E da *Phenix Renascida*
Repete tomos inteiros;
Dois triennios incumbida
De dar motes nos oiteiros;

Que hoje com dois estupores,
Buscou dos banhos o abrigo;
Pródiga em chá e em louvores,
É quem desforra este amigo
Do desprezo dos leitores:

Ticio ri de semrazões,
Vende ás tendas pelo vulto
As divinas producções;
E tem dó do povo estulto,
Que gosta mais do Camões:

Pois se aqui na terra dura,
Que tu empeiorado tens,
Não ha solida ventura,
Deixa-lhe ao menos os bens,
Que finge a humana loucura:

Mas taes argumentos são
Para o meu caso escusados;
De Nerina a estimação,
Firme amor, doces agrados,
Não são bens de opinião:

Velho que attento namora,
Que arrosta calmas intensas
Por servir a quem adora;
Que lhe cobra logo as tenças,
Que é comprador da senhora;

Que é calado, que é polido,
Que tem um coração liso,
Com outras não dividido,
Pelas damas de juizo
É aos moços preferido;

Que faz sobrancelha preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Se sabe a dama discreta,
Que nos cafés seus escriptos
São a segunda gazeta;

Mil relogios, mil fivelas,
Que aos Adonis muitas deram
Para uma irmã ir a Bellas,
Á terça feira penderam
Nas cabanas das adellas:

Cuidas que é um corollario
Ser velho amante infeliz?
Amor é muito arbitrario;
Manda este sabio juiz
Muitas vezes o contrario:

Roto diccionario antigo
Me dá n'este assumpto a mão;
Trata d'este mesmo artigo;
E ainda que é mera ficção,
Atiça a luz ao que eu digo:

Branda doença tocava
De moço marido o peito;
Terna esposa o não deixava;
Desgrenhada sobre o leito,
Triste pranto derramava:

Vem loquaz medico forte,
Que com a penna homicida
Governa as cousas de sorte,
Que nos esteios da vida
Levanta o throno da morte:

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voão;
Por elle folgam herdeiros;
E em mil ermos adros sôam
As enxadas dos coveiros:

A triste victima então,
Que o ultimo instante goza,
Porque caíra em tal mão,
Passou dos braços da esposa
Para as garras de Plutão:

Não foi ver a clara luz,
Que em doce silencio ráia
N'esses vastos campos nús,
Aonde o filho de Maia [1]
Piedosas sombras conduz:

Foi ao reino dos espantos;
O coitadinho pasmava,
Quando alli viu taes, e tantos;
Viu muitos que elle cuidava
Que eram n'este mundo uns santos:

1) Mercurio, filho de Maia, era na fabula o conductor das almas nos Campos Elysios.

Mas o que mais o admirou
Foi ver seu velho criado,
Que elle dos bons paes herdou,
Por longas cans abonado,
E a quem a casa entregou:

Homem, lhe diz, que a ambição
Me viesse aqui trazer,
Pede-o a justiça, e a razão;
Quiz meu filho enriquecer,
E para elle fui ladrão:

Mas de ti me maravilho;
Dize, ó homem de conselho,
Porque vieste a este trilho?
«Vim, responde o afflicto velho,
Por ser o pae do tal filho:»

Com esta historia te ensino...
Porem tu me tens vendido;
E ás idéas que combino,
Vás c'o teu queixo caído
Dando um sorriso maligno:

Dizes que os annos escondo,
Fundando razões nos ventos;
Que á parte a verdade pondo,
A sisudos argumentos
Só com fabulas respondo;

E em quanto te estou provando,
Que me devem ter amor,
Vás as settas afiando;
E o trahido prégador
Com ellas ameaçando:

Fira embora a mão mesquinha,
Que eu nunca lhe cederei;
É Nerina a paixão minha;
E por casas andarei
Atrás d'ella em cadeirinha:

Ella virá ajudar
Meus tardos, mal firmes passos;
E por não me constipar,
Irão os seus alvos braços
As vidraças abaixar:

Sua bocca esfriará
Meu chá, se quente o sentir;
Meus oculos limpará;
E para me fazer rir,
No seu nariz os porá:

Perdes em fim os cuidados
Sem vires c'os teus sequazes,
Triumphantes apupados,
Brinco e medo dos rapazes,
Os sujos gatos-pingados:

Então quando tendo alçado
Das tristes, feridas casas,
A morte seu vôo ousado,
Encolher as negras azas,
E pousar no meu telhado;

Quando os dias que me agouras
Sentirem o ultimo frio
Que em teus cofres enthesouras,
E a Parca em meu debil fio
Fechar as fataes tesouras;

Então sim, então venceste;
Os teus olhos fartarás
No triumpho que tiveste:
Mas tambem então verás
A loucura que fizeste:

Sem um velho assim jucundo,
Que ponha côr, ponha dentes,
Quaes são teus bens, qual teu fundo?
És o terror dos viventes,
És o maior mal do mundo:

Sem mim, sem minhas trapaças,
Sem ternura, sem meiguice,
Sem estudadas negaças,
Como andaria a velhice
A par do amor e das graças?

Chora então quem te arrancou
O arraigado vituperio;
Que os horrores te afastou;
Que adoçou o teu imperio,
E que, em te negar, te honrou:

E sobre uma campa breve,
Com profundado lavor,
Que a mão do tempo não leve,
Em honra tua, e do amor,
Este epitaphio me escreve:

«Aqui, lisa pedra encobre
Um peito nunca infeliz;
Todo o amante animo cobre,
Vendo que este foi feliz,
Que além de velho, era pobre.»

QUIXOTADA

Satyra

Espicaça esse animal,
Companheiro Sancho Pança,
Entremos em Portugal,
E vamos molhar a lança
A pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,
Já estou em circo raso:
Tambem Apollo é Cervantes,
Tambem cria no Parnaso
Seus cavalleiros andantes.

Não vos chamo, ó sujo rancho,
Que até os versos erraes;
Em tal sangue as mãos não mancho:
Para vós e outros que taes
Sobeja a espada de Sancho.

Sobre vós carrégo a mão,
Sobre vós, ó folhas velhas,
Que daes n'um homem no chão,
Sem vos lembrar, que entre ovelhas
É fraqueza ser leão.

Essa bocca enganadora,
Que é hoje da maldição,
Mil vezes se poz outra hora
Sobre a praguejada mão,
E lhe chamou bemfeitora.

Pois já que vós sois assim,
Povo revoltoso e ingrato,
Hoje castigar-vos vim:
Ireis pelo pó do gato,
Nem esp'reis quartel em mim.

Santo Tejo, o curso enfreia,
E montando rochas duras
Torna atraz a clara veia:
Conta novas aventuras
Á formosa Dulcineia.

Nova guerra o mundo veja,
Guerra em que pouco se arrisca:
Serão armas na peleja,
Provado fuzil e isca,
Sêcca, espinhosa carqueja.

Irmão Sancho, põe-te a pé,
Põe essas rimas a prumo,
Principio á obra se dê,
Tolde o ar o negro fumo
D'este novo auto-da-fé.

Queima essas satyras frias,
Faltas de siso e conselho:
Queima prosas e poesias:
Acabe o cançado velho
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma
Das raras que tem sabor:
Das outras nem deixes uma,
D'essas que tudo é rancor,
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:
Mas se houver desassisados,
Que queiram guerra mais dura,
Da minha lança cortados
Descerão á sepultura.

Já nuvens de fumo vejo:
Já chamma brilhante o arreda:
Já se farta o meu desejo:
Já da viva lavareda
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denigridas,
Que ao velho poupam mil magoas,
Leve-as o Tejo envolvidas,
Fiquem no fundo das aguas
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu
Como vôa a clara fama?
Nem viva alma appareceu
A apagar a voraz chamma,
Ninguem, ninguem se atreveu!

Vês como ajuda o destino
A um bom cavalleiro andante?
Não precisei de aço fino,
Nem de pés de rocinante,
Nem do elmo de Mambrino.

Ó tu que alçaste a viseira
Forcejando os nervos velhos,
E para ver a fogueira
Limpaste os olhos vermelhos
Na felpuda cabelleira:

Abaixa a proa uma vez,
Chega a Dulcineia bella,
E dize posto a seus pés:
« Formosissima donzella,
Eu sou um triste marquez,

« Que fugindo a um povo inteiro,
A quem mettêra em furor
Minha privança e dinheiro,
Vim achar mantenedor
Em teu nobre cavalleiro.

« Disse este povo malvado,
Que eu tinha o reino extorquido;
Que era gatuno afamado,
E que em jogos de partido
Tinha com todos levado;

« Que no tabaco levava
Um quinhão avantajado;
Que o sabão não me escapava;
E que sem ser deputado
Nas companhias entrava.

« Das minhas leis murmuravam:
E o seus pequenos juizos
Tão pouco o ponto tocavam,
Que sempre me eram precisos
Assentos que as declaravam.

« Té na lingua sem motivo
Deram criticos revezes:
Fiz n'ella estudo excessivo,
Bebi nos bons portuguezes
Monopolio, e *respectivo*.

« Disse mais o povo insano,
Que perdi de Roma o trilho;
Que fui sultão soberano;
Que andei casando meu filho
Segundo o rito othomano.

« Mas toda a maldade é sua:
Vêm riquezas e palacio,
Comem-se de inveja crua:
São uns novos cães de Horacio
Ladrando debalde á lua.

« Já se me dá pouco ou nada
Da sua guerra pequena:
Tenho gente em campo armada,
Tenho Mendonça co'a penna,
E Dom Quixote co'a espada. »

Esta falla, ou outra egual,
Acabada, meu marquez,
Faze reverencia formal,
E arrasta os gotosos pés
Para a villa do Pombal

N'ella vive descançado,
Porque as aguas vão serenas;
Sempre ministro de estado,
Mandando cousas pequenas
No teu Lopes encostado.

Junto á estatua vil canalha
Desprende as linguas tyrannas:
E se esta rude gentalha
Arrancar com mãos profanas
A carrancuda medalha;

Armas em ouro gravadas
Ser-te-hão por mim erigidas,
E por ti mesmo traçadas,
Em sangue humano tingidas,
E com mil leis penduradas.

OITAVAS

O BILHAR

Satyra

Por fugir da cruel melancolia,
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miuda gelosia,
Espreitando, qual timida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
« Se a tanto me ajudar engenho e arte. »

Mora defronte roto guriteiro,
Com jogo de bilhar e carambola;
Onde ao domingo o lepido caixeiro
Co'a loja do patrão váe dando á sola;
Gira no lizo, verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos,
Chamam-lhe os mestres d'arte « truques altos. »

Alli se ajunta bando de casquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topéte, prenhe de polvilhos,
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues, vadios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões; promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

Um quer ver, enfronhado em picaria,
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
De luzidio, virginal florete;
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airoso minuete;
E posto em pé, para imitar-lhe os passos,
Altêa o peito, e váe torcendo os braços.

Aventuras de amor outro contando,
Mostra os escriptos de Nerina bella,
Onde á mão adoravel foi lançando
Com penna de perú letra amarella;
Váe com trabalho o triste soletrando
As tortas regras, que boçal donzella,
De emprestadas finezas carregára,
Que piedosa visinha lhe dictára.

Então diz, que finissima madeixa
Lhe ondêa sobre o hombro torneado;
Alli suspira o triste, alli se queixa
De ir já sendo por ella desprezado;
Conta, chorando, que esta ingrata o deixa
Por esbelto cadete, que rafado,
Por mais que ao usurario os soldos peça,
A bolsa sempre tem como a cabeça.

Do bom *Dupré* o airoso minuete;
E posto em pé, para imitar-lhe os passos,
Altêa o peito, e váe torcendo os braços.

Alçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rigido banqueiro;
Que tendo já de marcas alto monte,
Ia despindo o misero parceiro;
Em quanto um diz que lavre, outro que conte,
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'uma paz já vencida, um ponto afoito,
Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito banqueiro affronta os medos,
Tendo nas mãos em que se vá vingando;
Com cuspo milagroso ungindo os dedos,
Váe destramente as cartas recuando;
De sciencia infernal, subtis segredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, pelotiças.

Mas não se livra de subtil calote,
Que um velho mansamente lhe tecia;
Julgando-o todos misero pixote,
Parolins de campanha impune erguia;
Embuçado em diafano capote,
Por um buraco os ganhos recebia;
Fôra no « cabra » das melhores pernas,
Hoje joga os « tres setes » nas tavernas.

Os roxos olhos para o ar alçados,
Encostado na quina de um bofete,
Pensativo taful mordia uns dados,
Que seis vezes tiraram quatro a sete;
Com suspeitas de que eram carregados,
Em duro almofariz o triste os mette;
E a golpes de martello aberto o centro,
Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pallida viseira,
Sujo poeta está vociferando;
Da nojosa, empeçada cabelleira,
Várias pontas de palha vem brotando;
Os papeis, que lhe pêjam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da véstia camisa; e é collarinho
Torcido solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno outeiro
Da sabia padaria apadrinhado;
E diz-se que glosava por dinheiro;
Mas creio que atéqui não tem cobrado:
Seguindo em moço o officio de barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha,
Tanto co'a penna, como co'a navalha.

Fallou, por affectar musa campestre,
Em surrão e cajado muitas vezes;
Era um flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos e faces dos freguezes;
Todos os versos leu da estatua equestre,
E todos os famosos entremezes,
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada, rançosa poesia,
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acrósticos sonetos repetia,
Que só elle entendia, e só louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

Este ouvindo da turba as prosas frias,
E acceso do Parnaso em santo zelo,
Alçando a voz, cantou doces poesias,
Que invejou de Latona o filho bello;
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteu que as havia dar ao prélo;
Mas da roda um dos menos depravados,
Em desconto as ouviu dos seus peccados.

« Debalde, diz, o povo vil, perverso,
Sobre mim descarrega tiros rudos;
Que eu não só sou poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos;
Sei que syllabas leva cada verso,
E não misturo graves com agudos;
Rompi outeiros em Sant'Anna, e Chellas,
Chamei sol á prelada, ás mais, estrellas.

« Co'as sonoras palavras *Pindo*, e *Plectro*,
Ponho em meus versos locução divina;
E sei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a historia das fabulas me ensina;
Sei que dos ceos tem Jupiter o sceptro,
Que nos infernos reina Proserpina;
Á madrugada sempre chamo aurora,
Sempre chamo a um jasmim mimo de Flora.

« Sei de certo em que tempo viu o mundo
Filhos da terra os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são consoantes, ou toantes;
Sei tudo, e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estilo é sybillino, o nome é ode.

« Fazel-as eu, não posso, nem desejo,
Porém sei conhecel-as facilmente:
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue, mádido tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo, eu vejo...
Em dizendo isto, é ode certamente;
É filha d'arte a escuridade d'ellas,
É um preceito das *desordens bellas.*

« As taes poesias, que a entender não chego,
Podres palavras tem desenterrado;
Se levam nó, é tão occulto e cego,
Que quem quer desatal-o, vãe logrado;
Dizem que imitam n'isto um certo grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de ouro
Seria grega, mas fallava mouro.

« Quatro rapazes estendendo o panno,
Deixam as gentes ao redor absortas;
Fallando em Venuzino e Mantuano,
As musas portuguezas põem por portas;
Aprendendo francez e italiano,
E umas taes linguas, a que chamam mortas,
Trazem com ellas perigosas modas;
Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

« Diz um sabio que o seculo presente
Ia emendando os erros do passado;
Mas que das odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez estropeado;
Que amontoam com mão impertinente,
Quantas palavras velhas tem achado;
Que se envergonham das que usâmos todos,
E vão buscal-as muito além dos godos.

Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'um baralho de cartas pela cara.

« Como a caruncho e podridão condemna
A lição affectada dos antigos,
Não leio Barros, Sousa, nem Lucena,
Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos;
Ou sempre escreveu mal a sua penna,
Ou nunca os leram bem os taes amigos;
E por cautela, arreda, bolorentos
Ginjas fataes, do tempo de quinhentos.

« Não podem crer os genios lusitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas;
Que já murchou esse estro dos romanos,
E influem sobre nós outras Camenas;
Que o tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cair Roma, fez cair Athenas;
Que jaz no pó a Iliada envolvida,
E que alça a frente a *Phenix Renascida.* »

« *Mais ia por diante o monstro horrendo*
C'o sermão, que ninguem lhe encommendára;
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'um baralho de cartas pela cara;
Era um ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente poeta se vingára;
Que não sentiu o ver-se maltratado,
Mas ter a porcos perolas lançado.

Eis que o dono da casa espavorido,
Em castigo da sordida cubiça,
Vem com as mãos na cabeça: « Estou perdido,
Tenho as casas cercadas de justiça: »
Era domingo, e um ponto arrependido
Sentiu então o não ter ido á missa;
Não valem rogos seus, nem do banqueiro,
É mais brando um leão, que um quadrilheiro.

Mas já faminto alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella:
« Bota cordão, *Manteiga,* agarra tudo,
E sentido não saltem da janella. »
Forçoso quadrilheiro, alto e membrudo,
Aos desgraçados põe de sentinella;
Soam algemas, lançam-se cordões,
Cortam-se atraz os cozes dos calções;

Então o triste povo sitiado
Faz das bolsas bandeiras de amizade;
Capitúla em dinheiro de contado,
Negocea-se a paz com brevidade;
Sentiu-se o bom esbirro lastimado,
E aos infelizes deu a liberdade;
Pagou-lhe o ceo tão santo beneficio,
Jaz na enxovia, e tem perdido o officio.

Eis-aqui, meu Alcino tenho exposto,
A medicina que me tem sarado;
E como trazes o quebrado rosto
De lagrimas de dor sempre inundado,
Vem visitar-me um dia, que eu aposto,
Que para casa voltarás curado,
Nos costumes tambem; que aqui enfreias
As baldas proprias, rindo das alheias.

DECIMAS

Ao conde de Villa-Verde

Mandaes-me que os versos traga
Que na almofada fallaram; [1]
Porque os outros vos ficaram
Nas mãos da illustre Arriaga.
Essa honra é uma paga,
Que elles nunca mereceram:
Se os seus olhos se puzeram
Sobre tão baixa escriptura,
Devo essa grande ventura
Ás illustres mãos que os deram.

Mas é do meu triste fado
Tão teimosa a crueldade,
Que até na felicidade
Vejo que sou desgraçado:
Pois devieis cautelado
Segurar a occasião:
Fingindo que errava a mão,
Entre mil papeis diversos,
Podieis em vez de versos,
Dar-lhe a minha petição.

1) Vid. adiante pag. 265 in fine, e seguinte.

Ao conde de Villa-Verde

Assisti á sagração,
Acto, senhor, dos mais serios,
Que envolve augustos mysterios
Da nossa religião.
Lembrou-me chrismar-me então
Por ser acto episcopal;
Por permittir acção tal
Que outro appellido se tome,
Lembrou-me trocar o nome
De mestre em official.

Busquei as horas melhores,
E encommendei-me á fortuna;
Cheguei, e para a tribuna
Tinham já ido os senhores.
Pelos frios corredores
O bom Lima me encaminha;
Foi-me pôr na tal portinha
Onde os pretendentes vão
Pôr os joelhos no chão,
E os olhos na rainha.

Co'a cabeça estopetada,
Como quem dorme sem cama,
Roto fumo e alguma lama
Sobre a casaca encarnada,
Vi o tal que grita, e brada,
Quer na sala, quer na rua.
Por mais que trabalha, e sua,
Guarda-roupa é louca idéa:
Como ha de guardar a alhêa
Quem trata tão mal da sua?

Ao pé a figura rara
Do pardo cardeal astuto,
Que para cumprir o lucto
Lhe basta mostrar a cara.
Dos dois na justiça clara
Grandes fundamentos acho;
Mas fujo mais para baixo,
E dispenso amigos taes,
Por não ficarmos eguaes
Na justiça, e no despacho.

Ao conde de Villa-Verde, quando morreu o pae do auctor

Peito de tanta bondade
De bom pae o nome preza:
Levou-me um a natureza,
Mas deixou-me outro a piedade.
Amparae minha orfandade,
Porque a vossos pés me humilho:
Se não me abris outro trilho,
Tal a minha estrada váe,
Que irão co'a vida do pae
As esperanças do filho.

Ao conde de Villa-Verde, depois marquez de Angeja

Em sege estreita entaipados,
Sol á ilharga, sol por cima,
Vinha eu, e o padre Lima
Cheios de pó, e encalmados.
Eis-que na estrada atacados,
Param as mulas baratas;
Cuidei eu que eram piratas,
Que tiram vida e dinheiro;
Fui ver se era o clavineiro,
E achei duas açafatas.

Traziam a arma mais dura,
Que no peito se tem posto;
Traziam ambas no rosto
O respeito, e a formosura.
Querem sege mais segura,
Porque a sua está quebrada;
E em quanto o padre na estrada
Lhe diz palavras pomposas,
As minhas mãos respeitosas
Lhe afoufavam a almofada.

Trabalho infeliz fizeram,
Porque meus fados são taes,
Que acceitando tudo o mais,
A almofada não quizeram. (1)
Debaixo dos pés puzeram
Minha obra desprezada.
Senhor, não fazemos nada,
Tomar vãos trabalhos ousas,
Tem todas as minhas cousas
O destino da almofada.

Porém não desesperemos
Da fortuna cega e varia,
Vença-se a maré contraria
Á força de véla e remos:
Ao bom porto encaminhemos
Em que ao longe os olhos puz;
Veremos da nova luz
Minha esperança allumiada,
Se aqui houver uma escada,
Como a que houve em Queluz.

(1) Por causa dos toucados altos.

Ao conde de Villa-Verde andando o auctor em pretenção de ser official da secretaria de estado

Senhor, venho perguntar
Quando ides ficar no paço:
Para que á força de braço
Lanceis esta nau ao mar.
Sabe montes aplanar
Vossa discreta porfia:
E pinta-me a fantasia,
A qual nem sempre me engana,
Que só na vossa semana
Me ha de chegar o meu dia.

Ao conde de Villa-Verde, perguntando ao auctor se os seus versos faziam conquistas de amor

Os meus versos mal fadados,
Que eu devo lançar nas chammas,
São com homens e com damas
Egualmente desgraçados:
Sempre em lagrimas banhados,
E nunca em hora opportuna,
Foram offerta importuna,
E sacrificio de horror,
Quer em altares de amor,
Quer no templo da fortuna.

No dia dos annos do conde de Villa-Verde, depois marquez de Angeja, em cuja casa o auctor jantou

Senhor, talvez n'este dia
Já cantei versos polidos;
Porém em tectos caídos
Não mora o deus da poesia:
Voou; e da testa fria
Me tirou o verde louro,
E das mãos a lyra de ouro;
Tudo em fim se foi co'a breca;
Mas se a Aganippe se sécca,
Não se ha de seccar o Douro.

Embora no velho caco
Murche o cançado miolo;
Se os louros lhe tira Apollo,
Com parras o adorna Baccho:
Põe mira meu peito fraco
Nos vossos puros almudes;
E em honra de mil virtudes,
De mil talentos diversos,
Em vez de fazer dois versos,
Farei duas mil saudes.

Fazendo annos o marquez de Angeja, tenente general, na occasião em que saíra provedor da misericordia

Que fazem versos cançados,
Applaudindo os vossos annos,
Se dos nossos soberanos
São melhor elogiados?
Se os trazem sempre empregados
Em servir a monarchia,
Se a real secretaria
Escreve em vosso favor,
Taes prosas louvam melhor,
Do que a melhor poesia.

Da vossa dexteridade
Fiam cousas encontradas:
Dão-vos as duas estradas,
A do sangue, e da piedade.
Vivei pois comprida edade
Sempre entre povos amigos;
Mas se crescerem perigos,
Crescerão as acções nobres;
E a mão que defende os pobres,
Cortará os inimigos.

No dia dos annos do marquez de Angeja

A minha musa cançada,
Perdendo os vôos ligeiros,
E ao pé de murchos loureiros
Com razão aposentada,
Hoje, senhor, animada
Do amor e da gratidão,
Esquecendo a multidão,
De frios cabellos brancos,
Vem, forcejando os pés mancos,
Metter-me a lyra na mão.

Gratidão seus passos rege;
Quer que em limada poesia
Venha louvar n'este dia
Quem em todos me protege:
Nas cordas de ouro, que elege,
Quer que, invocando as Camenas,
Eu cante as horas serenas
Em que o ceo piedoso e justo
Para o lado de um Augusto
Me fez nascer um Mecenas.

Eu respondi, que a harmonia
Me fugiu co'a mocidade;
E que a solida verdade
Não depende da poesia;
Que em prosa sempre seguia
Seu acertado conselho;
E que em fim poeta velho
Por teima querer rimar,
É o mesmo que ir dançar
O vosso ginja Botelho. [1]

No dia dos annos do marquez de Angeja

Senhor, co'as minhas poesias
Festejava os annos teus;
Porém mandam já os meus,
Que eu venha co'as mãos vasias:
Geladas madeixas frias
Fecham do Parnaso o passo;
Pois que já o tempo escasso
Esfriar meus versos quiz:
Quem me acceitou os que fiz,
Me agradeça os que não faço.

Mas é da tua grandeza,
E a tal dia acção adequada,
Inda que não trago nada,
Não perder a casa e a mesa:
Por culpas da natureza
Não perca os meus ordenados;
Cubram teus tectos dourados
Inutil, mudo jarreta:
Não o merece o poeta,
Mas é costume aos criados.

1) Criado muito velho, tentado com minuetes.

No dia dos annos do marquez de Angeja

N'este venturoso dia,
Honrado, e honrador marquez,
Sempre eu vim a vossos pés
Trazer a offerta em poesia;
Ante vós a lyra erguia
Humilde, alegre, e casquilho;
Mas hoje mudando o trilho,
A bem, senhor, me levae,
Que sendo os annos do pae,
Dê a colgadura ao filho.

Moço illustre, eu dou conselhos,
Filhos de amor e verdade;
Permittida liberdade
Aos fieis criados velhos;
Ouvi: bons paes são espelhos;
Dão doutrinas sem enganos;
E eu rogo aos ceos soberanos,
Que ao vosso ouvindo as lições,
Sejam as vossas acções
O elogio dos seus annos.

Ao marquez de Marialva, com quem se tinha encontrado o auctor na casa em que estava o embaixador de Marrocos

Na Quinta da Praia clama,
Que lhe tireis a cadeira
Um triste, que quarta feira
Comvosco esteve em Mourama:
Se a estrella, que a vós o chama,
Não lhe abranda os seus destinos,
Torna para os marroquinos;
Porque, agouros por agouros,
Antes captivo de mouros,
Do que mestre de meninos.

Ao marquez de Penalva

Illustrissimo Penalva,
Já que me daes protecção,
Sentido na occasião,
Porque bem sabeis que é calva.
Se o vosso braço me salva
Das crianças pertinazes;
Se a poder das vossas phrases
Meu duro grilhão se corta,
Por triumpho á vossa porta
Pendurarei dois rapazes.

Ao marquez de Penalva

Hontem soube o que podia
Estilo suave e brando:
E quanto podeis fallando
Eu o vi na academia.
Nas almas fogo accendia
Vossa discreta oração.
Sobre a minha pretenção
Vos peço que assim oreis,
E que ao principe falleis
Como fallaes á nação.

No dia dos annos do principal Almeida

Por mais que esse sangue honrado
Vos inspire os pundonores
De merecer os louvores
E não querer ser louvado,
Este dia é consagrado
A elogios soberanos:
Sem vir enfeitar enganos
Com mão venal e fingida,
Em contar a minha vida
Louvarei os vossos annos.

Teceram-me em baixo estado
A fortuna e a natureza:
Entre os braços da pobreza
Fui desde o berço lançado.
Pelas vossas mãos alçado
Quebrei da desgraça o fio:
Se da crua fome e frio
Livro o pae, livro os irmãos,
É obra das vossas mãos,
E faz o vosso elogio. (1

Em despedida a D. Diogo de Noronha quando partiu para a embaixada de Hespanha

É esta a unica vez,
Que vos busco a meu pezar;
Té recusavam andar
Meus frouxos, tardios pés:
Grande mal, senhor, me fez
Quem fez tal nomeação;
Mas em fim pede-o a razão,
E ainda que um orphão fico,
Sem murmurar sacrifico
O meu bem ao da nação.

A D. Miguel de Portugal, fazendo annos em dia de Santa Luzia, e tendo-se contado varias historias de sermoes capuchos

Qualquer capucho diria,
Vendo o bem que te conduzes,
Que quem te deu tantas luzes,
Foi a santa d'este dia:
Provára pois que Luzia
Te dotára de alto aviso,
Que te dera d'improviso,
Por novo e raro portento,
O dia do nascimento
Junto com o de juizo.

1) Estas decimas fez o auctor em agradecimento de ser provido pelo principal, então director dos estudos, na cadeira de rhetorica, de que depois se queixou tanto.

Eu, senhor, com a verdade
Dissera cousas maiores,
Mas tu não tens dos louvores
Prazer, nem necessidade:
Quem á alta qualidade
Une os mais dotes humanos,
Quem chora, ou emenda os damnos
Da pobreza desvalida,
Já tem na historia da vida
O elogio dos seus annos.

A D. Catharina Michaela de Souza tendo feito a honra ao auctor de lhe offerecer uma véstia de setim; e pedindo-lhe que lembrasse o requerimento em que seu irmão pretendia o governo d'um forte

Minha respeitosa mão
De seus limites não sáe;
A escriptura que aqui váe
Não é carta, é petição;
Até ante os thronos vão
Vozes em papel inclusas;
As minhas não vão confusas;
São memorial bem claro;
Sou poeta, dáe-me amparo,
É obrigação das musas.

Não peço hoje para mim;
Bem coberto anda meu peito;
Inda beijo, inda respeito
Uma véstia de setim.
Triste irmão tem já no fim
Farda rôta e chamuscada;
Tem má côr, e é mal fadada;
Quer que a mão piedosa e franca,
Que a mim me deu véstia branca,
Lhe dê casaca encarnada.

Ao doutor Joaquim Ignacio de Seixas, medico das Caldas

Meu doutor, bem sei que quer
Que eu venha ás Ave-Marias;
Mas olhe: ha uns certos dias
Em que isto não póde ser.
Dona Antonia Xavier
(Que o ceo por seculos guarde)
Faz annos, e eu esta tarde
Perco á medicina o medo:
N'outros dias virei cedo;
Mas n'este, ha de ser bem tarde.

A Lourenço José da Motta Manso, official da secretaria do reino

Amigo Lourenço: Se tu não sabes o que é não ter dinheiro, eu t'o explico: abaixo de estupores é o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou irmãs sem nenhum rendimento, e com muito bom estomago.

Por ver se aligeirava esta carga, empenhei-me em um milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lh'as assentar; mas como as não cobram, morrem de fome, e depois que são ricas, tornam-se a mim, e d'ellas aprendo o que são lucros cessantes, e damnos emergentes. Cuidei que tinha mettido uma lança em Africa, e vejo que a metti em mim mesmo; e arde agora a véla pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estas ao pé do senhor marquez, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho d'essa petição.

Não te assustem os tres annos; porque ainda ma' que ouço que no de 93 não tiveram cabimento. Pe de-lhe que já que me livrou de crianças, me livr tambem de velhas, gado ainda mais impertinente, que se não contenta com figuras de rhetorica. In' ressa-te pelo teu Nicoláo, amigo e collega, e s que, se lhe não mandas as portarias, terás a ver nha de o ver andar pelas outras. Recommend á tua efficacia o teu fiel amigo....

Peço que mates a fome
A este meu povo immenso,
E peço-te, meu Lourenço,
Pelo santo do teu nome.
Por um bom serviço tome
A paga das taes tencinhas.
Pois teve as carnes mesquinhas
Em vivas brazas vermelhas,
Em louvor das suas grelhas
Peço me livres das minhas.

Com esta tenho enviado
Tres cartas, segundo penso,
Ao meu amigo Lourenço:
Nem resposta, nem mandado.
A dor de que estou tomado
Sim desejo allivial-a:
Mas a tua mais me abala,
E parece mais intensa:
Pois eu sim fico sem tença;
Porém tu estás sem falla.

A um camarista — sobre os carreiros da Enxara

(Carta)

N'uma infeliz madrugada,
Antes que o sol esclareça,
Mettido em pobre caleça,
Puz peito, senhor, á estrada:
Saí em hora mingoada,
Pois negra traição me espera;
Homens, com genios de fera,
Me atacaram sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cêra.

Vi revoltosos carreiros
Com duro aguilhão armados;
Vi nuvens de páos alçados
Pelos cumes dos outeiros:
Roldão, e o bravo Oliveiros,
Que alta penna heroes declara,
Talvez voltassem a cara
Que a tantos tremer fazia,
Se nos campos da Turquia
Vissem carreiros da Enxara.

Vi os campos inundados
De gentes vagas e incertas;
Vi as estradas cobertas
De cacheiras, e cajados:
Não valem rogos nem brados,
Não valem ligeiras pernas;
A raiva e o deus das tavernas
Accendeu tanto os campinos,
Que cuidei que os meus meninos
Teriam ferias eternas. (1

1) O auctor era professor de rhetorica, e pretendia passar para outro emprego.

Em quanto no duro chão
Meu companheiro arquejava,
Eu muito humilde esperava
Tambem a minha ração;
Bem me lembrou que esta acção
Deslustrava a minha gloria;
Mas não pretende victoria,
Nem sabe mover espada
Mão, ha annos, costumada
A dar só com palmatoria.

Entre mortaes agonias,
Da bruta gente escapando,
Me fui na sege encaixando,
Maldizendo as romarias;
Praguejei meus negros dias,
Dias de pranto e de dor;
Conheci então, senhor,
Que só me dão meus destinos,
Ou carreiros, ou meninos,
Que Deus sabe o que é peior.

Mas a perda da victoria
Sirva de abrandar meus fados;
Dêem-vos motivo os cajados
De fallar na palmatoria;
Saiba o principe esta historia;
Contae-lh'a com viva côr;
Fazei com que, em meu favor,
Sentindo affectos diversos,
Lhe motivem riso os versos,
E lhe faça dó o auctor.

A um camarista, tendo o auctor sido despachado

(carta)

A rara benignidade,
Que quiz o ceo conceder-vos,
Permitta que de escrever-vos,
Tome eu hoje a liberdade;
Pois tendes tanta bondade,
Peço, n'ella confiado,
Que por mim ajoelhado,
E na bocca o coração,
Beijeis ao principe a mão,
E lhe deis este recado:

Dizei, pois, a sua alteza,
Que eu, seu humilde afilhado,
Por elle ha pouco arrancado
D'entre os braços da pobreza,
Na simples, mas farta mesa,
Entre os irmãos e os parentes,
Aos ceos, com votos ardentes,
Pedimos que, em paga justa,
Prosperem a mão augusta,
Que nos faz viver contentes.

E se entre as puras verdades,
Que vós lhe podeis contar,
Virdes, que terão logar
Algumas jovialidades,
Pintae-lhe as felicidades,
Que váe tendo a gente minha;
Dizei-lhe que na cozinha
Ardem já montões de brazas;
Que em todas as minhas casas,
Era a mais fresca, que eu tinha;

Que os enroupados sobrinhos,
Affrontando o vento frio,
Vem todos mostrar ao tio
Os seus novos josésinhos;
Que então lhes conto, e aos visinhos,
Por quem a roupa foi dada;
Que mão, nunca assás louvada,
Mão real, piedosa, e justa,
Me poz livre a rua Augusta, [1]
Por varios crimes vedada;

Que um tendeiro, que os seus bens
Me fiava dando arrancos,
Veiu em barrete e tamancos
Dar-me logo os parabens;
Espera que os meus vintens
O façam tambem feliz;
Porque, segundo elle diz,
Ha de haver na sua tenda
Mais saída na fazenda,
E menos gasto no giz. [2]

1) Aonde se vende panno.
2) Costumam marcar com giz o que dão fiado.

Mas eu um crime commetto,
Quando de ensinar-vos trato;
Quiz ser ao principe grato,
Mas fui comvosco indiscreto;
Homem, como vós, discreto
Não precisa formulario;
A egoa do seminario [1]
Me deve os rompões cravar,
Por eu querer ensinar
O padre-nosso ao vigario.

A um fidalgo que pedia para o auctor um logar na secretaria, na occasião em que pretendia o seu proprio despacho

Se vemos rir quem chorava,
E tantos exemplos temos,
Senhor, não desesperemos,
Deus ainda está onde estava:
Agua branda as pedras cava;
Em tudo o tempo é preciso;
Saber teimar com juizo
Tem mil montes aplanado;
Talvez sejaes despachado,
E talvez que eu lavre o aviso.

Ah! senhor, com que alvoroço,
Na liza banca forrada,
Eu de casaca encarnada,
E fita preta ao pescoço,
Lançára o despacho vosso,
Que tanto tempo esqueceu!
Que grande favor do ceo,
Se o meu primeiro exercicio
Fosse servir-me do officio
A favor de quem m'o deu!

1) Tinha allusão particular

A uma senhora, chamando-lhe remisso por lhe não ter mandado uma folhinha que lhe promettêra

Remisso não me chameis,
Por que ainda agora duvido
Mandar um livro atrevido,
Que sei, que vos váe dar luz:
Muitas vezes querereis
Mais horas ao somno dar,
O livrinho ha de gritar,
E cortando o vosso gosto
Dirá, que amostreis o rosto,
Que é hora do sol raiar.

A um leigo que era vesgo e que nunca teve fastio; [1] e a quem por acaso tocou na cabeça a ponta de um espadim

Feriu sacrilega espada,
Alçada por mão traidora,
Cabeça que sempre fôra
Té aos barbeiros vedada:
D'entre a grenha profanada
Corre o sangue á terra dura;
Tosquiou-se a matadura;
E o casco rebelde a ordens,
Precisou d'estas desordens
Para ter prima tonsura.

Feroz soldado imprudente,
Que nova espada esgrimiu,
Foi o impio que feriu
Esta victima innocente:
A quem do golpe insolente
O motivo lhe procura,
Diz que fez compra segura;
Pois duvidoso na escolha,
Quiz ver que tal era a folha,
Cortando por cousa dura.

1) O mesmo de quem trata o soneto 2.º a pag. 26.

Homem de tenção damnada,
Só tu conseguiste o fim
De entrar o teu espadim
Aonde não entra nada:
Da repentina estocada
Cáe o padre desmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveu,
Sabes o que te valeu?
Foi teres já almoçado.

Todo o mundo te pragueja,
Porque em detestavel guerra
Ias deitando por terra
Esta columna da egreja;
Mas se triumphasse a inveja,
E o padre morresse então,
Dize, ó impio coração,
Que tanto em furor te atiças,
Quem ajudaria ás missas?
Quem tocaria ao sermão?

Quem nos daria a certeza
De haver outro homem sisudo,
Que podesse comer tudo
Quanto se puzer na mesa?
Da próvida natureza
Quem havia as leis seguir?
Observante em digerir,
Qual outro havia saber
Depois de acordar, comer,
Depois de comer, dormir?

Que importa, ó cruel soldado,
Para desculpar teu erro,
Ter sido o teu impio ferro
Já pela patria arrancado?
Que importa que em campo armado
Junto a si Lippe te veja?
Que importa que o mundo seja
Das tuas acções o abono,
Se a mão que defende o throno,
Ataca depois a egreja?

E tu, que segues os trilhos,
Que São Francisco te fez,
E pões os teus gordos pés
Sobre os seus santos ladrilhos;
Pois que a seus devotos filhos
Guarda no ceo largas pagas,
Nos olhos é bem que o tragas,
E de modelo não mudes;
E pois não é nas virtudes,
Que o seja ao menos nas chagas.

A um prégador celebre (frei João Jacintho) estando a jantar com o auctor

Se d'este potente vinho
Não cerceias as rações,
Temo que nos teus sermões
Allegues só São Martinho.
Se lhe dás largo caminho
Pelo teu fecundo peito,
Seu fatal magico effeito
Deixando-te a tres de fundo,
Te fará ser o segundo
Que diga: *sempre me deito.* (1)

Na despedida de um ministro que partia levando seus filhos

A lei da pura amizade
Minhas lagrimas condemna;
Quer que ceda a minha pena
Á tua felicidade;
Váe, e em quanto a vil maldade,
E a intrigante cubiça,
A baixa inveja, a injustiça
Pésas na recta balança,
Conserva de mim lembrança,
Que é tambem fazer justiça.

(1) Outro prégador, tendo bebido demasiado, chegou ao pulpito, e só pronunciou estas palavras: *Sempre me deito!*

E vós, lindos innocentes,
Que n'essas tenras edades
Já sabeis mover saudades
Nos amigos, nos parentes;
Quando lhe virdes pendentes
Ás balanças da razão,
Ide enternecel-o então
Com risos, com gestos novos;
Lembrae-lhe, que aquelles povos,
Como vós, seus filhos são.

Em agradecimento de uma moeda de tres réis e um vintem de pão, que mandaram ao auctor tendo ciumes de um frade

Anastacia, estimarei
Que estas, que aqui fazer pude,
Te encontrem com a saude,
Que sempre te desejei:
Eu ha dias que passei
Algum tanto molestado;
Porém hoje, Deus louvado,
Já d'esta batalha conto,
E assim me acharás mui prompto
No que for do teu agrado.

Do teu liberal primor
Fui entregue em propria mão:
Recebi o diabrão,
De que me fazes favor:
Mas causa-me tal horror,
Que ao longe o tenho fechado,
E me deixou admirado
O terrivel desarranjo
De sair das mãos d'um anjo
Um dinheiro endiabrado.

O portador, que é fiel,
Junto com o diabrão
Tambem me entregou um pão,
Embrulhado n'um papel:
Ser amassado com fel
Geralmente se julgou,
E como tão máo se achou,
Que gente não o faria,
Assentámos que sería,
Do que o diabo amassou.

Cá chóro a desgraça minha,
Pois sendo tu pão de trigo
Para outrem, só commigo
Queres fazer má farinha:
D'ella creio me convinha
Ração de melhor focinho;
Mas o teu genio mesquinho
Fez tão desegual quinhão,
Que a mim mandas-me o rolão,
E a outrem dás o beijinho.

Se mandaste o diabrão
Para tentar esta lesma,
É superfluo; tu, tu mesma
És a minha tentação:
Se o mandas porque a prisão
Me leve de eternos lumes,
Onde eu pague máos costumes,
Já teu rigor me tem preso
No abysmo do teu desprezo,
No inferno dos meus ciumes.

Porém vamos a fallar
Na tua letra, pois entendo
Que fallando, ou escrevendo,
Sempre me queres enganar;
Não has de pois reparar
Que na cara te desminta;
A nota pura e distincta,
A penna que a escreveu,
Tudo isto será teu,
Mas a letra está na tinta.

Pois do papel debuxado,
Que mandaste ultimamente,
A letra é tão differente,
Como do vivo ao pintado:
Elle mostra que o agrado
Teu não terá existencia,
.... (1)
No debuxo se figura
Que estas cousas de pintura
Nunca passam da apparencia.

Que tu sabes disfarçar,
Do tal papel se interpreta,
Pois podes fingir a letra
Mesmo alli ao pintar:
Esta acção de me enganar
Não cabe em honrados buchos;
E se os affectos machuchos
Me queres pagar sem petas,
Te peço que me não mettas
Outra vez n'estes debuxos.

Se me não viste, só vens
N'isso a fallar sem refolhos,
Pois não podes pôr-me os olhos
Pela raiva, que me tens:
Mas, se deixando os desdens,
Pozesses do olho um naco
Sobre mim faminto e fraco,
Tão grande escuro faria,
Que inda assim duvidaria
Se isso é olho ou buraco.

Tambem a carta continha
Que eu era bem estreado;
Já estou muito acabado,
Isto é chão que já foi vinha,
Porém se a ventura minha
Me abranda o teu coração,
Sairei da tua mão
A impulsos da sorte pia,
Como a gente saía
D'entre as aguas do Jordão.

(1) Falta este verso no vol. de poesias ineditas impresso em Coimbra em 1858

Dos teus amores na chamma
Tanto me derreterei,
Que fundido sairei
Um rapaz como uma dama:
Do nosso consorcio a fama
Não quero que então se encubra:
Ás visinhas se descubra,
E dir-te-hão com alvoroço,
Olhe, mana, é bello moço,
A benção de Deus o cubra.

Em quanto o teu coração
Não me é de todo inclinado,
E d'este nosso noivado
Não chega a alta funcção,
Peço que te tenhas mão;
Não te mereça piedade
Nenhum secular, nem frade,
Pois nossos amantes tratos
Bem sabes que são contratos,
Que não querem sociedade.

Pelo portador primeiro
Me manda logo dizer,
Se acaso para comer
Precisas d'algum dinheiro:
Serei o teu thesoureiro,
E prometto assim cumpril-o,
Que inda que tens bom asylo,
E não passas vida afflicta,
Sempre a gente necessita
Para isto, ou para aquillo.

E para que mais exaltes
Este amor que bem penetras,
Commigo das tuas letras
Peço que nunca me faltes;
Com desprezos não me assaltes,
Antes te peço que os domes,
E em tudo o que gôsto tomes
Me acharás obediente;
Hoje doze do corrente,
Teu menor servo João Gomes.

Saindo por sortes compadre de uma senhora da primeira grandeza

Devo pouco á natureza,
E muito a um brinco innocente;
Porque elle me faz parente
Da mais distincta nobreza.
Embora esquiva riqueza
Pretas sortes me não mande;
Que importa que ha annos ande
Sempre a perder nas menores,
Se nas dos premios maiores
Me saíu o premio grande!

Cantando uma senhora pela qual o auctor tinha paixão

Senhora, se eu não tivera
Por ti já tanta paixão,
Agora o meu coração
De justiça te rendêra:
Que tigre hircano, que fera,
Que peito rebelde, e immoto
Se não víra aberto, e rôto
Como o meu só de te vêr?
O canto só vem fazer,
Com que eu ratifique o voto.

Elogio de uma senhora

Quem vos quer elogiar
Motivos taes chega a ter,
Que só lhe custa o saber
Por qual ha de começar:
Formosura singular,
Alma nobre, genio, brio,
Em fim virtudes a fio,
Não sei de qual lance mão,
E já n'esta confusão
Começa o vosso elogio.

No dia dos annos de um menino

De plumachos emplumado
Manso, alegre cavallinho,
Ou torneado carrinho
D'alvos carneiros puxado,
Deviam marchar ao lado
D'este papel que remetto;
Mas mostrando o meu affecto
Como póde o meu destino,
Em obsequio de um menino,
Vou dar aos outros sueto.

Vagando um officio que o auctor pretendia

Jaz o defuncto enterrado:
E agora saber intento,
Se acaso no testamento
Me ficou algum legado.
A vossos pés ajoelhado
Ponho em vós minha esperança:
Tenho parte, e não descança:
E n'esta causa infeliz,
Se não fordes o juiz,
Perderei de certo a herança.

Assistindo o auctor a um jantar em que havia cabedella mas não appareceu perú

Vi tenra assada vitella,
Vi ornada farta mesa,
Mas commoveu-me a tristeza,
Ver a orphã cabedella:
Quero saber do pae d'ella,
Não fico n'isto em jejum,
De calotes basta um,
E fiquemos no primeiro,
Dou-vos espera ao dinheiro
Mas pagae-me hoje o perú.

Mandando uma gallinha a uma pretinha bonita que gostava de brincar com ellas

As tuas fulas mãosinhas
Que a fome já não descarna,
E que de criarem sarna
Passam a criar gallinhas,
Acceitem criações minhas,
Que eu a outros fins guardava:
Senhora com côr de escrava,
Alta estrella, que em ti brilha,
Manda que se dê á filha
Aquillo que o pae furtava.

Mote dado a respeito de um padre, que dizia ter sido mestre de rhetorica; que tomava triaga contra o veneno que lhe haviam de dar; que dizia que estava eleito cardeal; e que era demasiadaménte trigueiro

Não tem côr de cardeal!

Não ajuda ao padre a cara;
Revolvo antigos annaes,
E vejo que os cardeaes
Tinham a pelle mais clara:
Será maravilha rara
Achar um de côr egual;
Foram brancos como a cal
Mazarino, e Alberoni;
E a não ser este o Negroni,
Não tem côr de cardeal.

Ao mesmo padre em replica ás decimas com que respondeu á antecedente

Que venham fuscos garraios (1
Metter em versos a mão!
Potente Jove, aonde estão
Os teus vingadores raios?
Um homem de couros baios
Segue as musas tuas filhas;
Tu, pois, que os vaidosos trilhas,
Faze que este, em todo o caso,
Sáia logo do Parnaso,
E passe para Cacilhas.

1) Antes d'esta decima, n'um manuscripto do auctor havia as tres seguintes.

Verde-negro cardeal,
Ex-jesuita ferino,
Deixa o pobre Tolentino,
Que bem lhe basta o seu mal:
Não queiras mais um rival,
Que esgrime maior espada;
Tenho gente em campo armada,
E se não fizeres pazes,
Posso mandar que os rapazes
Corram o doudo á pedrada.

Deixa, pois, a louca empreza,
Basta já de frioleiras,
Não faças versos, não queiras
Poder mais que a natureza:
Se ella te encheu de dureza
Essa cabeça orgulhosa,
Não manches com mão leprosa
As aureas cordas de Apollo;
Engorda o fofo miolo
Em theologia rançosa.

Em bolorentas questões
Nutre o cerebro indiscreto,
E préga em lingua de preto
Nigromanticos sermões:
Para metricas canções
Não te sinto cabedal;
Fazes tudo muito mal,
Mas n'isso passas a meta;
Em fim has de ser poeta
Quando fores cardeal.

Se em rhetorico exercicio
Já soubeste regras dar,
Tambem eu posso fallar,
Porque sou do mesmo officio:
Que o teu cerebro tem vicio,
É verdade assás notoria;
Na poesia e na oratoria
Vás em total decadencia;
Collega, tem paciencia,
Has de vir á palmatoria.

No teu escuro papel,
Aos bons ouvidos ingrato,
Achei um vivo retrato
Da confusão de Babel:
Á patria lingua infiel
És da nação o desdouro;
Bem sei que te chego ao couro;
Mas não merece passagem,
Que a batina e a linguagem
Ajuntem clerigo e mouro.

A quem me queria arguir,
Mostro, padre, o tal papel;
É testimunha fiel,
Não me deixará mentir:
Em novos termos urdir
Mettes a todos n'um canto;
Que usas palavras de encanto
Assentam gentes machuchas,
Boas para ajuntar bruxas,
Ou para tirar quebranto.

Deixei-me, pois, de criterio,
E tomei melhor caminho;
Meu amigo, a um louquinho
É loucura fallar serio;
Chova, pois, o vituperio
Sobre esse tostado couro;
Sáia o tal cardeal mouro,
Que o capinha, alvoroçado,
Váe, por ordem do senado,
Metter garrochas no touro.

Fula escrava americana
Já mandava á luz do dia
Um crioulo, que sería
Nodoa da curia romana;
Carregado de banana,
Porque no caminho coma,
O rumo da Europa toma;
E em terra, marchando á pata,
Com sacco e folha de lata,
Deu a sua entrada em Roma.

Assim mesmo estropeado,
E envolvido em grosso panno,
Foi entre o povo romano
Com mil respeitos tratado:
Do vento e do sol queimado,
Semblante quebrado e afflicto,
Tem tal dom na cara escripto,
Que gritavam de redor,
Uns, que é o rei Belchior,
Outros, que é São Benedicto.

Tomou a benção papal;
E teve tanto poder,
Que sem o papa o saber,
Ficou feito cardeal:
Voltou para Portugal
Já cardeal protector;
Achou cá pouco favor;
E zombam-lhe do capello,
Por ter mui crespo o cabello,
E ser muito baça a côr.

Erra o vulgo os passos seus;
É um cego e maldizente;
A côr é mero accidente,
Todos são filhos de Deus.
Porém para os lucros teus
O capello te faz mal;
No São João e Natal
Terias gorda guedelha,
Armado de faca velha,
Pincel e pote de cal.

Padre, váe-te o mundo ao pello;
E co'a lingua maldizente
Te váe cortando egualmente
As poesias e o capello;
Porém eu que sou singelo,
E meus contrarios ameigo,
Te affirmo piedoso e meigo,
Que se não tens por teu mal,
Em Roma o de cardeal,
Tens no Parnaso o de leigo.

Deves voltar outra vez,
E dizem que n'isso fallas;
Mas pegam-se pelas salas
Teus molles, tardios pés.
Se ajuda de custo vês, [1]
Fazes-te coxo, e ronceiro;
Meu padre, és muito matreiro,
Já todos estão de accôrdo;
E sem te verem a bórdo,
Não pões a mão no dinheiro.

Tua saude se estraga,
Mas teu medico condemno;
Meu amigo, o teu veneno
Não se cura com triaga;
Para a tua antiga chaga
Medicina impropria é esta;
Muda, pois vês que não presta;
Grita c'os olhos em braza,
Que te fechem n'uma casa,
E que te sangrem na testa.

Debalde em Lisboa gritas,
Attestando a Italia inteira,
Que regeste uma cadeira
Nos claustros dos jesuitas;
As obras que vejo escriptas
Provam que nos tens mentido;
Até das ordens duvido,
Quando as tem cabeças tontas;
Tu, cá pelas minhas contas,
És um mulato fugido.

1) Pedia uma ajuda de custo.

Foge outra vez, se tal és,
Qual foge apupado mono;
Antes que venha teu dono,
E te ponha nas galés;
Antes que enfeite teus pés
Legal, sonoro fuzil;
Não veja o patrio Brazil,
Que os hombros do filho bello,
Vindo buscar um capello,
Só acharam um barril.

Dizem todos, que és fingido,
Que ninguem louco te chame;
Por mais que eu lhe jure e clame,
Que és mesmo doudo varrido;
Dizem que estás conhecido,
E que o fazes por estudo;
Em tal caso prompto acudo,
E de outro lado te ataco;
Se não és doudo, és velhaco,
E talvez que sejas tudo.

Mas já quem póde me ordena, [1]
Que armas ponhamos em terra;
Após sanguinosa guerra,
Alce a frente a paz serena;
Sobre essa pelle morena
Em paz teu capello ajusta;
Assento que é cousa justa
Seguires methodo novo,
E não dares gosto ao povo,
Que quer rir á tua custa.

1) Em logar d'estas tres ultimas decimas liam-se antigamente as seguintes:

Com o doutor não entendas,
É d'elle esta cutilada:
Assento-te agora a espada,
Para ver se assim te emendas:
Larga as falsas reverendas,
Que em tal cara improprias são;
Da Atalaia na funcção
O santo baile começa,
Com um lenço na cabeça,
E com o pandeiro na mão.

Não te finge falso agrado
Meu semblante contrafeito;
Não encobre honrado peito
Coração refalseado:
Se me julgas disfarçado,
Alta injustiça me fazes;
Eu te juro eternas pazes;
E se falto aos votos meus,
Ah padre, permitta Deus
Que eu sempre ensine rapazes.

E tu, que sem estes sustos
Vives cheio de alegrias,
Serenos, dourados dias,
Aos pés de teus reis augustos;
Tu, que por titulos justos
Te chamas o novo Horacio,
Quando entrares em palacio
Conserva de mim lembranças,
Porque tenho as esperanças
Postas em ti, e no *Estacio*. [1]

Mas pare a dura contenda,
Padre meu, cala-te e foge,
Quando não na minha loge
Inda ha mais d'esta fazenda:
Se não queres mais da tenda
Fecha esses beiços perjuros:
Cravaste-me os dentes duros,
E a quem toma essa vereda,
Pago na mesma moeda,
E pago sempre com juros.

1) Bobo celebre.

MOTES GLOZADOS

Gosto de amor o que é

Senhora, mui máo doutor
N'isto vindes perguntar,
Que eu só saberei contar
Quaes são as penas d'amor:
Se da minha chamma o ardor
Nunca refrigerio vê,
Se em minha amorosa fé
Desprezos sempre encontrei,
Vêde como eu saberei
Gosto de amor o que é.

Só eu, só tu, mais ninguem

Em casa em dando uma hora,
Se acaso n'isto assentarmos,
Te espero para jantarmos
Mesmo de barrete fóra:
Aquella certa senhora
Creio que esta vez não vem;
Podes ir mesmo sem trem,
Não cuides em te acear,
Pois lá havemos estar,
Só eu, só tu, mais ninguem.

Foi n'este brilhante dia

Foi ao prazer consagrado
O dia, em que te encontrei,
Dia, que sempre trarei
Na memoria assignalado;
Dia, a que o meu negro fado
Ter respeito parecia,
Pois se da intensa alegria
Já me enchi inteiramente,
Crê, senhora, que sómente
Foi n'este brilhante dia.

Para mim só este dia

Se eu no anno todo achasse
Um dia, em que Nize esquiva
Mais terna, mais compassiva
Os meus votos escutasse,
Um dia, em que se dignasse
De ouvir o que eu lhe dizia,
Do anno repartiria,
E por um bem justo modo,
Para os mais o anno todo,
Para mim só este dia.

Annos bemaventurados

Annos meus, no vosso dia
Sempre atégora me vistes
Cheio de lagrimas tristes,
Cheio de melancolia:
Já acabar-vos queria,
Annos em sezões gastados;
Mas, se assim sois festejados,
Já mudo de parecer,
Pois desde hoje entraes a ser
Annos bemaventurados.

Os meus olhos a chorar

Pranto inutil são os meios
Das pessoas desgraçadas:
Pagae, lagrimas cançadas,
Pagae delictos alheios.
Já que de ouro cofres cheios
Nunca pude a Nize dar,
Já que devo em fim pagar
Culpa, que só tem meus fados,
Fiquem sempre condemnados
Os meus olhos a chorar.

Já disse tudo a Cupido

Na vossa gentil figura
Mil dons natureza poz:
Todos cuidam que sois vós
A deusa da formosura.
Venus mil vinganças jura,
Vendo o seu culto esquecido:
Váe de settas o ar ferido,
Senhora, andae cuidadosa,
Que a louca deusa invejosa
Já disse tudo a Cupido.

Distancias e saudades

As nodosas carvalheiras,
Que assombram ermas estradas;
Altas rochas, penduradas
Sobre medonhas ribeiras;
Duras, ingremes ladeiras,
Escuras concavidades;
São as tristes soledades,
A quem meu cançado peito
Conta o mal, que lhe tem feito
Distancias e saudades.

A minha felicidade

Cesse, ó Nize, o teu rigor:
Esse odio injusto reprime:
Perdem o nome de crime
Os crimes que faz amor.
Torne ao seu antigo ardor
A nossa antiga amizade:
Adoça a rigoridade
Do penoso estado meu,
E faze c'um riso teu
A minha felicidade.

Toda a mulher é perjura

Triste solitario freixo,
Mais triste do que eras d'antes,
Conta, conta aos caminhantes
A razão com que eu me queixo.
Em teu tronco escripta deixo
Minha funesta aventura:
Reconta esta historia dura,
Por que veja quem a ler,
Que depois de Armida o ser
Toda a mulher é perjura.

De mil suspiros que eu dou

Parto em fim desesperado,
E, sem que o motivo conte,
Vou a estranho horisonte
Chorar o meu triste fado.
Já vejo o laço quebrado
Que a ventura me forjou;
E como Nize o quebrou,
Conservando os olhos seccos,
Ao menos não ouça os echos
De mil suspiros que eu dou.

Que cercam meu coração

Que eu cante alegre me ordenas?
Que cruel, que dura lei!
Porém obedecerei,
Cantarei alegres penas:
Por todo o mundo envenenas
A minha infeliz paixão;
Tu deras valor á acção
De eu affectar alegrias,
Se visses as agonias
Que cercam meu coração.

Quem não chega a ter amor

Deus de amor, sempre a ventura
De tuas mãos pendente vi:
Tu podes tudo: sem ti
Nada no mundo figura.
Recolhe da terra dura
Fructo immenso o lavrador:
Mas occulto dissabor
No fundo da alma lhe diz,
Que não chega a ser feliz
Quem não chega a ter amor.

Os teus olhos me mostrou

Mil bellezas me fez ver,
Porque alguma me rendesse,
Não sabia o que fizesse
Amor, para me prender.
Mil laços me foi tecer,
Laços vãos, que em vão me armou;
Provadas settas tirou,
Que ia em veneno ensopando;
Porém só me rendi quando
Os teus olhos me mostrou.

Onde me leva o desejo

Vão pensamento, descança,
Reconhece as forças minhas:
Tu não sabes, que caminhas
Por passos sem esperança?
Junto da corrente mansa
Me pões do dourado Tejo:
Cá de longe o sitio vejo:
Mas não devo um passo dar,
Que eu não mereço chegar
Onde me leva o desejo.

As minhas inclinações

Que nunca teu doce agrado
De amizade simples passa,
Por minha grande desgraça
Eu já tenho experimentado.
Antes odio declarado,
Que estas equivocações!
Quero as ternas expressões
De que as almas se alimentam:
Com menos não se contentam
As minhas inclinações.

As minhas inclinações

Senhora, eu tenho encontrado
No teu amor mil intrigas:
Não preciso que m'o digas,
Eu já tenho experimentado.
São premios do meu cuidado
Enganos, e ingratidões;
E por occultas razões
São, inda que m'o não dizes,
Tão justas, como infelizes,
As minhas inclinações.

Desde quando, já não disse

D'uma dor Filis chorando
A um medico se queixou;
Este então lhe perguntou
Onde a tinha, e desde quando,
No coração, disse, dando
Um ai, porque lhe acudisse,
E, sem que o quando exprimisse,
Filis caiu e morreu,
E posto que respondeu,
Desde quando, já não disse.

Uma fé falsificada
Não deve ser attendida.

Tive uma causa ganhada,
Que trago com meu irmão,
A não lhe pôr o escrivão
Uma fé falsificada:
Fez isto tal embrulhada,
Que um anno esteve detida;
E quasi estava perdida,
Segundo o letrado diz,
A não lhe pôr o juiz
Não deve ser attendida.

Amor quer dormir nos braços:
Qual de vós o quer tomar?

Com o somno errou os passos,
Perdeu o tino e conselho;
E d'este languido velho
Amor quer dormir nos braços:
Faz-me os ossos em pedaços,
Pésa-me, sem me aquentar;
Senhoras, vinde-o tirar,
É máo throno, choça pede,
Para bem meu, e bem d'elle
Qual de vós o quer tomar?

Um suspiro de repente,
Um certo mudar de côr,
São evidentes signaes
De que o peito occulta amor.

Debalde as penas e os gostos
Disfarçaes, loucos amantes,
Se os attentos circunstantes
Tem em vós os olhos postos;
De que servem falsos rostos,
Se o coração os desmente?
N'um instante infelizmente
Sáe perdido o longo estudo,
Pois vem destuir-vos tudo
Um suspiro de repente.

Nada faz cautela, ou medo
N'alma que devéras ama;
Esta turbulenta chamma
Não sabe arder em segredo;
Sobe ao rosto, ou tarde, ou cedo,
Do escondido fogo o ardor;
Basta a declarar a dor,
Vãmente n'alma guardada,
Uma palavra truncada,
Um certo mudar de côr.

Duro amor, que coração
Saberá nunca occultar-te?
Que váe fazer força ou arte,
Onde as tuas settas vão?
Cegos amantes, em vão
O vivo fogo abafaes;
Esses descuidados ais,
Que sem tino ao vento daveis,
São provas incontestaveis,
São evidentes signaes.

De que serve estar fallando
Sisudos e comedidos,
Se esses olhos insoffridos
Vos estão sempre entregando?
Alçados de quando em quando
Vão dizendo a occulta dor;
Abaixal-os, é peior;
Que essas vistas contrafeitas
Dão ás vezes mais suspeitas,
De que o peito occulta amor.

Olhos de Lize, olhos bellos,
Olhos para mim fataes,
Que um vosso girar sómente
Me faz temer mil rivaes.

Da alva Lize os brancos dentes,
O rosto affavel e brando,
A bocca, d'onde em fallando
Ficâmos todos pendentes,
Nos lizos hombros patentes
Soltos os longos cabellos
Não são causa dos desvelos,
Nem das ancias em que vivo;
Vós sois, vós sois o motivo,
Olhos de Lize, olhos bellos.

Vós sois os meus vencedores,
E sois gloria do vencido:
De vós me atira Cupido
Mil farpados passadores.
Se vence o deus dos amores,
Vós as armas lhe emprestaes.
Que ternos saudosos ais,
Que pranto em vão derramado,
Me não tendes vós custado,
Olhos para mim fataes!

Se o rosto ao ceo levantado
Alçaes as pestanas pretas,
Logo de brilhantes settas
Vejo todo o ar cruzado.
Cupido, que tem jurado
Crua guerra á humana gente,
Das nuas costas pendente
Dura aljava, e passadores,
Fará conquistas menores
Que um vosso girar sómente.

Quando d'esses claros lumes
Sáem as chammas brilhantes,
De mil rendidos amantes
Ouço saudosos queixumes.
Não chameis loucos ciumes,
Ó Nize, os que em mim causaes:
Do poder de uns olhos taes
Quem ha que livar-se possa,
Se a menor perfeição vossa
Me faz temer mil rivaes?

Tu teimas em desprezar-me,
Eu teimo em te idolatrar,
Juntarei teima com teima,
Teimando te hei de abrandar.

De ser commigo piedosa
Não dás, Marilia, esperanças:
Inda, cruel, não te canças
De ser esquiva e teimosa!
Que importa, ó nympha formosa,
Vir n'este pégo arriscar-me,
De mergulho ao mar lançar-me,
E os livres peixes colher-te;
Se quanto eu teimo em querer-te,
Tu teimas em desprezar-me?

C'os olhos ao ceo erguidos,
Ou postos nos longos mares,
Por ti encho os vagos ares
De mil saudosos gemidos:
Nos rochedos desabridos,
Que em vão bate o rouco mar,
Devorando o meu pesar,
Já que de ouvil-o te canças,
Sem premio, sem esperanças
Eu teimo em te idolatrar.

Teimando, se mal não penso,
Hei de abrandar teus rigores;
Porque assim como em amores,
Tambem em teimas te venço.
Juro pelo sol intenso,
Que a prumo estas rochas queima,
Que mais do que eu ninguem teima.
São as causas deseguaes:
Mas por ver quem teima mais,
Juntarei teima com teima.

Se alva fonte murmurando
Gasta em torno os duros seixos,
E váe dos annosos freixos
As raizes escarnando:
Se duras rochas quebrando
Váe c'o tempo o bravo mar:
Se bronzes póde cortar
Mordente lima teimosa:
Tambem eu, nympha formosa,
Teimando te hei de abrandar.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto:
Hei de parar, e mostrar-lhe
Que de vel-a não me espanto.

Não sei que outro mal profundo
Inda a desgraça me guarda,
Se me tirou em Anarda
O que tem de bom o mundo!
Foi este golpe tão fundo,
Que outro não tem que me faça:
Se em levar-me o gesto e a graça
De uns olhos por quem vivia,
Me fez quanto mal podia,
Não sei que quer a desgraça!

Debalde outros gostos pintas,
Amor, para captivar-me:
Já não tornas a enganar-me,
Por mais e mais que me mintas;
Inda tens as settas tintas,
Inda enxugo inutil pranto:
Ao teu venenoso encanto
Novas victimas procura;
E dá-lhe d'essa ventura,
Que atraz de mim corre tanto.

Fizeste, ó desgraça, um erro
Em vires do amor valer-te:
Como ha de elle soccorrer-te,
Se eu já conheço o seu ferro?
A sua voz o ouvido cerro:
Custou-me sangue o escapar-lhe:
E para melhor provar-lhe,
Que eu já sou dos seus cortados,
Signaes inda mal fechados
Hei de parar e mostrar-lhe.

Tu só me déste um desgosto,
Outro já não podes dar-me:
Já agora sempre has de achar-me
A mesma alma, e o mesmo rosto.
Se em ferros por ti for posto,
Verás que ao som d'elles canto:
Se envolta em sanguineo manto
Me pões a morte diante,
Notarás no meu semblante,
Que de vêl-a não me espanto.

Quem adora occultamente
Sem declarar seu amor,
Sente mil ancias no peito,
Vive cercado de dor.

Por que barbara razão
Um justo amor se reprime,
E ha de julgar-se por crime
Pôr na bocca o coração?
Claros olhos ferir vão
Um coração innocente!
Nem ao triste se consente
Dar signaes de seu cuidado!
Deuses! quanto é desgraçado
Quem adora occultamente!

No peito a chamma accendida
As entranhas lhe abrazou;
Mas da ingrata, que a ateou,
É crime ser percebida.
Se deita sangue a ferida
Á vista do matador,
Vejam de que nova dor
Sente o triste a alma cortada,
Fallando co'a sua amada
Sem declarar seu amor!

Arde em um fogo escondido:
Pois se conta o seu cuidado,
Além de ser desgraçado,
Chamam-lhe em cima atrevido.
Até quasi tem perdido
De olhar o livre direito;
Vive sempre contrafeito;
E entre mil contrarios posto,
Mostra alegria no rosto,
Sente mil ancias no peito.

Busca alegres companhias,
Por curar o mal que sente;
Entra a ingrata de repente,
Despertam-se as cinzas frias.
Ternas arias, symphonias,
Tudo aviva o seu amor;
Mas dos fados o rigor
Tem sobre elle taes poderes,
Que no meio dos prazeres
Vive cercado de dor.

Nos olhos o amor explico
Que trago em meu coração;
Que não se póde occultar
No peito a doce paixão.

Mandas-me, ó Anarda, em vão
Os olhos meus reprimir;
Que elles sempre hão de seguir
O impulso do coração.
Sem querer signaes darão
Do affecto que não publíco
Co'a bocca, que mortifico,
Que importa que o não revele,
Se eu, por mais que me acautele,
Nos olhos o amor explico?

Amor os faz descuidados:
Em vão, Anarda, os abaixo;
Pois d'ahi a pouco os acho
Outra vez nos teus pregados.
Trazel-os mais castigados
Não está na minha mão:
Esta continua omissão,
Este erro, como tu dizes,
É um fructo das raizes,
Que trago no coração.

De que serve olhar a medo,
E fallar acautelado,
Se um suspiro descuidado
Vem descobrir o segredo?
O sacrificio, este enredo
Pouco poderá durar:
Meus olhos me hão de entregar;
Que um amor na alma arraigado
É como um fogo ateado,
Que não se póde occultar.

Tempo e arte tenho posto
Para disfarçar-me em tudo:
Mas sáe-me perdido o estudo,
Em vendo o teu lindo rosto,
Disfárça-se mal um gosto,
Que nasce do coração:
Tambem tu d'essa lição
Talvez que bem não saíras,
Se assim como eu sentíras,
No peito a doce paixão.

Ouvi, ó senhora, ouvi
Os suspiros de uma voz,
Que quando por vós suspira,
Aspira sómente a vós.

Chegou finalmente a hora
De saberdes quem vos ama:
Rebente esta antiga chamma,
Que ardeu occulta atégora.
Amar calando, senhora,
Assás o fiz atéqui:
As ancias, que padeci,
Sejam finalmente expostas...
Ah! não me volteis as costas:
Ouvi, ó senhora, ouvi.

Perdei uma vez o horror
A ouvir ternos gemidos;
Nunca feriram ouvidos
Brandas palavras de amor.
Que hora, e que sitio melhor,
Do que este em que estamos sós?
Que culpa, que crime atroz
Temeis que ante vós farão
As queixas de um coração,
Os suspiros de uma voz?

Meu coração vos adora;
Sem saber o conquistaes:
Estas ancias, estes ais
São obra vossa, ó senhora.
Em segredo amou tégora;
De amor vive; amor respira;
E se vós, depondo a ira,
Lhe prometteis compaixão,
Que melhor occasião,
Que quando por vós suspira?

N'elle, senhora, não posso
Nutrir estranha paixão:
Em fim este coração
Foi feito para ser vosso:
Para encher-se de alvoroço
Basta ouvir a vossa voz:
Passa indifferente e veloz
Por mil bellezas, que admira,
Nada o enche, a nada aspira,
Aspira sómente a vós.

Hei de amar-te até á morte,
Quer tu me queiras, quer não:
Serei no amor desgraçado;
Mas com discreta eleição.

Não fujo, podes rasgar
Este peito desgraçado;
Que o teu gesto retratado
Has de, cruel, n'elle achar.
Posto que veja roubar
Á Parca a tesoura forte,
E dar-me na vida córte,
Inda ouvirás, que te digo:
« Ingrata, não me desdigo,
Hei de amar-te até á morte. »

Vem, amor, auctorisar
O sagrado juramento
De até ao final alento
Firmemente te adorar.
De joelhos, no altar
Co'a devida submissão
Resoluto ponho a mão;
Juro nas settas tremendas
De te amar, quer tu me offendas,
Quer tu me queiras, quer não.

Amor co'as mãos apressadas
Ergue dos olhos a venda,
E pasma da jura horrenda,
Que assusta as aras sagradas.
« Eis as correntes pesadas,
Que te esperam, » diz irado.
Eu as acçeito humilhado,
« Não, ó deus, não esmoreço
C'os ferros, posto conheço
Serei no amor desgraçado. »

A liberdade ultrajada
Lança-me a revez a vista;
Risca-me da honrada lista,
E chama-me escravo irada.
Não crimines indignada
Esta nobre sujeição.
Arrasto o ferreo grilhão;
Mas por quem? Por Nize bella.
Ah! sim te deixo por ella;
Mas com discreta eleição.

Os doces grilhões de amor
Arrasto com tal vaidade,
Que aborreço aquelle tempo
Que vivi com liberdade.

Eu fiz conceitos errados
De amor e seu captiveiro,
Mas já feliz prisioneiro
Beijo os seus ferros dourados;
Seus passadores farpados
Ferem, mas não causam dor,
Não é tyranno, é senhor,
Que aos escravos sempre afaga,
Não pesam, não fazem chaga
Os doces grilhões de amor.

Discreto amor, e que idéas
Para prender-me buscaste!
A bella Nize rogaste
Que me lançasse as cadeias:
Fizeste com mãos alheias
A minha felicidade;
Já vaidoso a liberdade
Perco, e Nize é o motivo
Por que as prisões em que vivo
Arrasto com tal vaidade.

Mil glorias, Nize, encontrei
Depois que a amar te começo;
Eu detesto, eu aborreço
O tempo, em que não te amei,
Tempo triste, em que passei
Um continuo contratempo;
Inda o doce passatempo
De te vêr me era encoberto;
Julga pois se será certo
Que aborreço aquelle tempo.

Qual caminhante esquecido,
Que vendo o caminho errado,
Quer restaurar apressado
O tempo que andou perdido,
Assim, Nize, se atrevido
Conservei livre a vontade,
Restaurarei na verdade
Com finezas incessantes
Os infelizes instantes,
Que vivi com liberdade.

Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava,
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

De amor ás paixões chamava
Inuteis, vãs, e indiscretas;
Elle as suas duras settas
No meu peito em vão quebrava;
Uma e outra me apontava,
Eu a todas resistia;
Mas o valor, que em mim via,
Já, Nize, o não vejo agora,
Que isto tudo foi, senhora,
Quando te não conhecia.

Ah! vil amor, e que idéas
Para prender-me buscaste!
A bella Nize rogaste
Que me lançasse as cadeias;
Valem-te as forças alhèias,
Que das tuas eu zombava;
Já d'essa funesta aljava
Os tiros mortaes receio,
Que se não tens este meio,
Nada de ti se me dava.

Venceste, amor, já comtigo
Não disputo o vencimento,
Mas paga-me este tormento
Com tornar-me ao tempo antigo,
Tempo feliz, em que o p'rigo
Do teu ferro não sentia;
Como agora, a noite e o dia
Nunca em lagrimas gastava,
Sem afflicções meditava,
Sem pensamentos dormia.

Se de penas supportaveis
Tinha ás vezes a alma presa,
Que na humana natureza
Sempre são indispensaveis,
Eram tão pouco duraveis,
Que facilmente as deixava,
No doce somno lhe achava
Remedio certo e prescripto.
Pois se adormecia afflicto,
Sem cuidados acordava.

Os olhos que bem se querem
Não se podem disfarçar,
A necessaria cautela
Mil vezes lhe ha de faltar.

Por mais que a cautela ou medo
Faça amantes comedidos,
Sempre os olhos insoffridos
Hão de entregar o segredo:
São fieis, e, ou tarde ou cedo,
D'elles a verdade esperem;
Por mais que em fingir se esmerem,
Duram pouco estes refolhos;
Pois mais são linguas do que olhos,
Os olhos que bem se querem.

Que importa em alguns instantes
Ser o amante acautelado,
Se um suspiro descuidado
Conta tudo aos circunstantes?
Finas dores penetrantes
Já soffri, sem um ai dar;
Disfarcei, sem murmurar,
De vãos amigos traições;
Mas amorosas paixões
Não se podem disfarçar.

Uns olhos sempre criados
Em o seu idolo verem,
Acham-se sem o saberem
Nos outros olhos pregados;
Mil segredos delicados
Por elles amor revela:
Entretanto infausta estrella,
Porque a ventura lhe impeça,
Faz que de todo lhe esqueça
A necessaria cautela.

Quem tem o furto na mão
Debalde jura lealdade,
Não finge bem liberdade
Quem traz nos pés o grilhão;
Puro e fiel coração
Em vão se quer affectar,
Não póde sempre occultar
De amor a extremosa ancia,
Esta estudada constancia
Mil vezes lhe ha de faltar.

Entre o dizer e o calar
Ha guerra viva em meu peito,
O amor manda que falle,
Que cale, diz o respeito.

Senhora, dizer-vos tudo,
Quanto em mim sinto, desejo;
Porém, assim que vos vejo,
Deixa-me o respeito mudo;
Faço um cuidadoso estudo
Para sem susto fallar;
Mas esse modesto olhar,
Que em vós, senhora, diviso,
Me deixa sempre indeciso
Entre o dizer e o calar.

Uma chamma viva e ardente
Abraza o meu coração;
Se reprimo esta paixão,
Sou contra amor delinquente;
Dizel-a não m'o consente
Vosso inviolavel respeito,
E assim com tyranno effeito,
Porque sem remedio fique,
Sempre, ou me cale, ou m'explique,
Ha guerra viva em meu peito.

Mas em fim, meu coração
Eu o abro sem temor,
Porque os delictos de amor
Tem de justiça o perdão;
Uma tão nobre paixão
Não é justo que eu a cale,
Já o respeito não vale,
Rompa-se o silencio mudo,
Sim, sim, que apesar de tudo
O amor manda que falle.

Porém eu tremo, eu duvido,
Tímida a bocca o não diz,
Seja eu sempre infeliz,
Mas não pareça atrevido:
Tem de estar sempre escondido
Este amor dentro em meu peito,
Que importa que o seu effeito
Me obrigue a desafogar,
Se quando quero fallar,
Que cale, diz o respeito?

Atrevido pensamento,
Não me acabes de matar,
Que basta para castigo
Q'rer bem a quem me quer mal.

Oh! se eu algum dia achasse
De Laura o genio mais brando,
Ou se a mim de quando em quando
Os bellos olhos voltasse,
Que gosto se ella mostrasse
Compaixão do meu tormento!
Mas, ó ceos, que atrevimento!
N'isto ao respeito lhe falto,
Ah, não, não vôes tão alto,
Atrevido pensamento.

Senhora, d'esta loucura
Para estar bem castigado,
Sinto a coração chagado,
Sem ter esperança de cura;
N'este estado era ventura
Tão triste vida acabar,
Mas para mais gosto dar
Ao teu genio enfurecido,
Conserva-me assim ferido,
Não me acabes de matar.

Bem sei que sou delinquente,
Que em vão desculpas medito,
Porém se amar-te é delicto,
Quem acharás innocente?
Bem sei que este fogo ardente
Devia occultar commigo,
Porém de eu estar comtigo
Perder sequer um momento
Ah! senhora, é um tormento,
Que basta para castigo.

Mas d'esta minha desgraça
Eu vivo tão satisfeito,
Que inda vendo roto o peito,
Amo a setta que o traspassa:
Fere, ingrata, despedaça
Este coração leal,
Que o amor, que te tenho, é tal,
Que hei de, porque mais se esmere,
Beijar a mão que me fere,
Q'rer bem a quem me quer mal.

O meu coração me diz,
Quando palpita em segredo,
Que comtigo, ou tarde ou cedo,
Hei de vir a ser feliz.

Meu coração atrevido
Me diz que este amor não cale,
Que me resolva, e que falle,
Porque hei de ser attendido:
Mas como eu já não duvido
De ser em tudo infeliz,
Observar teus olhos quiz,
E elles, que me fogem tanto,
Mostram ser mentira quanto
O meu coração me diz.

Da empreza então o retiro,
E com lagrimas lhe disse,
Que por ti nem se lhe ouvisse
Um só ai, um só suspiro:
Fez um voto, mas infiro,
Que o ha de quebrar mui cedo;
Eu creio que só por medo
Os publicos ais evita,
Pois sempre por ti palpita,
Quando palpita em segredo.

Qual mais quer, por qual mais arde,
Saber d'elle um dia quiz,
Ser com outrem já feliz,
Ou comtigo inda que tarde;
Que occulta a escolha não guarde
E m'a declare em segredo;
Mas elle occultando o medo,
Que o triste debalde esconde,
Suspirando me responde,
Que comtigo, ou tarde ou cedo.

Assim passa um descontente,
Que encheste de paixão forte,
Cuja desgraçada sorte
É chorar inutilmente:
Que eu fosse uma vez contente,
Inda o irado ceo não quiz,
Poz-me a marca de infeliz
A minha estrella traidora,
E em tempo nenhum já agora
Hei de vir a ser feliz.

Sou tão justo quanto é bella
A nympha, que me enfeitiça,
O amor que eu sinto por ella
Não é obsequio, é justiça.

No rosto de Jonia estão,
Quantos dons das graças vem,
Mas que importa? se não tem
Como o rosto o coração:
Milhões de suspiros vão
Revoar em torno d'ella,
Mas, se os que morrem por ella
Vejo de irrisão servir-lhe,
Em amal-a e em fugir-lhe
Sou tão justo quanto é bella.

Imperfeita natureza,
Se queres poupar-nos dores,
Ou dá corações melhores,
Ou não dês tanta belleza:
O alto dom da gentileza
Reparte com mais justiça,
Fizeste ao mundo injustiça,
Em crear com mão raivosa,
Tão cruel e tão formosa
A nympha, que me enfeitiça.

Nunca se erguem sem matar
Os seus olhos vencedores,
Quer ter mil adoradores
Para ter que desprezar:
Já sei o que é suspirar,
Fui aprender aos pés d'ella,
Tão tyranna como bella,
Por ter de zombar mil modos,
Gosta de atear em todos
O amor que eu sinto por ella.

Mas eu que d'esta paixão
Me contento c'os grilhões,
Adoro-lhe as perfeições,
Não lhe peço o coração:
Se a sua adoravel mão
Diversos fogos atiça,
Nem murmuro da injustiça,
Nem apago a chamma ardente,
Que este amor independente
Não é obsequio, é justiça.

Suspiros que d'alma são,
Pouco importa o padecer,
Que se percam quando vão,
Se sabem onde hão de ir ter.

Os que estão de amor feridos
Nunca a conhecer o dêm,
Que em mostrando que amor tem,
Coitadinhos vão perdidos:
Entre ancias e entre gemidos
Sempre a suspirar estão,
Mas as madamas então
Dos pobres amantes rindo,
Gostam de andarem ouvindo
Suspiros que d'alma são.

Os que de amantes ostentam
Andam sempre sem vintem,
Perdem noites, e tambem
Ás vezes bem os aquentam:
Porém ellas ainda assentam
Que mais devemos fazer;
E quanto ao seu parecer,
Tem isto por bagatellas,
Assentando que por ellas
Pouco importa o padecer.

Nós lhes dizemos, « senhoras,
Da rua as ouvimos mal,
Estas casas tem quintal,
Lá vamos ter a taes horas; »
Ellas, que são mangadoras,
Vendo que temos paixão
Entram a teimar então,
Dizendo como em segredo
Que é de noite, e que tem medo
Que se percam, quando vão.

Se algum se chega a obrigar,
E seu escriptinho fez,
Sempre mais mez, menos mez,
Ao aljube váe parar:
Não tem pois que se queixar
De a liberdade perder;
Se os homens chegam a ver
Que este é o fim d'um amante,
Não caminhem por diante,
Se sabem onde hão de ir ter.

Não posso deixar de amar-te,
Não ha fado mais tyranno,
Conhecer o proprio erro,
E viver no mesmo engano.

Esta vontade que prêsa
Aos teus enganos trarei,
Não sei, ingrata, não sei
Se é amor, ou se é baixeza;
.... (1
Deixa de outros conquistar-te,
D'essa abominavel arte
Faz o criminoso estudo,
Que eu inda apesar de tudo
Não posso deixar de amar-te.

Em vergonhosos grilhões
Que eu fosse o meu fado quiz
Sempre victima infeliz
Das minhas crueis paixões!
Descubro infames traições,
Inda me não desengano!
Ha de ser meu fatal damno
Por mim mesmo procurado!
Deuses, se este é o meu fado,
Não ha fado mais tyranno.

Se eu não tivesse observado
Da traidora a infame culpa,
Era digno de desculpa,
E digno de ser chorado:
Porém se eu desenganado
Inda d'alma a não desterro,
Se ajoelhado beijo o ferro,
Que ella contra mim esgrime,
Faz inda maior meu crime,
Conhecer o proprio erro.

1) Falta este verso no volume de poesias inéditas, impresso em Coimbra em 1856.

Da verdade os sãos preceitos
Me dizem que isto é deshonra,
Lá no fundo d'alma a honra
Clama pelos seus direitos;
Mas nos namorados peitos
A honra é um mero tyranno;
Quando grita o desengano,
É remedio dos perdidos
Tapar co'as mãos os ouvidos,
E viver no mesmo engano.

Deixa-me, cruel ciume,
Que tanto me mortificas,
O que não sabes suspeitas,
O que não vês certificas.

Em vão, ciume enganoso,
Usas teu fatal direito;
É de Nise o brando peito
Tão fiel, como formoso;
Se és um falsario orgulhoso,
Se atormentas por costume,
Se nunca ardeu outro lume
N'aquelle coração puro,
Se eu sou o mesmo, que o juro,
Deixa-me, cruel ciume.

Que importa que mutuamente
Com a alma as mãos nos dêmos,
E que sobre ella juremos
Amar-nos eternamente?
Se a esta chamma innocente
O teu favor communicas,
A furto em meu peito ficas;
E que importa amor tão bello,
Se és um continuo flagello
Que tanto me mortificas?

Alças a traidora mão
Ante o throno da verdade,
Puro amor, limpa amizade
As tuas victimas são:
Podes mais do que a razão,
E a teus erros a sujeitas,
Em tudo o veneno deitas,
E, manchando intenções puras,
O que sabes desfiguras,
O que não sabes suspeitas. [1]

A vida que tem um preso
É comer da caridade,
Beber agua d'uma bilha,
E pedir esmola á grade.

Roto, nú, dormir no chão,
Soffrer do ferro o trambolho,
Coçar, matar seu piolho,
Sem lenço assoar-se á mão,
Ouvir d'aquelle a razão,
Que anda em soltal-o acceso,
E chorar da culpa illeso
Do despacho a desventura,
É esta triste figura
A vida que tem um preso.

Finalmente a toda a hora
Em um continuo gemido,
Com o sujo braço estendido
Sempre pela grade fóra:
«Oh minha nobre senhora,
Queira ter de mim piedade»,
Depois de gritar á grade,
O que faz sem ter discordia,
Mal que vem a misericordia
É comer da caridade.

1) Falta a ultima decima d'esta glosa no volume de poesias inéditas, impresso em Coimbra em 1858.

Mal que chegou a panella
Á grade cresce o susurro,
E em dura guerra de murro
Váe embutindo a tigela:
Dão-lhe a ração, pega n'ella,
Que é feijão, couve, ou ervilha;
Mal que na barriga a pilha,
Sem se alimpar, besuntado
Váe assim mesmo engasgado
Beber agua d'uma bilha.

Depois váe a descançar
Lá para o seu aposento,
Pois já tem conhecimento
Do caminho, que ha de andar:
Conversa, põe-se a jogar,
Mente, faltando á verdade,
Chora não ter liberdade,
Passa o tempo de cadeia
A soffrer a fome feia,
E pedir esmola á grade.

Eu vi um dia, oh que dia!
Cupido forjando settas;
Eu quebrei-lh'as: que alegria!
Que assumpto para os poetas!

A officina de Vulcano
Eu vi nos Trinacrios montes,
Onde Esteropes e Brontes
Se ouvem gemer todo o anno.
Cobre enfarruscado panno
A entrada escura e sombria:
Lá, quando na pedra fria
Vulcano os alentos cobra,
Amor afflicto com obra
Eu vi um dia, oh que dia!

Quando um martello se erguia,
Outro do ar a cair torna,
Aquelle cáe na bigorna,
Este no ar apparecia;
A abobada retinia,
E as toscas muralhas pretas
Abriam profundas gretas;
Todo cheio de carvão
Eu vi com a suja mão
Cupido forjando settas.

Uma após outra guardava
As settas o deus frecheiro
Na rica aljava, e primeiro
Na dura pedra as provava;
Alta empreza meditava,
Que no rosto bem se via;
Já as pennas sacudia;
Mas não sei que lhe faltou,
Que em quanto foi e voltou,
Eu quebrei-lh'as: que alegria!

Jurou das nymphas o estrago,
Jurou vingar seus queixumes,
Não por meio de ciumes,
Nem de amor, bem ou mal pago:
Jurou pelo Estygio lago
De quebrar o arco e settas,
Introduzir as discretas
E pôr em moda o rigor,
Que vingança para amor!
Que assumpto para os poetas!

ODES

A suas magestades no dia da acclamação da rainha D. Maria I.

A vida escura em que a natureza e a fortuna me lançaram tão longe dos reaes pés de vossas magestades; o medo justo de mandar uma voz fraca e desconhecida aos ouvidos de reis, prenderiam hoje a minha lingua temerosa, se o amor da patria e o gosto de a ver feliz, dando-me novo espirito, me não puzessem na bocca esta linguagem de uma alma singela, estes versos sem arte, dictados pelo amor respeitoso, e que em logar de enganosa e enfeitada poesia, descobrem unicamente os sentimentos de um coração fiel, onde vossas magestades reinam soberanamente.

N'este throno, a que poucos monarchas sobem, tem a nação portugueza collocado a vossas magestades por aquelle talento de agradar, dom do ceo, precioso e raro na sagrada pessoa dos reis, que querem (como vossas magestades conseguiram) ser acclamados pela alegria publica, e pela torrente de lagrimas, com que um povo inteiro, transportado de gosto, levantava ás estrellas os augustos nomes de seus novos reis. Eu vi, senhores, este grande espectaculo; foi uma scena de ternura, que arrancaria lagrimas ainda a um coração que não fosse portuguez. Vi soldados velhos que, endurecidos ao frio e á calma, queimados com o fogo da polvora, annunciavam um coração de ferro, banharem pela primeira vez de lagrimas ternissimas aquelles honrados rostos, aquellas cerradas feridas, que receberam pela patria, e que tornariam a abrir com gosto, se o felicissimo reinado de vossas magestades não

estivesse destinado á paz, e á felicidade dos seus povos; era preciso ser insensivel para que no meio de um povo entregue á doce e tumultuosa desordem, que causa a alegria excessiva, se conservasse a minha alma na sua situação ordinaria; prendeu n'ella uma faisca do fogo sublime, que eu vi atear nos corações portuguezes: a alta idéa das virtudes de vossas magestades, a multidão de beneficios com que vemos dourados os dias do seu faustissimo reinado,uma longa serie de felicidades aberta no futuro diante dos meus olhos me levariam através do povo e das armas ao throno dos reis onde, á face do céo e dos homens me desentranhasse em gritos de alegria e mostrasse n'esta especie de delirio, que o coração de vossas magestades não trabalha para ingratos; mas o profundo e sagrado respeito que póde suffocar em mim este impeto de ternura, não póde fazer calar-me; levado da invencivel força do amor e do reconhecimento, me atrevo a pôr na real presença de vossas magestades grandes cousas em máos versos; ponho a simples verdade, ponho os votos da nação, e algumas das muitas acções de piedade com que vossas magestades tem mandado contentes os que levam por valia a razão, ou as desgraças. Se vossas magestades do alto do throno se dignarem lançar os olhos sobre estes humildes versos, reconhecerão n'elles não o estro que faz poetas, mas o que faz vassallos amantes de seus soberanos. Estro sublime, e que deve tocar mais no coração dos monarchas, do que o das odes famosas de Pindaro e de Horacio, cheias da mais bella poesia, mas filhas da arte e da lisonja, e onde não fuzila aquella luz de verdade que dará logo nos reaes olhos de vossas magestades, se eu tiver a incomparavel honra de que este papel seja apresentado diante do augusto e respeitavel throno dos paes da patria, dos amigos, dos bemfeitores, dos reis adorados da felicissima e sempre fiel nação portugueza.

Das virtudes guiados
Subí ao alto throno, oh reis augustos;
Nem sempre esquivos fados
Se nos hão de mostrar surdos e injustos:
Abrem vasto thesouro,
E nos mandam por vós a edade de ouro.

Do rei aos ceos erguido,
O reino e o coração tendes herdado,
Benigno, enternecido,
De mil virtudes solidas dotado;
Por genio piedoso,
E digno em fim de tempo mais ditoso.

Da eterna Providencia
Os beneficos raios fuzilaram;
Já se estima a innocencia,
Já os tempos de ferro se abrandaram,
Já vem o ar talhando
A piedade e a justiça os braços dando.

Com subita alegria
Tornae a ver os conhecidos lares,
Tornae a ver o dia,
Vós que habitastes horridos logares,
Logares deshumanos
Onde passastes dez, e outros dez annos.

Do chão desentranhados
Vinde jurar os novos reis felizes:
Nos pulsos descarnados
Mostrae ao povo as roxas cicatrizes,
E os grilhões inda quentes
Na praça triumphal deixae pendentes.

Que lagrimas levaste,
Patrio Tejo, na tua escura veia
Quando turvo passaste!
E as ondas que quebravas sobre a areia,
Que cinzas que regaram!
Que triste sangue para o mar levaram!

Mas torna, oh manso Tejo,
Torna a volver corrente prateada:
Já taes males não vejo:
E até já foge a nuvem carregada,
Que á triste lusa terra
Promettia fatal e prompta guerra.

De pelouro violento
Não vê caír o exangue companheiro;
E dorme ao som do vento
Em campo aberto o molle pegureiro;
O lavrador cantando
Em paz herdados campos váe cortando.

Da sorte das batalhas
Livrae, piedosos reis, os portuguezes;
Pendurem duras malhas,
E os temperados lucidos arnezes,
Os ardidos soldados
Das lagrimosas mães em vão chamados.

Que dias florecentes
Ao vosso fiel povo preparastes!
Quando com mãos prudentes
O peso dos negocios espalhastes
Sobre os hombros robustos
De ministros inteiros, sabios, justos.

Gemeu maniatado
Longo tempo o infeliz merecimento;
Mas já, o collo alçado,
Sacode o negro pó do esquecimento,
E a virtude innocente
De illustres palmas lhe coroa a frente.

Já vingadas serão
Do vil tutor as timidas donzellas;
Já não erguem em vão
As mãos, e os tristes olhos ás estrellas;
Nua de falsidade
Aos ouvidos dos reis chega a verdade.

Mil louvores lhe cantam,
O limpo coração pondo no rosto:
E n'alma lhe levantam
Novo throno, sobre ella melhor posto,
Que entre espessas falanges,
Que sobre ouro, ou perolas do Ganges.

Novos reis soberanos,
Que hoje as rédeas tomaes do reino vosso,
Os fastos lusitanos
Dirão de vós o que eu dizer não posso:
Vossa augusta memoria
Abrirá largo campo á longa historia.

Sem trabalho podeis
Fazer feliz a gente portugueza,
Seguindo as santas leis,
Que n'alma vos gravou a natureza,
A rara humanidade
A incorrupta justiça e sã verdade.

No dia em que suas magestades vieram de Villa-Viçosa

Tejo feliz, que as ondas serenavas
Aos reis que conduzias;
E soberbo do peso que levavas,
Queixumes não ouvias;
Sente outra vez os hombros teus cortados
De duras quilhas, de esporões dourados.

Ferem das praias gritos nas estrellas
Do povo, que esperando,
Mil vezes abençoa as prenhes velas,
Que ao longe branquejando,
Lhe vem trazendo sobre as ondas mansas
Da lusa gente os reis, e as esperanças.

Se abrindo as brancas azas emplumadas
Alvos cisnes não vejo;
Se co'as louras cabeças levantadas
Não vem filhas do Téjo
A pintada galera rodeando,
E c'o peito formoso o mar cortando:

Se azues delfins não saltam, mergulhando,
Nas ondas prateadas;
Se vaidosos, a quilha levantando,
Nas espadoas douradas,
Não vem guiando a cortadora proa
Aos altos muros da fiel Lisboa:

Se alçando sobre os mares conquistados
A verde, hirsuta frente,
Não vem, inda de sangue rociados,
Do humilhado Oriente,
Pelo aurifero Tejo, o passo abrindo,
Ajoelhar ante vós o Gange e o Indo:

Se não vejo na vaga fantasia
Mil imagens brilhantes,
Com que exalta enganosa poesia
Illustres navegantes,
Falsos enfeites de venal mentira,
Indignos da alta musa, que me inspira:

Nos olhos me fuzila santo lume
De singela verdade;
Offendem vãos ornatos de costume
A austera realidade;
As lagrimas que vejo, ternas, puras,
Não são, não são fantasticas pinturas.

Um povo, que vos ama, alvoroçado,
Cobrindo as praias vejo;
Outro deixaes, em lagrimas banhado,
Ao sul do claro Téjo,
Erguendo os vossos nomes ás estrellas,
E c'os olhos seguindo as brancas velas.

Não chegaes em triumpho á augusta corte
Com frota em guerra armada;
Não vejo abrir diante o horror e a morte
A sanguinosa estrada:
Fostes vencer co'as armas da brandura;
Todo o pranto que vistes foi ternura.

Não trazeis ante vós maniatados
Lagrimosos captivos;
Paternos campos não deixaes juncados
De corpos semivivos;
Não vejo voltear no altar de Marte,
Tinto de sangue, bellico estandarte.

Singelos corações a vós rendidos,
Por triumpho trazeis;
Tropheo maior, do que trazer vencidos
Ricos, soberbos reis;
Talento de reinar, que vos foi dado,
Nos vence os corações, não braço armado.

Fazeis alegre entrar na patria terra
        O americano adusto;
Reconta os casos da passada guerra
        Á esposa, que com susto
Lhe váe banhando em lagrimas de gosto
As cicatrizes do cortado rosto.

A forte mão, que ainda fumegava
        C'o sangue não poupado,
Na dura terra com mais gosto crava
        O conhecido arado;
E a melhor uso o ferro convertendo,
Em paz herdados campos váe rompendo.

Espalhe sobre exercitos cerrados
        Sibilantes pelouros;
Colha, de sangue e lagrimas banhados,
        Os fantasticos louros
Quem da sorte chamar dom soberano
Banhar as cruas mãos em sangue humano:

Amar a paz, amar a sã verdade,
        Enfrear a cubiça,
Saber unir á solida piedade
        Inflexivel justiça,
Esta é do throno a verdadeira gloria;
É esta de meus reis a honrosa historia.

Ao marquez de Angeja

N'este despido tronco pendurada,
Acaba, ó triste lyra,
Dos desabridos nortes açoutada;
Mão branda não te fira,
E fica volteando ao som do vento,
Qual sella do cavallo lazarento. (1)

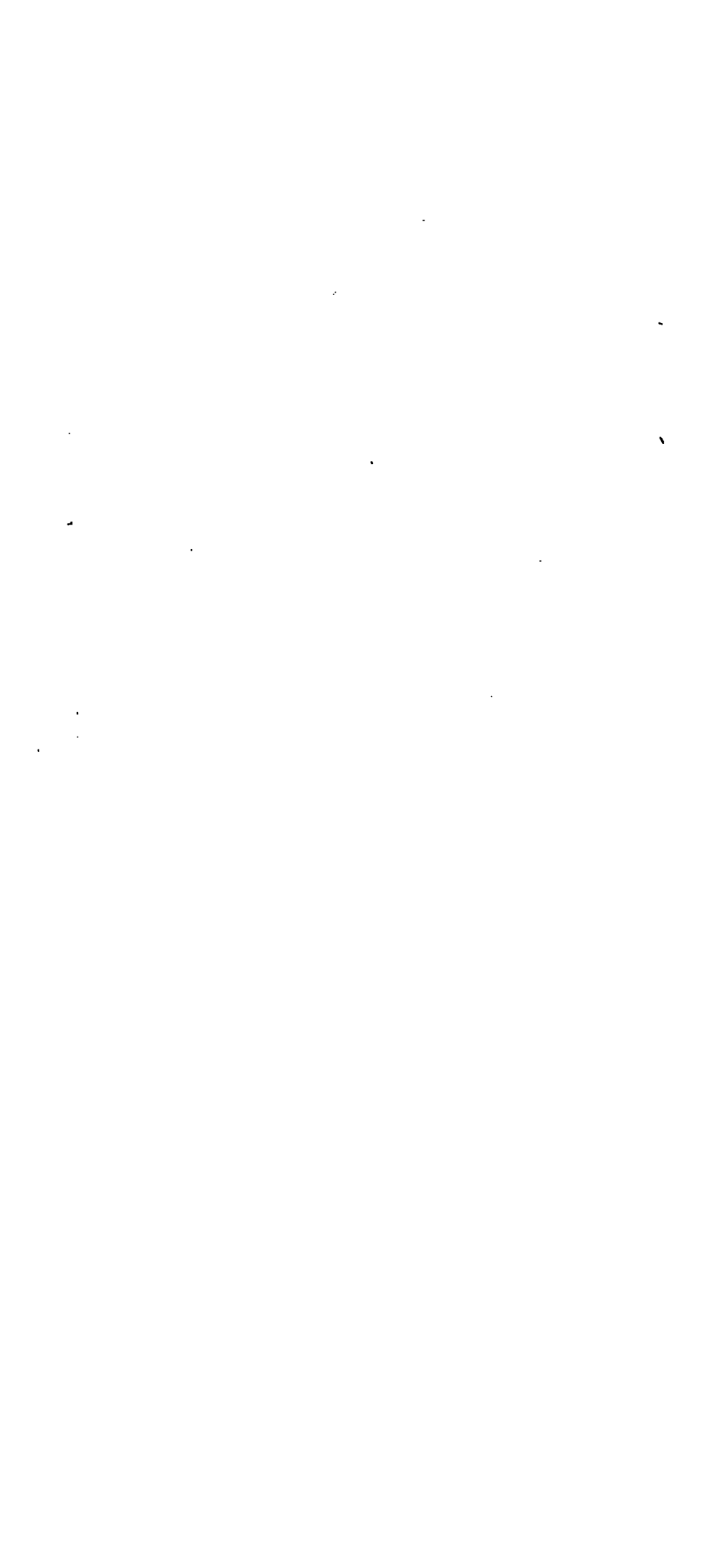
Sempre, lyra infeliz, sempre tocaste
A fechados ouvidos;
Feminis corações nunca amolgaste
Com teus echos sentidos;
Em vão louvavas, junto a Apollo louro,
Uns alvos dentes, uns cabellos de ouro.

Deixaste o louco amor, e temperada
Novas cordas forcejas;
Em ti a clara fama foi cantada
Dos illustres Angejas;
D'este que em mar e terra o mando estende,
Que serve um throno, e que de dois descende.

De meus pesados dias lhe contaste
A lagrimosa historia;
Na esquerda mão um livro me pintaste,
Na outra a palmatoria;
Com carregado, rispido focinho,
Dictando leis em tribunal de pinho.

Condoer-se mostrou da vida escura,
Que aos olhos lhe tens posto;
Pareceu-me que vi nova ventura
Mostrar-me o ledo rosto;
Cuidei, que nunca mais, quando tocasse,
Com teus sons o meu pranto misturasse.

(1) Tem allusão ao segundo soneto, pag. [illegible]

Na esquerda mão um livro me pintaste,
Na outra a palmatoria,
Com carregado, rispido focinho,
Dictando leis em tribunal de pinho.

Dos justos reis os olhos penetrantes
Sua alma conheceram;
Mil pesados negocios importantes
Nos hombros lhe puzeram;
E a grandes cousas por seus reis chamado,
Tirou de ti os olhos, e o cuidado.

Debalde aprende torto corcovado
D'airosa dança os passos;
Em vão déstro *Dupré*, impertigado,
Lhe puxa os curtos braços;
Em vão lhe ensina as leis da ligeireza;
Não mudam sabias mãos a natureza.

Lyra infeliz, debalde se atropella
A força dos destinos;
A minha infausta, sanguinosa estrella
Influiu nos teus hymnos:
Que effeito ha de fazer teu som sereno,
Se da mão que o tirou leva o veneno?

De baixos versos segue o vil fadario,
Diverte a rude gente;
Pinta longevo, tonto boticario,
De dois dados pendente,
Que alçando a fraca mão, bate nas pernas,
Porque inda a tempo viu deitar *quadernas*. [1]

Tu não tens doces vozes moduladas,
Que os mansos ares talham;
As nove irmãs, por ti tanto invocadas,
De tuas odes ralham;
Debalde lhe pediste o santo fogo,
São máos teus versos, porque esquecem logo.

N'este deserto funebre te arrojo,
E de ti me envergonho;
Fica, dos ventos misero despojo,
N'este sitio medonho,
De lugubres cyprestes assombrado,
Á solidão, e á noite consagrado.

1) Tem allusão ao primeiro soneto pag. 42.

Fará echo dos montes na quebrada
O som, que ao vento espalhas;
Do curvo bico te verás picada
Das agoureiras gralhas;
E coberta de sêcco, inutil funcho,
Manjar serás do roedor caruncho.

Se alguma vez ao pé d'este deserto,
Onde o campo verdeja,
Viesse respirar um ar aberto
O claro, o illustre Angeja,
E ao socego dos campos consagrasse
Uma hora, em que aos empregos se furtasse:

Se viesse este dia que appeteces,
Então não te acovardes,
Imita para ver se o enterneces,
A lyra de Bernardes;
E em quanto for passando, ó triste lyra,
« Em logar de tanger, geme, e suspira. »

Em dia de annos do marquez de Angeja

A rouca lyra, musa, temperemos,
Cordas de ouro lhe ponho:
O triste boticario em paz deixemos,
E o gamão enfadonho;
Inspira-me uma vez sonoros hymnos,
Que Apollo julgue d'este dia dinos.

Ensina-me a louvar do illustre Angeja
Talentos sup'riores;
Que soffreu os assaltos d'alta inveja,
Como soffre os louvores;
Cuja alma não conhece vis mudanças,
Ou corram tempestades, ou bonanças.

Sem temor estalar o raio ouvia,
Que ao perto fusilava;
O recto coração tendo por guia,
Seguro caminhava;
Em vão medonha tempestade freme,
Seu grande coração só crimes teme.

Ao pé do throno augusto em fim chamado
Venceu a crua inveja;
Quem no conselho o poz dos reis ao lado
Não foi o sangue de Angeja,
Não foi de Hespanha antigo filhamento,
Foi sã justiça, foi merecimento.

Não revolvo a real genealogia
De Henrique, e de Fernando;
Os sãos louvores d'este grande dia
De ti mesmo tirando,
Só louvarei com paternaes façanhas
Quem seu nome dever a mãos estranhas.

Vias correr teus dias socegados
Nutrindo esse alto esp'rito
No que ficou dos seculos dourados
Em prosa, ou verso escripto;
Recolhendo na próvida memoria
De estranhos reis, e de teus reis a historia.

Outras vezes rasgando á vasta terra
Seu peito cavernoso,
Ou descobrindo quanto o mar encerra
De raro e precioso,
Profundavas com seria madureza
Os segredos da occulta natureza.

De tão doces estudos arrancado
Por mais altos destinos,
Da lusa gente, e de seus reis chamado
A empregos de ti dinos,
Sacrificas aos novos soberanos
De maduro saber teus cheios annos.

Permitta o ceo que em taes trabalhos vivas
Claro nome entendendo;
E que as douradas horas fugitivas,
As azas encolhendo,
Façam que o tempo demorando o passo
Sinta a fouce cair do frouxo braço.

Que cem vezes raiando este bom dia
O oriente esclareça;
Que imperturbavel solida alegria
Com elle te amanheça;
Que em naturaes ternissimos affectos
A mão te beijem netos de teus netos.

Mas deixa, ó musa, a frouxa poesia
Para assumptos menores;
Não profanem de Angeja a gloria e o dia
Importunos louvores;
Pois inda que soubesses dirigil-os,
Quer merecel-os; mas não quer ouvil-os.

Engana-te o desejo, que te inspira,
    Reconhece o teu erro;
Se vês, que só ajustam n'esta lyra
    Negras cordas de ferro,
Não torças, não, teu misero fadario:
Torna ao gamão, e ao triste boticario.

Ao visconde de Villa-Nova-da-Cerveira depois marquez de Ponte-de-Lima

Doze vezes voltando o ardente estio
    C'os férvidos agostos,
Quando o quente suor alaga em fio
    Os encalmados rostos,
Me achou sentado em trípode de pinho,
Gritando a um povo barbaro, e damninho.

Doze chuvosos, rigidos janeiros,
    Os tectos destroncando,
Me destruiram pennas e tinteiros,
    Sobre elles gotejando;
E o rouco sul, que em torno assoviava,
Das frias mãos os themas me levava.

Fortuna inexoravel, que envenenas
    Douradas esperanças;
Que com sceptro de ferro me condemnas
    A estupidas crianças,
E que entre carunchosos, coxos bancos,
Me vás fazendo estes cabellos brancos:

Tu carregando a feia catadura,
    Que amedronta os humanos,
Queres que eu chegue á triste sepultura
    C'os dois Quintilianos?
E que em eterna, posthuma memoria,
Me gravem no sepulcro a palmatoria?

Que meus orphãos discipulos chorando
    A perda que fizeram,
Os livros sobre o feretro rasgando,
    Que nunca perceberam,
Digam: «Com pranto nosso mestre honremos,
Quatro soluços a seus ossos dêmos?»

Que de altos bancos, negra eça armando,
E de batinas velhas,
Vão do mudo auditorio atormentando
As attentas orelhas
Com orações, á queima roupa, cheias
De apostrophes, e vãs prosopopéas?

Que n'alta noite tempestuosa e escura,
Em horroroso sonho,
Vejam erguer da fria sepultura
Este espectro medonho
A castigar, como fazia em vivo,
O crime de um errado accusativo?

Sabio e illustre visconde, que te alçaste
Acima dos destinos;
Que em teu peito o saber enthesouraste
De gregos e latinos;
Que em continua lição attento enchias
Teus socegados, bem vividos dias:

Tu, illustre senhor, em quem agora
Os olhos fitos tenho,
Estende a mão benigna e bemfeitora
A meu humilde engenho;
Que se era só ás brandas musas dado,
Mais longe irá, se for por ti levado.

Algum talento, que me deu natura,
Sería a mais alçado,
Se eu tivesse a grandissima ventura
De ser por ti mandado;
Se do alto engenho, de que não presumes,
As instrucções bebesse, e os vivos lumes.

Não me atrevo, senhor, a pedir tanto,
Meus fracos hombros vejo;
A tão altas esp'ranças não levanto
Temerario desejo;
Conheço ha muito o meu fatal destino,
Eu não nasci de tal fortuna dino.

Mas não encolhas, inclito Cerveira,
A mão de que eu me valho;
Converta-se o trabalho da cadeira
N'outro qualquer trabalho;
Longe de escholas, longe de crianças,
Farto com pouco minhas esperanças.

Se em nome de teus reis a mil tiraste
Das mãos da crua morte;
Se as chapeadas portas franqueaste
De soterrado forte;
Acção maior, e inda mais pia fazes,
Tirando-me das garras dos rapazes.

Consente-me depois que a lyra tome,
Em que aureas cordas vejo;
E que invocando teu illustre nome
Sobre as praias do Téjo,
O Lima cante em sonoroso verso,
O Lima, que te deu o nome e o berço.

E em memoria do grande beneficio,
Lá nas margens do Lima
Irei cravar a insignia d'este officio,
Lançando areia em cima;
E em tronco annoso de copado freixo,
Cortada em verso, esta escriptura deixo.

«Fugi, rapazes, aqui corre risco
Mocidade atrazada;
Não é leão, ou fero basilisco;
Não é serpe enroscada
O que encobre esta funebre memoria;
É peior que isso tudo, é palmatoria.»

A D. Domingos de Assis Mascarenhas

Clio uma setta tira
Da aljava de ouro, que pelo ar vasio
Longe correndo fira
Junto ao Mondego, saudoso rio:
Alli em torno ás suas margens vôe,
E por feliz tres vezes o apregôe.

As claras aguas regam
Plantas bellas, fecundas, generosas:
Com desvelo se empregam
Em cultival-as mãos industriosas:
Quão doces fructos, quão cheirosas flores
De taes aguas, taes plantas, taes cultores!

Ergue, illustre Mondego,
Ergue tua cabeça sobre as aguas:
Assaz no fundo pégo
Choraste um tempo tuas tristes magoas.
Olha teus campos como esmalta agora
Em formosa união Pomona e Flora.

Oh! seio de candura,
Mascarenhas, tu és o alvo, a méta,
Que anciosa procura
Da minha Clio a empennada setta.
Tu na alma paz, na sanguinosa guerra
Pódes ornar a tua e alheia terra.

Mas boa sorte mude
Meu dito, e a outra parte te não chame:
E onde tanta virtude
Tem a raiz, os fructos seus derrame:
Nem menos tempo o sol illustre e aquente
A quem o viu desde o seu claro oriente.

Porém, se é ordenado
Da Providencia sabia, santa, eterna,
Christão peito humilhado
Adora o Summo Ser que assim governa:
Antes se goza, e dentro n'alma estima
Que astro tão bello alegre mais d'um clima.

Entre tanto diffunde
Na patria tua luz copiosa e clara;
Que, se logo confunde
Os fracos olhos, depois guia e aclara.
Arda ante incertos pés (e gritem vicios)
Alta tocha, que mostre os precipicios.

Constancia! que guardado
Está o galardão a teus suores,
Onde em cume estrellado
Vibra o templo da gloria resplandores.
D'alli olhos não tires; que ao trabalho
É doce viração, é fresco orvalho.

Tu, e esse coro illustre
De mancebos heroes, que se obrigaram
A dar ao mundo lustre,
Quando o alto sangue dos avós herdaram;
Concebei novo fogo e novo brio
Ouvindo onde vos chama a minha Clio.

Oh! se alguem me puzesse
Nas margens do Mondego claro e frio!
Certo me não vencesse
Cysne de Dirce sobre o patrio rio.
Alli tão docemente vos cantára,
Que, a ouvir-me, feras, montes abalára.

Mas engenho ir recusa
Onde ir amor e gratidão me incita:
Nescia, se o esperas, musa!
Não corre lasso pé 'strada infinita.
Almas illustres, havereis sómente
O dom sincero de um desejo ardente.

Só mal sonora rima,
Que sem veia forjou saudade e zelo,
Lerão o amavel Lima,
O sabio Castro, e o profundo Mello,
Pedras, que tu mal soffres, oh Lisboa,
Faltarem tanto tempo á tua c'roa.

Em louvor da amizade

Musa frouxa e rasteira,
Que o louco amor, e seus triumphos cantas,
É hoje a vez primeira
Que acima das estrellas te levantas;
Não arda o santo fogo
Sempre em materias vãs, de riso e jogo.

A virtude sublime,
Filha do ceo, a candida amizade,
Que chama feio crime
Voltar a cara á pobre humanidade,
É quem hoje te inspira,
Quem te apresenta a desusada lyra.

Debalde negro fado
Cobriu meus dias de fortuna escura;
Debalde tem jurado
Ser meu contrario até á sepultura;
Não dar-me valimento,
Deixar meu nome em baixo esquecimento.

De solares antigos,
Nem thesouros herdei, nem vã grandeza;
No seio dos amigos
Me poz o ceo mais solida riqueza;
Não teme duro fado
Quem alcançou fiel amigo ao lado.

Sobre inhospita praia
Lance o mar o navio destroncado;
No rolo d'agua sáia
O náufrago piloto descórado;
Areias não pisadas
Ensope o triste em lagrimas cançadas;

Se em tão duro castigo
O ceo, por novo caso não pensado,
O encontrasse c'o amigo,
Que anda da cara patria desterrado,
Chorára de alegria,
Feliz talvez chamasse o triste dia.

O escravo na corrente,
Em misero suor banhado o rosto,
Encha d'ouro luzente
A mão cruel, que os ferros lhe tem posto,
Do mineiro avarento,
Que tem no seu thesouro o seu tormento:

Albino impaciente
C'os olhos, e as esperanças no Oceano,
Veja vir do Oriente
A náo com ouro, e com marfim indiano;
Veja o porto aferrado,
Chame-se embora bemaventurado:

Nada d'isto appeteço;
Sabem os deuses, e por elles juro,
Que os votos que lhe offreço,
Nascidos vem de coração mais puro;
Que estes bens não invejo,
Que levanto a mais alto o meu desejo.

Se nos serenos ares
Lhe vão suspiros meus, d'alma mandados;
Se deixo seus altares
De minhas puras lagrimas banhados;
Se os commovo á piedade,
Meus votos são por ti, santa amizade.

Dêem-me fieis amigos,
Mostrem-se embora, em tudo o mais, irosos;
No meio dos castigos
Lhes chamarei benignos e piedosos:
Amigo verdadeiro,
Tu valês mais que o universo inteiro.

Em louvor da saude

Não procura palacios sumptuosos
 A brilhante saude;
O seu rosto agradavel e risonho
 Até aos reis se esconde:
Ella faz com que seja venturoso
 O roto peregrino,
Se entre a negra gadelha lhe apparece
 Um semblante sadio.
O captivo remeiro fatigado,
 Do ardente sol não fuja:
Em ferros envolvido o duro corpo,
 Trabalhe o dia inteiro.
O queimado semblante ande banhando
 De violento suor:
Apressado mastigue, e poucas vezes,
 O corrupto biscoito:
Mas tenha o rosto alegre e socegado
 Entre as duras prisões,
Se á pallida doença não tem visto
 O macilento aspeito;
Se com braço membrudo e vigoroso
 Fórça o remo pesado.
Inda sinto inflammar-me em teus louvores,
 Oh saude aprazivel!
Tu es filha do ceo, mãe da alegria,
 Dom de Deus piedoso.
Se os miseros mortaes expõem a vida
 Por damnosas riquezas;
Por ellas que fariam, se servissem
 De te fazer propicia?
Filha do ceo benigno, se te deras
 Por ouro, ou fina prata,
Eu não temêra as tempestuosas ondas
 Do fervido oceano:

Nos occultos sertões iria entrando
Co'a mesma côr no rosto;
Não me assustára o dente venenoso
Da enroscada serpente:
Do fertil oriente nos outeiros
Cavaria ancioso,
Por ver se das entranhas te trazia
Abundantes thesouros.
Mas a bella saude é dom celeste;
Com ouro não se compra:
Ella foge dos impios, que se assentam
Á saborosas mesas;
Que adormecem em leitos guarnecidos
De preciosas sedas;
E váe guardar, com próvido cuidado,
O simples pescador,
Que sobre asperas rochas, sem abrigo
Aos rigorosos tempos,
Váe nutrindo no corpo mal vestido
Um coração sincero;
Que humilde sabe erguer ao ceo piedoso
As innocentes mãos.

PROZAS

Ao marquez de Angeja, ministro de estado, perante o qual se pretendeu deshonrar a poesia e os poetas, offerecendo-lhe alguns dos versos do auctor.

Ill.^mo e ex.^mo sr. — V. ex.ª se digne de não julgar atrevimento ir eu apresentar um livro de inuteis versos n'aquellas mesmas mãos em que se apresentam papeis que decidem dos interesses do estado, e dos destinos dos homens. A poesia, senhor, só é odiosa a quem n'ella não é instruido. V. ex.ª sabe a origem e os progressos d'esta arte divina; sabe que de seu berço foi consagrada ao uso da religião e da politica; que por meio d'ella o homem natural, que nutria vagamente entre fragas e penedias um coração tão contrario ao do homem civil, conheceu a humanidade, e tomou sobre seus hombros o jugo da razão e da justiça; que os primeiros legisladores escreviam as leis em verso, para que a harmonia lhes aplanasse ou encobrisse aquelles passos escabrosos, que ferem e revoltam a nossa natureza, sempre amiga da liberdade; que os philosophos e sacerdotes do Egypto ensinavam em poesia os seus dogmas; que os bons tempos dos gregos, modelo dos seculos de Augusto e de Luiz XIV, ao mesmo passo que se alargavam os limites do seu imperio, viram levadas á ultima perfeição de que são capazes as obras dos homens, a lyrica, a epica, e a poesia de theatro.

V ex.ª sabe que os poetas de Augusto, mais do que as victorias de Farsalia, fizeram chamar-se o seu seculo, o seculo de oiro; que a passagem do

Rheno e a conquista de Hollanda jazeriam no esquecimento, com o nome de Luiz XIV, se Corneille e os que o seguiram não mandassem ás extremidades do mundo a fama de suas victorias; que ainda hoje a França conta com prazer, entre as acções d'aquelle monarcha, a protecção e acolhimento que acharam ante elle as artes, principalmente a da poesia; e que as ultimas palavras do grande Corneille moribundo foram agradecimentos ás liberalidades de Luiz XIV.

V. ex.ª sabe que a augusta theologia da escriptura nos instrue muitas vezes dos attributos de Deus por imagens inteiramente poeticas; que os prophetas, unindo maravilhosamente o simples ao sublime, fallam da existencia e da omnipotencia de Deus, com a locução, e com as figuras da mais alta poesia.

Mas, senhor, eu, insensivelmente, vou fazendo de uma dedicatoria uma dissertação. V. ex.ª se digne attribuir este erro de methodo á desordem de animo em que me põe a ingrata sem-razão de ver os poetas desfavorecidos de alguns homens, talvez sem mais crime, que serem favorecidos das musas.

V. ex.ª, em cuja alma ráia a razão illustrada, limpa das sombras do abuso, não faz caír sobre o poeta os defeitos que são do homem: a inconstancia de genio, o desconcerto das acções, a philosophia mal entendida que caminha a passo cheio á devassidão de costumes, são os crimes de que o vulgo errado accusa indifferentemente todos os poetas; mas se vemos que estas más qualidades brotam no coração de tantos homens que não são poetas, para que hão de elles sós levar o ferrete que a natureza corrupta põe, indistinctamente, sobre todos os que não deixam guiar-se da religião e da honra? Sempre houve poetas bem e mal morigerados, assim como os outros homens: e por que lei barbara ha de pagar a poesia as fraquezas da humanidade? Por que falsa logica havemos inferir que o commercio das musas, a suave lição dos antigos, em que vemos pintada a natureza, e explicada docemente a boa philosophia, ha de afogar no coração do poeta as virtudes que a indole ou a educação talvez alli plantaram?

V. ex.ª julga mais rectamente; sabe que em to-

dos os ramos da vida christã e civil tem havido poetas; que um talento não exclue os outros; que Richelieu fazia versos, e foi ministro; que entre os poetas, como entre todos os mais homens, uns são venturosos, outros desgraçados; uns chamados aos grandes empregos, outros inteiramente esquecidos; que se houve um Camões e um Bernardes, cuja memoria posthuma foi a unica paga do seu merecimento, tambem houve um Sá e Menezes levantado a camareiro-mór dos srs. reis D. João o III, e D. Sebastião; um Pedro de Andrade Caminha, camareiro-mór do infante D. Duarte; um Garcia de Rezende, muito estimado do sr. D. João o II; um Sá de Miranda, feito commendador pelo sr. D. João o III; e para não fazer um catalogo quasi infinito, houve o grande Ferreira, e Gabriel Pereira de Castro, os quaes, cada um no gosto do seu seculo, misturando Bartholo e Accursio com Homero e com Virgilio, foram tão estimados pelos versos que faziam no seu gabinete, como pelas sentenças que lançaram nos diversos tribunaes a que foram promovidos.

O conhecimento da historia portugueza, uma das lições que recreiam o espirito de v. ex.ª, talvez concorra, junto com o gosto que tem pelas artes, a que, seguindo o exemplo de tantos reis, se não despreze de ouvir os poetas: eu sou uma prova viva de que v. ex.ª os ouve, e os protege: nos tempos da antiga Roma, Augusto fazia o mesmo; nos tempos da moderna, lemos que Benedicto XIV não se envergonhou de fazer a apologia aos versos de um poeta francez, com aquella mesma mão de que pendiam as chaves do ceo.

Esta justiça e bom acolhimento que v. ex.ª faz á poesia, foi quem me esforçou a pôr nas respeitaveis mãos de v. ex.ª um livro de versos; o terem alguns agradado a v. ex.ª faz o seu unico merecimento: um tal voto fez com que eu julgasse bem d'elles, e os levantasse á grande honra de serem offerecidos a v. ex.ª Não me acovardam alguns assumptos joviaes, que n'elles trato; v ex.ª sabe, que se a tragedia castiga os costumes pelos grandes affectos da compaixão e do terror, tambem a satyra os castiga

pelo meio do riso; e este trabalho de minha penna, com que eu entretinha os meus cançados dias, passará a ser o mais feliz, se tiver a fortuna de divertir alguns instantes a v ex.ª, para que, com mais força, torne depois a metter mão nos importantes negocios de que os reis, prevenindo os desejos do publico, se dignaram encarregar a v. ex.ª: isto deseja, senhor, de v. ex.ª o criado mais humilde e mais venerador...

Ao marquez de Angeja, no dia de seus annos

Ill.mo e ex.mo sr. — Os louvores nem sempre são filhos da lisonja, nem sempre são a linguagem baixa em que os infelizes fazem o seu commercio com os poderosos; quando assentam em merecimento solido, são uma paga devida ás virtudes; o ceo as dá; os reis devem-lhe os premios; os outros homens os louvores.

Hoje, ill.mo e ex.mo sr., nos apontam os fastos de Portugal o feliz nascimento de v ex.ª; o costume consagra com elogios estes dias solemnes; a patria recompensa assim os annos que a ella se deram; e se em um dia destinado aos obsequios, eu fosse um mero espectador, um assistente ocioso, o silencio, tantas vezes virtude, sería agora um crime, sería uma prova da minha ingratidão.

A força do agradecimento e a abundancia da materia me poriam na bocca uma torrente de louvores; mas v. ex.ª põe tanto cuidado em merecel-os, como em não querer ouvil-os; temo a sua modestia; e uma virtude de v. ex.ª me não deixa fallar-lhe nas outras; porém, ao menos seja-me permittido que a minha alma se encha de complacencia, lembrando-se de que tres reis elogiaram a v. ex.ª, chamando-o a grandes coisas; não quizeram que estes talentos jazessem debaixo da terra; sobre ella e sobre os mares os fizeram luzir.

Na flor dos annos, quando as paixões, os exemplos, a natureza abrem guerra viva ao coração do homem, então viu a severa magestade do sr. rei D. João o v, que v. ex.ª, tão moço nos annos, era já ancião no conselho e nos costumes, queria o seu voto nos tribunaes, e o seu braço nas armadas: negros ventos, mares cavados, ferro, sangue, eram os leitos brandos em que v. ex.ª ia descançar das honrosas fadigas da terra.

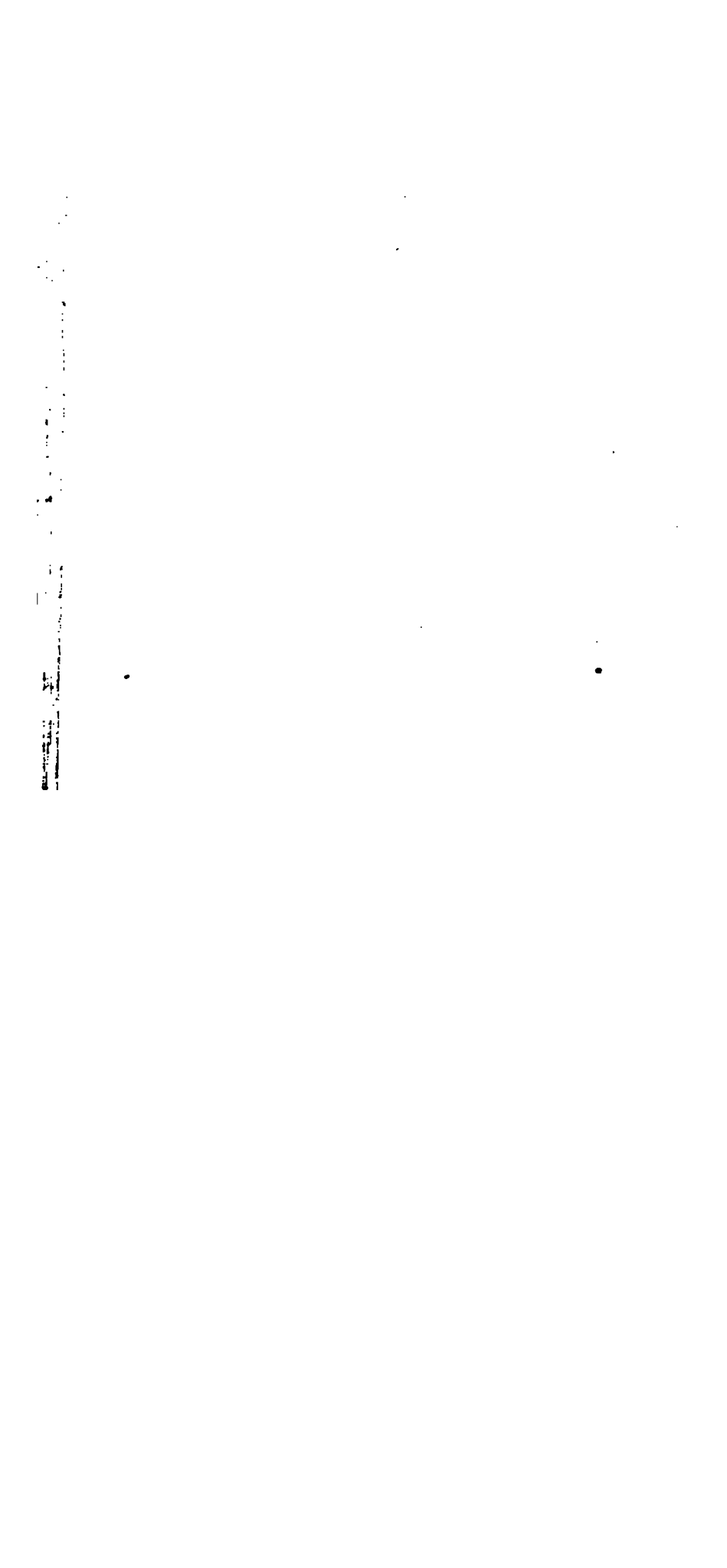
Que direi do augusto, piedoso, e ainda de fresco banhado das nossas lagrimas, o sr. José o 1? O merecimento, junto com a similhança dos genios e das edades, pozeram sempre a v. ex.ª ao lado d'aquelle monarcha; mandou-lhe que acceitasse novos e importantes empregos; recebeu mil provas do seu poder e da sua familiaridade, e entre ellas aquella que v. ex.ª não disse, mas que todos sabem; aquella de que v. ex.ª nunca poderá lembrar-se sem dor e sem gloria.

Os benignos e amaveis soberanos, que vemos sobre o throno, pozeram o sêllo na obra que seus augustos predecessores tinham começado; encarregaram a v. ex.ª dos mais importantes negocios do estado: a madureza nos conselhos, o severo espirito de inteireza, os reis, a lei, a utilidade publica, são os objectos que viram sempre na frente dos cuidados de v. ex.ª

Mas, senhor, eu vou abusando da bondade com que v. ex.ª se digna ouvir-me: eu converto a minha falla ao throno do Todo-Poderoso, que tem na sua mão as vidas e os successos dos homens; alli peço ardentemente que dilate, que prospere tão bem cultivados annos; que conserve em v. ex.ª o bom pae, o vassallo zeloso, o grande ministro.

Vós, illustres mortos, antigos instituidores da casa de Angeja, que trouxestes no peito o sangue de dois reis, não peçaes conta d'elle; descançae em paz nos frios moimentos, cheios de victorias, cheios de serviços, que pagaram Deus e os reis por quem se fizeram. O vosso herdeiro é digno de vós; caminha sobre as vossas pisadas; herdou os vossos titulos e as vossas virtudes.

E vós, moços illustres, seus dignos filhos, cujos costumes, fructos do exemplo, são alto elogio da mão que vos educa, já os reis vos chamam; querem nos filhos perpetuar o pae. Os largos e felizes annos que o ceo lhe concederá de vida, serão a vossa eschola. Servi os reis e a patria; sacrificae-lhe os vossos annos e as vossas fadigas; sêde affaveis, justos, inteiros; sêde como elle.

INÉDITOS

SONETOS

AO MARQUEZ DE POMBAL

Em varios ceos, em climas apartados,
Mostrar ao rei e ao reino alta lealdade;
Tecer a Portugal doirada edade
De claros dias nunca em vão gastados:

Os mares lusitanos ver cruzados
De mil concavas velas de amizade;
Levantar-se magnifica cidade
D'entre informes torrões afogueados:

Mil virtudes, em fim, marquez invicto,
Com que a arte e natureza enriquecêra
De tenros annos teu sublime esp'rito,

Os grandes crimes são, aos quaes erguêra
Mão infame patibulo inaudito,
Se mão infame contra o ceo valêra.

AO GRANDE PRÉGADOR P. MANUEL DE MACEDO,
EX-CONGREGADO DO ORATORIO

O chimico infernal drogas malditas
Ajuntou n'um lambique sem demora;
Ferro, veneno, vibora traidora,
Cartas da mão de Machivello escriptas:

Com fogo lento, pragas infinitas,
Destillou tudo, e em pouco mais d'um'hora
Pelo gargalo do lambique fóra
Saíram par a par dois jesuitas:

Mostrou a sua obra ao reino escuro;
Tornou a destillar muito em segredo
Saíu um Manigrepo inda mais puro:

O dono, que o forjou, teve-lhe medo:
Despejou o lambique n'um monturo,
E saíu d'esta borra o grão Macedo.

AOS SONETOS QUE FAZIA JOSÉ DANIEL

Trus, trus... —«Quem bate ahi?» — «Um seu criado.»
«Quem procura?» — «Um senhor que faz poesia.»
«Póde entrar, meu senhor, muito bom dia...
Póde sentar-se...» — «Eu ja estou sentado.»

«Que tem por cá?» — «Senhor, ao meu cuidado
A limpeza de um bairro se confia:
Aonde, com licença e cortezia,
Foi um bacio enorme escangalhado.

«É o caso: uma preta vinha andando
C'um serviço: eis que um preto, dos do Neto
Lhe sáe pela licença perguntando:

«C'o susto entorna o vaso sobre o preto.
Dou-lhe parte; póde ir-se preparando,
Que tem assumpto para um bom soneto».

DECIMAS

Pergunta certa senhora,
Sem presumir mal algum,
Se um só beijo á sexta feira
Fará perder o jejum?

«Padre mestre Apresentado,
Pergunto, e saber desejo,
Se perde o jejum um beijo,
Sendo á sexta feira dado?»
«Eu, no Larraga encontrado
Não tenho o caso atégora;
Por isso alguma demora...»
«Não, não, não se cance muito,
Que eu cá por mim não pergunto,
Pergunta certa senhora».

«Olhe, se ella o beijo deu
Simplicitèr, não peccou,
Que a lei a ninguem tirou
Poder dar o que for seu;
Comtudo se fôra eu,
Beijo não déra nenhum;
Porém como deu só um,
Não tem o jejum quebrado,
E muito mais sendo dado,
Sem presumir mal algum.»

« Porém seu mestre Melgaço,
Que eu por cá seguido vejo,
Nos diz que o solido beijo
Sustenta mais, que o abraço: »
« Eu tal distincção não faço,
Nem distincção verdadeira
Acho, inda que dar-lh'a queira;
Nem eu sei qual mais sería,
Se um abraço em qualquer dia,
Se um só beijo á sexta feira. »

« Logo póde um beijo dar
Muito bem á sexta feira
Qualquer secular, ou freira,
Sem n'isso o jejum quebrar? »
« Póde sim; mas sem formar
N'esse instante gosto algum;
Nem ha de dar mais do que um,
Pois se deu mais, ou fez gosto,
Como o beijo é já composto,
Fará perder o jejum. »

ACABOU-SE!

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

Ácerca de

Nicolau Tolentino de Almeida

POR

JOSÉ DE TORRES

Poetas por poetas sejam lidos:
Sejam só por poetas explicadas
Suas obras divinas...

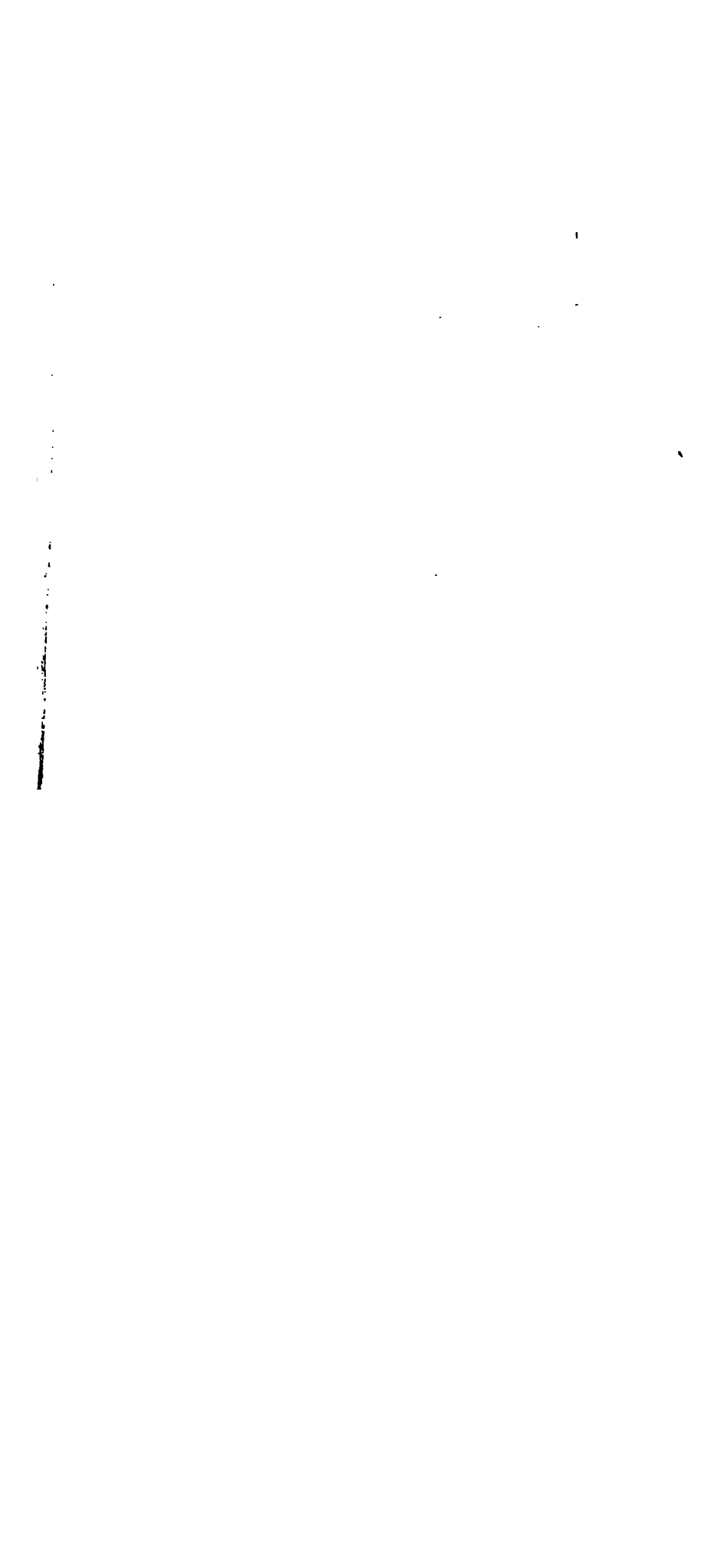
FILINTO ELYSIO

Talvez seja temeridade, da parte de quem não nasceu para entreter commercio com as musas, aventurar-se a julgar do merito d'um poeta, que muitos de seus pares louvaram, que altas regiões acolheram prazenteiras, e que circunstancias especiaes fizeram tão aceito ás multidões como aos aulicos, tão consagrado e popularisado entre todos, que resiste e promette perdurar inquebrantavel na memoria commum, em menoscabo da acção destruidora do tempo.

Desculpem o commettimento a quem se confessa receioso.

O bello livro, que agora vê a luz publica, pedia outra penna para matizar estas primeiras paginas. A sorte dispoz d'outro modo, e o encargo tocou a quem menos podia desempenhal-o.

Entretanto tentemos a obra, que outros fariam, e porventura terão ainda occasião de fazer melhor.

I

Ha apenas meio seculo que Nicolau Tolentino de Almeida desappareceu d'entre os vivos, e já parece assumpto remoto e de difficil averiguação, quanto se lhe refere. Se não era muita a luz que aos olhos dos contemporaneos apresentava as circunstancias principaes da sua vida e escriptos, a negligencia dos que mais se deviam considerar obrigados a perpetuar a memoria das cousas; a successão tumultuosa dos tempos e seus effeitos inalienaveis; tudo tornou mais incerto o caminho por onde agora se podia chegar ás conclusões appetecidas. O espirito de suas obras, nem sempre facil de descobrir, discorda ás vezes do pouco que a tradição nos conservou d'aquella existencia agitada; nem o testimunho contradictorio dos seus versos deixa julgal-os guia seguro em tão intrincado labyrintho. Iremos, porém, como podermos, demandando porto n'esta duplamente difficil navegação.

No anno 1741, na cidade de Lisboa, no dia 10 de setembro, em que a egreja celebra o santo agostiniano Nicolau Tolentino, houve Francisco Soares de Almeida um filho de sua mulher D. Anna Soares. O pae, letrado e illustrado, distincto pela austeridade de costumes; a mãe, respeitada pelo são juizo, e qualidades d'alma; foi na piedosa coincidencia de tal nascimento e tal dia, que ambos procuraram nome para o recemnascido.

N'aquelles progenitores, em quem havia mais excellencias de caracter, que bafejos da material fortuna, os cuidados da vida eram peniveis, porque a familia era numerosa, e o trabalho não alcançava remuneração que abastasse. O proprio poeta, em mais d'uma parte, se refere áquella triste situação. De si diz e repete, que foi:

— Nascido em baixa pobreza (p. 192) [1]

— Entre os braços da pobreza
Fui desde o berço lançado (p. 293)

— Entre faxas de pobreza
Meus tristes paes me envolveram (p. 170)

Entretanto os paes acudiam á educação dos filhos com mais sollicitude que podia esperar-se, e maior complacencia parece ter-lhes merecido ainda a de Nicolau.

1) As paginas indicadas d'este modo referem-se á presente edição das Obras de Tolentino.

Quando este filho chegou a estado de aprender as primeiras letras escolheram-lhe mestre.

São dignos de Boileau, pela graça e estilo chistoso, os versos em que Tolentino descreve os preparativos que houve para o levarem á aula.

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando váe,
Pobre alfaiate visinho
De um capote de meu páe
Me engendrou um capotinho:

Talhando a obra, maldiz
A empreza que lhe incumbiram,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe cairam
Os oculos do nariz:

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas letras d'almagre:
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre: (p. 170-171)

E eis clamoroso e mal resignado com phantasticas promessas, o nosso pequerrucho, caminho da eschola, ao collo de um gallego!

Colchete no cabeção,
Sai novo Adonis bello.
Figa nos cós do calção,
Carrapito no cabello,
E um biscoitinho na mão:

Sobre sisudo gallego,
Que vasa barril fiado.
Ja aos trabalhos me entrego;
E em triste pranto lavado
A porta de um mestre chego. (p. 171)

Quando chegou o tempo de entrar na cultura da lingua dos romanos, introducção obrigada, desde remotas eras, ao estudo das letras; antevendo de longe a impertinencia do velho mestre grammaticão, cujo demasiado rigor devia lembrar-lhe por toda a vida, foi entre medos e violencia que se resignou a novas e mais pungentes apouquentações. Quasi trinta annos depois, ainda tinha d'isso memoria tão fresca, que o pintava assim:

Entre medos e violencia
Entrar no latim já posso,
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco e de sciencia;

D'entre o sordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão.
Revelava altos segredos
Do adverbio e conjunção.

Era em grammatica abysmo,
Honrava o seculo nosso;
Porém de tal rigorismo,
Que poz na rua o seu moço
Por lhe ouvir um solecismo

Entre o «Jota» e o «I» romano,
Que differença se achasse
Trabalhava havia um anno;
Obra que, se elle a acabasse,
Feliz do genero humano! (p. 171-172)

Sería ainda inspiração d'este mestre de latim, a descripção que faz d'outro (p. 187), que tambem era velho e clerigo?

Preparado para seguir na universidade de Coimbra os estudos de direito a que seus paes o destinavam, elle mesmo nos conta as circunstancias da jornada quando (1758) foi

.... ver as vastas campinas,
Que banha o claro Mondego... (p. 172)

Despede-se da familia!

Co'as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos e medos,
Mãe e irmãs á adufa postas,
Choviam cruzes e credos
Sobre as minhas bentas costas. (p. 172)

Parte!

Já em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras;
Já a catana emprestada
Cortava o vento e as piteiras. (p. 172)

Caminha quasi á mercê da Providencia!

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quasi com carta de guia. (p. 172)

Avista a Athenas lusa!

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte. (p. 172)

Qual é o elemento mais preponderante dentro d'aquelles muros?

Povo revoltoso e ingrato [1]...
Em vão de adoçal-o trato,
É um titulo de guerra
A chegada de um novato. (p. 172)

1) Os estudantes.

Que dissabores e inclemencias o esperam!

> Pão amassado com fel,
> E envolto em pranto, comia;
> Levei vida tão cruel,
> Que peior não a teria,
> Se fosse estudar a Argel. (p. 173)

Que de indemnisações e prazeres procura depois na vida de estudante!

> Soffri continua tortura,
> Soffri injurias e acintes;
> Lancei tudo em escriptura,
> E nos novatos seguintes
> Fiquei pago com usura.
>
> Da bolsa os bofes lhe arranco
> No fresco pateo de Chellas,
> Pedindo com genio franco
> Doces, gratuitas tigelas
> Do famoso manjar branco. (p. 173)

A pae e filho foi egualmente penosa aquella estada em Coimbra:

> .... o bom pae, falto de meios,
> Quanto cheio de virtude,
> Só mandava nos correios,
> Novas da sua saude. (p. 173)

Sete annos [1], assim passados, gemeu o filho em segredo. Não podendo permanecer alli mais tempo, regressou a Lisboa.

Que conseguiu Tolentino na universidade? Que aproveitamento colheu? Que estudos completou? Que grau obteve? Abstem-se de nos dizer a menor cousa a tal respeito. [2] Inculca-nos só, que passára lá attribulado:

> Achava-me sempre o dia
> No tecto os olhos pregados;
> A sagaz economia,
> Revoando nos telhados,
> Ao conselho presidia. (p. 173)

E se assim era, fraca disposição devia ter aquelle espirito para o estudo. Custa porém a crer, se esse estado foi quasi normal durando sete annos, como o moço se lhe resignou, vendo que não havia n'isso proveito para nenhuma das partes. Não será mais natural sup-

1) O nosso com-provinciano e amigo, o sr. João Augusto Amaral Frazão, na *Vida do poeta Nicolau Tolentino de Almeida* (Lisboa 1843, 34 pag. de 8.º) diz (pag. 3) que o poeta se demorou *oito annos em Coimbra*, quando é certo que o proprio Tolentino, pag. 173, d'esta edição, affirma que foram *sete*.

2) Uma só vez descobrimos nas suas poesias, que, liberdade poetica, asserção verdadeira ou proxima da verdade, se chama, a si, doutor. É na replica ao supposto cardeal:

> Com o doutor não entendas,
> É d'elle esta cutilada:
> Assento-te agora a espada,
> Para ver se assim te emendas. (p 317)

por, que a verdadeira crise sobreveiu nos ultimos tempos, talvez promovida principalmente pela inutilidade da sua permanencia em Coimbra, onde passava sem aproveitamento? Quem sabe se se lhe poderá applicar o que alguns annos depois dizia dos proprios discipulos, que mais tratavam de tafularias, que de estudo?

> Só para consolar-me, n'elles acho
> Os mais bonitos moldes de fivelas,
> E de sapatos com entrada abaixo. (p. 44)

Teria vinte e quatro annos quando regressou á casa paterna, com grandes encargos para a consciencia, pelo abatimento em que encontrou o pae, e pelos auxilios que a familia tinha direito a esperar de quem fôra o Benjamin d'ella.

Vagára na corte uma aula de rhetorica: Tolentino julgou-se habilitado a regel-a, e tinha, como asseveravam contemporaneos que o conheceram [1], fundamentos para isso. Examinadores de mau caracter e faltos de saber, o reprovaram indevidamente, exercitando n'elle vingança, cuja causa não chegou até nós. A injustiça bradou alto e foi reconhecida. Pessoas distinctas se interessam pelo candidato; e apesar de más vontades de invejosos, o então (1765) director dos estudos, principal Almeida, fez com que fosse provído:

> ... mandaram-me ensinar
> As regras de persuadir. (p. 173)

Não faltou agradecimento á mercê, de que depois se devia queixar tanto; e é ao mesmo principal, que, em dia de annos, se dirige n'estes versos:

> Pelas vossas mãos alçado
> Quebrei da desgraça o fio:
> Se da crua fome e frio
> Livro o pae, livro os irmãos,
> E obra das vossas mãos,
> E faz o vosso elogio. (p. 293)

A este tempo já a mãe, a quem se não refere, devia ser fallecida. Dizem que depois o pae tomou ordens sacras, e até ao fim da vida esteve em sua companhia, amado como bom pae que era, e tratado o melhor que o filho pôde.

Foi por aquelle tempo que contrahiu amizade com o

1) Dil-o o auctor da *Vida do poeta*, p. 3. — A p. 1, declara que tivera «felicidade... em achar contemporaneos, que até conviveram com Tolentino» Esta importante declaração, despida da citação de um unico nome, deixou latente em todos a pena de ficarem ignorando as fontes auctorisadas onde o biographo bebeu alguns dos fundamentos do seu trabalho.

egualmente poeta Domingos Pires Monteiro Bandeira, morando ambos na rua da Atalaya. Partilhavam alegrias e folgares em jantares e recreações communs:

> O nosso bom tempo antigo,
> Quando alcando a torva fronte
> Jantava Quintiliano
> Á mesa de Anacreonte,
>
> Quando nos brilhantes copos
> Do casto, herdado Gorisos, (1)
> Iam mergulhar as azas
> Os prazeres com os risos;
>
> Quando em renhidas disputas
> Mettias traidora mão,
> Sendo o motivo da guerra
> Solapada mangação;
>
> E sem haver lindos olhos,
> Sem haver ondadas tranças,
> Doudos com doudos teciam
> Turbulentas contradanças. (p. 108)

Se as mais intensas queixas do poeta, ácerca da sua posição afflictiva, não são posteriores a este tempo, cuja alegre claridade se vê tão natural e vivamente pintada; ha contradicção entre ella e o estado d'alma que denunciam suas insistentes pretenções. Não se póde suppor que a vehemencia dos queixumes só date da morte do pae, porque sobre elle ficava pesando exclusivamente todo o encargo da familia, que esse já lh'o havia transmittido em vida. (p. 178)

Ou fosse em verdade por melhorar de fortuna, procurando n'outra collocação meios com que sustentar familia numerosa, para o que de certo lhe não daria o escasso ordenado de professor; ou fosse por antipathia ao magisterio, para que não teria nascido, e com o qual raramente póde casar-se a effervescencia do talento poetico; ou fosse por ambas as causas; não tardou muito que se não queixasse da cadeira e sollicitasse logar de mais vantagem. A esse tempo se refere o começo das suas relações com alguns fidalgos que quiz levantar em protectores. Teria isso origem nas boas graças já ganhas ao principal Almeida, parente proximo da casa de Angeja? (p. 17) Seria por esta casa que começou, e por introducção d'ella que adquiriu as outras mais principaes relações? Seria n'este tempo, para o fim de ganhar aquellas amizades, ou já consequencia d'ellas, que Tolentino procurára convisinhar com os Angejas, mudando de residencia para a Junqueira? Não o sabemos. O que parecem mostrar as suas poesias é que, entre as

1) Nome de uma quinta do amigo, a quem o auctor escrevia, a qual produzia bom vinho.

de sollicitação para novo emprego, aquella a que se póde assignar data conhecida mais antiga é de quando contava doze annos de professor: (1778?)

Doze vezes voltando o ardente estio
C'os férvidos agostos,
Quando o quente suor alaga em fio
Os encalmados rostos,
Me achou sentado em tripode de pinho
Gritando a um povo barbaro e damninho. (p. 366)

Estaria sempre resignado, ou calado, em quanto durou o ministerio do marquez de Pombal?

O que parecem mostrar os versos de Tolentino é que, por occasião da morte do pae, as instancias e queixumes redobram, e pouco tarda a solução que de tanto tempo procura.

E não podia deixar de ser assim, que não ha exemplo entre poetas de quem *a pedir* sustentasse combate mais tenaz!

Quando começariam as queixas de Tolentino contra aula e rapazes? Não se póde dizer que tempo os soffreu resignado, calado ao menos, se é que entre a iniciação do magisterio e as aspirações a outra vida houve intervallo. A verdade é que o espirito de grande parte das poesias, que d'elle nos restam, é tal, que o leitor se acha incommodado com tanto pedir e insistir.

Fortuna inexoravel, que envenenas
Douradas esperanças;
Que com sceptro de ferro me condemnas
A estupidas crianças,
E que entre carunchosos, coxos bancos,
Me vás fazendo estes cabellos brancos:

Tu carregando a feia catadura,
Que amedronta os humanos,
Queres que eu chegue á triste sepultura
C'os dois Quintilianos?
E que em eterna, posthuma memoria,
Me gravem no sepulchro a palmatoria? (p. 366)

As lamurias tinham-se repetido tanto, que o proprio poeta, ou por descargo da consciencia, ou por instigação de accusações estranhas, parece reconhecer a necessidade de justificar-se d'isto; como effectivamente faz, nem sempre com as mesmas razões, e com o mesmo accôrdo. Ao primogenito de D. Maria I, o principe D. José, a cuja protecção se acolhia, diz:

Não peço por ambição,
Peço por necessidade: (p. 55)

a D. Diogo de Noronha, depois conde de Villa-Verde,

rogando-lhe que despertasse a lembrança de seu pae, o marquez de Angeja D. Pedro, já ministro de estado, reconhece ter sido impertinente, mas justifica a ambição por mais altos espiritos:

> Pedi-lhe, pois, que tolere
> Meu rogo triste e *teimoso;*
> Que estou n'um logar, pondere,
> Mesquinho, ainda que honroso,
> E onde nada ha que espere......
>
> Não desejar é *baixeza;*
> Sempre o humano coração
> Quer subir a mór alteza;
> Esta universal paixão
> E filha da natureza. (p. 186 - 187)

Tempo houve em que não poz olhos em emprego determinado. O que queria era largar a eschola, e melhorar de fortuna.

> Eu nada certo lhe peço,
> São vagas minhas esp'ranças;
> Quanto elle [1] póde, conheço,
> E livre-me de crianças,
>
> Se compaixão lhe mereço......
> Meu nome lhe ide lembrando,
> Ou para cousas ja feitas,
> Ou para as que for creando. (p. 185 - 186)

Entretanto mais para o fim do não pequeno periodo de sollicitações, e já quatro annos antes de mudar de emprego, n'uma ode dirigida ao então ministro dos negocios do reino o visconde de Villa-Nova-da-Cerveira, mais tarde marquez de Ponte-de-Lima, desponta a idéa de entrar n'aquella secretaria:

> Se eu tivesse a grandissima ventura
> De ser por ti mandado....
>
> Não me atrevo, senhor, a pedir tanto,
> Meus fracos hombros vejo;
> A tão altas esp'ranças não levanto
> Temerario desejo.... (p. 367)

Outro testimunho, da mesma epocha sem duvida, é o que nos deixou no soneto feito a um sonho:

> Brilhante sonho na enganada idéa,
> Por maior mal, venturas me fingia;
> Fez-me entrar na real secretaria,
> Fez-me logo deitar sege á boléa;
>
> Poz-me na sala um espaldar comprido,
> Um valido lacaio em camisola,
> E um correio com chapa no vestido... (p. 48)

Conhecido o sonho e as pretenções, inda que da posição de official de secretaria, que pouco mais era que amanuense, se não fizesse então o mesmo conceito que

1) O marquez de Angeja.

hoje; os lucros do logar eram muito mais relevantes que nos nossos dias, o que não sería a menor das razões para que houvesse quem levasse a mal aquella ambição, e talvez o julgasse indigno da mercê. D'aqui veiu dizer o poeta n'outro soneto:

> Contra os sonhos desde hoje me conspiro;
> Se ao primeiro me dizem heresias,
> Em sonhando outra vez pregam-me um tiro! (p. 49)

Em quanto durou o ministerio do marquez de Pombal, todas as diligencias de Tolentino, para captar-lhe benevolencia, foram baldadas.

> Mil virtudes.... marquez invicto,
> Com que a arte e a natureza enriquecêra
> De tenros annos teu sublime esp'rito,
>
> Os grandes crimes são, aos quaes erguêra
> Mão infame, patibulo inaudito,
> Se mão infame contra o ceo valêra. (p. 385)

Mas estes versos, que dedicára á

> .... praguejada mão omnipotente. (p. 8)

ficaram sem echo. Sería pessoal desaffeição? Teria o grande ministro de D. José I, que tantas vezes se inclinou a proteger e acrescentar homens de lettras, motivo particular para escurecer Tolentino? Sería isso consequencia da causticidade do poeta, que a ninguem perdoava quando queria mostrar espirito? Haveria alguma, ao menos venial, offensa da parte d'elle ao melindre ministerial? Sería esta malquistação com o primeiro ministro, resulta de antipathia ao genio do poeta, ou de algum peccado especial?[1] Procederia o marquez, ciumento da familiaridade e protecção que a casa de Angeja parecia dispensar ao professor; ou seria em consequencia da indifferença, ou má vontade de Pombal, que Tolentino procurou acolher-se aos Angejas, que mais cedo ou mais tarde promettiam ser validos no reinado que estava propinquo? Tudo são trevas, tudo são incertezas. É porém averiguado, que aristocracia e fradaria foram rebaixadas ao ultimo ponto no ministerio reformador, e que só por morte do rei que o mantinha, e pela mudança no pessoal e espirito do governo, veiu a reacção vingar-se da longa proscripção anterior, recobrando uns o antigo orgulho, restabelecendo outros á sombra de superstições e fanatismos antigas influencias.

1) Seria o apophthema, que ao poeta attribuem, das *aguas furtadas*, na nova casa, defronte do chafariz da rua Formosa?

Se não foi animado d'estes preconceitos, só a espirito de vingança pessoal, ou desejo de lisonjear ministros novos, arrastado pela onda de plebeias paixões, podem attribuir-se as allusões que contém um soneto (1.ª p. 8) dedicado ao visconde de Villa-Nova-da-Cerveira, e principalmente a satyra intitulada *Quixotada*.

Eu sou um triste marquez,

Que fugi a um povo inteiro,
A quem mettêra em furor
Minha privança e dinheiro....

Disse este povo malvado,
Que eu tinha o reino extorquido;
Que era gatuno afamado,
E que em jogos de partido
Tinha com todos levado:

Que no tabaco levava
Um quinhão avantajado;
Que o sabão não me escapava;
E que sem ser deputado
Nas companhias entrava....

Mas toda a maldade é sua:
Vêem riquezas e palacio,
Comem-se de inveja crua.... (p. 272-273)

Seja, porém, dito em abono do poeta, que na desforra do ministro decaído procedeu com mais moderação que muitos, que na face desbotada pela velhice e pelo alto revez da fortuna politica, não só cuspiam d'estas, e incomparavelmente maiores affrontas, mas tambem as repetiam e publicavam até além da saciedade publica. Não fez tanto Tolentino, antes, só muitos annos depois da sua morte, é que aquellas duas poesias viram a luz da imprensa.

As relações com os fidalgos, facilitaram ao poeta, em 1777, meio de fazer chegar ás mãos da rainha, acompanhada d'uma memoria, a ode que fizera por occasião da acclamação da mesma senhora. (p. 352-356) Isto, porém, e as rimas que por intermedio d'alguns camaristas fazia chegar ás mãos do principe real D. José, não o fizeram mais lembrado que até alli, e se não foram certos versos jocosos, que despertaram no principe o desejo de o conhecer, não teria occasião de se lhe apresentar e passar alguns dias em Queluz:

.... na folhinha
Com lettras douradas puz
Aquelles formosos dias
Das escadas de Queluz;

Aquelles dias ditosos,
Quando a seus pés ajoelhado,
Era ao abrigo das musas
Benignamente escutado;

Quando, tendo já traçado
Melhorar-me os meus destinos,
Se dignava perguntar-me
Como estavam os meninos;

Quando me mandou, que em verso
Contasse como escapára
N'aquelle funesto encontro
Dos taes carreiros da Enxára. [1] (p. 61)

Aproveitando as disposições que encontrava favoraveis no herdeiro presumptivo da coroa, procurava avivar-se na sua lembrança, e por ella na da rainha:

Tristes versos, mal limados,
Puz na vossa augusta mão,
Em dor e em pranto forjados: (p. 174)

e ao mesmo tempo que despertava os brios do principe, não poupava agente subalterno da corte, ou membro do governo. As poesias de Tolentino estão recheadas de documentos da sua importunação. Os Angejas eram assediados: quando a diligencia do pae parecia adormecer, requeria-se ao filho que lh'a espertasse:

Tenho a vosso pae contado
Quanto vivo contrafeito;
Não tenho sido escutado;
Mas ser-lhe-ha meu rogo acceito,
Se lhe fôr por vós levado. (p. 185)

Cerveira, Marialva (p. 298), Penalva (p. 292), S. Lourenço (p. 191), Lavradio (p. 198), todos empenhava, a todos incumbia o seu negocio! Nem as damas queria poupar! A proposito de um traslado que *a illustre Arriaga* pedíra ao conde de Villa-Verde, das decimas que fallavam da *fofa almofada*, e começam:

Em sege estreita entaipados (p. 285)

lamenta, que em vez d'ellas o conde não désse áquella dama um memorial da sua pretenção!

.... devieis cautelado
Segurar a occasião:
Fingindo que errava a mão,
Entre mil papeis diversos,
Podieis em vez de versos,
Dar-lhe a minha petição. (p. 285)

Não tratava d'outra cousa! Já não era preciso explicar

1) Allude ás decimas (p. 298).

o que pretendia: bastava allusão remota. A pretenção, a insistencia implacavel de Tolentino, era um proverbio vivo. Todos o sabiam, e quasi alcançára as honras de proloquio:

A minha longa fadiga
Já sabeis qual é, senhor;
Levae-me a bem que a não diga. (p. 199)

A despeito de tantas diligencias, do prestigio de tantas protecções buscadas, das esperanças por tantos motivos concebidas, houve mais de uma occasião que o professor descreu da sorte, e desadorou da rhetorica, que ensinava, [1] e punha inutilmente em contribuição, para alcançar o triumpho desejado.

Arte infeliz, rhetorica chamada,
Ensino as tuas leis, mas não as creio....

Na demanda fatal que em ti pleiteio
Cicero mesmo não vencêra nada....

E a lingua que abrandou peitos ferinos,
Que os povos attrahiu, que salvou Roma
Me deixaria mestre de meninos. (p. 44)

Não era á falta de pinturas patheticas que o poeta deixava de commover e attrahir beneficios. O peso da *pobre casa* descarregado sobre elle (p. 178); as irmãs e sobrinhos desolados (p. 180), tudo é em muitos logares aproveitado para propiciar os grandes.

Antes de vencer a *demanda* propriamente sua, conseguiu do visconde, ministro do reino, que duas irmãs mais moças entrassem no recolhimento de Lazaro Leitão; onde ainda as sustentava:

Moças irmãs desvalidas,
A quem dou pobre sustento,
Foram por vós deferidas;
Vivem em santo convento
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhes adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado
Lhe váe da singela mesa
Com sãos desejos mandado. [2] (p. 179)

A morte do pae, *tão velho como honrado* (p. 178), é

1) Vid. (p. 174).

2) A mesma idéa repete no *memorial a sua alteza* (p. 169) quando falla no seu procedimento depois da morte do pae:

Váe com mão egual cortado,
Entre os irmãos infelizes,
Pão com lagrimas ganhado,
Que sem os fazer felizes,
Me deixa a mim desgraçado (p. 175)

circunstancia habilmente aproveitada, em quadro desenhado com sentimento, e calculado para produzir effeito no *memorial a sua alteza:*

Rotos os laços do mundo,
Entre palavras truncadas
Que bem mostram d'alma o fundo,
Orphãs em pranto banhadas
Me entrega o pae moribundo....

Eu entretanto suspiro;
Sobre o pranteado leito
D'entre os braços o não tiro;
Quebrou junto do meu peito
O seu ultimo suspiro. (p 175)

A occasião era adequada para despertar commiseração. Põe nos de Angeja as vistas mais confiadas:

Peito de tanta bondade
De bom pae o nome preza:
Levou-me um a natureza,
Mas deixou-me outro a piedade.
Amparae minha orphandade,
Porque a vossos pés me humilho.... (p. 285)

Não é duvidosa a intenção com que Tolentino fazia d'estes appellos ao coração dos poderosos e influentes. Elle mesmo a descobre uma vez a Cerveira:

Senhor, se a fiel pintura,
Com que a minha fraca mão
Esta scena vos figura,
Move em vosso coração
Sentimentos de ternura;

Animae o justo ardor,
Em que se accende o meu peito.... (p. 179)

Tão estrategica persistencia não podia por longo tempo ser frustrada. Quando não fosse a impressão de infortunios mais ou menos verdadeiros, a impertinencia da sua parte era bastante a mover protectores, que almejariam ver applacado tão irrequieto perseguidor. Que fariam ao homem que tinha sempre olhos fitos nas vagas que a morte operava no quadro em que buscava entrar; homem que não dava tempo a que os protectores o varressem da memoria, e os assaltava nas occasiões, mais rapido que uma corrente electrica?

Jaz o defuncto enterrado:
E agora saber intento,
Se acaso no testamento
Me ficou algum legado.
A vossos pés ajoelhado
Ponho em vós minha esperança.... (p. 311)

Que faria aquelle a quem o poeta tanto a ponto dissesse isto?

Faria, ou concorreria para que se fizesse, o que a final se fez, não muito depois da morte do pae, [1] isto é, que fosse despachado, como desde muito pretendia, official da secretaria de estado dos negocios do reino!

Havia um logar para prover; eram os pretendentes muitos, todos merecedores, mas a indecisão da rainha manifesta. A final venceu o poeta. Protegia-o o principe D. José, a quem Tolentino agradeceu directa (p. 15) e indirectamente: [2]

> Ao principe ajoelhado,
> Em favoravel momento,
> Por mim, senhor, lhe jurae
> Eterno agradecimento;
>
> E eu, em largando este leito,
> Já sei a hora opportuna
> De poder ajoelhar-lhe
> Quando elle chega á tribuna (p. 78)
>
> Peço . . . .
> Que por mim ajoelhado,
> E na bocca o coração
> Beijeis ao principe a mão,
> E lhe deis este recado:
>
> Dizei pois a sua alteza,
> Que eu seu humilde afilhado,
> Por elle ha pouco arrancado
> D'entre os braços da pobreza . . . . (p. 300)

D. José de Noronha, então conde de Villa-Verde, e depois marquez de Angeja, foi a final quem o apadrinhou e lhe promoveu este despacho, afervorando a protecção do principe:

1) Exporemos aquillo em que nos fundamos para dizer que aos clamores e empenhos que redobrou por occasião da morte de seu pae deveu Tolentino ser despachado, logo depois d'este golpe domestico. O *memorial a sua alteza* (p. 160) é escripto quando conta dezeseis annos de professor

> Dezeseis annos gastados
> Já no ingrato officio vão (p. 171)

Tinha-lhe já contado suas *longas fadigas*; n'esta occasião não era para as repetir, mas para recentes magoas que lhe pedia attenção:

> Para nova e justa dor
> Peço hoje a vossa piedade (p. 174)

Conta como lhe morreu o pae, e pede que tenha *dó do seu lamento*. Se Tolentino nasceu em 1741; se teria 26 annos quando entrou no magisterio; se estava n'elle havia 16 annos; em que anno seria feito o memorial? Cerca de 1781. Mas é justamente n'este anno que é despachado official de secretaria; logo o despacho não se faria esperar muito depois do memorial, e a dor pelo fallecimento do pae, que era então *nova* (p. 174) diz que a orfandade e o despacho do poeta não distaram muito uma da outra. Não parece natural a ordem que na *Vida do poeta*, p. 44, se parece assignar á morte do pae de Tolentino dando-a como acontecida pelo tempo das amizades contrahidas com os fidalgos, e quando inda não lembrava ao filho mudar de emprego, idéa que (diz) só lhe occorreu depois, ao ver augmentada a familia com duas viuvas irmãs suas e os competentes sobrinhos. O que levamos dito n'este ensaio parece-nos fio e guia mais seguro na escuridade d'esta chronologia.

2) O despacho é de 21 de junho 1781. O agradecimento indirecto é dado em dia de annos de D. José de Noronha, 24 de abril, que só podia ser de 1782. (p. 71-72) Pois mediou quasi um anno entre a mercê e o reconhecimento? Estaria o poeta todo elle impedido pela doença? Seria então e por effeito d'esta, que algum tempo não recebeu o ordenado por inteiro? (p. 47)

Sou um dos muitos exemplos
Do vosso bom coração;
A minha felicidade
Foi obra da vossa mão...

Ao bom principe pedistes.....

Que a sua real grandeza
Se dignasse de arrancar-me
D'entre os braços da pobreza (p. 71-72)

Deixae, illustre conde, que em memoria
Fique n'estas paredes pendurada...

Vereis uma vencida palmatoria
Entre as armas de Angeja debuxada. (p. 15)

Pelo visconde de Villa-Nova-da-Cerveira, ministro e secretario de estado assistente ao despacho, é que foi assignado o alvará de 21 de junho de 1781,[1] que dava eterno sueto aos discipulos do impaciente e malaventurado professor de rhetorica. E ainda alludindo a isto, que elle diz:

.... recebo mil bens,
Mas todos por vossa mão:

Eu a beijo; ella receba
Gratidão devida e pura
Em tributo que lhe paga
O criado e a creatura. (p. 77)

Em Tolentino havia uma feição caracteristica, rara em poetas satyricos, e para elle pouco lisonjeira; eram as dependencias que confessava a cada hora; as lamurias contra a adversidade que lhe fazia pesado e incomportavel o encargo da familia; as sollicitações systematicas em favor seu e d'ella. A sua situação até chegar a ser official não seria em verdade invejavel; mas os proprios desarranjos, a propria incontinencia, talvez fossem mais culpados que a sorte nas penas de que se doía. As lastimas familiares foram mina inexhaurivel de sensibilidade para as queixas, e thema para toda a casta de variações em corda tão plangente. O que mais admira é que soubesse accommodar em paz *Babylonia com Sião*, a musa de Juvenal com a da baixa cortezania!

Elle proprio reconhecia que não dava tregoas ao pedir, e parece querer justificar-se, lançando a responsabilidade d'isso á conta do peso da casa:

Austera philosophia
Dentro em meu peito mora;
Sendo eu só a seguiria;
Mas triste familia chora
Pelo pão de cada dia. (p. 180)

1) Costa e Silva, na *Revista Universal Lisbonense*, VI, 473

Porventura essa austeridade não passava de meio oratorio. Celebrou tanto os bons bocados; deplorou tanto os jejuns; abominou tanto a pobreza; usou e abusou tanto dos meios que a fortuna lhe deparou; que mais tinha nascido para sectario de Epicuro, que para estoico.

A familia, cujo peso procurou por todos os modos adoçar, compunha-se de duas irmãs viuvas e com filhos (que sempre teve em sua companhia); de duas solteiras mais novas, que, como já vimos, algum tempo sustentou no recolhimento de Lazaro Leitão (p. 179) e depois tornou a recolher em casa; e de um irmão [1] de menor edade que elle. Taes foram os elementos com que soube habilmente jogar; fallando sempre em nome de todos, e sabendo para todos conseguir alguma cousa. Talvez que para ser despachado professor já a familia lhe servisse de allegação importante! E em nome de *pae* e de *irmãos* que agradece ao principal Almeida o provel-o na cadeira de rhetorica (p. 293). No quadro em que recebe da mão paterna o encargo da familia, pinta o *pae* entre os *irmãos* (p. 200). Quando o pae lhe morre figura-o entre as *filhas, irmãos infelizes* e *chorosos* (p. 175-176). A principio apresenta só *irmãs postas em pobreza, tristes orphãs donzellas* (p. 56), isto é, só as solteiras: depois já figuram estas *orphãs de mãe, e donzellas*, a par das *irmãs com tenras crianças* (p. 184), *irmãs desgrenhadas, co'as crianças innocentes* (p. 199), *sobrinhos chorosos* (p. 180), isto é, as viuvas com os filhos, tambem irmãs e sobrinhos do poeta. Depois de despachado official pinta-se alegre entre *irmãos e parentes* (p. 300), e no meio de *enroupados sobrinhos* (p. 301). Na convalescença de doença que o assalta, sobre um *pobre sobrinho* encosta o braço (p. 47), e mais tarde pede e consegue um beneficio para um *sobrinho* (p. 19) e clerigo (p. 20) a quem dava o pão (p. 19).

A primogenita, (uma das irmãs viuvas) chamava-se D. Joaquina Froes de Brito, e dizem que era pessoa de grande talento e virtude. Foram talvez diligencias de Tolentino que a elevaram a regente da real casa dos expostos. «Governou esta casa com tanto juizo, [2] que se fez amar de todos os que alli existiam, e admirar pelos habitantes de Lisboa, onde era grande

1) Costa e Silva, *Rev. Univ. Lisb.* vi, 172, falla em *irmãos* e irmãs. O primeiro plural é equivoco, porque o poeta só teve um irmão.

2) *Vida do poeta*, 8.

a sua fama... A rainha a senhora D. Carlota Joaquina, antes de ir para o Rio de Janeiro, foi muitas vezes ao quarto da irmã de Tolentino, e ahi passava algumas tardes folgando de ver tanta sabedoria no seu sexo. Tolentino dizia, que era pena não serem as mulheres ministros d'estado, porque sua irmã era muito capaz de o ser.

Não só para esta mas tambem para a outra viuva (ou para todas?) obteve o poeta pelo ministro do reino José de Seabra da Silva o despacho de uma tença nas commendas vagas. [1] Foi mercê havida ahi por 1793 para *irmãs, que contam já muito janeiro* (p. 24). No primeiro anno não tiveram cabimento, e estando uns tres sem receberem, sollicitou-lhes o pagamento, pois sendo *irmãs e velhas* (p. 296), sobre elle estavam pesando.

Houve tempo em que não alludia senão a uma irmã com quem vivia. Pelos temores da guerra de 1801 sonhava com a *desgrenhada irmã*, que, temerosa de fiscaes, entre as roupinhas escondia os talheres (p. 113). Quando não pôde concorrer ao anniversario natalicio da condessa de Valladares pela incapacidade do *collete das funcções*, é ainda uma *chorosa mana* (p. 101), que mostra esfregando com miolo de pão o quarto offendido. Sería isto não ter em sua companhia mais que uma irmã? Alludia a uma solteira? a uma viuva? Sería quando D. Joaquina estava com os expostos, e lhe ficára em casa a outra viuva? Que destino tiveram em fim?

Mais algumas palavras ácerca do irmão de Tolentino, e por aqui fica o que d'esta familia se soube ou conjecturou.

Tolentino, e Francisco de Paula de Almeida, eram os unicos irmãos varões. O mais moço seguiu a vida militar, foi cadete e chegou a capitão no regimento de Peniche, e tambem fez a campanha do Rossilhão:

> Do Rossilhão na rapida conquista,
> Da Magdalena na subida brava,
> Eu d'aqui mesmo ao lado seu marchava... (p. 23)

Alli fôra ferido no peito com uma bala de

> ... fusil que não matava.... (p. 23)

Pretendeu o governo d'um forte, e o poeta pediu á esposa do ministro da guerra, depois visconde de Balse-

1) A *Vida do poeta* só allude á tença de D. Joaquina, mas o proprio poeta que a alcançou falla de *tença para as irmãs* (p. 24)

mão; que fizesse lembrado o requerimento do triste irmão, que tinha

> .... já no fim
> Farda rota e chamuscada;
> Tem má côr e é malfadada
> Quer que... mão piedosa e franca...
> Lhe dê casaca encarnada. (p. 294)

Conseguiram o que pediam: Francisco de Paula foi governar um forte em Paço d'Arcos, mas pouco tempo sobreviveu a este despacho, que Tolentino agradeceu em nome d'ambos ao ministro Luiz Pinto de Sousa Coutinho:

> Qualquer de nós o alegre rosto abaixa;
> E essa mão bemfeitora vos beijâmos,
> Elle por despachado, eu por dar baixa. (p. 23)

Dizem, do militar, que era rival e superior ao poeta na graça, (inda que no gosto differente) dos apophthegmas.

Por aqui se cerra o que de tal familia se póde dizer. Á excepção da criada, *russa, magra Josefa* (p. 139), não ha de mais ninguem memoria nas obras do poeta.

Tolentino em quanto esteve no vigor da vida mostrou-se quasi sempre insaciavel. O emprego de official de secretaria, por tantos invejado, não o contentava. De 1781, em que foi despachado, até 1788, em que morreu o principe D. José, no espaço de sete annos, já cubiçava melhor collocação.

> E se ainda o favor mereço
> De tão alta protecção;
> Dizei que mudei de officio,
> Porem de ventura não;
>
> Que não me enganam zumbaias
> Dos humildes supplicantes;
> Porque a bolsa mais sincera
> Trata-me inda como d'antes. (p. 61)

Allegando frequentemente a sua *fome* ou a da familia, na exaggeração d'este meio, empregado para fazer compassivos amigos ou protectores, havia um *quid* de artificio e baixeza, que era exemplo singular nos poetas do seu genero. Se a expressão *faminta* talvez nunca fosse rigorosamente verdadeira, depois que mudou de emprego parece absolutamente inadmissivel. Entretanto dizia:

> E matando crua *fome*,
> De bom pae nos servireis (p. 180)
>
> — Quanto dóe a um peito altivo
> Matar *fome* em casa alheia (p. 138)

— Fizestes nascer a *fome* . . .
E a *fome* pede mantença (p. 142)

—Indo então por matar *fome*. . .
—Da vossa esplendida mesa
Seja elogio uma *fome* (p. 140)

Custa a crer, e ninguem por certo crê, que sendo já velho (p. 111) cheio de *cans e rugas* (p. 109) em tempo em que desfructava boa collocação, se não envergonhasse de empregar a mesma linguagem, ousasse fallar em *compridos jejuns* (p. 109), e escrevesse a Domingos Pires Monteiro Bandeira:

Não te falla vil lisonja
Falla-te a amizade e a *fome*. (p. 111)

Custa a comprehender como isto podia ser verdade! E sem duvida o não era. Das precisões de Tolentino, como de muitas das suas molestias póde julgar-se o mesmo. Já no seu tempo havia quem suspeitasse isso:

Dizem linguas inimigas,
Que esta doença é ficticia;
E os praticos do meu pulso
A capitulam malicia (p. 143)

O costume, de fingir assim, era n'elle *antigo*. Elle proprio não pôde um dia abafar no peito a revelação da verdade:

Pois que a horrivel solidão
Aviva a idéa cruel
Da gaveta vão sepulchro
Do agonisante quartel;

E a engenhosa hypocondria
Me mette no *antigo* empenho
De jurar, que estou morrendo
Das molestias que não tenho (p. 107).

Que deve pois julgar-se da plausibilidade de tantos queixumes?

O que parece verdade é que padeceu sezões: [1]

Annos em sezões gastados (p. 320)

e que a ellas fez dois sonetos, um queixando-se de não poder mais com a despeza do tratamento alimentar:

Já misero cotão sae despegado
Das rotas algibeiras cristallinas. . .

Torna a surgir no simples refeitorio
O fiel bacalhau, o vil legume (p. 47)

1) Não nos parece que as tivesse *quando moço*, como diz a *Vida do poeta*, p. 12, mas quando já tinha sobrinhos a cujos braços se encostava nos passeios. Convalescia d'ellas quando o despacharam official, cujo ordenado algum tempo não recebeu por inteiro, por não estar em exercicio.

outro ao passeio que dava encostado ao braço do sobrinho, nos campos para onde se mudára, por serem lavados de sadios ventos:

Aqui mil votos faço ao ceo propicio,
Que me mude algum dia os crescimentos,
E me passem do pulso para o officio (p. 47)

D'esta convalescença é o soneto a Nossa Senhora. (p. 3)

Sería em consequencia de sezões, ou de rheumatismo (p. 111) que estivera nas Caldas-da-rainha, das quaes falla nos seus versos? Não o diz, nas poesias que dá como feitas lá (p. 12, 48, 160, 162, e 295). Quando foi alli a primeira vez, ainda era professor. Lá se pranteou do fado de ser *mestre de meninos* (p. 12); mas se nas Caldas commemora este mal, não allude á sua doença physica. Lastima sim a vista de males alheios, mas dos seus só o desgosto da ausencia, por não ver *de Armida o lindo rosto* (p. 48). Apenas na decima ao medico Joaquim Ignacio de Seixas, falla em prescripções medicas, que infringe, porque devendo recolher cedo a casa, um dia, para festejar uns annos, recolhe tarde e perde *á medicina o medo* (p. 295). Tambem ia ao Estoril, mas fallando d'elle não é de doença que se queixa, sim do jogo e da *bolsa* onde chegou a ter apenas *cotão*, porque

...... assim o quiz o *seve* endiabrado (p. 31)

Houve tempo, em fins do seculo passado, quando mais entrado em annos, que trocou as thermes pelas praias; e procurou no Oceano o seu Jordão:

Contra o mal que me tem feito
Raivosos caniculares
Me offrece a fresca Ericeira
Seus claros, sadios mares (p. 77)

A tendencia á tafularia não predominava no poeta menos que a de outros divertimentos. Já quando professor dizia:

Soffrem-me os grandes, sou taful e moço (p. 45)

e ainda que parece contradizer-se alludindo pelo mesmo tempo ao

.... pobre vestido velho e grosso (p. 13)

.... suja nojosa saragoça (p. 54)

que commummente vestia, não se attribua esta ultima declaração mais que a conveniencias do momento. Se não escrupulisava em receber o presente d'uma vestia

de setim da que mais tarde foi viscondessa de Balsemão, a entrada que tinha nas casas d'alguns nobres e a sua natural pretenção a parecer bem, o levavam não só a alinhar-se, mas tambem a ostentar quanto podia. Mesmo já velho só ia ás assembléas:

> Com leve, ingleza casaca
> Fina, transparente meia (p. 137)

Quem visse na satyra da *Guerra* um como menosprezo de condecorações, chamando a uma d'ellas:

> Inutil fita encarnada (p. 217)

lhes supporia contrario, ou indifferente, o animo ou a philosophia de Tolentino. Não era porém assim, e se devemos crer o que d'elle se lê nas *Poesias joviaes e satyricas* de Lobo, p. 131, era cavalleiro de Santiago, já no tempo de professor.

> Nicolau Talentino.....
> .....com dispensa a veneranda espada
> De São Thiago traz no inchado peito.

Por muito tempo desejou os distinctivos de official de secretaria:

> Só me falta, senhor, a fita preta (p. 54)

dizia elle ao principe antes do seu despacho; e depois de o obter não pouco ufano se mostra com a

> .... casaca encarnada,
> E fita preta ao pescoço (p. 302)

mercê que não houve como tão *inutil* que não se deixasse arrastar tambem pela onda dos prejuizos do seu tempo, (que são ainda do tempo de agora, e Deus sabe por quanto tempo durarão mais!). Foi cavalleiro da ordem de Christo (p. 19), e não comparecia sem venera em festas e saraus (p. 137).

Quanto era devoto de divertimentos digam-n'o as romarias, que occasionaram o encontro dos carreiros da Enxára (p. 298) — digam-n'o as reuniões por que esquecia tudo, chegando até desprezar os conselhos da medicina, para não perder nas Caldas as de D. Antonia Xavier!

Tolentino gozou quanto pôde, e talvez mais do que podia, sobre tudo nos ultimos trinta annos da sua vida, as commodidades que a situação a que chegára, e a sociedade do seu tempo lhe offereciam ou excitavam. [1]

1) «Tolentino passou mui soffrivelmente os ultimos annos da sua vida, e... não tinha razão de queixa.» *Vida do poeta*, p. 12.

Logo que entrou na secretaria deitou sege, como então costumavam os da sua classe:

Já um segundo frizão,
Pendurada a lingua velha,
Dá reboque como póde,
A antiga meia parelha (p. 72)

e por muito maus que os cavallos fossem, o que provavelmente o genio chocarreiro do poeta exaggerava, por mais que dissesse que

. . . . os cães atrás do russo
Esperam n'elle a merenda. . . . . .

— Que dando aos ocus ilhaes,
Váe marchando triste e só (p. 61)

por mais que ainda na entrada d'este seculo affirmasse que tinha *vagorosos machos* (p. 131); este gozo, esta commodidade não eram menos reaes, e invejaveis.

Em tempo, que menos se podia suppor, é que nas obras do poeta apparecem mais temidos e commemorados os credores. Não admira que isto acontecesse a quem provavelmente vivia sem orçamento, e nas tentações do jogo e das damas se deixaria abysmar! O facto é que os credores lhe serviram de grande pesadelo. Não podia mandar com imperio os criados, porque era

. . . . réo de uns poucos de mezes (p. 62)

. . . . coxos mezes (p. 139)

Só as beneficas escumas do Madeira lhe faziam esquecer

As molestias e os credores (p. 119)

Antevia que por sua morte

. . . . raivosos credores
A quem não curei as chagas,
Darão a meus frios ossos,
Em logar de pranto, pragas (p. 125)

Se intenta a publicação das suas obras, é para ver se com o lucro d'ellas conjura aquella praga.

Impertinentes credores
Largar-me-hão em fim a rua (p. 76)

Pedindo que o livro seja impresso na impressão regia, ao protector que o consiga promette cumulativo testimunho de gratidão:

Fazei que por taes favores
Vamos beijar-vos a mão,
Eu e os meus dois mil credores (p. 81)

Sente curiosidade em ver aquelle mealheiro. E se com

.... altiva luneta
Nos piscos olhos traidores
Não *conhece* uns tantos homens,
Principalmente os credores? (p. 84)

Abominavel idéa que parece rejeitar quem desde tanto tempo dissera:

Sou infeliz, mas *honrado;*
Dom acima da fortuna,
Por isso o não tem levado! (p. 180)

Inclinado a amar, Tolentino deixou nos seus versos vestigios ora de soffrimento, ora de alegria.

Se nas Caldas suspirava por Armida, que, quando tornasse a vêl-a, lhe arrancaria pranto de alegria (p. 48); no mesmo sitio, effeito talvez de animo inconstante, encontra uma *Marilia bella*, cujos *lindos olhos* (diz)

Afugentaram
Os males meus (p. 162)

Entregando-se ás prisões dos bellos olhos de Marcia (p. 52), queixava-se comtudo da sua ingratidão, que

A natureza severa,
A quem deu olhos d'um anjo,
Deu o peito de uma fera (p. 156)

Obstinando-se em combater a esquivança de Laura:

Ou eu hei de vencer Laura,
Ou me dará Laura a morte: (p. 159)

ratificando o voto e a paixão que tinha por certa *voz*, que cantando encantava (p. 310); accusa tambem com magoa o perjurio de Lilia (p. 164), e a ingratidão de Nerina (p. 234).

Como em tantas outras cousas o poeta tambem se permittia nos amores contradicção e inconsequencia. Pensaes que está emendado, por dolorosa experiencia de amor, o que diz:

Já estou muito escaldado,
Já de aguas frias hei medo....

Choro os mal gastados annos
Em que servi tal senhor.... (p. 222)

Fartei-te assás a vontade;
Em vãos suspiros e em queixas
Me levaste a mocidade;
E nem ao menos me deixas
Os restos da curta edade? (p. 223)

Não; que até *ancião pesado*, *debaixo de murchas cans* por uma Marcia seductora nutre *altivos pensamentos!*

Vejo a quebrada madeixa
Já tornada em gelo frio;
Tudo o tempo me levou,
Mas não me levou o brio (p. 148)

Marcia que em alçando os olhos,
Mil settas n'esta alma crava.... (p. 150)

Dize-lhe que não se assuste
De meu cabello nevado;
Jura-lhe que não são annos,
Mas penas que me tem dado;

Que a causa das minhas rugas,
É o seu desabrimento;
E vae da minha velhice
Fazer-me um merecimento (p. 151)

Existencia passada na provocação e lucta dos amores, foi uma verdadeira existencia de poeta. A velhice não o demudava; o tempo não produzia estragos que a arte não podesse reparar. Condemna-o a *calva*? (p. 123 e 256) e Não teme que uma

..... marrafa loura
Lança um véo sobre a gangrena (p. 256)

Que importa que a côr grisalha
Me infame o rosto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador barbeiro
Os meus annos na navalha? (p. 257)

— Queres saber quem é velho?
É velho quem o parece (p. 256)

.... eu estando escanhoado,
Não me troco por ninguem (p. 259)

Mas ao conceito, que de si formava, corresponderia egual fortuna nos amores? Seria elle o ditoso, celebrado n'aquelle projecto de epitaphio:

Todo o amante animo cobre,
Vendo que este foi feliz,
Que além de *velho* era *pobre*? (p. 269)

E que felicidades seriam essas? Como adquiridas? Com a lyra não, que nunca com ella conseguiu abrandar corações:

Os meus versos malfadados.....
São com homens e com damas
Egualmente desgraçados....

Quer em altares de amor,
Quer no templo da fortuna (p. 287)

Sempre, lyra infeliz, sempre tocaste
A fechados ouvidos;
Feminis corações nunca amolgaste
Com teus echos sentidos;
Em vão louvavas, junto a Apollo louro,
Uns alvos dentes, uns cabellos de ouro (p. 360).

Que haveria n'elle mais poderoso que a lyra? Provavelmente o *luzente* tyranno, que no mundo vence tudo! E não é sem algum fundamento que o suspeitâmos de quem disse:

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo (p. 132).

O poeta tentou todos os outros meios, e concluiu como não podia deixar de concluir.

Já que de ouro cofres cheios
Nunca pude a Nize dar... (p. 320)

Já de palavras Nize desconfia,
Só crê, ou em dinheiro ou em penhores...

Poz termo a bella Nize aos seus agrados,
Vendo esta bolsa condemnada a cobres (p. 50)

A experiencia o levou a reconhecer que tinham passado

..... os dias bemaventurados

(Quando por oiro o amor se não vendia)

Em que só almas grandes, peitos nobres,
Eram do deus de amor agasalhados. (p. 50)

Foi por isso que tão seguro do que aconselhava, pôde dizer a outrem:

Se em roda de louras nymphas
Giram em torno teus ais,
Em quanto lhes deres versos
Acharás sempre vestaes:

Fallo como exp'rimentado;
Fallo com peito sincero;
Póde uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero (p. 131)

Experimentae, dizia elle aos outros (sem duvida depois de ter por si experimentado):

.... escolhe um paralta
Corpo esbelto, perna tesa...

Dê bilhetinho discreto,
De uma novella furtado:

Põe da outra parte um ginja....
......com a penna na mão.
Assignando vinte letras
Para Londres e Amsterdão....

Aposto que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido! (p. 132 e 133)

São verdades que só se vêem depois de desenganos. E estes clamores soltados contra o amor mercantil, são porventura consequencia do doloroso balanço dado á caixa, que tão credora se achou áquella conta, em momentos de reaccionaria penuria!

Se a esta origem de penas e despezas juntardes as consequencias do jogo, ficarão reveladas as causas da complicação que envolveu toda a vida de Tolentino.

Deve o jogo causar divertimento (p. 40)

dizia o poeta; mas nem sempre os procurou d'essa indole, deixando-se arrastar da paixão d'um, do qual melhor podia dizer o que disse do whist, que:

..........endiabrado
Mette as serias cabeças a tormento. (p. 40)

Declarando que só o tentava:

Bisca coberta, truque fraudulento,
Que são os jogos com que fui criado (p. 40)

encobria sua verdadeira tentação, revelada claramente n'outras poesias. Só a banca lhe era idolo e abysmo! Dizem, que assim como perdeu, tambem ganhou muito a ella; mas os documentos que restam, mais provam maus tratos, que favor da fortuna.

Para ganhar não lhe valia conhecer do jogo, como se deprehende da concisa mas elegante descripção que d'elle faz:

Em quanto um diz que lavre, outro que conte,
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'uma paz já vencida, um ponto afoito,
Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito banqueiro affronta os medos,
Tendo nas mãos em que se vá vingando;
Com cuspo milagroso ungindo os dedos,
Váe destramente as cartas recuando. (p. 277)

Se devemos crer que não é força de consoante, o que n'outra parte diz, era obstinação sua jogar nas menores, inda que fosse pouco feliz com ellas:

Que importa que ha annos ande
Sempre a perder nas menores. (p. 310)

Não vemos que o poeta commemore ganhos do jogo, senão em tempo em que ainda era professor, e fizera uma noite banca em casa do marquez de Angeja:

Veiu a fortuna ao lado da riqueza
Doirar-me a banca, que eu armei a medo. (p. 45)

O que se vê, mui repetidos, são clamores contra as perdas d'este *banqueiro infeliz* (p. 14), e protestos, facilmente quebrantados, de não jogar mais. Pretendeu desforrar-se de mil modos, do mal que o jogo lhe fazia. Triumpho ephemero era para elle descarregar o azedume do infortunio sobre a memoria do inventor da corriola!

O coração com ferro temperado
Tinha o duro inventor da banca injusta;
Jogo fatal, que tantas penas custa,
E que tem fartas bolsas despejado...

Já lá ha de ter dado conta estreita
Quem inventou a triste corriola,
Que a cega mocidade a perder deita. (p. 41)

Os protestos que fazia de não apontar mais á banca eram em si tão inconsistentes, como elle mesmo confessa, fallando de eguaes promessas d'outrem:

Que tornas a apontar, prometto e attesto;
Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o mesmo voto,
Jógo o que trago, e jogarei de resto...

Ainda dos ardidos jogadores
Vão as pragas subindo sobre o vento,
Já tornam para o jogo os taes senhores;
É caso em que não liga o juramento... (p. 42)

.... ajoelhado ao vencedor banqueiro,
Com mil votos formaes, mas sem virtude...
Chegam as horas, resistir não pude... (p. 43)

Quando é que Tolentino deixou de jogar? Quando as perdas o desesperaram de todo, diz elle: outros dizem que quando pôde restituir a muitos as sommas que lhes tinha ganho. [1] A segunda supposição é menos verosimil. Concebe-se como a constancia e effeitos geraes e particulares dos revezes, cheguem um dia a illuminar o espirito do jogador, e dar-lhe força para renegar o vicio: mas custa a conceber animo tão melindroso, que

1) «.... Como tivesse uma relação das pessoas, a quem tinha ganhado grandes sommas, principalmente a frades, mandou *(cerca de 1801)* immediatamente pagar-lhes, e nunca mais jogou». *Vida do poeta* p. 18.

tratando de virar costas ao jogo, não curasse do sacrificio que ía fazer, sem compensação pelas perdas que elle proprio experimentára, e mandasse restituir as sommas que ganhára, e que por serem mais consideraveis conservava na memoria. Percebe-se melhor que o rigor dos antecedentes e o temor dos consequentes, afastasse Tolentino da banca. Que dizia elle quando um dia, allucinado pelas perdas, fez proposito, que não manteve, de recolher-se ao Varatojo?

Fatal, rigido banqueiro,
Motivo dos meus pezares,
Herdeiro do meu dinheiro...

Não te fies em ventura;
Quem joga tem o meu fim,
Outrem te dará os gostos,
Que tu me tens dado a mim. (p. 154-155)

É mais natural que fossem lições d'estas que por fim lhe aproveitassem, concluindo e reconhecendo que a *Fortuna* era com elle *impia*, e podia recrudescer a hostilidade, sem lhe deixar outro lenitivo que a esmola do caldo nas portarias dos conventos, ou a extrema perdição de saltear as estradas:

Já puz nas tuas mãos grossos tostões;
Mas se em paga me das cançados dias,
Mais não quero provar-te as sem-razões;

Que aos que apontam por fim tu sempre envias,
Ou com faca na mão para os Pegões,
Ou com tigela para as portarias. (p. 43)

É admiravel que o homem que tanto se queixou do amor venal, que tanto experimentou os sobresaltos do jogo, não procurasse remedio contra isto no casamento, cujo estado pintou com tantos louvores.

Puro amor, limpa verdade,
Só entre esposos estão;
Desce a elles a amizade;
Traz-lhes co'a santa união
Uma só alma e vontade. (p. 210)

Se além da affeição verdadeira e dos dotes geralmente requeridos para tornar a companhia (indissoluvel) da mulher, suave e appetecida, o genio do poeta requeria ainda para a sua alliança qualidades superiores, permanecendo celibatario por não as encontrar, não o affirmaremos, mas alguns podem ter occasião de o suspeitar.

Se é verdade o que, dizem, respondeu a um amigo que o interrogára ácerca de se não ter casado, grande era

a idéa que formava da discrição e virtude de sua irmã D. Joaquina, e não menor a da raridade d'estes dotes, exigidos por elle na mulher que esposasse. «Porque não é permittido casar com irmãs» era a razão de Tolentino para acabar solteiro. [1]

Até á entrada dos francezes em Portugal morou na Junqueira, porque a secretaria era na calçada da Ajuda. Mudada esta por então para o Rocio, não foi sem custo que o poeta transferiu a residencia para os Cardaes de Jesus para ficar mais proximo da repartição.

Asseveram que a invasão estrangeira fizera profunda impressão no animo de Tolentino, com o que talvez se lhe abreviou a morte. Criado, e costumado a viver n'uma sociedade de tão singular e nacional aspecto, não admira que aquelle espirito padecesse muito com a transformação que nova, inda que ephemera corte, operava nos habitos da vida externa e tambem promettia realisar nas ideas. De dia para dia cresceu no poeta o predominio da melancolia, e diminuiu a espontaneidade do gracejo. Adiantado em annos, acurvado ao pesadelo enorme de que não havia já esperar redempção e independencia para a patria, não poucas vezes só encontrava lagrimas furtivas para mitigar magoas que em silencio o trabalhavam. Chegára a occasião de dizer a tudo o ultimo adeus, ás festas, ás assembleas, ás danças [2] que tanto amára. Nos ultimos tres annos viveu concentrado e retiradissimo. As sezões da mocidade tinham legado á velhice uma aggravada debilidade de estomago. Não havia já idolatrar bons pratos! N'uma chavana de chocolate amargo, com uma torrada sêcca, descontava ao almoço o antigo e cantado epicurismo! Um passeio pelo quintal afugentava as memorias das passadas romagens! Um officio de Nossa Senhora, que ainda então os cavalleiros da Ordem de Christo (em que era professo) o resavam, era para elle a ultima occupação domestica da

1) *Vida do poeta*, p. 9.

2) «Quando moço, dançou com muita graça, e era habil no jogo da espada.» *Vida do poeta*, p. 19.

Temos alguma duvida no que toca ao jogo da espada. Quem á espada chamou *cruenta*, (p. 131) quem tanto a ridiculo a mette, e á paixão da guerra na satyra deste nome (p. 214); quem, a proposito do encontro com os carreiros da Enxara, explicitamente declara que não sabe mover espada; não deixa conciliar a affirmativa do seu biographo.

Em quanto no duro chão
Meu companheiro arquejava,
Eu muito humilde esperava
Tambem a minha ração;
Bem me lembrou que esta acção
Deslustrava a minha gloria;
Mas não pretende victoria
Nem sabe mover espada
Mão ha annos costumada
A dar só com palmatoria (p. 293)

manhã, antes de entrar na sege que o conduzia á secretaria. Depois de luctar horas, sentado, com o peso do jantar, frequentava alguns conventos, onde com frades doutos se entretinha em cousas condignas.

Atacado por uma vomica violenta, percebeu bem quando se lhe aproximava o termo da vida. Recebidos os Sacramentos da egreja, expirou nos braços de sua irmã D. Joaquina a 23 de junho 1811, [1] contando quasi 70 annos de edade.

Foi enterrado no mesmo cemiterio da freguezia das Mercês, onde seis annos antes se sepultára Bocage, ficando, talvez, perto um do outro, para que os ossos de ambos tivessem o mesmo destino de se perderem, confundidos [2] em posteriores, tumultuosas exhumações.

Tolentino, não obstante dizer do seu caracter moral:

> .... sou homem duro,
> E rebelde ás leis primeiras;
> Que não choro nos mais homens
> As desgraças verdadeiras;
>
> Que insensivel vi no circo
> Burlesco neto arrastado
> Deixar com a rota cabeça
> O terreno ensanguentado;
>
> Que vejo com olhos seccos,
> Com firme semblante inteiro,
> Fugir-me n'um parolim
> O meu ultimo dinheiro: (p. 105)

parece que esta feição de egoista insensivel a desgraças alheias, não era absolutamente verdadeira, antes «homem de boa moral e muito religioso....quando pôde soccorreu a quem necessitava, e algumas vezes não soccorreu com pequenas quantias.» [3]

Dotado de memoria prodigiosa, mui amante de musica, frequentava por isto com assiduidade a opera. Era de estatura alta, cheio de corpo, rosto redondo, pelle clara e rosada, olhos pardos, nariz regular, bocca larga e engraçadissima, dentes bellos, andar nobre e pausado. [4] Se toda a diligencia que se tem posto para lhe descobrir o retrato, se algum dia tivesse existido, tem sido infructuosa, porque a final se descobre que nunca se retratou; aquella descripção, que da figura do poeta se conserva, bem persuade que não fôra desfavorecido de dotes pessoaes.

1) José Maria da Costa e Silva (*Revista Universal Lisbonense*, vi, 473) erradamente disse que fallecera no anno de 1810.

2) «... não se pondo signal algum sobre sua sepultura; o que fez que se não achassem os seus ossos quando o insigne litterato o sr. Antonio Feliciano de Castilho, parente do poeta (*por ter sido casado com uma sobrinha de Tolentino*), os procurou, para os transferir, e fazer repousar decentemente no cemiterio dos Prazeres» *Vida do poeta*, p. 14.

3) *Vida do poeta* p. 14

4) Ibid. p. 18.

II

Com razão dizia, não ha muitos annos, o sr. José Feliciano de Castilho, encetando a critica das obras d'um dos mais notaveis engenhos poeticos d'esta terra: «E' sestro nos que se dão ao estudo de um auctor, apoderar-se por elle de certa parcialidade, ou seja de admiração ou de censura, com que o juizo completamente se desvaria: a cataracta, que embarga os olhos da razão, mal permitte divisar, por entre espesso nevoeiro, o que outros vêem, como o sol do meio dia.» [1]

Propondo-nos apreciar as obras, e a feição poetica de Tolentino, desejámos evitar ambos os parceis, por entre os quaes navega a critica. Felizes, de nós, se pudermos saír do passo estreito destas Scylla e Charybdes, sem tocar nas syrtes que por todos os lados nos ameaçam. Procuraremos a virtude entre os extremos.

A historia litteraria do mundo apresenta exemplos de poetas celebres em vida, que depois de mortos caíram em total esquecimento; mas poucos haverá do que tem succedido a Nicolau Tolentino de Almeida, celebrado na vida e na morte, então e sempre, a despeito do pequeno legado poetico que nos deixou, inferior talvez a tão grande reputação, e á escassa lição popular que ha d'essas obras, que poucos terão lido por inteiro, mas em que todos fallam.

Alguma cousa deve por certo haver na historia do poeta e do seu tempo que explique tão singular phenomeno.

Concebe-se que Tolentino pudesse, effeito de circunstancias, arrebatar os contemporaneos até ao ponto de lhes merecer tamanha exaltação: concebe-se que o oratoriano padre Joaquim de Foyos, como elle professor de rhetorica, elevado depois a altos cargos, a censor regio do desembargo do paço, a chronista da casa de Bragança, a arcade, a director da classe de litteratura da academia real das sciencias, etc. (que, mais velho que Tolentino, ainda lhe sobreviveu alguns mezes, fallecendo no mesmo anno, 1811) dominado pelas impressões geraes do seu tempo, e porventura pelo effeito de muitas peças poeticas, que os contemporaneos conheceram, e que por motivos particulares nem as conservou

1) *Noticia da vida e obras de M. M. Barbosa du Bocage* (abrangendo os vol. 22-25 da *Livraria Classica Portugueza*) xxiv, 115.

a estampa, nem vieram até nós; chegasse a dizer muitas vezes: «que nos tempos modernos não conhecia em Portugal senão dois poetas, que merecessem o titulo de grandes, a saber: Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Nicolau Tolentino de Almeida.» [1]

Nenhum escriptor em verdade conquistou n'aquelle tempo mais admiração e apreço. Os mais doutos cobriam-n'o de exaggerados louvores: entre todas as classes se liam, se decoravam, se disputavam copias dos seus versos (p. 123), que até 1801 só corriam manuscriptos. Poeta de salões, divertindo e lisonjeando um como partido, á custa das torturas d'outros, em quanto a scena permanecia, em quanto os actores eram conhecidos e o publico o mesmo, podia o fogo da admiração e da popularidade conservar-se ateado; mas depois que o juizo final da impressão patenteou a todos aquella magra collecção de dois voluminhos, provavelmente despojados dos versos mais festejados pelas boas e ruins paixões do tempo glorioso? depois que desappareceu todo aquelle auditorio sempre prompto a applaudir o latego satyrico? depois que as gerações se sumiram e a sociedade padeceu tão amplas transformações? como póde o poeta continuar a merecer, se não o mesmo culto animado d'outr'ora, por certo a mesma admiração nacional? É facto custoso de explicar.

A maior parte das poesias que de Tolentino se conservam, são de tempo anterior á sua mudança de fortuna e despacho de official de secretaria em 1781. Depois d'esta epocha ou pouco compoz, ou produziu mais poesias de natureza demasiado pessoal, que supprimiu. Diminuindo o commercio com as musas quando se via com meios para viver em mór tranquillidade, mas continuando, pelo que já fizera, a ser festejado e estimado pela especie de fascinação que exercia, Tolentino parecia não ter nascido poeta, nem ser dominado pelo invencivel amor da arte, que impelle os homens de genio para a composição. [2] Quem sabe se o proprio testimunho do poeta o quer confirmar, chamando á poesia *linguagem da mentira* (p. 122), e só attribuindo ás tristezas da vida, que queria suavisar, as suas distracções poeticas? «Os tristes dias (é o poeta quem falla), de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influiram insensivelmente o amor da poesia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me

1) *Revista Universal Lisbonense*, VI, 471.
2) Costa e Silva, na *Revista Universal Lisbonense*, VI, 473.

com ellas ao peso dos meus cuidados: a imaginação cançada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commercio das musas; e os versos que alguma vez fizeram rir os ouvintes, tinham a origem nas lagrimas do seu auctor.» (p. 221) Se isto deve crer-se, singular natureza era a de Tolentino, que podia sacar da tristeza propria elementos de comica alegria para estranhos; e não admira que quem, pelo seu tão extraordinario temperamento, não tivera outro incentivo para ser poeta, deixasse de poetar quando os dias se lhe desannuviaram.

Affirmam que Tolentino tivera muita lição dos classicos portuguezes, principalmente dos chamados quinhentistas, que lhe tinham servido para afinar o gosto: que tivera grande conhecimento da litteratura latina, italiana, hespanhola, e franceza: que fôra especial objecto de seus estudos a historia portugueza, e em geral a sagrada e profana: que lhe não faltavam conhecimentos de geographia, de historia natural, e elementos das mathematicas. [1] Entretanto as suas poesias não abundam em grandes referencias a poetas antigos ou modernos. Se exceptuarmos os mestres da eloquencia Cicero e Quintiliano, os poetas gregos e latinos Homero, Pindaro, Virgilio, Horacio e Juvenal; o francez Boileau; e os portuguezes Bernardim Ribeiro, Francisco de Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, e os seus em parte contemporaneos Domingos dos Reis Quita, e Pedro Antonio Corrêa Garção, a mais ninguem allude, com exclusão absoluta d'outros auctores do seu tempo, ou do passado.

Desde que Tolentino teve occasião de mostrar-se, e fazer admirar algumas de suas poesias, adquirindo á sombra d'isto entrada n'algumas casas nobres e predominantes na politica, póde dizer-se que andou sempre em sociedade escolhida, cuja protecção lhe permittiu ver-se, quando contava 41 annos, na posição melhorada, e invejada que conservou 30 annos, até ao fim da vida. É tal a falsa idéa que da sua sorte se tem formado, pelos queixumes de que, em grande parte, se compõe as obras do poeta, que escriptores modernos, aliás distinctos por muitos e rarissimos dotes, tem estigmatisado a sociedade d'aquelle tempo por ter condemnado Tolentino ao desamparo.

A sociedade deixou *mendigar Tolentino* e Bocage, diz o sr. José Feliciano de Castilho. [2]

1) *Vida do poeta*, p. 19.
2) *Livraria Classica*, XXII, 78.

Sem curarmos de analysar até que ponto a expressão e accusação são justas pelo que se passou com Elmano, pede a verdade que se diga que são absolutamente destituidas de fundamento pelo que respeitam ao satyrico cortezão.

As mesmas impressões levaram o sr. Rebello da Silva a egual, immerecido compadecimento. «Cousa triste! Os cultores do verso, as vocações sinceras, (diz [1]) não podiam subsistir, senão seguindo um d'estes dois caminhos: — ou abdicar a arte por qualquer officio rendoso — ou *arrastal-a mendiga e supplicante* como Tolentino, como Elmano, como tantos outros, pelos serões dos aulicos, e pelas mesas dos opulentos. Se alguns baixaram menos, não se creia por isso, que se envergonhassem de estender a mão aos beneficios; todos o faziam sem pejo, e sem rebuço, excepto os abastados».

Tolentino andou muito pelos saraus e mezas de poderosos; e esteve sempre prompto para receber e mesmo pedir beneficios. Entretanto se arrastou aos pés dos grandes a musa mendiga e supplicante, não foi por muito tempo, e se persistiu n'este meio não foi para subsistir. São bem notorios os esforços que fez para abandonar o segundo caminho e sair victorioso no primeiro, alcançando effectivamente o grande esteio d'um emprego importante.

Adscripto a uma sociedade de fidalgos, melhor diriamos a uma ou duas familias socialmente predominantes, não ha d'outras relações memoria nas suas poesias. Se conviveu *com todos os grandes poetas do seu tempo, que não eram poucos* [2], a nenhum menciona nos seus versos. Só, por excepção, escreve a Domingos Pires Monteiro Bandeira, (p. 107) recordando-lhe o trato e familiaridade antiga e provocando-o a que lhe dê um jantar. Se teve relações com todos esses confrades em Apollo, o coração paralytico nos louvores dados a fidalgos em consonancia e desconto de interminaveis peditorios, costumára-se a permanecer indifferente e cerrado ás emoções que trato litterario costuma produzir; e passava insensivel pelos contemporaneos, sem deixar provas em contrario, sobretudo n'um tempo em que tão commum era o cartearem-se poetas. É egual o silencio que ácerca d'elle guardam os poetas seus contemporaneos (salvas duas breves allusões de Elpino Duriense e Filinto Elysio) o

1) *Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage*, p. 62-63.
2) Manoel Maria de Barbosa du Bocage (art. VI).

que parece confirmar que, se Tolentino com effeito entrou no seu trato intimo, houve da parte d'elle ou de ambas as partes tão pouca cordialidade, ou motivos de separação ainda maiores, que de todo desappareceram os vestigios d'aquelle commercio poetico.

Dizem que «as sociedades de poetas, e as academias que n'aquelle tempo se estabeleceram, o convidaram para socio; mas a todas se recusou; apenas em 1786 àcceitou a nomeação de socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa.» [1] Ha aqui algum erro, e vehementes indicios contra algumas d'estas asserções.

Não sabemos d'outra prova maior, que aquella asserção recente, a respeito do convite feito a Tolentino e sua escusa a entrar na Arcadia ou Nova-Arcadia. O juizo que põe na bocca do barbeiro-poeta, na satyra *o Bilhar* (p. 279-281), sobre a renascença da poesia portugueza (tentada e em parte realisada por aquellas sociedades), vernaculidade de termos, correcção metrica, elevação de pensamentos, predominio de odes, bem deixa ver, que se insurge contra as tendencias recem-manifestadas, mais talvez por despeito pessoal, e natural impedimento para hombrear com muitos dos nossos poetas, que primavam nos generos mais mimosos. Assim mal se compadece com aquellas opiniões, que não seriam então segredo, que as sociedades poeticas fossem sollicitar cooperação de quem seguia trilho tão diverso e por assim dizer tão singularmente espinhoso.

Por mais que se diga, Tolentino deveu viver mui segregado da sociedade dos vates contemporaneos. Se muitos, e não dos menos notaveis, se não envergonhavam de pousar em botequins, e frequentar outeiros; porque clamava Tolentino tanto contra isso, menosprezando os que levavam aquella vida, que as opiniões geraes e costumes do tempo estavam bem longe de considerar deshonrosa? Não profano Apollo, dizia com visivel sobranceria,

> Pelas logeas de bebidas,
> Por oiteiros de Sant'Anna. (p. 89)

E ainda que parece contradizer-se quando a proposito de Crescentini, diz:

> Se eu hoje fosse nos oiteiros
> Onde já tive elogios (p. 106);

1) *Vida do poeta* p. 15.

não póde duvidar-se que houve causa, por mais ou menos tempo latente, que o não deixou combinar bem com os outros poetas, ou os separou durando certa epocha.

Quanto á entrada na academia, o processo, os fins, e os effeitos eram e foram outros.

A academia real das sciencias de Lisboa, nascida á sombra do novo reinado de D. Maria I, fundada por um parente da rainha, protegida pelo governo e pela corte, era o alvo em que punham olhos saudosos os então mais notaveis nas sciencias e nas letras. Companhia, na maior parte composta de individuos com titulos legitimos para merecerem essa honraria, era opinião commum que a academia agraciava aquelles a quem abria as portas, e muitos o desejavam em vão. N'este caso não seria Tolentino sollicitado mas candidato. Porventura á protecção dos academicos conde de São Lourenço e marquez de Alegrete foi que Tolentino deveu ser nomeado em 19 de janeiro 1780 [1] socio supranumerario d'esta corporação scientifica, e em sessão de 6 de dezembro do mesmo anno membro da commissão para a composição do diccionario da lingua portugueza.

Seria esta distincção testimunho de merecida consideração ás letras do professor de rhetorica e poetica? Seria meio estrategico procurado para condecorarem o poeta com um titulo, que, pelo que já valia na consideração publica, podia aplanar difficuldades na solução da velha pretenção de Tolentino, justificando com elle melhor a graça sollicitada? É mais para crer a segunda que a primeira hypothese, como os factos subsequentes talvez queiram confirmar.

O despacho do poeta appareceu mais depressa, que a justificação dos motivos suppostos para as distincções academicas.

Não ha memoria de que Tolentino prestasse a menor attenção ou collaboração aos trabalhos da academia, e tanto é verdade ter assim procedido, e incorrido na pena de exclusão que os estatutos em taes casos comminavam, que o seu nome, que apparece na lista dos socios d'aquella corporação (publicada annualmente nos *Almanaks de Lisboa*,) até ao de 1788, d'ahi por diante desapparece para sempre.

Acerca dos meritos geraes, e da opinião em que Tolentino era geralmente tido, em vão procurariamos documentos contemporaneos seus que nol-o dissessem,

1) Como já vimos, na *Vida do poeta*, erradamente se põe esta eleição em 1786, e se lhe chama *socio correspondente*. *Supranumerario* era da classe dos *effectivos*.

isentos de paixão. Só depois da sua morte se encontram, e se podem considerar menos suspeitos.

Bouterweek considera-o poeta mui decididamente caracterisado por espirito nacional. (1

Almeida-Garrett pensa do mesmo modo; chama-lhe *eminentemente nacional no seu genero*, e o «mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores.» (2

Ignacio José de Macedo, que o cita muitas vezes, chama-lhe *faceto*. (3

O sr. marquez de Resende, *sempre chistoso* (4 *jovialissimo e popular*. (5

O sr. José Feliciano de Castilho, *inimitavel e portentoso de natural*. (6

José Maria da Costa e Silva, não obstante os reparos criticos que lhe faz, confessa que elle *abunda de bons ditos*, e *pinta ás vezes com energia e viveza*. (7

O sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, diz que as musas o *favoreceram em muitos generos de poesia*. (8

O sr. João Augusto Amaral Frazão diz que «as obras de Tolentino... abundam em pensamentos agudos, em maximas de moral, e são ornadas dos mais bellos enfeites da eloquencia.» (9

Acerca da pureza de sua linguagem nem todos professam por ella a mesma admiração. Ha quem lhe chame *mestre da lingua materna*, que escrevia *em pura linguagem portugueza*: (10 ha quem diga *que a linguagem familiar, e sempre corrente e elegante que apparece em seus sonetos, odes, epistolas, e outros generos, ha merecido os applausos dos eruditos*: (11 mas todas estas vagas asserções, carentes de provas e demonstração que as auctorise, pedem justa reducção aos termos em que se exprimiu um poeta critico contemporaneo nosso. «A linguagem de Nicolau Tolentino (dizia elle) é geralmente correcta, mas pouco elegante.» (12

Um dos meritos mais relevantes do poeta é ter deixado nas suas obras photographada, se assim o podêmos dizer, a sociedade do seu tempo, tão cheia de preoccupações e de ridiculos, como a de hoje, muitos dos quaes

1) *History of spanish and portuguese literature*, II, 284
2) Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza, no *Parnaso Lusitano*, I, LXIII.
3) *Velho Liberal do Douro*, 1833, p. 271.
4) *Panorama*, XIV, 4.
5) Ibid., XII, 213.
6) *Livraria Classica*, XXV, 88.
7) *Revista Universal Lisbonense*, VI, 499
8) *Bosquejo historico da litteratura classica*, 4.ª ed. p. 190
9) *Vida do poeta* p. 34
10) Ibid. p. 21 e 34.
11) Borges de Figueiredo, *Bosquejo* etc. logar citado.
12) Costa e Silva, na *Revista Universal Lisbonense*, VI, 499.

se modificaram ou trocaram, outros ainda permanecem mais ou menos enfeitados. Aquellas «pinturas dos costumes da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro!» [1] A exaggeração dos toucados altos, nas mulheres, como hoje a das saias-balões, prestava-se a ridiculos, chistosos commentarios. Ora

....a mulher, ... tinha por toucado
A torre de Belem:..........
Banhada em pranto, desmaiada a frente,
Prostra por terra o corpo delicado.

C'o boléo se esbandalha a matta espessa:
Sáem d'ella esguiões, cassas lavradas,
E de belbute trinta e uma peça,

Fivelas, espadins, rendas bordadas:
Até tinha escondido na cabeça
O marido e tres arcas encoirãdas. (p. 38)

Ora é a mãe que *batendo o pé na casa*, pede á filha que dê conta do colchão desapparecido:

Arremette-lhe á cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sáe-lhe o colchão de dentro do toucado. (p. 39)

A par d'estes caprichos feminis corriam parallelamente os dos homens affeminados, tambem escravos da moda. Aquelle

... chapeu de tal fórma desmarcado
Que nem a gente a pé passar podia: (p. 38)

aquellas *fivelas de marca agigantada*, que *entre esquinas* encalhavam; o contraste que as fivellinhas do rico estrangeiro faziam com esses *quadrados fivelões*, não esquecerão mais.

Capitão Vento-sul, rico hollandez,
Que de prata subtil pequenos ós
Servem só de fivelas nos teus pés,

Vem admirar-te, vendo que entre nós
Traz o pobre paralta portuguez
Por fivelas molduras de tremós. (p. 46)

É deliciosa a pintura do paralta que das viagens traz documentos para emendar a patria e

O mundo que vae perdido (p. 236)

e nos cafés ostenta o

....que pescou de orelha (p. 237)

1) Almeida Garrett, no *Parnaso Lusitano*, I, LXIII.

pois só provára estudo

> Em ter chapou gadelhudo,
> Em ter canhão cerceado,
> E em pôr de mais um canudo. (p. 237)

Os quadros são animadissimos: podem sem retoque aproveitar-se inda hoje, que não faltam typos, como esses de ha quasi um seculo!

E os amores d'então, que são os amores de hoje, e porventura serão, em situações identicas, os mesmos sempre? É egreja em que póde mudar o ritual, mas em que os dogmas, o acto de fé são immutaveis. Haverá sempre

> .... fofo morgado
> ....solto já dos tutores: (p. 223)
>
> —....novel basbaque...
> Que gravesinho namora: (p. 224)
>
> —.. crestados peitos baios
> Que começando em barril
> Vão por augmento a lacaios: (p. 226)
>
> —...velhas presumidas...
> Que tem de compradas côres
> As roxas faces tingidas: (p. 226)
>
> —...freiraticos...
> Gentes de mais alta esteira: (p. 228)

haverá sempre de tudo isto, de todas as esteiras, e esteiras d'este ou d'aquelle feitio para salvar amantes surprehendidos!

> Dentro de enrolada esteira
> Ficam n'um canto emboscados. (p. 231)

O velho molde dos ginjas (p. 52) é que parece quebrar-se; como se póde já dizer perdido o modelo d'aquellas seges

> ...resto infeliz do terremoto (p. 35)

que a velha traquitana supplantou, para ser tambem supplantada por *navarras*, e *irmãs da caridade*.

O que não mudou foi a consideração que desde antigo tempo o Chiado tem de sitio elegante, populoso, commercial e transitavel (p. 38): não mudaram

> ......os famosos entremezes,
> Que no Arsenal ao vago caminhante
> Se vendem a cavallo n'um barbante: (p. 278)

não mudaram ainda os ridiculos exorcismos com os quaes

> Se explica o demo em portuguez corrente: (p. 26)

mas mudaram, talvez, aquellas contradanças nos dias

das procissões de quaresma, coroadas inda por cima de tudo com o *jogo dos abraços* (p. 37) — aquellas singulares e derrocadas assembléas de velhas pretenciosas e meninas *feias e mal criadas*. (p. 240-241)

O monte de Santa Catharina, que era então o passeio mais frequentado da gente do Bairro-alto, esse é que material e socialmente está outro! Já não ha ranchos que o passeiem; já não ha adro de egreja em que os moços descancem e conversem, em que dancem e descantem; já não ha cruz, em cuja base pousem e alterquem á vontade

> ...acerrimos jarretas...
> Argumentando em gazetas (p. 237)

concilio profundo, que

> Sem ter um palmo de terra,
> Está repartindo o mundo. (p. 238)

Mas em compensação d'essa feição social e politica que se perdeu, ainda hoje chamam á medicina *fallivel* (p. 143); julgam os

> ...medicos maus, até pintados: (p. 20)

> ....loquaz medico forte,
> Que com a penna homicida
> Governa as cousas de sorte,
> Que nos esteios da vida
> Levanta o throno da morte: (p. 266)

e d'um e d'outro apaixonado sentimento continuam a tirar partido os charlatães que se annunciam na esquina publica, ou nas columnas dos jornaes, com mil attestações de duvidosa procedencia.

> Chegou monsieur de tal,
> Chimico em Paris formado;
> Traz segredo especial,
> Um elixir approvado,
> Um remedio universal:
>
> Não pretende ajuntar fundo
> Co'os grandes segredos seus;
> E cheio de dó profundo
> Tira pelo amor de Deus
> Os dentes a todo o mundo. (p. 238-239)

Temos visto em geral e em particular a idéa que se póde formar dos meritos de Tolentino. Vejamos agora o reverso da medalha, e seja o proprio poeta que primeiro falle de si. Consciencia ou modestia, são d'elle e a si refere estas palavras:

«Levado da invencivel força do amor e do reconheci-

mento, me atrevo a pôr... grandes coisas em *máos versos*...» (p. 353)

«Os *meus versos* terão o successo de desagradarem... por serem *máos*...» (p. 213)

«Os meus versos... *nunca foram bons*... mas... espero... que o homem infeliz ache... aquelle acolhimento, que não deve esperar o *máo poeta*.» (p. 182)

São máos teus versos... (p. 361)

Sismonde de Sismondi, critico erudito e commummente judicioso, julgou o poeta talvez com demasiada severidade. «Não pude (diz) descobrir n'elle sentimento poetico... Nos sonetos, odes, cartas e satyras acho-o quasi sempre baixo, fraco e prosaico». [1] O contraste comico ou burlesco que ha entre a fórma e o objecto das poesias de Tolentino, escapava ao critico francez, que não podia estar assaz iniciado n'uma lingua estranha, tanto mais difficil quanto mais desce á familiaridade. Foi talvez isso que levou Bouterweek, mais sincero que Sismondi, a confessar que Tolentino era «pouco intelligivel a estrangeiros» [2] abstendo-se de julgal-o decisoriamente, para não incorrer em erros, que mal saberia evitar.

Costa e Silva restringe muito a admiração ao merito do satyrico compatriota. «Costumado a ajuizar dos poetas (diz elle) pela impressão que em mim produzia a leitura das suas obras, e não pelo que os outros diziam d'elles, tive sempre a Nicolau Tolentino por poeta de mediocre engenho, e pouco interessante pelos assumptos que tratava.» [3] «O estilo *(de Tolentino)* é um pouco prosaico, a sua imaginação escassa, a sua versificação nem muito boa nem muito ruim.» [4] Pato Muniz, sem mais discussão nem argumentação chamava a este juizo *heresia litteraria*. [5]

A ambição do poeta, e as talvez baixezas com que procurou conseguir seus fins, tem sido tambem objecto de accusação ao seu caracter, n'esta parte diametralmente opposto ao do contemporaneo justamente celebre poeta Antonio Lobo de Carvalho. A este respeito escreveu um grande sabedor da nossa historia litteraria, que a si e a ella váe levantando monumento mais perduravel que marmores e bronzes; o sr. Innocencio Francisco

1) *De la litterature du midi de l'Europe*, II, 082.
2) *History of spanish and portugueze literature*, II, 385.
3) *Revista Universal Lisbonense*, VI, 500.
4) Ibid. 499.
5) Ibid. 500.

da Silva, auctor do *Diccionario bibliographico portuguez:* — «Nicolau Tolentino... naturalmente ambicioso, e com a idea fixa de augmentar a sua fortuna, era incançavel em captar a benevolencia, e sollicitar o favor d'aquelles, que por sua jerarchia e valimento estavam no caso de poder servir-lhe de apoio em suas continuas pretenções.» [1]

É o que sobretudo leva a formar juizo menos favoravel do poeta! Quem lê uma só d'aquellas peças petitorias acha-lhe chiste; mas ao ler tamanha collecção d'ellas, não ha engenho nem graça de estilo que possa resgatar o enfado, quanto mais as mesmas idéas e quasi os mesmos termos repizados!

Ha em verdade baixeza, incompativel com a dignidade de poeta, na allegação intencional e repetida da sua *fome*, e da sua *pobreza:* ha um tal ou qual cheiro de servilismo, por mais falta de meios que padecesse, em considerar-se *criado* da casa de Angeja (p. 290-291); em humilhar-se aos pés do filho d'ella, conde de Villa-Verde:

> A vossos pés me humilho... (p. 285)

em abraçar os do conde de São Lourenço:

> Com os vossos pés se abraça (p. 192)

e os do marquez de Lavradio, etc.

> ...aos pes, que abraçar quiz: (p. 198)

em tomar como incomparavel honra sentar-se á mesa d'um grande:

> Olhastes sem horror minha baixeza,
> E fizestes sentar-me ao vosso lado. (p. 45)

A mordacidade de Tolentino, cujas mais flagrantes provas não estão no processo d'estas suas obras, que só nos conservam meios de inducção para julgarmos as que desappareceram, foi no seu tempo grande motivo para escandalo. Quem lhe ouvisse chamar libellistas infames os que fazem dos versos facas para ferir:

> ...nunca em libello infame
> Fui trilhar as vis pizadas
> Dos que dão aos dons das musas
> O prestimo das facadas: (p. 90)

mal poderia suppor que muitas vezes fizesse dos seus o mesmo uso.

1) *Poesias joviaes e satyricas de Antonio Lobo de Carvalho*, apontamentos para a biographia do auctor, p. XVIII.

«Deslustrava as bellas qualidades de sua alma com a tendencia funesta para a mordacidade, perseguia com seus dictos salgados, e causticava todas as pessoas conhecidas, e não conhecidas, poupando raras vezes os seus proprios amigos, e o que é mais para notar, é que ninguem era menos capaz de soffrer o mais leve motejo: soltava uma torrente de apodaduras contra qualquer pessoa, que se lhe antojava, mas se a sua victima lhe respondia no mesmo tom, desconfiava, enfurecia-se (1) e saía immediatamente pela porta fóra. Bocage que tinha a mesma balda, era muito mais tolerante do que elle» (2).

Os que achavam nos seus versos carapuças, levantavam-se contra o poeta; mas se d'isto tirava lição para aconselhar a sua musa:

> Trata pois de te emendar,
> E deixa vidas alheias...
>
> Teme o raivoso furor
> Do exercito dos peraltas,
> Que em armas se váe já pôr;
> Tambem o das poupas altas,
> Que é inimigo peior:
>
> Guardam no peito odio velho
> Por motivos similhantes... (p. 253)

não havia experiencia que lhe mudasse o genio, e por mais que procure justificar-se ninguem crê nas boas intenções com que se desculpa.

> Se tu de ferir não cessas,
> Que serve ser bom o intento?
> Mais carapuças não teças;
> Que importa dal-as ao vento
> Se podem achar cabeças?
>
> Tendo as satyras por boas,
> Do Parnaso nos dois cumes,
> Em hora negra revoas;
> Tu dás golpes nos costumes,
> E cuidam que é nas pessoas. (p. 214)

O de que a soltura d'aquella lingua era capaz bem se deixa ver da replica áquelle

> Verde negro cardeal (p. 313)

1) Exemplo, o que se passou com aquelle padre que dizia estar eleito cardeal, e a quem fez uma decima ao mote

> Não tem cor de cardeal (p. 312)

Porque o padre lhe respondeu, fez-lhe em replica aquellas decimas sem par no desabrimento e na affronta, que se lêem a p. 313-318.

2) Costa e Silva, na *Revista Universal Lisbonense*, VI, 473-474.

sobre o qual accumula as mais originaes injurias, e a quem diz:

> Grita c'os olhos em braza,
> Que te fechem n'uma casa,
> E que te sangrem na testa. (p. 316)

E aquelle padre Macedo (a quem Lobo dedica tantos sonetos satyricos [1]) cuja origem acha na *borra* de infernaes drogas,

> Ferro, veneno, vibora traidora,
> Cartas da mão de Machivello escriptas (p. 386)

mas a quem n'outra parte chama *eloquentissimo*; que prégava

> Em casta linguagem portugueza? (p. 45)

Até com o pobre velho que fôra seu mestre de latim mostrou pouca indulgencia. Mesmo que elle fosse impertinente e apoquentador de mais, devia resistir ao desejo de o immolar ao riso da posteridade. Não contente, porém, em o pintar uma vez no memorial ao principe (p. 171), parece ser ainda recordação sua, o que diz no memorial a D. Diogo de Noronha:

> Teimoso grammaticão,
> Que em longo chambre embrulhado,
> Co'a douta penna na mão,
> Dá á luz grosso tratado
> Sobre as leis da *conjunçao*:
>
> Que arranca o cabello hirsuto,
> Lastimando a decadencia
> Do novo mundo corrupto, [2]
> Que quer negar a existencia
> Ao *ablativo absoluto*. (p. 187)

Estas liberdades de palavra e espirito mordaz, negação das suas declarações de *fallar com moderação* (p. 212) lhe motivaram accusações a que parece alludir, como quem procura justificar-se, na dedicatoria que ao visconde de Villa-Nova-da-Cerveira faz da satyra da *Guerra*. «É quasi um vicio o ser poeta *(dizem)*; confundem-n'o com o homem sem caracter, e imputam á poesia os erros da humanidade.» (p. 213)

1) *Poesias jovines e satyricas*, p. 18-24.

2) Este typo de grammaticão, que, como diz o poeta, tinha a memoria carregada de *ninharias* (p. 188) inda não desappareceu de todo apezar da necessidade que ha de dar á instrucção direcção mais util, mais pratica, mais accommodada ás lidas da sociedade moderna. «Se encuentran todavia algunos typos entre los que nosoutros llamamos *humanistas*, ... que siempre pasan, aunque á veces sin serlo, por pedantes: cuando se hallan en una sociedad ilustrada parecen hombres caidos de las nubes. O no abren la boca por no puder tomar parte en ninguna conversacion á causa de su grandisima ignorancia en todos los ramos del saber humano, representando el papel mas bien de personas entontecidas que de sabios, ó se hablan es para hacerlo como lo haria uno de su mundo que es el anterior á Jesucristo.» Sr. D. Sinibaldo de Mas, sobre as *Poesias inéditas de D. José Somoza*. (*Revista Peninsular*, II, 396-397)

Se não é licito negar a Tolentino, por mais que os seus sentimentos e abusos poeticos o attenuem, merecimento, e sobre tudo logar honroso na nossa historia litteraria, principalmente pela admiração, talvez algumas vezes parcial, que dos seus tempos tem passado, e porventura continuará na successão das gerações a passar como um legado; pede a imparcialidade que procurâmos guardar n'este breve ensaio, que não dissimulemos alguns reparos geraes que a sua plastica poetica está pedindo.

Os cacophatos são amiudados nos versos de Tolentino; assim como o uso de certos epithetos, e circunstancias que quasi degeneram em *bordões*. Á mão do marquez de Pombal só sabía chamar *praguejada:*

—Na praguejada mão omnipotente (p. 8)

—Sobre a praguejada mão: (p. 270)

o seu collete era sempre *das funcções* (p. 74 e 101): para lisonjear a casa de Angeja vinha sempre a sua descendencia *de dois reis* (p. 65, 360, 363, 381): as ancas ou coiros dos rocins eram sempre *surdos* (p. 35, 72): quanto promettia, em paga da protecção que lhe dessem para mudar de vida e deixar a eschola, era sempre uma addição de *palmatoria* aos velhos brasões dos protectores:

Vereis uma vencida palmatoria
Entre as armas de Angeja debuxada: (p. 15)

Consenti, que a larga historia,
Que Almeidas levanta aos ceos,
Lhes deixe no altar da gloria
Pendente, entre os mais tropheos,
Uma negra palmatoria. (p. 202)

Os casos de rima pobre são em Tolentino numerosos. Faz a miude consoantes eguaes tempos de verbos da mesma conjugação, e outras similhantes pobrezas.

E que mal te fez na porta,
Pae que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer que peçam á filha
Um bocado de Comporta? (p. 251)

Porta no primeiro verso está mettida a martello para rimar com *Comporta*, e talvez se possa dizer que *torta* (cabelleira) está no mesmo caso. A p. 175, em tres quintilhas successivas accumula d'estes exemplos, cada qual mais triste: na 3.ª quintilha, *suspiro* no primeiro verso rima com *suspiro* no quinto: na 4.ª, *falto* no

primeiro verso rima com *falto* no terceiro: na 5.ª, *infelizes* no segundo verso rima com *felizes* no quarto, etc. Não obstante, são do contemporaneo mais auctorisado n'esta materia, as seguintes palavras: «Bocage é ainda n'isto *(de rimas)* um dos modelos menos arriscados. Em diverso genero, a rima de Tolentino é tambem magistral.» (1

Tambem pecca em unisonancias tediosas.

— Dizes que um, *o qual eu calo* (p. 244)

— *Porém tambem não são* crimes (p. 245)

são versos detestaveis pelo que offendem o ouvido, e parecem dobre de sino. Ás vezes é escuro, e não deixa perceber o pensamento, como por exemplo n'uma das decimas ao leigo vesgo a quem tocou na cabeça a ponta d'um espadim:

Da repentina estocada
Cáe o padre desmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveu,
Sabes o que te valeu?
Foi já teres almoçado. (p. 304)

Mas que succederia ao aggressor diante de olhos vesgos, se estivesse em jejum? Quem puder que adivinhe, e tambem descubra as leis desta singular concordancia:

E para que mais exaltes
Este amor que bem penetras,
Commigo das tuas letras
Peço que nunca me faltes. (p. 309)

Emprega muito o relativo *lhe* por *lhes*. Se é negligencia commum nos nossos classicos, nem por isso se lhe deve chamar simples neologismo.

Minhas fieis *expressões*,
Filhas de amor e saudade,
O que não tem em poesia,
Lhe vae supprido em verdade. (p. 58)

— Sabem os *deuses*, e por *elles* juro,
Que os votos que *lhe* offreço.... (p. 373)

Ás vezes a sua metaphora manqueja, pela rapida e mutua transformação do moral em physico, e do physico em moral.

Tem tambem o defeito de tautologia ou battologia

1) Sr. A. F. de Castilho, *Tratado de metrificação portugueza*. 2.ª ed., p. 114.

ingrata, por não ser filha de inspiração mas de fraqueza:

— De amar-te *nunca nunca* me arrependo (p. 53)

— *Conta, conta* aos caminhantes (p. 322)

— *Vós sois, vós sois* o motivo (p. 327)

Quaes foram os generos de poesia que Tolentino cultivou?

O epigrammatico, o lyrico, e o didactico.

Dos pastoril, elegiaco, descriptivo, epico, e dramatico [1] não deixou documentos.

Do genero epigrammatico, apenas cultivou as especies *soneto* e *decima*, não deixando nenhum madrigal. Da especie *epigramma* propriamente dito, só conhecemos d'elle, aquelle que nos seus primeiros annos fez ao grande nariz do major suisso Berman, que por não saber a lingua portugueza o tomou como grande comprimento.

Inda Berman discorria
Pelas cortes estrangeiras,
E já nas nossas fronteiras
Parte d'elle apparecia. [2]

Não sabemos se póde absolutamente dizer-se que *no genero epigrammatico Tolentino apresenta bellezas da primeira ordem* [3]; entretanto nos seus sonetos jocoserios e satyricos ha alguns de merecimento, que é inferior nos de assumpto serio, em que se não mostra muito engenhoso nas idéas, e é frio na expressão, pobre na rima, e pouco harmonioso no verso. [4] Se a respeito de todos os do poeta se não póde dizer que *são vivos, poeticos, tem uma concisão e graça natural, que os tornam mui bellos* [5], porque pelas suas apertadissimas difficuldades os sonetos, como pequenos poemas, para merecerem o nome de perfeitos pedem nobreza e elevação de pensamento, linguagem viva e melodiosa, contorno apurado nos versos, bellezas crescentes e graduadas do principio ao fim; alguns ha entre os de To-

1) O sr. Borges de Figueiredo, na primeira edição do seu *Bosquejo historico de litteratura classica*, guiando-se, talvez com demasiada confiança, pelo *Résumé de l'histoire littéraire de Portugal* do sr. Ferdinand Diniz, deixou, com este, de fallar em Nicolau Tolentino, falta que logo procurou sanar na segunda edição, onde attribue ao poeta a composição de *dramas*, que *mereceram no seu tempo os applausos dos eruditos*. Esta asserção, que reappareceu na terceira edição, não tinha o menor fundamento plausivel, salvo se se suppunham dramas umas *loas* que, dizem, o poeta fizéra para se recitarem e cantarem no cirio do Cabo (*Vida do poeta*, p. 21). D'ahi nasceu uma breve mas espirituosa critica do sr. José Affonso Botelho Andrade, nosso comprovinciano, que sob o titulo *Nicolau Tolentino d'Almeida* se publicou no semanario da cidade da Horta, intitulado *O Fayalense*, v. I p. 331, 363, 379.

2) Sr. marquez de Resende, *Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz*, no *Panorama*, XII, 213.

3) *Vida do poeta*, p. 24.

4) *Costa e Silva*, na *Rev. Univ. Lisb.*, VI, 474.

5) *Vida do poeta*, p. 24.

lentino, que tem merecido aos criticos especial commemoração. Almeida Garrett, [1] e Costa e Silva [2] concordam no merecimento do soneto ácerca do colchão dentro do toucado, que começa:

> Chaves na mão, melena desgrenhada (1.° p. 39)

Costa e Silva, [3] e Bouterweek [4] pensam da mesma fórma sobre o do taful que protestou não apontar á banca:

> Que tornas a apontar, prometto e attesto (2.° p. 42)

Almeida Garrett distingue mais [5] os a uma sege de aluguer:

> Que sege, senhor conde? eu fiz um voto (1.° p. 35)

a dois velhos jogando o gamão:

> Em escura botica encantoados (1.° p. 42)

deitando um cavallo á margem: [6]

> Váe, misero cavallo lazarento (2.° p. 51)

Outra escolha, talvez menos selecta, [7] distingue os sonetos ao sujeito que pela primeira vez se tosqueou para pôr cabelleira:

> Desaffronta esses cascos cabelludos (2.° p. 27)

pintando uma bulha de dois bebedos:

> De descalços miq'letes rodeado (2. p. 30)

a uns annos:

1) *Parnaso lusitano*, III, 28.
2) *Rev. Univ. Lisb.* VI, 474.
3) *Ibid.*
4) *History of span. and port. literature*, II, 385.
5) *Parnaso lusitano*, III, 26-28.
6) Este soneto de Tolentino deu logar a outro de Antonio Lobo de Carvalho, que está 133 das suas *Poesias joviaes e satyricas*, e é como se segue:

> De teu cavallo a morte desastrada
> Cubra, amigo, o Parnaso, de baeta,
> Que a uma musa é pesada uma muleta
> De *virus* e sezões já derrotada:
>
> A fome aqui não teve culpa em nada;
> Que isso é bom para um misero forreta,
> E as bestas em serviço de poeta
> Comem silvas melhor do que cevada:
>
> Algum mormo francez, ou rheuma impura
> Lhe pegaste em pello, que maldictos
> Resabios estes, que jámais tem cura!
>
> Mas para gloria de rocins bonitos,
> Morresse d'uma, ou d'outra matadura,
> Tu fazel-o immortel nos teus escriptos.

7) *Vida do poeta*, 24-25.

Um taful que passou ao vosso lado (2.º p. 31)

descripção d'um paralta amaltezado:

Um vulto cuja fórma desconsola (2.º p. 34)

ás fivelas grandes:

Em curto josésinho rebuçado (2.º p. 46)

a um sonho: [1]

Depois que á luz de trémula candeia (2.º p. 48)

A *decima* é especie que demanda versos mais sonoros, correctos, e por isso despidos quanto ser possa de amplas licenças poeticas. Quanto cheira a imperfeição, e ainda a falta de bellezas, é nella mui sensivel. Será por estas exigencias apertadas, que o grande poeta e grande mestre de poesia nacional, diz d'ella que: — «o seu tempo parece ter passado com os oiteiros e as glosas; *e que* um gosto extremado não achará n'essa perda muito que deplorar»? [2]

As decimas de Tolentino mostram certa egualdade de correcção, exceptuando as glosadas, que accumulam muitos defeitos, principalmente se são a serio. O *Parnaso Lusitano* [3] dá como amostra das primeiras as que o poeta fez a um leigo vesgo, que nunca teve fastio e a quem por acaso tocou na cabeça a ponta d'um espadim, manejado n'uma scena jocoseria pelo coronel Luiz Clavier, ajudante de ordens do marquez de Angeja; [4] e começam:

Feriu sacrilega espada (p. 303)

1) Contra Tolentino, por causa d'este sonho, fez Lobo este soneto (*Poes. jov. e saty.* p. 131):

Um homem tal e qual, um tal sujeito,
Nicolau Tolentino sem mais nada,
Que com dispensa a veneranda espada
De São Thiago traz no inchado peito:

Sonhou que official estava feito
D'uma secretaria, e n'esta andada,
Que tinha sege, e moço na escada,
E um simples panno para a porta feito:

Lembrou-lhe o az de copas por escudo,
Com outras cartas mais de corriola,
Armas proprias do seu tão grande estudo:

Eis que bate um rapaz na dura argola,
Acorda o dom Quixote, foi-se tudo,
E fica, como d'antes, mestre eschola!

Talvez por esta, ou que taes censuras, é que Tolentino fez, desculpando o primeiro *que a ninguem offendia*, o soneto que começa:

Atiça, ó moço, a moribunda chamma (1.º p. 49)

2) Sr. A. F. de Castilho, *Tratado de metrificação portugueza*, p. 130

4) Tomo III, p. 231, repetidas no t. VI, p. 310.

3) Sr. marquez de Resende, *Descrip. e record. hist. do paço e quinta de Queluz*, no *Panorama*, vol. XIV, 6.

Transcreve tambem [1] a glosa ao mote

Não tem côr de cardeal (p. 312)

e a replica de Tolentino ao padre aggredido na antecedente:

Que venham fuscos garraios (p. 313)

São tambem dignas de ler-se as que fez ao encontro das duas açafatas:

Em sege estreita entaipados (p. 285)

e as do famoso encontro com os carreiros da Enxára:

N'uma infeliz madrugada. (p. 298)

O fogo, a vivacidade, devem predominar no genero lyrico: o tom póde ser mais apaixonado, o estilo mais atrevido, que o que simples narração consentiria. Póde aspirar tanto ao grande e ao sublime, como entregar-se á singela expressão da alegria e do prazer.

Os poucos ensaios que Tolentino fez n'este genero foram coroados de tão infeliz resultado, que desesperado de não poder compor segundo os preceitos do gosto, desencadeou iras contra o lyrismo.

Não ha d'elle mais que algumas poucas odes, e nenhuma merece tal nome. Ninguem ainda mostrou mais negação para esta poesia, á qual não soube dar nem colorido, nem vôos, nem impetuosidade, nem a desordem de que falla Boileau. [2]

«As odes de Tolentino são as mais pêcas e insignificantes obrinhas, que lhe saíram da penna.» [3] A primeira que compoz foi em louvor da amizade (p. 372) e todas as outras, que não accusam mais disposição nem progresso, se lhe parecem. Elle mesmo o reconheceu logo, ou opinião alheia lh'o advertiu:

Tu não tens doces vozes moduladas,
Que os mansos ares talham;
As nove irmãs, por ti tanto invocadas,
De tuas odes ralham. (p. 361)

E com que despeito e amargura, esquecendo mal succedidas tentativas, e dissimulando a verdade, diz:

1) *Parnaso lusitano*, vi, 301.
2) Costa e Silva, na *Rev. Univ. Lisb.* vi, 474.
3) Sr. Botelho-Andrade, no *Fayalense*, v. i, 383.

O deus, que nunca em mim viu
De odes mouras a mania, (1)
Que sem o assumpto honrarem
Lhe deshonram a poesia? (p. 90)

Na frenetica mania d'aquelle mau poeta que introduz na satyra do *Bilhar* continúa a mesma injusta prevenção:

Sei tudo e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos ursos todo o mundo acode,
O estilo é sibyllino, o nome é ode.

Fazel-as eu não posso nem desejo,
Porém sei conhecel-as facilmente:
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue, madido tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo, eu vejo...
Em dizendo isto, é ode certamente;
É filha d'arte a escuridade d'ellas.
É um preceito das *desordens bellas*.

As taes poesias, que a entender não chego,
Podres palavras tem desenterrado;
Se levam nó é tão occulto e cego,
Que quem quer desatal-o, váe logrado;
Dizem que imitam n'isto um certo grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de ouro
Seria grega, mas fallava mouro. (p. 279-280)

Chegado quasi ao termo da existencia ainda o antigo preconceito não estava esquecido nem extincto, que de 1804 são estes versos:

Fogosos vates emprehendam
Altos vôos n'este dia:
Musas com musas contendam:
Saiam odes á porfia;
E queira Deus que se entendam. (p. 190)

Mas qual seria a razão de serem incombinaveis este genero e o poeta? Talvez que por elle ter, como muitos outros, formado do genero lyrico a exaggerada opinião de que o enthusiasmo é o seu caracter unico, verdadeiro e constante, sendo-lhe por isso inalienaveis vivacidade, impeto, vehemencia extraordinaria. A essa situação é que não podia remontar-se quem tão inimigo se mostrára sempre das emoções fortes e arriscadas; e por compleição, foi levado a gastar grande parte da vida nos amores e nos prazeres.

A poesia do genero didactico, cujo principal merecimento está na precisão dos pensamentos, na verdade dos principios, na clareza e opportunidade das explica-

(1) Outra lição:

Que de altas magicas odes
Nunca me viu a mania. (p. 90)

ções e dos exemplos, na introducção de pessoas e circunstancias que divirtam a imaginação e encubram a aridez do assumpto, aformoseando-o com pinturas poeticas; foi a que Tolentino particularmente cultivou com melhor e mais celebrado exito. Este genero que lhe facilitava muito a liberdade nos episodios ou incidentes ao assumpto principal, e em toda a casta de adornos, que servem depois de larga litania de aridos preceitos de desenfadar e recrear o leitor, casava-se melhor com o seu animo, inda que não chegasse a usar amplamente da liberdade concedida, nem empregasse todos os recursos que ella punha á sua disposição.

Na primeira especie do genero nada compoz: o poema didactico ainda assim pedia outra contenção d'espirito, outro estudo, mais paciencia, que a natural disposição d'aquella alma podia dar-lhe. Restringiu-se ás satyras e epistolas *(memoriaes e cartas)*, que tendo as mais das vezes por assumpto costumes e caracteres ordinarios da vida, admittiam em parte a facilidade e franqueza da conversação, brevidade na expressão dos preceitos, rapidez e concisão no estilo, gesto vivo e animado, agudeza penetrante para ferir a imaginação e conservar a attenção sempre acordada.

Nas epistolas *(memoriaes e cartas)* começam as verdadeiras glorias de Tolentino. Todos os memoriaes são considerados peças dignas de saboreada leitura, distinguindo-se e sobresaindo a todos o que dirigiu ao principe D. José:[1]

Senhor, se não é injusto... (p. 169)

D'entre as cartas, Almeida Garrett e Costa e Silva[2] concordam em que são dignas de admiração particular, uma das mais graciosas, a em que aconselha o cabelleireiro Luiz, que debuxava e tocava bandolim, a que não continue a fazer versos:

Pois que o talento inquieto: (p. 128)

e á preta que pretendia que a obsequiassem,

Domingas, debalde queres. (p. 147),

A esta ultima composição chama Costa e Silva *verdadeiramente graciosa e original n'este genero*, mas acrescenta — « que a idéa primaria... a tirou o auctor das rimas de João Cardoso da Costa, poeta não

1) *Parnaso lusitano*, v, 65 — *Vida do poeta*, 28.
2) *Ibid.* v, 50 52 — *Rev. Univ. Lisb.* vi, 498-499.

despiciendo do seculo de seiscentos [1]; mas Tolentino soube fazel-a sua por meio das graças do estilo». [2] Parece-nos haver fundamento para duvidar d'esta insinuada imitação, quando não ha o menor ponto de contacto entre o desenho das duas poesias, e só do *romance* imitando o titulo *a uma negra captiva, e mui presumida*. Para fazer o leitor juiz d'este nosso escrupulo pedimos venia para lhe apresentar mais esta peça do processo. [3]

Sismonde de Sismondi [4] diz que das obras de Tolentino aquellas em que achou mais elevação de sentimentos, e mais inspiração poetica, foram as cartas a um amigo, louvando-lhe o estado de casado:

Foi este ó ditoso dia (p. 208)

e ao desembargador Sebastião Antonio da Cruz Sobral,

1) Aliás *setecentos*, porque nasceu em 1693, e só floresceu no seculo seguinte.
2) *Rev. Univ. Lisb.* VI, 489.
3) João Cardoso da Costa, juiz dos orfãos na cidade de Lamego, *Musa pueril*, Lisboa, 1736, p. 390-392:

Vem cá, pau de chocolate,
Minha Cloris de cachimbo,
Como te fazes senhora,
Se em captiveiro te sinto?

Não és a mesma, que em Congo
Tiveste o primeiro ninho,
Por pae um negro da terra
Neto de um monobugio?

Não é tua mãe aquelle
Medonho cação roliço
Com olhos como marmellos
Na pesca do grão de milho?

Não tens as pernas cambaias,
Não tens os pés retorcidos,
Com orelhas de morcego,
Dentes pelo branco lisos?

Não tens os braços disformes,
E em cada dedo um chouriço?
Não tens carapinha negra,
Não tens os peitos caidos?

Não és dos pés á cabeça
Um caramujo comprido,
Um mexilhão encascado
Na mesma cor do teu brio?

Não és gran cachorra em tudo,
A quem de teus paes tem vindo
O sangue, que só se compra
Em quanto negro captivo?

Não és a que vás á praia,
Não és a que vás ao rio,
E por mais que lá te laves,
Não fica o negro comtigo?

Não és um demonio em carne,
Mais feia do que te pinto?
Monstro de pés e cabeça,
De peitos até o embigo?

Não és aquella que em rancho
Faz forgamenta ao domingo,
E esse tambor do rei Mina
Não é o teu melhor brinco?

Não és aquella carranca
De coca para os minimos?
Não tens os olhos em branco,
Sombra da noite dormindo?

Não és hoje n'esta corte
Mondongueira do districto;
Calcanhar de pé de cabra,
Unhas sem nenhum feitio?

Não vieste em trabuzana
Parida á maré do mijo?
O manicaca teu pae,
Não te fez sendo bugio?

Tua mãe por bujamé
Não foi canzarrona n'isto?
Não te deixou n'esse couro
Esse infame sobrescripto?

Leve-te o diabo a pelle,
O demo fuja comtigo,
Para que nunca te enfronhes
Em tão grandes desatinos.

Arre lá com a cachorra!
Ha de haver quem soffra isto?
Querer presumir de branca
Quem tem de negra o vestido?

Hei de ver se assim te emendas!
E se não te emendas d'isso,
Por certo que de outra sorte
Te hei de dar segundo aviso.

4) *De la litt. du midi de l'Europe*, II, 682.

desculpando-se com a velhice por não fazer versos em honra do cantor italiano Crescentini:

Bom Sobral o que eu te disse (p. 103)

Almeida Garrett [1] que de algumas poesias já citadas, e da carta em que o poeta offereceu um *perum*, em casa onde todos os domingos lhe davam este prato:

Senhora tambem um dia (p. 138)

diz que tem «bellezas que só não admirarão atrabiliarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gosto da natureza» acha um contradictor em Costa e Silva: «esta composição... me pareceu sempre de muito mau gosto, e mais propria para escandalisar que para divertir a pessoa a quem é dirigida.» [2]

Chegámos ás melhores composições e á gloria de Tolentino. Foi sempre *grandemente admirado pelas pungentes satyras* [3]: — «Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nósso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalisar; começando sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros.» [4] «Fugindo da acrimonia de Juvenal, soube... imitar em suas satyras a doçura e moderação de Horacio, qualidades que quadravam a seu genio gracioso; e assim reprehendeu elle os vicios sem descer á personalidade.» [5] Nicolau Tolentino escreveu *com justo applauso na poesia satyrica.* [6]

O proprio poeta de si diz, que «a estimação de Horacio, e o desterro de Juvenal, de mistura com o meu genio, me ensinaram a fallar com moderação.» (p. 212) Egual cuidado punha em imitar Boileau:

Medonhas caras sem dó
Vem furtar a Tolentino
O que elle furta a Boileau. (p. 87)

— Linguas caseos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos louros furtados
Do sepulchro de Boileau. (p. 213)

O que diz dos principios em que julgava que a satyra devia assentar? Diz que a satyra deve ter «por objecto os costumes, sem que a sua critica aponte,

1) *Parnaso lusitano*, I, LXIII — V, 49.
2) *Rev. Univ. Lisbon.*, VI, 490.
3) Bouterweek, *Hist. of spand. and portug. liter.* II, 385.
4) Almeida Garrett, no *Parnaso lusitano* I, LXIII.
5) Sr. Borges de Figueiredo, *Bosquejo hist. da litt. class.* p. 190.
6) Francisco Freire de Carvalho, *Lições elementares de poetica nacional*, 1851, p. 80.

nem remotamente, individuo algum em particular.» (p. 212) Que «o vulgo ignorante confunde as satyras com os libellos infamatorios: as que ha d'esta natureza são um crime do poeta, que quer emendar erros, fazendo mais um.» (p. 221) Que a satyra «se excitar riso em uns, não o tire das lagrimas de outros.» (p. 222)

Das satyras que nos restam de Tolentino só uma póde dizer-se que renegou aquelles principios, desgarrando em personalidade: foi a *Quixotada* por occasião da quéda politica do marquez de Pombal. De todas é a menos feliz, e parece condemnada a isso pelo erro inicial do poeta, que falto de magnanimidade, ou desejoso de lisonjear astros que de novo nasciam, apedrejava o sol no occaso!

Ou outras poesias d'esta natureza, que se podem julgar perdidas; [1] ou interpretação desfavoravel, e applicações pessoaes das generalidades das outras satyras, expuzeram inda assim o auctor ao vituperio d'alguns. Não o esconde nos conselhos que dá á sua musa:

Mais carapuças não teças;
Que importa dal-as ao vento
Se podem achar cabeças?

Tendo as satyras por boas...
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidam que é nas pessoas. (p. 214)

Põe na bocca um cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço:
Emprega melhor teu canto;

E pois queres que te louvem,
Mão das satyras levanto:
Poesias que os homens ouvem,
Um com riso, e cem com pranto. (p. 220)

Conhecendo quanto das satyras se doiam, para rehaver complacencias e desarmar inimigos parece propor-se a acabar com ellas. Mas cumpril-o-hia? A da *Guerra* (1778) em que isto promette, é anterior á do *Passeio* offerecida a D. Martinho d'Almeida (1779), e provavelmente á do *Velho!*

Os criticos mais conscienciosos são unanimes em distinguir sobre todas as satyras de Tolentino, a do *Bilhar*. Só temos conhecimento d'uma unica apreciação diversa, que a todas antepoz a da *Guerra* e a dos *Amantes!* [2]

Da do *Bilhar* disse o collector do *Parnaso Lusi-*

1) «Nicolau Tolentino sabia que peccava, e peccou. Valeu-se da satyra para atacar pessoalmente; e esta com tal ridiculo, que era impossivel á pessoa satyrisada, o não ser desprezada, mas felizmente essas satyras desappareceram. Apenas nas obras posthumas se lê uma com o titulo de *Quixotada*.» *Vida do poeta*, p. 33.

2) Sr. Borges de Figueiredo, *Bosq. hist. de litt. class.* p. 190.

tano: [1] «Esta satyra é olhada pelos conhecedores como uma obra prima no seu genero. Que singeleza unida a uma arte infinita! que propriedade de estilo, e que atticismo! É impossivel narrar melhor. O auctor possuía o segredo de dar vida e graça a tudo.» Depois do *Bilhar* considerava em merecimento decrescente as dos *Amantes*, *Passeio* e *Funcção*. [2] As da *Guerra* e a do *Velho* só foram collecciouadas mais tarde quando se repetiram todas as outras n'um volume de satyricos. [3] Costa e Silva, depois da satyra do *Bilhar*, dá preferencia ás da *Guerra* e dos *Amantes*. [4]

Só analyse e comparação miuda de todas podia deixar apreciar melhor as razões d'esta varia predilecção. Mas isso, que ainda ninguem fez, não o emprehenderemos nós, que nem lhe achâmos grande utilidade, nem o julgâmos indispensavel ao nosso fim.

A satyra do *Bilhar* (p. 275), além d'algumas superioridades de fórma, sendo a unica escripta em oitava rima, tem o merito, que será reconhecido em todos os tempos, de pintar costumes, e flagellar vicios que sempre acompanham os homens. Quem não vê ainda palpitar aquelle *bando de casquilhos*, encostado as tabellas, a altercarem em *mil questões*, a decidirem do que não entendem? A picaria, a prova do *virginal florete*, o elogio e imitação da dançarina, as aventuras d'amor, as sensações do jogo de paro, aquelle sujo e impertinente poeta que da loja fazia academia, [5] aquella surpreza da policia, com a qual os jogadores capitulam *em dinheiro de contado*, tudo isto compõe quadro animadissimo, ao qual não falta unidade na propria variedade, cheio de vida e de accidentes qual d'elles mais notavel e mais conhecido dos que *são*, e dos que *serão!*

De muitos incidentes das outras satyras já se não póde dizer o mesmo ácerca de serem egualmente conhecidos e apreciados hoje. Entretanto a dos *Amantes* (p. 222) «abunda de pinturas mui vivas, em que o auctor desprega a natural tendencia para a maledicencia e os bons ditos.» [6] N'esta peça poetica, ha partes em que

1) *Parnaso lusitano*, III, 90.

2) Ibid., p. 107, 120 e 134. Todas estas quatro satyras tornaram a ser reproduzidas no t. VI, chamado dos satyricos, p. 201, 229, 249 e 263.

3) Ibid., VI, 211 e 281.

4) *Rev. Univ. Lisb.*, VI, 484-485.

5) .... ce rimeur furieux
... de ses vains écrits lecteur harmonieux,
Aborde en récitant quiconque le salue,
Et poursuit de ses vers les passans dans la rue.
Il n'est temple si saint des anges respecté
Qui soit contre sa muse un lieu de sûreté. (BOILEAU.)

6) Costa e Silva, *Rev. Univ. Lisb.* VI, 485.

se admira, correctissimo, o verdadeiro estilo da satyra. Aquelle fofo morgado, solto dos tutores, que

> De Filis a escada emboca...
> E armando um mappa geral
> Das suas immensas rendas,
> Váe-se sem lhe dar real: (p. 224)

aquelle

> ...novel basbaque,
> Que gravesinho namora: (p. 224)

aquelle cocheiro apaixonado

> Com os olhos na trapeira: (p. 226)

aquella *velha presumida*

> Cuja bocca pestilente,
> Ante um espelho ensaiada,
> Torcendo-se destramente,
> Aprende a abrir a risada
> Por onde ainda resta um dente: [1] (p. 227)

aquelles freiraticos, que então abundavam muito, aquelles ecclesiasticos namoradores de freiras, que mereceram do poeta tão larga carapuça, aquella linguagem da freira affectada, e ridiculamente conceituosa «delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico, confeitada de phrases de conventual invenção, cujo significado *era* só claro para os adeptos»; [2] aquelles amantes que

> Dentro de enrolada esteira
> Ficam n'um canto emboscados: (p. 231)

tudo isto são traços d'uma physionomia social, que o tempo póde ter parcialmente modificado, mas que se reconhece logo que sobre elles está o ridiculo tão destramente espalhado, que longe de prejudicar a verdade, lhe dá pelo contrario mais força e mais encanto.

Na satyra do *Passeio* (p. 234) a pintura dos petimetres estrangeirados ainda resplandecerá por muito tempo com brilhantissimas côres. Os politicos do monte de Santa-Catharina, esses é que desappareceram de todo, e só a tradição os aviventa; como aquella assemblea, verdadeiro typo de muitas do seu tempo. Charlatães é que ainda se não acabaram, nem acabarão nunca!

1) T. M. Hughes, no seu poema *The Ocean Flower*, Londres, 1845, p. 95, traduz em inglez esta quintilha d'este modo:

> Her mouth that yields unsavoury breath
> Before a glass she twists and strains,
> To teach it on that side to smile
> Where still a tooth remains!

2) Filinto Elysio.

A satyra da *Funcção* (p. 243) é a unica em que emprega o dialogo. Convida-o a musa a satyrisar os ridiculos do seu tempo: o poeta declina a tarefa e toma o partido dos satyrisados, mas defende-os e desculpa-os de modo que ainda mais os azorraga. O tom ironico que emprega, imitação de bons modelos, faz d'esta satyra uma bella composição no genero. A cavalgata de burrinhos, as donzellas, os adoradores, as excursões e perdições pela quinta, o jantar, as contradanças, as cantigas, os jogos, o regresso, são episodios mui variados que não deixam perceber aborrecimento ou cançaço na descripção.

Co'a pintada sobrancelha
Vae sósinha passeando
Boa mãe, sincera velha;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pelliça, ora a telha;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está São Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração. (p. 246)

Esta ultima quintilha é bellissima, de idéa tão original como engraçada, propria do genero, e digna de Boileau.

As satyras da *Guerra*, do *Velho* e da *Quixotada*, talvez se possam dizer as inferiores. Na primeira d'estas ha mais philosophia, que ridiculos, e por isso o tom não podia ser festivo. Os paradoxos são expostos e denunciados com finura:

As guerras precisas são;
N'ellas a paz se assegura. ([1] p. 215)

Digna do auctor do *Lutrin* e no seu estilo, é a reflexão que o nosso satyrico faz ao *Te Deum*, que costumam celebrar depois das victorias militares; philosophia que honra tanto mais o espirito de Tolentino, emittindo-a em 1778, quanto era idéa que não podia dizer-se colhida nas *Ruinas* de Volney que só appareceram em 1791.

1) Este nos faz lembrar um, porque Napoleão III foi ridicularisado em Inglaterra, quando em 1859 se envolvia na guerra de Italia no meio de fervorosas protestações de paz. N'uma especie de comedia representada por titeres de tamanho natural, vimos, no theatro do jardim de Cremorne, em King's road Chelsa, Londres, figurar a França, a Gran-Bretanha, membros d'ambos os governos e attributos d'uma e d'outra nação. Albion era representada por uma grande e bella mulher; a França por uma mulherita, pequena, delicada e arrebicada. Lembra-nos bem a primeira pergunta dirigida pela nação insular e a resposta da continental:

Albion — Para que é esta guerra?
França — Para conservar a paz!

Tal era o fundamento de toda a acção, e já d'antes esta contradicção nos tinha assaltado o espirito, quando pensavamos no engenhoso cuidado e policia das casas mortuarias (que nunca resuscitaram ninguem) e vimos as *casernas* de Paris despejarem todos os dias regimentos sobre o caminho de ferro de Leão e Mediterraneo! Aqui tanto desvelo em salvar a humanidade; alli tanta indifferença em a sacrificar!

Entre horrorosos tropheos
O general deshumano
Manda falso incenso aos ceos;
E de espalhar sangue humano
Vae dando louvor a Deus. (p. 216)

As tres quintilhas que a esta se seguem, começando:

Dizes que se compra quina (p. 216)

e acabando:

Dez mil homens n'um minuto (p. 217)

foram as que Bouterweek [1] escolheu para transcrever como amostra d'estes poemas satyricos.

Por ultimo é admiravel a ironia com que, precursor do malthusianismo, se faz pregoeiro d'este singular principio:

Se os homens se não matassem,
E impunemente crescessem,
Póde ser que não achassem
Nem fontes de que bebessem,
Nem campos que semeassem. (p. 218)

Na satyra do *Velho*, (p. 254) começa por si, antes de fallar de Lesbia, que

...fiada no alvaiade,
Quer tributos na velhice,
Sem os ter na mocidade (p. 257)

A situação que vae descrever é naturalissima, inimitavelmente comica, rival d'aquella que, na *Funcção*, á estatua de Venus nua, fazia oração e mesura:

... a surda orelha applicando,
Por mostrar que ouvira tudo,
Vae co'a cabeça approvando
Maganão que em ar sisudo,
Serpente lhe está chamando. (p. 258)

O episodio do criado velho, achado no inferno pelo amo moço, ambos levados alli, este por ter sido ladrão para enriquecer o filho, aquelle

Por ser o pae de tal filho; (p. 267)

é bom, e contado como está, com brevidade e espirito, interrompe a monotonia do monologo.

O fim evidente de toda esta satyra era ridiculisar os velhos que se entregam confiada e apaixonadamente a pessoas de inferior e desproporcionada edade, com a candura de acreditarem na fidelidade e leal retribuição de affecto da parte d'ellas.

1) *Hist. of span. and portug. litter.* II, 396.

Da *Quixotada* temos dito quanto basta.

Na especie satyrica não faltou philosophia ao poeta, que soube fustigar os erros da humanidade e expor-lhe os vicios, cobertos de ridiculo, no pelourinho do desprezo publico. Principalmente as loucuras da sua terra e do seu tempo não as poupou. Revelou que tinha grande estudo dos mais famosos mestres, inda que talvez houvesse quem desejasse vel-o aproveitar-se mais d'algumas liberdades que elles auctorisavam, aperfeiçoando ainda estas mais perfeitas das suas composições, colorindo-as com parémias da nossa lingua, usando mais do dialogo, episodiando com anecdotas e historietas, como os satyricos latinos e muitos dos modernos de maior reputação, em logar de enlaçar, como commummente faz, descripção em descripção, invectiva em invectiva. Podia ter imitado de Horacio, (já que diz havel-o preferido a Juvenal, para mestre) a alternativa da censura e do louvor, que torna a satyra menos pesada, e lhe tira o ar misanthropo que em muitas partes obscurece as suas. Podia ter sido menos Timon, que a ninguem poupa, e parece que a ninguem ama. Entretanto, assim mesmo, as satyras, como as compoz, são para elle e para a poesia portugueza um titulo de verdadeira gloria.

Todas as satyras (á excepção da do *Bilhar*), memoriaes e algumas cartas de Tolentino, são escriptas em quintilhas, metro e composição nacional que fez reviver modernamente. Elle proprio diz, que a musa que presidia ás suas trovas, affeita ás «proveitosas lições dos nossos dois portuguezes, Bernardim Ribeiro, e Francisco de Sá de Miranda... crearam insensivelmente no *seu* coração amor a esta especie de poesia... e rimou em quintilhas...» (p. 182) E ainda que verdadeira ou falsa modestia o leva a dizer, que só aprendêra o rimal-as:

> Sá de Miranda...
> ...em quem das doces quintilhas
> Sómente a rima aprendi: (p. 177)

é incontestavel que escreveu com *justo applauso em forma de quintilhas;* [1] merecendo que d'elle e d'ellas dissesse o grande Elpino Duriense, [2] convidando Lereno para leitura de peças joviaes de Cervantes, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, de Sá de Miranda, e de Antonio Ferreira:

1) Freire de Carvalho, *Lições elementares de poetica nacional,* 1851, p. 80.
2) *Poesias*, II, 226.

...... se ajuntar quizeres
Obra da nossaedade, a mór, que temos,
Ajunta-lhe as Quintilhas saborosas
Do claro Tolentino:

Primores cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flores de toda a varia côr lançarão
Em seu regaço as Musas.

Se na philosophia, na força e profundidade do pensamento, póde ser julgado inferior a seu mestre Sá de Miranda, *principe das quintilhas portuguezas*, [1] é-lhe por certo superior no methodo e facilidade de expressão. [2]

Em conclusão d'esta parte do nosso ensaio devemos dizer que não é sem reparo faltar a commemoração devida a Tolentino n'algumas obras a que essa obrigação parecia inherente. O sr. Ferdinand Dinis, omittiu-o, ou esqueceu-o no *Résumé de l'histoire litteraire du Portugal* (Paris 1826); falta tanto menos desculpavel, quanto é certo haver tomado por guia Bouterweek, Sismondi, e Balbi, que não incorreram n'ella. Outro tanto se póde dizer de Adamson, na *Lusitania illustrata*, [3] onde Tolentino tinha quasi direito imprescriptivel a figurar entre Antonio Barbosa Bacellar, Violante do Ceo, Francisco de Vasconcellos Coutinho, Garção, Diniz, Quita, Claudio Manuel da Costa, Joaquim Fortunato de Valladares Gamboa, João Xavier de Mattos, Paulino Cabral, Antonio Ribeiro dos Santos, Bocage, Francisco Manuel, conde da Barca, Domingos Maximiano Torres, e Curvo de Semedo.

Tem causado egual admiração o silencio que nas suas obras guardam a respeito um do outro, Tolentino e Bocage. Vejamos o que ácerca d'isto investigou um diligente biographo d'Elmano. [4]

«Ambos poetas, contemporaneos, residindo na mesma cidade e até fallecidos com pouco intervallo e enterrados ao pé um do outro, nem *Bocage* falla uma só vez nas suas obras de *Tolentino*, nem Tolentino de *Bocage!*

«Consultando sôbre esta singularidade alguns amigos do poeta (*Bocage*), foi-nos dito por *Assentiz* e o sr. *D.*,

1) Assim lhe chama o sr. A. F. de Castilho, no *Tratado de metrificação*, 1858, p. 124.
2) Costa e Silva, na *Rev. Univ. Lisb.* VI, 496.
3) *Lusitania Illustrata: notices on the history, antiquities, literature....of Portugal, by John Adamson*, New-Castle upon Tyne, 1842, 2 vol.
4) Sr. J. F. de Castilho, na *Livraria classica portugueza*, XXIII, 75-78.

Gastão (os quaes muito conversaram ambos os auctores) que não só tinham feito a mesma observação quanto ás obras, mas notado que, nas suas conversações nem *Tolentino* nem *Bocage* fallavam nunca um do outro, em bem nem em mal, levando este cuidado a ponto de affectação, pois quando de tal objecto se tratava, calavam-se elles!

«Uma Dama, porém, de altissima intelligencia, que a ambos os poetas conheceu, asseverou-nos que elles tiveram relações estreitas, contando-nos, por essa occasião esta anecdota.

«Estava *Bocage* encostado ao umbral da porta de uma loja, do Rocio, apparentemente pensativo e absorto, quando *Tolentino,* chegando-se-lhe ao ouvido, pergunta:

> Elmano, a lyra divina
> Porque razão emmudece?

ao que logo *Bocage* respondeu:

> Porque mais cala no mundo
> Quem mais o mundo conhece.

Tornou *Tolentino:*

> Que tens achado no mundo
> Que mais assombro te faça?

Diz *Bocage* sem hesitar:

> Um poeta com ventura,
> Um toleirão com desgraça.

Dentro em poucos minutos, estavam os improvisadores rodeados de centenares de ouvintes; e, influidos pela emulação, continuaram longo tempo, sem ceder nem fraquejar, n'este formoso *echo,* em que já vimos ter tambem *Bressane* sido eminente.

«O Sr. *Banha,* parente de *Bocage,* deu-nos conta de outro *echo* entre ambos. Tanto um como outro tinham pés monstruosos, que mutuamente epigrammaram. Só se conservam porém os seguintes versos de *Bocage:*

> Se o Padre Santo tivesse
> Um pé tão longo e tão mau,
> Podéra mesmo de Roma
> Dar beija-pé em Macáu.

Tolentino fez-lhe este *(inédito)*:

Eram tres juntas de bois,
E d'aquelles mais selectos
A puxar pelos sapatos....
E os sapatos quietos! »

O espirito que Tolentino mostrou em muitas composições não o desmereceu nos apophthegmas, que infelizmente não consta fossem compilados, como muitos faziam ás suas poesias. Hão-de por isso attribuir-se-lhe os que não são d'elle, ou negarem-se-lhe os que lhe pertencem. Deixaremos aqui registados alguns.

I — Cerca da habitação do poeta morava um homem notoriamente rico. Uma noite, atacada a casa de Tolentino por ladrões, bradou-lhes este da janella:
— *Enganaram-se com a porta! É mais a baixo.*

II — Concorrendo n'uma casa com a celebre Catalani, não tirava d'ella olhos, porque só a tinha visto no theatro. A cantora reparando n'isto, perguntou-lhe, se nunca a tinha visto? — ao que elle respondeu:
— *De graça é a primeira vez!*

III — Indo visitar um novo palacio de certo personagem, que na casa tinha introduzido a agua do cano publico; perguntando-se-lhe qual era a cousa que alli mais lhe agradava? — disse:
— *As aguas furtadas!*

IV — Dirigindo-lhe a ronda uma noite a pergunta do costume — traz ferro? — respondeu que *sim*. Depois de ter feito por muito tempo esperar a patrulha, vasculhando na algibeira, tirou finalmente uma chavinha de carteira, tão pequena, que os espectadores não poderam conter a hilaridade!

V — N'uma rua, por onde casualmente passou de noite, um soldado da ronda que dava caça a um ladrão, apontando uma pistola ao peito de Tolentino lhe perguntou — para onde váe? — Respondeu-lhe pacificamente:
— *Para a outra vida, se dispara!* [1]

VI — A quéda do marquez de Pombal trouxera, com a justa soltura d'algumas infelizes victimas politicas, a indevida de muitos malfeitores, e entre estes a d'um certo Toribio que fôra carrasco. Depois d'isto, interro-

[1] *Vida do poeta*, 16-17.

gado o poeta por uma senhora, ácerca do modo de vida d'aquelle sujeito — respondeu:

— *Hoje vive de enforcar por casas particulares!*

VII — Afflicto um dia com dor de dentes, perguntou-lhe o conde de São-Lourenço, que o marquez de Pombal tivera em ferros por tantos annos, se queria fazer uso do segredo d'um jesuita que fôra seu companheiro de carcere? — respondeu-lhe vivamente:

— *Se é do segredo em que v. ex.ª esteve dezenove annos, não senhor!* [1]

VIII — Procurado um dia por um mau versejador, para lhe dizer, de dois sonetos que fizera a uma senhora, qual merecia a preferencia, lido o primeiro, respondeu logo Tolentino — que o outro era o melhor.

— Mas, como póde v. m. dizer isso se ainda não leu o segundo? (lhe tornou o importuno)

— *É que é impossivel ser peior que o primeiro!* [2]

Seja-nos agora licito, e tomado como prova de lealdade, encerrar este processo critico com a integra das suas mais importantes peças — testimunhos de julgadores que nos precederam.

Ouçamos Balbi.

«*As poesias satyricas* (les poésies satiriques) de Nicolau Tolentino de Almeida, sont tellement goûtées à cause de la naiveté du style avec lequel elles sont écrites, et qui est à la portée de tous les lecteurs, et à cause de la beauté de la versification et des images, et de la décence qui accompagne toujours la satire, qu'elles sont toujours placées dans les bibliothéques portuguaises entre celles de Sá et Miranda et Boileau. Le roi actuel les a fait imprimer à ses frais, et a fait ensuite présent de toute l'édition à l'auteur. Aucun poëte n'a aussi bien décrit les mœurs du temps. Il excelle surtout dans les *quintilhas* (couplets de cinq vers); son style est d'une finesse, d'un mordant, d'une couleur originale et d'un ton de décence et d'urbanité qui le mettent dans ce genre au-dessus de tous les poëtes portugais. Ce grand satirique a eu le rare talent de dépouiller ses ouvrages de tout fiel. Il n'y a pas de litterateur qui ne sache par cœur ses *Quintilhas.* [3] Il était simple professeur de rhé-

1) Sr. marquez de Resende, no *Panorama*, XIV, 2 e 4.

2) *Mosaico*, I, 232.

3) Como contrapeso a esta asserção de Balbi, aqui vae est'outra de Costa e Silva: — «quando eu pedia a esses enthusiastas de Tolentino que me recitassem alguns versos d'elle, raro era, o que estava em estado de produzir um soneto, ou algumas quintilhas suas.» *Rev. Univ. Lisb.* IV, 100.

torique, et le merite de ses satires lui valut une place de commis du bureau de l'interieur (officier de secretaria de estado.) » [1]

Bouterweek:

«...Nicolau Tolentino de Almeida... writer seems to be greatly admired for his poignant satires, which have for their subject various local relations in Lisbon. The wit of this poet, whose writings betray much dissatisfaction with his lot in life, is not always intelligible to a foreigner; but he evinces a decidely national spirit, which when combined with the representation of modern manners, becomes peculiarly interesting. In the works of Tolentino are revived most of the ancient national metres of the Portuguese in redondilhas.» [2]

Sismonde de Sismondi:

«J'ai parcouru les deux volumes de poésie publiés à Lisbonne em 1801, par *Nicolau Tolentino de Almeida*, professeur de rhétorique. Je sais qu'il a de la réputation parmi les portugais, mais je ne puis point découvrir en lui de sentiment poétique. Il me parait le flatteur a gages de grands seigneurs qui me sont inconnues: ses vers n'ont presque d'autre objet que de mendier des places et de l'argent, en maudissant le jeu, ou il perdait tout ce qu'il possedait. Dans ses sonnets, ses odes, ses épitres, et ses satires, je le trouve presque toujours bas, faible, et prosaique. Il y a sans doute pour les portugais quelque chose de burlesque dans le contraste entre la poesie et les sujets qu'il a traités; mais ce merite est perdu pour nous. Une *épitre* a un ami sur son mariage, t. 2. pag. 63; — une autre ou il se refuse a faire dans sa vieillesse des vers en l'honneur de *Crescentini*, t. 2. pag. 117, sont les deux piéces ou j'ai trouvé les sentiments les plus relevés et le plus d'inspiration poétique.» [3]

Almeida Garrett:

«Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalisar; começa sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de critico me tem obrigado a analysar, unico é este em cuja causa me dou por

1) *Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarve*, 1822, II, p CLXI-CLXII.
2) *History of spanish and portuguese literature*, 1823, II, 384.
3) *De la litterature du midi de l'Europe*, II, 692, ed. de Bruxellas, 1837.

suspeito: tanta é a paixão e cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquella *funcção de burrinhos*, aquelle *chá*, aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem*; o memorial ao principe, o presente do *perum*, são bellezas que só não admirarão atrabilarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gosto da natureza.» [1]

Costa e Silva:

«As epistolas e satyras de Nicolau Tolentino de Almeida, professor de rhetorica, e depois official de uma das secretarias de estado, são á similhança das de Sá e Miranda, a quem pretendeu imitar, escriptas em quintilhas e quartetos. Tem elle mais graça e melhor versificação que o seu modelo, porém menos philosophia; mas são talvez de todas as suas obras as unicas que ainda se lêem. Este poeta gozou em sua vida de uma reputação colossal. Os seus numerosos amigos, entre os quaes havia homens mui respeitaveis por seu saber, e por sua posição social, exaggeravam o seu merito: o padre Francisco José Freire o tinha em grande conta, o padre Joaquim de Foyos dizia que entre os poetas modernos de Portugal não conhecia senão dois que merecessem o nome de grandes, a saber, Antonio Diniz, e Nicolau Tolentino: e o desembargador Antonio Ribeiro dos Santos não duvidou de imprimir que as *Quintilhas saborosas* de Tolentino, eram a maior *obra* da *nossa edade*. Mas o dia da impressão veiu em fim mostrar que váe muita differença do juizo publico ao juizo dos salões; e Tolentino escrevêra mais para os salões que para o publico. A sociedade podia rir e interessar-se com versos de palmatoria e requerimentos de empregos, mas o publico quer mais alguma coisa que dois volumes que só fallam em rapazes, em tripode de pinho, em bancos, em eschola, em Quintiliano, em irmãs velhas, em fome, e petições de miseria. As mesmas satyras tem perdido todo o seu interesse, porque não tendo por objecto os vicios que são de todos os tempos, mas o ridiculo, que continuamente varía, tornam-se frias para os leitores que não conhecem os originaes, cujas copias se lhes apresentam. As assembléas tem hoje outro caracter, as funcções de burrinhos passaram de moda, e poucas pessoas sabem hoje aonde é a quinta de S. Martinho onde tantas funcções se fizeram. Nicolau Tolentino é um

1) *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, no *Parnaso lusitano* I, LXIII.

poeta que todos gabam, e que mui poucas pessoas lêem.»[1]

Borges de Figueiredo:

«Por estes tempos deu tambem honra ao nosso Parnaso *Nicolau Tolentino de Almeida*, a quem as musas favoreceram em muitos generos de poesia. A linguagem familiar, e sempre corrente e elegante, que apparece em seus *sonetos*, *odes*, *epistolas*, e outros generos, ha merecido os applausos dos eruditos: o que porém elevou mais sua gloria, foi certamente a poesia *satyrica*. Fugindo da acrimonia de Juvenal, soube Nicolau imitar em suas *satyras* a doçura e moderação de Horacio, qualidades que quadravam a seu genio gracioso; e assim reprehendeu elle os vicios, sem descer á personalidade. A satyra da *Guerra* e a dos *Amantes* são, sobre todas, dignas de serem lidas.»[2]

Coroaremos estes testimunhos com o do saudoso Filinto Elysio, cujo é o verso

« ...... Tolentino, que diverte e instrue.»[3]

1) *Poesias de José Maria da Costa e Silva*, III (Epistolas e epicedios) 1844, p. IX e X.
2) *Bosquejo historico da litteratura classica*, por Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, 1856, p. 190.
3) *Obras completas*, I, 420, ed. de Paris.

III

Se devemos crer os que se julgam bem informados, além das composições que de Tolentino nos restam, outras houve, que o auctor condemnou ao fogo. [1] De algumas apenas existe menção de que fossem, taes como:

Memoria sobre oratoria, para ser lida na academia real das sciencias:

Sermões que varios padres prégaram, « cheios (dizem) das maiores bellezas de eloquencia, e de altos pensamentos: » [2] sermões que é pena terem-se perdido, para podermos julgar da sua oratoria, melhor que o podêmos fazer pelas poucas e desenxabidas prosas que nos conservou.

Lóas, para serem recitadas e cantadas no cirio da Senhora do Cabo.

Sonetos, *Anacreonticas*, e outras peças poeticas, principalmente eroticas. [3]

Tambem attribuem a Tolentino muitas poesias *livres*; mas ainda que algumas compozesse, estariam mui longe de corresponder ao numero das que chrismaram com o seu nome.

Com isto parece vir concordar o testimunho de Costa e Silva, quando diz [4] — « As poesias que compõem os dois pequenos volumes que imprimiu *(em vida)*, formam uma pequena parte das que elle escreveu; e não são talvez as que os seus contemporaneos e amigos applaudiam mais: não deu as outras á luz porque estavam recheadas de personalidades, que não podiam decentemente apresentar-se ao publico. »

Os primeiros versos de Tolentino, que sabemos fossem impressos, ainda que saíram anonymos, foram-no em 1799 na *Miscellanea curiosa e proveitosa* (editôr Rolland), a saber:

Soneto á loteria ingleza (p. 39) — t. v, 310 :

Memorial a sua alteza (p. 169) — t. iv, 298:

Satyra aos Amantes (p. 222) — t. v, 332:

Satyra do Passeio (a que chamava *carta*) offerecida em 1779 a D. Martinho d'Almeida, estando no Alemtejo (p. 234) — t. iv, 311:

Satyra o Bilhar (p. 275) — t. i, 302:

1) *Vida do poeta*, 20.
2) *Ibid.*
3) *Ibid.*, p. 5, 21 e 27.
4) *Rev. Univ. Lisb.* vi, 300

Carta a um camarista (o conde de Villa-Verde, D. José, depois marquez de Angeja) sobre os carreiros da Enxára (p. 298) — t. IV, 306.

Determinando o poeta por aquelle tempo fazer imprimir as poesias que julgou mais selectas, colligiu-as e licenciou-as pela mesa do desembargo do paço, e sollicitou ao mesmo tempo a mercê de que fossem impressas, incumbencia que acceitára o então ministro de estado (hoje reino) marquez de Ponte-de-Lima (p. 76), afervorado por seus filhos D. Lourenço de Lima (p. 78), D. Fernando de Lima (p. 83), e conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha (p. 82).

Obteve em fim a mercê que desejava, isto é, que na imprensa regia se lhe imprimissem as obras *em seu beneficio* (p. 86) [1]; mas o ministro Ponte-de-Lima, pelo seu repentino fallecimento, em 23 de dezembro 1800, não chegou a assignar o aviso. Assignou-o porém outro ministro, o da guerra, Luiz Pinto de Sousa Coutinho (p. 86), que um anno mais tarde (17 de dezembro 1801) devia esconder o nome na condecoração de visconde de Balsemão.

Costa e Silva esquece imperdoavelmente esta historia da impressão das obras de Tolentino, por este mesmo contada nas suas poesias; pois é esquecel-a ou desconhecel-a dizer: — « Alguns annos antes da sua morte achou Tolentino um editor, que lhe comprou por bom preço os seus manuscriptos, que deu á luz em dois volumes de oitavo portuguez; porém a extracção não correspondeu ao que elle esperava. » [2]

A impressão, como já se viu, não se fez por diligencia de nenhum editor; o que consta é que o poeta vendêra a edição, quando ainda estava na imprensa, dizem que por doze mil cruzados [3], a um seu collega Manoel José Sarmento, que de official da secretaria da guerra, passára para a do reino em official maior graduado.

Eis as indicações bibliographicas d'essa primeira edição:

Obras poeticas de Nicoláo Tolentino de Almeida. Lisboa, na regia officina typographica, anno MDCCCI. *Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.* Dois tomos, em oitavo portuguez, com 232 e 223 paginas. O I tomo contém 63 sonetos, 4 odes, 3 memoriaes em quintilhas,

1) Consta que a edição fôra de 2:000 exemplares, que, já encadernados, se entregaram á ordem de Tolentino.
2) *Rev. Univ. Lisb.* VI, 474.
3) *Vida do poeta*, 18.

e 6 satyras, cinco em quintilhas, e uma em oitavas: ao todo 3.710 versos, com 29.828 syllabas metricas. O II tomo contém 18 poesias em decimas dedicadas, e 1 glosada, 25 memoriaes e cartas em quartetos, e 3 em quintilhas: ao todo 3.031 versos, com 21.238 syllabas metricas. Este tomo contém mais duas cartas em prosa, occupando 11 paginas.

A segunda edição, feita quando ainda a primeira não estava esgotada, emprehendeu-a a casa do livreiro-editor Rolland, accrescentando á materia da primeira um terceiro volume com alguns inéditos, no todo ou na maior parte fornecidos por Joaquim José Pedro Lopes. Os dois primeiros volumes, fiel e correcta reproducção da 1.ª edição, saíram com este titulo:

Obras poeticas de Nicolao Tolentino de Almeida. Nova edição. Lisboa, 1828. *Na typographia Rollandiana. Com Licença.* Tomo I e II, in-16, com 201 e 223 paginas.

O volume de inéditos, dado n'esta edição, intitulava-se:

Obras posthumas de Nicolao Tolentino de Almeida. Lisboa, 1828. *Na typographia Rollandiana. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.* Um volume in-16, de 150 paginas.

No mesmo anno, um muito mais fraco competidor livreiro, João Nunes Esteves, que mais tarde tão triste celebridade ganhou com o desvario de sua pessoa e escriptos rubricados por *Nunes sem Filho*, tentou tambem reimprimir Tolentino, levando isso a effeito, com titulo justamente egual ao da edição Rolland, á excepção do logar da impressão e do que se lhe segue, que n'esta de João Nunes saíu assim:

.... *Lisboa: anno de* 1828. *Na impressão de João Nunes Esteves. Com licença. Vende-se na loja dos Pobres, na rua dos Capellistas, n.º* 27 *E.* Dois volumes in-16, de 225 e 171 paginas.

Ambas estas novas edições seguiram a ordem e disposição da primeira, pela qual foram feitas, com a differença que a de João Nunes seguiu a primeira ás cegas, conservando erros typographicos que ella advertira na fé de erratas das pp. 198 do t. I, e p. 29, 42, 105, 163, e 186 do t. II. Com outro escrupulo e correcção foi feita a edição Rollandiana, que não commetteu similhantes faltas.

D'estas duas edições, a primeira que appareceu foi sem duvida a de Rolland, pela qual João Nunes com-

poria os indices da sua. Os indices de Rolland confrontados com os da primeira edição, apresentavam duas pequenas innovações, a saber: ao soneto de p. 51, que não tinha titulo, puzera Rolland o de *O sonho*, e á satyra offerecida a D. Martinho, p. 168, que estava no mesmo caso, dera o titulo de *A Loucura dos homens*, conservando porém no texto as duas poesias, como tinham saído em 1801, sem titulos especiaes. A mesma cousa se vê na edição de João Nunes; e porque esse tinha impedimento impediente para que fizesse por si taes alterações, e sobre tudo para que acertasse n'ellas de modo que coincidissem com as de Rolland, forçoso é concluir havel-as tomado d'este. A reimpressão de João Nunes limitou-se á materia da 1.ª edição. No vol. de *obras posthumas*, dado pelo editor Rolland, não se atreveu tocar. Mas o que Nunes não fez n'aquelle tempo houve quem o fizesse mais tarde.

A casa dos editores-livreiros Borel, Borel & C.ª conservava em ser, ainda em 1836, tal numero de exemplares da 1.ª edição, que julgou convir-lhe, para lhes dar extracção, completal-os com o vol. das *obras posthumas*. Para este fim mandou reimprimir o que Rolland publicára em 1828. Saíu com este titulo:

Obras poeticas de Nicolau Tolentino de Almeida. Tomo III. *Lisboa:* 1836. *Typ. de Antonio José da Rocha. Rua dos Calafates n.º 44 — 1.º andar.* Um vol. in-8 (o mesmo formato dos dois da 1.ª edição) de 126 p. — A revisão d'este vol. foi feita com menos cuidado que a do de 1828, e não é raro lerem-se n'elle versos errados pela falta de syllabas, (ex. p. 8, 103, etc.) e palavras alteradas pela troca de letras, (ex. p. 41, 49, 100, 101, etc.) faltas que não vem advertidas, porque não fizeram tabella de erratas.

O volume das *Obras posthumas* comprehende 33 sonetos, 10 poesias em decimas dedicadas, e 19 glosadas, 6 odes, 2 memoriaes e cartas em quartetos e 2 em quintilhas, e 1 satyra em quintilhas: ao todo 1.894 versos, com 14.670 syllabas metricas.

Em 1858 appareceu em Coimbra outro volume de mais poesias posthumas, publicado pelo sr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres, thesoureiro-mór. Fôra compilado de um manuscripto da letra do sabio Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, e d'outro legado por Joaquim Ignacio de Freitas á bibliotheca da universidade. O titulo é o seguinte:

Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obras pos-

thumas e até hoje inéditas. Coimbra, imprensa da Universidade, 1858. Um vol. in-16, (formato da edição Rolland, e destinado a ser complemento d'ella) de III—120 p. — Contém 6 sonetos, 10 poesias em decimas dedicadas, e 20 glosadas, 2 odes, e 8 memoriaes e cartas em quartetos: ao todo 1.498 versos, com 9.382 syllabas metricas. N'algumas das decimas glosadas ha faltas que o editor não explica. Na 1.ª decima p. 11, falta o 5.° verso; na glosa p. 23, falta a 4.ª decima; na 2.ª decima p. 63, falta o 7.° verso; no ultimo verso p. 64, ha uma syllaba (uma palavra) de mais. A poesia em agradecimento ao conde de Villa-Verde, ministro do reino, por ter approvado uma nova tabella, que augmentava os emolumentos das graças e mercês, como alli mesmo se diz p. 91, tinha já sido publicada na *Revista Universal Lisbonense*, III, 239, artigo 2506 (e não 2605, como talvez por descuido typographico se lê no vol. de Coimbra): mas no que de certo o editor conimbricense padeceu notavel equivocação foi em dizer a p. 93 que «este inedito foi copiado do authographo pelo sr. Roboredo, *contra-parente do auctor* » quando outra cousa dizia o redactor da *Revista* nas poucas linhas com que precedeu a poesia. «A officiosa benevolencia do sr. João de Roboredo (diz) devemos o seguinte inédito, fielmente copiado do autographo pelo mesmo sr. Deu occasião a este agradecimento, feito pelo nosso poeta e contra-parente Tolentino..... » Assim, não era o sr. Roboredo que com Tolentino estava aparentado, mas o, então, redactor da *Revista*, o sr. Antonio Feliciano de Castilho.

A decima, dedicada ao marquez de Marialva, que o editor d'este vol. considerou inédita, e publicou a p. 110, havia 57 annos que tinha sido publicada, porque entrára na 1.ª edição feita pelo auctor, t. 2.° p. 156.

Diremos agora algumas palavras sobre a presente edição, que, além de illustrada e nitidamente impressa, é a primeira que pode dizer-se completa. A ordem em que foram dispostas as poesias podia ser mais artistica, se em logar de se seguir a das differentes combinações de metros, sonetos, quadras, quintilhas, oitavas, decimas e odes, levados até certo ponto pela má ordem das precedentes edições, as tivessemos classificado pelos generos e especies poeticas, começando pelo epigrammatico, com os sonetos e decimas; passando ao lyrico, com as odes; e concluindo pelo didactico, com os memoriaes, cartas

e satyras. Foi já tarde que reconhecemos a superioridade e preferencia que deviamos dar a esta divisão. Aqui o deixâmos lealmente observado para desculpa do presente, e talvez emenda de futuro.

A presente edição consta de 388 paginas de texto, e n'elle 13 paginas de prosa. Além das peças poeticas que incluimos n'este ensaio, contam-se no mesmo texto 244 poesias, com 10.034 versos 71.514 syllabas metricas. O seguinte quadro mostra bem a proporção dos generos e especies:

OBRAS COMPLETAS DE TOLENTINO

EDITORES — CASTRO IRMÃO, & C.ª

ESTATISTICA D'ESTA NOVA EDIÇÃO ILLUSTRADA

GENEROS	ESPECIES		N.º DE POESIAS	N.º DE VERSOS	N.º DE SYLLABAS METRICAS	
					POR ESPECIE	POR GENERO
Epigrammatico	Sonetos		105	1.470	14.700	29.400
	Decimas	dedicadas	37	1.070	7.490	
		glosadas	41	1.030	7.210	
Lyrico	Odes		8	626	5.284	.908
	Lyras		6	304	1.624	
Didactico	Memoriaes e Cartas		40	3.442	19.656	35.206
	Satyras		7	2.122	15.550	
			244	10.034	71.514	

O apuramento e expressão numerica d'estes factos confirmam a opinião dos que classificam Tolentino poeta didactico, principalmente satyrico;[1] porque foi o genero em que mais escreveu e mais brilhou, descaindo immediatamente no genero epigrammatico, ainda affim do primeiro, e provando negação para o genero lyrico no diminutissimo numero de composições e especies que

1) Menos avisado andou o auctor do *Mappa genealogico, historico, chronologico, diplomatico, e litterario do Reino de Portugal e seus dominios antigos e actuaes*, Paris fol., quando classificou Tolentino *poeta lyrico*.

ensaiou. Se podessemos expressar arithmeticamente a sua tendencia proporcional para os tres generos poeticos, unicos de que nos deixou documentos, diriamos que propendia para o lyrico como 10, para o epigrammatico como 41, e para o didactico como 50.

Os ineditos que publicâmos devemol-os ao benevolo concurso do sr. M. S., do Rio de Janeiro, um soneto (p. 385); do nosso amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, distincto auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, e auxiliar prestante em mil difficeis accidentes d'este trabalho, dois sonetos (p. 386); do sr. Domingos Garcia Peres, antigo deputado da nação, e grande amador e possuidor de bons livros, umas decimas glosadas (p. 387), e a defesa da Zamperini. Esta glosa e defesa estavam n'um vol. ms. feito em Coimbra em 1791, in-4, com VIII — 351 paginas nitidamente escriptas e numeradas, afóra algumas folhas no fim ainda em branco, tendo por titulo, entre um quadro de laçarias á penna, o seguinte: *Collecção das poesias de Nicolau Tolentino. Coimbra, anno* MDCCLXXXXI. *Domingos dos Santos Sarmento da V.ª do Fundão o escreveu, etc.*

As illustrações que acompanham esta edição sairam do lapis inspirado do distincto desenhador e afamado *Nadar* portuguez, o sr. Nogueira da Silva. Caricaturas de situações mais ou menos comicas, ao artista pertence todo o louvor que ellas mereçam, assim como toda a responsabilidade que porventura possam lançar-lhe por ter, uma ou outra vez, coberto de burlesco quadros que o poeta preservou d'elle. Abstemo-nos da discussão d'este ponto esthetico, porque entra melhor na demarcação d'outros criticos.

Esta edição leva no texto 41 vinhetas, e 40 illustrações, tudo especialmente desenhado e gravado para seu ornato, além de mais 34 illustrações de maior tamanho e esmero, tiradas em separado, referidas e collocadas em logares particulares das poesias.

Acerca de poesias, que merecem reparos, ou foram dadas como duvidosas nas anteriores edições das posthumas, far-lhe-hemos agora algumas advertencias, que não podémos fazer nos proprios logares do texto.

O 2.º soneto, p. 8, foi feito na occasião da soltura dos presos do forte da Junqueira, depois da quéda do marquez de Pombal.

O 2.º soneto, p. 25, foi em 1852 incluido nas *Poesias joviaes e satyricas* de Lobo, p. 155, como *duvidoso*, mas depois em 1858, apparece sem essa duvida no

vol. de ineditos impresso em Coimbra. A sentença que condemnou Isabel Xavier Clesse póde ler-se a p. 30 do vol. XVII, do *Gabinete Historico*, de frei Claudio da Conceição.

O 2.° soneto, p. 33, erradamente e com leves variantes o inclue Diziderio Marquez Leão no seu *Jornal poetico* p. 87, attribuindo-o a Antonio Lobo de Carvalho. Foi leviandade indesculpavel, porque muitos annos havia que, em 1801, o proprio auctor, Tolentino, o dera no t. I p. 36 das suas obras.

O 2.° soneto, p. 34, nas *Poesias* de Lobo, p. 69, se dá como d'este poeta. Se com isto póde acabar a duvida deve subtrair-se das obras de Tolentino.

Nas *Poesias* de Lobo p. 51-59 ha muitos sonetos feitos por occasião de perguntar o principe do Brasil D. José, *que cousa era chanfana?* Entre elles está o de Tolentino, 2.° de p. 36, que suscitou outros dois de rectificações aos poetas Caetano Pinto de Moraes Sarmento, e Luiz Joaquim da Frota.

O 1.° soneto, p. 38, apparece, inda que com nota de *duvidoso*, a p. 71, das *Poesias* de Lobo. Parece não haver fundamento para isso, porque desde 1828 fôra encorporado, p. 27, nas obras posthumas de Tolentino sem sombra de hesitação. Confirma-o o ms. do sr Garcia Perez, p. 61.

As poesias p. 66 e 112 foram publicadas a primeira vez em 1815 no n.° 56, part. 2.ª p. 106 do *Jornal de Coimbra*.

A poesia p. 74, foi publicada a primeira vez no n.° 37, part. 2.ª, p. 19-20, do *Jornal de Coimbra*. O ultimo verso

Posso já ir co'as criadas (p. 75)

carece de commentario, porque allude a um caso particular. «Estando em Mafra a marqueza de Angeja mãe, se tratou em uma tarde d'um passeio ao campo; e faltando alli um dos da comitiva, perguntando alguns por elle, a marqueza que já estava a cavallo, em attenção a ser já de edade o que faltava, disse — vamos, vamos, que esse já póde vir com as criadas. — Tolentino celebrou muito o dito, e a elle faz aqui allusão.»

O enterro de João Xavier de Mattos, a que se allude p. 120, foi descripto por Lobo n'um soneto, p. 30, das suas *Poesias*.

As quintilhas comprehendidas entre os versos

Depois que plano caminho (p. 170)

Novas da sua saude (p. 173)

foram pelo poeta Hughes traduzidas em inglez, e publicadas com o poema *The Ocean Flower*, p. 96-98, n'estes termos:

When old enough to trot about,
A neighbouring tailor was imployed
To fashion me a handsome coat
From Pa's capote like mainsail wide.

In cutting out he curst the job,
A necromancer's mystic shows
He wrought with chalk, and seven times fell
The spectacles from off his nose.

Where letters huge in ochre red
His tailoring to the city tell,
By trigonemetry he made
A coat, and eke a miracle.

With dandy cape and waistband smart,
I saillied forth a Cupid bland,
My hair so neat with ribbon tied,
A sugar-cake in dexter hand:

Upon a grave Gallego's back,
Who oft did trusted cask explore,
All bathed in tears at visioned tasks,
I reached the dread schoolmaster's door.

In vain the porter plugged my grief
With many a reason good and sound;
My mighty sorrow scorned relief,
A presage of what since I've found.

Mid violence and terror there
I faced my Latin soon enough,
And swore obedience to a priest—
A well of science and of snuff.

In night-gown many a month unwashed,
With pinch in fingers, rule in hand,
What secrets deep he did reveal
Of Adverb and Conjunction grand!

He was of grammar an abyss,
Light of the age and learning's prism;
He turned his servant out of doors
For speahing of a solecism!

The difference twist the I and J
He worked at full a year of grace;
A task which did he but complete,
How happy were the human race!

While filled these doctrines grave my soul,
The golden age I did attain
To see Mondego's crystal stream
Bathe old Coimbra's lovely plain.

Mother and sisters saw me off
With hair unkempt, of tears no lack;
Signs of the Cross and Credos pure
Rained thick upon my blessed back!

On spavined beast, with stirrups none
Nor hat, the Ro. al road I tread;
My borrowed rapier cut the wind,
And greatly perilled my own head.

The slender sum at parting given
Expired the very self-same day;
I marched as with a soldier's pass
For the remainder of the way.

Miraculous was my College life,
For goot Papa, through lack of wealth,
Whene'er he wrote me by the post,
Sent only tidings of his health!

A poesia, p. 189, foi pela primeira vez publicada no n.º 56, part. 2.ª, p. 111 do *Jornal de Coimbra.*

Aquelle donato Thomaz dos Pós, p. 253, vestido de habito Franciscano, com barbas compridas, prégou como em missão pelas ruas de Lisboa. Vid. a seu respeito o soneto, p. 191, nas *Poesias* de Lobo.

O 1.º soneto, p. 386, ha tambem quem o attribua a José Basilio da Gama official da secretaria do reino, e collega de Tolentino. Contra o mesmo padre Macedo nas *Poesias* de Lobo p. 11-24, ha mais sonetos satyricos.

Tambem attribuem o 2.º soneto, p. 386, a Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral, e, o que mais é, pretendendo-se que atacava n'elle o proprio Tolentino, por fazer versos a todos os assumptos ridiculos da corte!

Das poesias *livres* de Tolentino não nos consta que restem mais que tres ou quatro sonetos, e umas decimas. A respeito d'estas escreveu Costa e Silva — «Lembra-me de ter visto... uma excellente satyra em que elle *(Tolentino)* arvorando-se em Quixote da celebre Zamperini, saíu a campo por ella, e derramava largamente o fel e o ridiculo sobre os admiradores d'aquella actriz; mas havia n'ella alguns versos demasiadamente livres, e talvez por isso o poeta a supprimiu.» [1] Para mostrar quanto a memoria e a critica falhavam n'isto a Costa e Silva, e quanto tanto em bem como em mal exaggerava os dotes d'essa composição, atrevemo-nos a dar d'ella conhecimento aos leitores, fazendo-lhe apenas leve suppressão, menos para guardar, como devemos, o pudor, que para poupar até a mais remota susceptibilidade do decoro. Auctorisâmo-nos para isto, como já para a publicação do 2.º soneto, p. 386, com o exemplo que nos deu o respeitavel editor dos inéditos de Tolentino, publicados em Coimbra em 1858, p. 7 no soneto a Clesse, que n'esta edição reproduzimos a p. 25: e se este exemplo ainda não bastára, invocariamos o de Almeida Garrett, p. 86-87, nas *Fabulas e Folhas Caídas*, poesia «o Gallego e o Diabo».

1) *Rev. Univ. Lisb.* VI, 500.

LXXXII

Defesa da Zamperini, respondendo a duas decimas desaforadas, que saíram contra esta celebre cantarina

Um poeta desconhecido
Sem ter de ti dependencia
Por descargo de consciencia
Vem tomar o teu partido.
Com razão aborrecido
De uns versos impertinentes,
Com que linguas maldizentes
Se querem metter no inferno,
Sáe um Quixote moderno
Desaggravando innocentes.

Nem vem de paixão amante
A defesa que vereis,
Juro-o pelas santas leis
Da cavallaria andante.
O meu coração constante
Traz ha muito outras cadeias;
Longe, ó impuras idéas,
De adorar a mais alguem;
Nunca um Quixote de bem
Amou duas Dulcineas.

Mas inda que eu fosse tal
Que amor te podesse ter,
Que vulto havia fazer
Um amante sem real?
Verias ir o natal,
E de perús, como d'antes!
Ais, suspiros incessantes
Não são muito boa peça,
Para quem traz a cabeça
Abafada de brilhantes.

Tenho em fim justificada
A minha pura tenção,
E é chegada a occasião
De desembainhar a espada.
O objecto da cutilada
São uns taes versos sem graça,
Onde por tua desgraça,
E com publico desdouro,
Teu precioso thesouro
Foi rematado em praça.

LXXXIII

Tão pouco, senhora, são
Os motivos de querer-te,
Que se quizesses vender-te
Fosse preciso um leilão?!
Casta Diana, onde estão
As armações retorcidas,
Castigo só das prohibidas
Vistas de Acteões traidores?
Já não ha cães vingadores
Das donzellas offendidas!

Mas onde me arrebatei
Que como quem não faz nada
Mesmo de murrião e espada
Pelo Parnaso atrepei!
Grossa poesia arrotei,
Que ninguem estranhar póde,
Que um Quixote quando acode
Pela opprimida innocencia,
Se se valer da eloquencia
Ha de ser em phrase de ode.

E tornando ao começado
Caso que admirou a gente,
Seja pois o delinquente
Ante mim apresentado.
Ser-lhe-ha juramento dado
Sobre as cruzes d'esta espada
De nunca mais com a damnada
Lingua que honras atropella,
Manchar a triste donzella,
Pena de lhe ser cortada.

Mas inda aqui não parou,
Andou para traz dois furos,
E nos penetraes escuros
Confiadamente entrou:
Finas cambraias alçou
Descobriu teu branco r...
Fez vistoria, e no cabo
Lança a sentença imprudente,
De ser entregue o innocente
Entre as garras do diabo.

Eu não sei os meios pôr
De vingar injuria tal;
Confesso que em caso egual
Nunca fui mantenedor.
Traz nosso mestre e doutor
Dom Quixote mil loucuras;
Traz gigantes, e as figuras
Que lhe deram fama e gloria;
Mas não acho em toda a historia
Similhantes aventuras.

Porém, se deve a sentença
Ter co'o crime proporção,
Vá dar a satisfação
No proprio logar da offensa:
Chegue do c.. á presença
(Cousa que eu lhe não invejo)
Mostre sincero desejo
De ser d'elle perdoado,
E fique o crime espiado
Á força de puro beijo.
.... (1

E tu, encanto glorioso,
De quantos te tem ouvido,
Digno até de ser nascido
Nos limites del Toboso:
No meu braço valoroso
Bem podes segura estar;
Assim de me retirar
Licença me dá, senhora,
Porque vem chegando a hora
De eu ir ás armas velar.

Para melhor intelligencia da poesia que acaba de ler-se diremos que Anna Zamperini, veneziana, era comica cantora, e em 1770 veiu a Lisboa, como ***prima dona***, á frente d'uma companhia lyrica, trazida de Italia pelo notario apostolico da nunciatura e banqueiro em negocios da curia romana, Galli. Representava no theatro da rua dos Condes. Foram muitos e distinctos os admiradores d'esta bella mulher.

Muitos poetas nacionaes e estrangeiros lhe dedicaram enthusiasticas inspirações. Em todos os estados, em todas as edades encontrou rendidos e rendosos adorado-

1) Supprimimos só uma decima.

res. Em dias santos, á ultima missa a que costumava assistir na egreja do Loreto, era numeroso e luzidissimo o concurso que attrahia, após si.

A empreza theatral durou apenas até 1774, e o marquez de Pombal, para curar a fascinação do filho, conde de Oeiras, fez sair de Lisboa a *prima dona.* (1

Talvez que pela defesa que Tolentino emprehendeu d'esta cantora, é que Lobo, (que, como já mais d'uma vez vimos, não era de nenhum modo affecto ao nosso poeta) lhe fez um soneto (2 pretextando o furor de Tolentino em fazer versos a *moças* e lacaios; pretexto que em abono da verdade não está mui confirmado nos que compõe este volume. Eis a invectiva descabellada:

Se a lyra pulsas, ou o pandeiro tocas,
Que o digam os lacaios, mais as.... *moças;*
Pois nos teus versos, que por bons repútas,
Sediças chufas d'arreeiro brocas:

Se velhas phrases de vidrilhos tocas,
Não honras os herões, que tu desfructas;
A quem offereces, por canções argutas,
De podres rimas chochas massarocas:

Prosegue, Nicolau, na facil peta;
Que os versos teus são fulminantes raios
Que contra a plebe sacas da gaveta:

O ceo te dê á Musa altos ensaios,
Porque eu te juro que has de ser poeta,
Em quanto houverem... *moças* e lacaios.

Concluiremos com duas poesias de Tolentino, que não podémos a tempo dar no logar proprio. Quasi se podem reputar inéditas, não obstante haverem sido publicadas pela primeira vez em 1815, no n.º 37, part. 2.ª, p. 17-18 do *Jornal de Coimbra,* onde ficaram até agora como sumidas, sem entrarem em nenhuma das duas collecções que posteriormente se fizeram.

Aos annos de D. João de Noronha, marquez de Angeja, estando contratado casar com a filha dos marquezes de Abrantes

Senhor, ditosos os annos
Que opposições conciliam!
E que em um mesmo soldado
Adonis e Hercules criam;

Este dom vos afiança
Os tropheus em toda a parte;
Ora no templo de Gnido,
Ora nos campos de Marte;

1) Vid. *O Hyssope,* ed. de Paris, 1821, nota de Verdier a p. 183.
2) *Poesias joviaes e satyricas,* p. 132.

Pelas conquistas em guerra
Sejaes tão feliz, senhor,
Quanto sois afortunado
Na que fazeis em amor;

Tem vossos illustres annos
Dois poderosos credores;
O duro deus das batalhas,
O terno deus dos amores;

E a patria, que os conta, os tem
Em fastos de oiro apontados;
Porque em qualquer das carreiras
São á patria consagrados.

Ao mesmo assumpto

Nem arte nem o alto assumpto
Podem vencer natureza;
Não sabe cantar prazeres
Justa, profunda tristeza;

Com punhaes no coração,
Com rosto em pranto banhado
Como hei de fallar de um dia
Para venturas mandado?

Musa alegre, afasta os olhos
De olhos, que não vê enxutos;
Não se unem Parcas com risos,
Não trajam as Graças luctos;

Outro dia, outro alto assumpto
Do céo nos ha de baixar;
Então respeitosa musa
Puro incenso irá queimar;

Traçava hoje esta empreza
Negros fados a estorvaram,
E do triste, que o accendia,
As lagrimas lh'o apagaram;

Mas que falta fazem trovas?
Salvae vós, ó grande dia;
Vossa polidez se exprime
Melhor que a melhor poesia

INDICE

QUARTETOS

QUINTILHAS

OITAVAS

DECIMAS